



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Karina Rangel Cruz de Assis

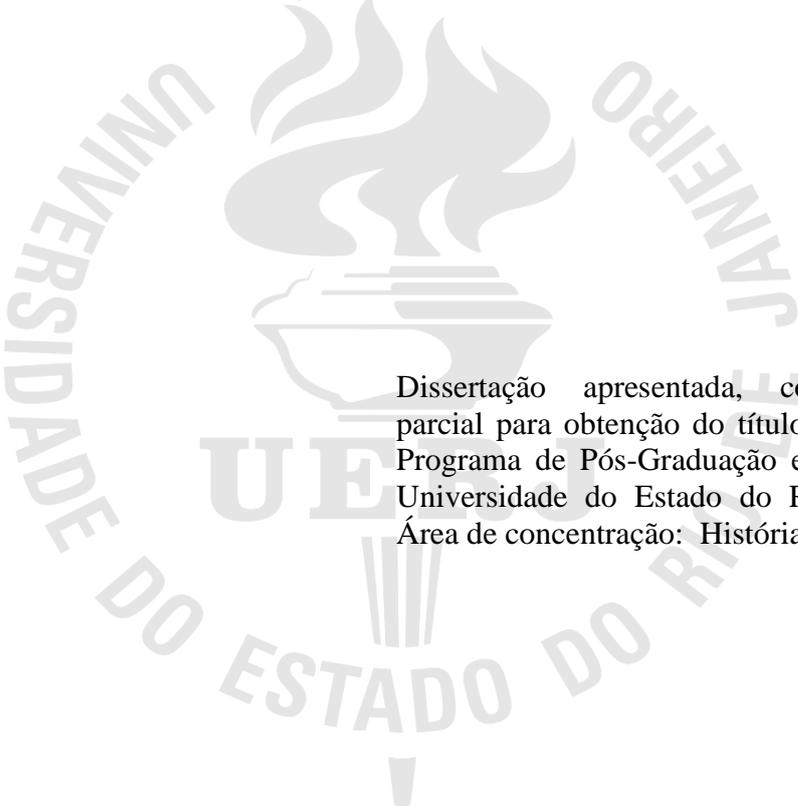
A Semana Sangrenta e a imprensa: estudantes e policiais nas ruas do Rio de Janeiro em junho de 1968

Rio de Janeiro

2020

Karina Rangel Cruz de Assis

**A Semana Sangrenta e a imprensa: estudantes e policiais nas ruas do Rio de Janeiro em
junho de 1968**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Área de concentração: História Política

Orientador: Prof. Dr. Orlando de Barros

Coorientador: Prof. Dr. Ricardo Antonio Souza Mendes

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

A848 Assis, Karina Rangel Cruz de.
A Semana Sangrenta e a imprensa: estudantes e policiais nas ruas do Rio de Janeiro em junho de 1968 / Karina Rangel Cruz de Assis. – 2020.
193 f.

Orientador: Orlando de Barros
Coorientador: Ricardo Antonio Souza Mendes
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. História – Teses. 2. Ditadura – Rio de Janeiro – Teses. 3. Imprensa – Teses. I. Valença, Marcelo Mello. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

es CDU 321.64(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Karina Rangel Cruz de Assis

**A Semana Sangrenta e a imprensa: estudantes e policiais nas ruas do Rio de Janeiro em
junho de 1968**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: História Política

Aprovada em 9 de outubro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Orlando de Barros (Orientador)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – PPGH/UERJ

Prof. Dr. Ricardo Antonio Souza Mendes (Coorientador)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – PPGH/UERJ

Prof. Dr. Carlos Eduardo Pinto de Pinto
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – PPGH/UERJ.

Prof^ª. Dr^ª. Karla Guilherme Carloni
Universidade Federal Fluminense - UFF

Rio de Janeiro

2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai e melhor amigo Jaci de Assis.

Sinto muito a sua falta pai.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus em que creio e que me deu forças e saúde para chegar até aqui.

Agradeço à CAPES por me conceder uma bolsa de mestrado, sem a qual seria difícil realizar esta dissertação. Também agradeço de todo coração ao meu orientador Orlando de Barros e a meu coorientador Ricardo Mendes. O professor Orlando de Barros é uma fonte de inspiração, um grande exemplo de profissionalismo, capacidade intelectual, muito paciente, um grande amigo e um professor que ama ensinar. O professor Ricardo Mendes é um exemplo de um ser humano que transfere humanidade aos alunos, a quem sempre estende a mão para ajudar quando precisam dele. Muito obrigada! Saibam que sem a ajuda e a paciência de vocês dois, seria impossível concluir o mestrado. Sou e serei eternamente grata a vocês dois por toda a ajuda. Sou grata a Deus por ter tido vocês dois ao meu lado durante estes dois anos.

Da mesma forma, agradeço a meu pai Jaci e a minha madrasta Maria. A meu pai que me ensinou a ler as primeiras palavras, que sempre me deu apoio e incentivo para estudar, que me ensinou a ter disciplina e respeito ao próximo. Amo-o muito! À minha madrasta que ajudou o meu pai em minha criação. Obrigada.

Aos meus amados e queridos professores da FEUC e da UERJ, que contribuíram muito para minha vida, me ensinando, aconselhando e dando exemplos de vida e profissionalismo. Agradeço aos professores Karla Carloni e Carlos Eduardo Pinto que estiveram presentes em minha banca de qualificação e me deram ricos conselhos para finalizar esta dissertação. Em especial, quero agradecer aos meus amigos/irmãos do coração Professores Jayme Fernandes Ribeiro e Vivian Zampa. Sem vocês, seria impossível acreditar que um dia eu seria capaz de fazer mestrado na UERJ. Muito obrigada!

Sou grata a meus irmãos e à família pelas orações. Especialmente a minha avó Ruth, que é um exemplo de força e resistência para mim. Também agradeço a toda a equipe da secretaria do PPGH/UERJ, à equipe da xerox do Denílson no 9º andar e ao senhor Manuel Alves, da Diretoria de Administração Financeira da UERJ, que me ajudaram muito durante esses dois anos de mestrado, de inúmeras formas.

Fico feliz em saber que tenho tantos amigos, que não teria como citá-los todos aqui, embora alguns tenham sido importantíssimos como conselheiros e que me deram pistas de pesquisa muito frutíferas para que eu finalizasse o mestrado. E, assim, não sem poder citar todos, cito alguns: Vinícius Rosa Ribeiro, Renata dos Santos Ferreira, Durval Augusto da Costa Neto, Anderson Moraes de Castro e Silva, Nathalia Rocha Siqueira, Pedro Teixeira

Monteiro, Igor Soares Rodrigues, Jeferson de Oliveira Lopes, Nathalia Rodrigues, Profa. Stela Maria Damiani Barros. Muito obrigada a todos os meus amigos, pela paciência, pelas orações, por se alegrar e chorar comigo e pela ajuda que vocês sempre me deram. Vocês são muito especiais para mim. Muito obrigada.

Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça.

Carlos Artur Gallo

RESUMO

ASSIS, Karina Rangel Cruz de. *A Semana Sangrenta e a imprensa: estudantes e policiais nas ruas do Rio de Janeiro em junho de 1968*. 2020. 193 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo estudar as representações da imprensa carioca durante a chamada “Semana Sangrenta”, ocorrida nos dias 19, 20 e 21 de junho de 1968. Os três dias da “Semana Sangrenta” também ficaram conhecidos, respectivamente, como “Quarta-feira Sangrenta”, “A violência na Praia Vermelha” e “Sexta-feira Sangrenta”. Durante aqueles três dias ocorreram intensos conflitos entre estudantes e policiais nas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro. Os estudantes reivindicavam a revogação da Lei Suplicy e dos acordos MEC-Usaid; também protestavam contra a transformação das universidades públicas em fundações. O movimento estudantil também lutava contra a ditadura militar e pedia pela libertação de presos políticos. Porém, em busca do diálogo os estudantes só receberam como resposta a violência. Naqueles dias de junho de 68 um grande número de pessoas ficou ferida, foram presas e também houve muitos relatos de casos de morte entre estudantes, policiais e civis. Enquanto isso, a imprensa carioca noticiou os eventos e registrou as cenas de violência. Aqui selecionamos para estudar nesta dissertação seis periódicos que noticiaram os acontecimentos da “Semana Sangrenta”: *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Tribuna da Imprensa*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e a Revista *O Cruzeiro*. Todos haviam apoiado o golpe militar de 1964, que instituíra a ditadura, mas, por ocasião da “Semana Sangrenta” já sofriam com a censura imposta pelo regime ditatorial aos veículos de comunicação.

Palavras-chave: Semana Sangrenta. Ditadura. Imprensa. Estudantes.

ABSTRACT

ASSIS, Karina Rangel Cruz de. *Bloody Week and the press: students and policemen on the streets of Rio de Janeiro in June 1968*. 2020. 193 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This Masters dissertation aims to study the representations of the Rio de Janeiro press during the so-called "Bloody Week", which took place on June 19, 20 and 21, 1968. The three days of "Bloody Week" were also known, respectively, as "Bloody Wednesday", "Violence at Praia Vermelha" and "Bloody Friday". During those three days intense conflicts occurred between students and police officers on the streets of downtown Rio de Janeiro. The students demanded the repeal of the Suplicy Law and the MEC-Usaid agreements; they also protested against the transformation of public universities into foundations. The student movement also fought against the military dictatorship and called for the release of political prisoners. However, in search of dialogue the students only received violence as a response. On those days in June 68 a large number of people were injured, arrested and there were also many reports of deaths among students, police and civilians. Meanwhile, the carioca press reported the events and recorded scenes of violence. Here we selected to study in this dissertation six periodicals that reported the events of "Bloody Week": *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Tribuna da Imprensa*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* and *O Cruzeiro Magazine*. All had supported the military coup of 1964, which had instituted the dictatorship, but on the occasion of "Bloody Week" they were already suffering from the censorship imposed by the dictatorial regime on the media.

Keywords: Bloody Week. Dictatorship. Press. Students.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 1	48
Figura 2 - Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 1.....	50
Figura 3 - Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 1	51
Figura 4 - <i>O Globo</i> . Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 1	53
Figura 5 - <i>O Globo</i> . Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 14.....	54
Figura 6 - <i>O Globo</i> . Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 14.....	55
Figura 7 - <i>O Globo</i> . Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 14.....	55
Figura 8 - <i>Revista O Cruzeiro</i> . Rio de Janeiro, 13 de abril de 1968, p. 1	56
Figura 9 - <i>Revista O Cruzeiro</i> . Rio de Janeiro, 13 de abril de 1968, p. 30	57
Figura 10 - <i>O Globo</i> . Rio de Janeiro, 30 de março de 1968, p. 1	59
Figura 11 - <i>Revista O Cruzeiro</i> . Rio de Janeiro, 13 de abril de 1968, p. 16	61
Figura 12 - <i>Revista O Cruzeiro</i> . Rio de Janeiro, 13 de abril de 1968, p. 26	62
Figura 13 - <i>Jornal do Brasil</i> . Rio de Janeiro, 7 de maio de 1968, p. 15	65
Figura 14 - <i>Jornal do Brasil</i> . Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1968, p. 1).....	78
Figura 15 - <i>Jornal do Brasil</i> . Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1968, p. 1.....	79
Figura 16 - Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 31 de março de 1964, p.01.....	84
Figura 17 - Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 01 de abril de 1964, p.01	85
Figura 18 - <i>Revista O Cruzeiro</i> . Rio de Janeiro, 10 de abril de 1964, p.1	96
Figura 19 - <i>Revista O Cruzeiro</i> . Rio de Janeiro, 10 de abril de 1964, p.4)	97
Figura 20 - Correio da manhã. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1	122
Figura 21 - Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1	123
Figura 22 - <i>O Globo</i> . Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p.1.....	125
Figura 23 - Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1	126
Figura 24 - <i>Jornal do Brasil</i> . Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1	128
Figura 25 - Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 13	129
Figura 26 - <i>O Globo</i> . Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 14.....	145
Figura 27 - Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 1.....	146
Figura 28 - Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 1	147
Figura 29 - Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 1	148
Figura 30 - <i>Revista O Cruzeiro</i> . Rio de Janeiro, 06 de julho de 1968, p. 23).....	149
Figura 31 - Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 7	150
Figura 32 - <i>Jornal do Brasil</i> . Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 1	151

Figura 33 - O Globo. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 1.....	152
Figura 34 - Revista <i>O Cruzeiro</i> . Rio de Janeiro, 06 de julho de 1968, p. 25	159
Figura 35 - Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 8	160
Figura 36 - Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 5	167
Figura 37 - Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 1	170
Figura 38 - O Globo. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 1.....	172
Figura 39 - Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 1	173
Gráfico 1 – Primeiro dia: “Quarta-feira Sangrenta” (19 de junho de 1968).....	176
Gráfico 2 – Segundo dia: “A Violência na Praia Vermelha” (20 de junho de 1968).....	177
Gráfico 3 – Terceiro dia: “Sexta-feira Sangrenta” (21 de junho de 1968).....	177

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	O MOVIMENTO ESTUDANTIL NA DITADURA	28
2	A DITADURA MILITAR E A IMPRENSA	67
3	A “SEMANA SANGRENTA” E A IMPRENSA	112
3.1	Primeiro dia da “Semana Sangrenta”: a “Quarta-feira Sangrenta”	114
3.2	Segundo dia da “Semana Sangrenta”: A violência na Praia Vermelha	133
3.3	Terceiro dia da “Semana Sangrenta”: A “Sexta-feira Sangrenta”	154
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
	REFERÊNCIAS	183
	APÊNDICE - Fonte	193

INTRODUÇÃO

Durante o ano de 1968 foram vistos estudantes no Brasil, França, EUA, em países da Europa Oriental e Ocidental, na Ásia, África e América Latina sendo alcançados por um sentimento de insatisfação, rebeldia e de esperança em acreditar que, através da contestação, tudo era possível. O sentimento entre eles era o mesmo, porém as suas reivindicações eram diversas. Cada país possuía a sua especificidade, isto se refletia nas ruas quando os estudantes, em alguns países se uniram aos operários e faziam as suas reivindicações. Naquele ano, a contestação ao regime político vigente em cada país e as manifestações pelo fim da guerra no Vietnã foram as principais reivindicações, puderam ser vistas na maioria dos países apresentados, inclusive no Brasil, EUA e França. Assim, o ano de 1968 ficou conhecido como o ano das “rebeliões juvenis”.¹

No que tange ao movimento estudantil brasileiro, na maioria das vezes a luta estava sempre pautada em torno de uma melhor qualidade na educação e contra a ditadura. Dessa forma, a partir de 1968, os estudantes priorizaram em suas reivindicações duras críticas à violência policial que resultou na morte do jovem Edson Luís em março daquele ano e começam a exigir a libertação dos presos políticos, jovens presos durante as manifestações estudantis e que a polícia demorava a libertá-los.²

Muitos dos presos políticos foram pegos pela polícia durante os conflitos entre estudantes e policiais nas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro em junho de 1968. Naquele mês ocorreu um evento que se tornou marcante para a história do movimento estudantil carioca: a “Semana Sangrenta”.³ Ela aconteceu na cidade do Rio de Janeiro e ficou marcada por três dias: a “Quarta-feira Sangrenta”⁴, no dia 19 de junho, “A violência na Praia Vermelha”, no dia 20 de junho e pela “Sexta-feira Sangrenta”⁵, no dia 21 de junho. A “Semana Sangrenta” pode ser definida como um período sequencial de intensa e constante violência entre estudantes e policiais nas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro. Podemos

¹ Expressão encontrada em ARAUJO, Maria Paula. “1968, nas teias da história e da memória”. *Clio – Série Revista de Pesquisa Histórica*, on-line, v.1, n. 26, 2008, pp. 103.

² VALLE, Maria Ribeiro do. O diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar em 1968. 203 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 1997, pp. 49,50.

³ A expressão “Semana Sangrenta” encontra-se na obra de DIRCEU, José; PALMEIRA, Vladimir. *Abaixo a ditadura*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: Garamond, 1998, pp. 103, 135.

⁴ A expressão “Quarta-feira Sangrenta” encontra-se na obra de ARAUJO, Maria Paula Nascimento. *Memórias estudantis: a fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007, p. 290.

⁵ A expressão “Sexta-feira Sangrenta” é mais citada pelos historiadores, podemos encontrá-la em algumas obras, como por exemplo, em: Idem, p. 290; DIRCEU, José; PALMEIRA, Vladimir. Op. cit. p. 114; REIS FILHO, Daniel Aarão; MORAES, Pedro de. *1968: a paixão de uma utopia*. 3ª ed. (revista e atualizada). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p. 247.

chamar três dias de “Semana Sangrenta” porque, conforme Vladimir Palmeira, o resultado obtido com a “Sexta-feira Sangrenta” trouxe à liderança estudantil de 1968 a percepção de um novo cenário para o movimento. Eles perceberam que a população estava mobilizada de forma favorável aos estudantes. Na “Sexta-feira Sangrenta”, muitos populares deram apoio aos estudantes a partir da iniciativa de jogar objetos nos policiais que agrediam os estudantes, populares e jornalistas. Ao perceber a possibilidade de poder contar com a mobilização popular, a liderança estudantil decidiu organizar uma nova passeata no Rio de Janeiro. Esta passeata seria mais organizada e receberia uma maior divulgação, para reunir um maior número de pessoas. Muitos panfletos foram produzidos e os estudantes fizeram três dias de um intenso trabalho de divulgação da passeata.⁶ E no dia 26 de junho de 1968 ocorreu a “Passeata dos Cem Mil”.⁷ Assim, percebemos que os resultados da “Semana Sangrenta” foram importantes para que houvesse uma percepção da liderança estudantil da nova possibilidade de mobilizar pessoas a se unir a favor dos estudantes contra a ditadura.⁸

Sobre o termo “Sangrenta”, podemos afirmar que ele faz jus a tudo o que aconteceu durante aqueles três dias. Muitos estudantes, populares, jornalistas e policiais deram entrada nos hospitais durante a “Semana Sangrenta”. No primeiro dia, a violência iniciou entre estudantes e policiais, mas a população começou a sofrer consequências das brutalidades da polícia e do uso indiscriminado das bombas de gás lacrimogêneo. Como resposta, desde o primeiro dia da “Semana Sangrenta”, os estudantes tomaram a iniciativa de responder os policiais com violência, fizeram uso de pedras, paus, barricadas e houve até o uso de coquetel Molotov.⁹ No segundo dia, os populares puderam acompanhar pelos meios de comunicação o massacre que ocorreu no Campo do Botafogo Futebol e Regatas na Praia Vermelha, onde

⁶ Depoimento de Vladimir Palmeira, in Documentário Vladimir (68) Palmeira - A história sem mitos. Direção: Roberto Stefanelli. (49min.). Disponível em: <[https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/DOCUMENTARIOS/195556-VLADIMIR-\(68\)-PALMEIRA---A-HISTORIA-SEM-MITOS.html](https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/DOCUMENTARIOS/195556-VLADIMIR-(68)-PALMEIRA---A-HISTORIA-SEM-MITOS.html)>. Acesso em: 11 jun. 2019.

⁷ A “Passeata dos Cem Mil” ocorreu no dia 26 de junho de 1968 em uma quarta-feira. Para muitos, a passeata dos Cem Mil reuniu muito mais do que cem mil pessoas. Consistiu em uma passeata pacífica sem nenhum confronto com a polícia. Da passeata foi criada a “Comissão dos cem mil” que reuniu um representante de cada grupo: religiosos, estudantes, artistas, mães, na tentativa de um possível diálogo com o governo. Ver: ARAUJO, Maria Paula Nascimento. “Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias”. Op. cit., p. 179, 180; VENTURA, Zuenir. *1968: O ano que não terminou*. 3.ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008, p. 130.

⁸ Vladimir Palmeira afirma em seu depoimento que, mesmo acreditando que a próxima passeata reuniria um número maior de pessoas, ele não tinha noção que seria uma passeata com as proporções da que ocorreu e com a capacidade de unir artistas, freiras, padres, professores, mães como aconteceu na “Passeata dos Cem Mil”. DIRCEU, José; PALMEIRA, Vladimir. Op. cit., p. 140; REIS FILHO, Daniel Aarão; MORAES, Pedro de. “1968: a paixão de uma utopia”. Op. cit., p. 114.

⁹ Vladimir Palmeira afirma em seu depoimento o começo do uso de coquetel molotov a partir do primeiro dia da “Semana Sangrenta”. Ver. Documentário: Vladimir (68) Palmeira - A história sem mitos. Direção: Roberto Stefanelli, 2009. TV Câmara. (49 min.).

policiais aplicaram uma violência brutal e indiscriminada sobre os estudantes. Não houve apenas prisões e espancamentos, também ocorreu por parte dos policiais assédio sexual sobre as estudantes universitárias. As informações veiculadas pelos meios de comunicação causaram uma intensa mobilização popular favorável ao movimento estudantil. No terceiro dia, percebemos um grande número de pessoas dando apoio e participando ativamente dos conflitos de rua. Como consequência, percebemos a brutalidade policial aumentando incontrolavelmente a cada dia até chegar a “Sexta-feira Sangrenta”. No dia 21 de junho ocorreu que, um grande número de estudantes, populares e também jornalistas, foram presos, deram entrada nos hospitais e também houve registro de um grande número de mortos. Naquele dia, a imprensa também noticiou que, um policial foi morto por uma máquina de escrever que foi lançada da janela de um prédio do centro da cidade do Rio de Janeiro sobre ele e também houve casos de policiais feridos durante os dias 19 e 21 de junho,¹⁰ devido aos objetos que foram lançados das janelas dos edifícios e pelas pedras e paus usados por estudantes e *office boys*¹¹.

Sobre a imprensa, percebemos que, os mesmos jornais que apoiaram o golpe de 1964 foram aqueles que sofreram duras censuras por parte do regime militar, principalmente depois do Ato Institucional nº5 no dia 13 de dezembro de 1968, quando a censura se intensificou sobre os veículos de comunicação. A censura aumentava na mesma proporção em que o regime endurecia. A autocensura também foi uma atitude bastante presente entre a imprensa.¹² Dessa forma, podemos afirmar que, o cerceamento da liberdade de imprensa possibilitou que o governo militar pudesse atuar sobre a o imaginário social. Porque conforme Bronislaw Baczko, o controle do imaginário social se traduz em um controle do poder social. Assim, para qualquer poder, especialmente o poder político, o domínio do imaginário e do simbólico torna-se um lugar estratégico e extremamente importante. Nas palavras do autor, “as representações ideológicas da classe dominante constituem, também, a ideologia dominante, no sentido em que esta é veiculada e imposta por instituições tais como o Estado, a igreja, o

¹⁰ Sobre o dia 20 de junho de 1968 na Praia Vermelha, não foram encontradas informações nos periódicos investigados e nos depoimentos sobre policiais que foram feridos ou mortos no segundo dia da “Semana Sangrenta”.

¹¹ Vladimir Palmeira afirma em seus depoimentos a existência de *office boys* que trabalhavam nas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro, que no momento dos conflitos de rua na “Sexta-feira Sangrenta” eles apoiaram os estudantes entrando nos conflitos de rua e jogando pedras nos policiais. Ver. REIS FILHO, Daniel Aarão; MORAES, Pedro de. “1968: a paixão de uma utopia”. Op. cit., p. 116; DIRCEU, José; PALMEIRA, Vladimir. Op. cit., 127.

¹² AQUINO, Maria Aparecida de. “Relações entre o estado autoritário, a censura e a imprensa escrita”. In: AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968-1978): O exercício cotidiano e da dominação e da resistência O Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 222.

ensino”.¹³ Também podemos afirmar que, além do Estado, a igreja e o ensino representarem para Baczko instituições pelas quais pode se transmitir uma ideologia dominante. Para Serge Berstein, a família, a escola, os grupos sociais e os meios de comunicação constituem os vetores pelos quais a cultura política passa até se integrar a uma sociedade.¹⁴ Assim, por compreendermos o espaço da educação como um local onde transitam inúmeras ideologias e culturas políticas, podemos afirmar que, os estudantes que faziam parte do movimento estudantil estavam inseridos em um ambiente propício a veiculação de determinadas ideologias e culturas políticas.

Em vista disso, um dos nossos objetivos em estudar este tema foi compreender os comportamentos políticos do movimento estudantil brasileiro e da imprensa carioca em 1968 durante a “Semana Sangrenta”. Compreendemos que os jovens estudantes no Brasil estavam movidos por um sentimento de insatisfação específico relacionado ao seu país, porém, estavam situados em uma conjuntura internacional favorável a uma maior mobilização da juventude estudantil e também de grupos de operários em protesto por mudanças e transformações políticas, econômicas, sociais e culturais em seus países. Com base nesta compreensão, podemos afirmar que o conceito de cultura política foi fundamental para o desenvolvimento desta dissertação. Logo, partimos com base na noção de cultura política apresentada por Serge Berstein.¹⁵ Conforme o autor, a noção de “cultura política” é muito complexa e surgiu através de pesquisas feitas por historiadores do político com a intenção de compreender os comportamentos políticos dos indivíduos ao longo da história. A noção de cultura política foi aquela que apresentou as respostas mais satisfatórias para os historiadores do político até aquele momento. Porém, Serge Berstein destaca que,

se a cultura política responde melhor à sua expectativa é porque ela é, precisamente, não uma chave universal que abre todas as portas, mas um fenômeno de múltiplos parâmetros, que não leva a uma explicação unívoca, mas permite adaptar-se a complexidade dos comportamentos humanos”.¹⁶

Serge Berstein cita o conceito de cultura política apresentado por Jean-François Sirinelli em “História das Direitas” que define a cultura política como “Uma espécie de código e de um conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido ou, mais

¹³ BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social”. In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 304.

¹⁴ BERSTEIN, Serge. “A cultura política”. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Dir.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 356.

¹⁵ Idem, p. 350.

¹⁶ Idem.

largamente, difundidos no seio de uma família ou de uma tradição políticas”¹⁷ Berstein também chama a atenção para o caráter plural das culturas políticas, afirmando que a noção de cultura política está relacionada a cultura global existente em uma sociedade. Assim, o autor também sustenta que, há uma pluralidade de culturas políticas no interior de uma nação, porém elas possuem

zonas de abrangência que correspondem a áreas dos valores partilhados. Se num dado momento da história, essa área dos valores partilhados se mostra bastante ampla, temos então uma cultura política dominante que faz inflectir pouco ou muito a maior parte das outras culturas políticas contemporâneas.¹⁸

Podemos então afirmar que, cultura política é um elemento relacionado aos fenômenos políticos, que compõe a cultura de uma sociedade. Ao mesmo tempo, a cultura política apresenta um interesse presente na história cultural, que se fundamenta em compreender quais são as motivações das atitudes dos indivíduos em um determinado momento histórico, tomando por referência os sistemas de valores, crenças, normas que eles partilham em virtude da sua leitura do passado, das suas aspirações para o futuro, da imagem que este indivíduo possui de felicidade, das suas representações da sociedade e do lugar que elas ocupam nele.¹⁹

Conforme Serge Berstein, os indivíduos que vivenciam uma mesma conjuntura e estão submetidos a normas idênticas, experimentam as mesmas crises, e ao passar por elas, acabam fazendo as mesmas escolhas. Sendo assim, “grupos inteiros de uma geração partilham em comum a mesma cultura política que vai depois determinar comportamentos solidários face aos novos acontecimentos”.²⁰ Sobre o conceito de gerações, usamos como base o que foi apresentado por Karl Mannheim, que define geração como pessoas que, não necessariamente nasceram na mesma época, mas que compartilham experiências semelhantes, presenciam os mesmos acontecimentos históricos, processando-os de forma parecida e adquirindo experiências semelhantes. Mannheim também afirma que, uma geração anterior transmite para as próximas gerações suas experiências, insatisfações e as questões que ficaram pendentes a serem resolvidas. Porém, mesmo herdando alguns aspectos das antigas gerações, as novas gerações possuem uma nova forma de atuação para solucionar os problemas.²¹

Um conceito também importante que foi utilizado para a produção desta dissertação foi o conceito de “ideologia” encontrado na obra de Terry Eagleton que traz seis possíveis

¹⁷ SIRINELLI, Jean-François (Dir.). *Histoire des droites*. T.2, *Cultures*, Paris, Gallimard, 1992, pp. III-IV apud BERSTEIN, Serge. Op. cit. p.350.

¹⁸ Idem, p. 354.

¹⁹ Idem, p. 363.

²⁰ Idem, p. 361.

²¹ WELLER, Wivian. “A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim”. *Revista Sociedade e Estado*. Brasília, v. 25, n. 2, mai. / ago. 2010, pp. 213.

definições deste conceito. Com base em suas definições, entendemos ideologia como ideias e crenças que podem ser verdadeiras ou falsas, que representam a forma que uma classe ou um grupo significativo interpreta o mundo. Ela também pode ajudar uma classe ou grupo dominante a legitimar os seus interesses por meio de uma distorção ou dissimulação. A ideologia também pode ser compreendida como a forma de um grupo social se legitimar ou se promover na sociedade em relação aos interesses de grupos opostos. Ela também pode ser interpretada como “um campo discursivo no qual os poderes sociais que se autopromovem conflitam e colidem acerca de questões centrais para a reprodução do poder social como um todo”.²² Trabalhar este conceito é importante para quem estuda o ano de 1968, quando houve um choque entre duas ideologias divergentes, influenciadas pelo espírito da Guerra Fria, entre os estudantes, operários, militares e civis de muitos países, inclusive no Brasil.

Outro aspecto também importante a ser destacado é que esta dissertação teve como principal base a Nova História Política, que surgiu entre as décadas de 1970 e 1980, e ficou marcada pela Terceira Geração dos *Annales*. Naquele período, foi possível verificar um movimento contrário que atuou no sentido de reavaliar o modelo tradicional da História Política, definida por Jacques Julliard como psicológica, ideológica, uma história factual, parcial, idealista, elitista, ignora a análise, “prende-se ao consciente ignora o inconsciente; visa os pontos precisos, e ignora o longo prazo”.²³ Logo, com a década de 1980 surgiu a “Nova História Política”, fenômeno que pôde ser compreendido como “restauração”, “recuperação”, “renovação” ou “renascimento” da História Política.²⁴

Com a terceira Geração dos *Annales*, ocorreu que durante a transição do século XIX para o século XX percebemos o pequeno número de trabalhos que recorriam ao uso dos periódicos como fonte para a construção da História. Na década de 1970 ocorreu um período de deslocamento no estudo da imprensa, quando “ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica”.²⁵ Tania Regina de Luca também afirma que, naquele período, não era incomum encontrar no Brasil trabalhos sobre a História da Imprensa, porém, difícil era encontrar trabalhos que se debruçavam em escrever a História “por meio” da imprensa.

²² EAGLETON, Terry. “O que é ideologia?”. In: _____. *Ideologia*. São Paulo: Unesp / Boitempo, 1997, p.39.

²³ JULLIARD, Jacques. “A Política”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Dir.). *História: Novas Abordagens*. Tradução Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, pp. 180,181.

²⁴ FERREIRA, Marieta de Moraes. “A nova ‘velha história’: o retorno da história política”. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, jul. 1992, p. 265-271.

²⁵ LUCA, Tania Regina. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSK, Carla Bassanezi.. *Fontes históricas*. São Paulo, Contexto, 2008, p. 118.

Dessa forma, podemos afirmar que a Terceira geração dos *Annales*, também conhecida como Nova História, propôs uma nova forma de interpretar e escrever a História através de “novos objetos, novos problemas e novas abordagens”. Uma característica muito evidente na Nova História, que não era vista nas gerações anteriores dos *Annales*, foi o uso de “aportes analíticos provenientes de outras Ciências Humanas”.²⁶ Com a Nova História surgiu o nascimento de um olhar que dava o devido reconhecimento à importância dos elementos culturais, à história vista de baixo e à adoção de uma perspectiva dos “vencidos” para a escrita da História. Ou seja, “trouxeram ao centro da cena a experiência de grupos e camadas sociais antes ignorados e inspiraram abordagens muito inovadoras, inclusive a respeito de culturas de resistência”.²⁷

Portanto, assim como afirma Tania Regina de Luca, a renovação que ocorreu na História Política a partir das últimas décadas do século XX não poderia ignorar a imprensa, “que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder. Os questionamentos desse campo imbricados com os aportes da História Cultural renderam frutos significativos”.²⁸ Compreendemos que os frutos significativos, nos quais a autora se refere, estão relacionadas ao fato do historiador usar as fontes jornalísticas como um instrumento para observar a ação política exercida por pessoas, grupos ou famílias que detêm o controle dos meios de comunicação.

Assim, Marieta de Moraes Ferreira afirma que: “A pluridisciplinaridade possibilitou o uso de novos conceitos e técnicas de investigação, bem como a construção de novas problemáticas”,²⁹ isto sem contar com as importantes contribuições metodológicas que a historiografia recebeu.³⁰ Assim como podemos observar na obra organizada de René Rémond,³¹ que apresentou de forma prática a possibilidade de usar novas abordagens sobre temas e fontes outrora ignorados pela História Política Tradicional e que mostrou as possíveis relações entre temas que abrem possibilidades de um diálogo com a imprensa, tal como: poder, ideologia, discurso, poder simbólico.

Ao falar de História Política, também falamos de “poder”. Do mesmo modo que afirma o historiador José D’Assunção Barros quando assegura que, a palavra “poder” serve como norteadora da História Política. Para o autor, é possível classificar um trabalho dentro da modalidade da História Política devido ao seu enfoque dado no conceito de “poder”.

²⁶ LUCA, Tania Regina. Op.cit., p. 112.

²⁷ Idem, pp. 113, 114.

²⁸ Idem, p.128.

²⁹ FERREIRA, Marieta de Moraes. “A nova ‘velha história’: o retorno da história política”. Op. cit. p. 267.

³⁰ LUCA, Tania Regina. Op.cit. p. 112.

³¹ RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

É o Poder, com as suas apropriações e as relações por ele geradas, com os seus mecanismos de imposição e transmissão, com a sua perpetuação através da Ideologia, com a sua organização através das redes de atores sociais e com as suas possibilidades de confrontação através de fenômenos coletivos como as Revoluções ou de resistências individuais no âmbito dos micro-poderes, e com tudo o mais que ao Poder se refere, o que constitui mais propriamente o território do historiador político”.³²

Francisco Falcon corrobora afirmando sobre a indissociabilidade entre a história e o poder. Para Falcon, a relação entre história e poder é tão forte que fica muito difícil para o historiador do político separá-los. Portanto, o “poder” pode ser visto tanto como um objeto do processo histórico, quanto um agente que atua neste processo.³³ Logo, com base em todas estas informações, centralizamos o nosso tema na corrente Nova História Política, ao estudar as relações de poder que se manifestaram no Rio de Janeiro durante a “Semana Sangrenta” de 1968 e as representações da grande imprensa carioca em relação ao movimento estudantil e a “Semana Sangrenta”.³⁴

Utilizamos os jornais como base para a investigação deste tema por compreender que, quando as palavras e conceitos são selecionados de forma estratégica por determinados indivíduos em seus discursos, eles podem servir como uma grande arma no combate que há no campo do político. Javier Fernández Sebastián também afirma que, a linguagem não pode ser vista de forma reducionista como apenas um instrumento, mas “os discursos são uma parte essencial da ação política”,³⁵ porque a linguagem e a realidade compõem dois lados da mesma moeda, logo, são inseparáveis. Javier Fernández também afirma que “a realidade só pode ser construída, apreendida e articulada através da linguagem”.³⁶ Portanto, compreendemos a necessidade do historiador que trabalha com imprensa, de investigar a forma como as palavras e conceitos são utilizados pelos periódicos, porque assim como complementa Marialva Barbosa, “o jornalismo não se revela como um contrapoder, mas como poder instituído”.³⁷ Que para a autora, isso ocorre desde as décadas de 1950 e 1960 quando “esse papel pode ser claramente observado através das longas campanhas empreendidas pela imprensa para

³² BARROS, José D'Assunção. “História Política - Dos objetos tradicionais ao estudo dos micropoderes, do discurso e do imaginário”. *Escritas: Revista do Curso de História de Araguaína*, v. 1, abr. 2015, p. 05.

³³ FALCON, Francisco. “História e Poder”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 97.

³⁴ RÉMOND, René (Org.). Op. cit. p. 06.

³⁵ FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. *Diccionario político y social iberoamericano*. Iberconceptos I. Madrid: Fundación Carolina/Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales/ Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009, p.27.

³⁶ Idem.

³⁷ BARBOSA, Marialva C. *História Cultural da Imprensa (Brasil – 1900-2000)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p.163.

ampliar a voz de facções políticas”.³⁸ Naquele momento, o discurso jornalístico adquiriu um lugar institucional que lhe permitiu publicar suas notícias de forma oficializada por ter se revestido de uma reputação de fidelidade aos fatos, que conforme a autora, lhe conferia um “considerável poder simbólico”.³⁹

Por este motivo, Bronislaw Baczko afirma que, os poderes que garantem o monopólio e o controle dos meios de comunicação transformam-se em donos de uma arma bastante temível e sofisticada. Para eles, as possibilidades tornam-se inúmeras, porque através de suas iniciativas, eles se utilizam daqueles meios para “anular os valores e modelos formadores diferentes daqueles que o Estado deseja, bem como condicionar e manipular as massas, bloqueando a produção e renovação espontâneas dos imaginários sociais”.⁴⁰

Logo, ao pesquisar a influência das notícias dos jornais sobre a sociedade, trabalharemos com o conceito de “poder simbólico” apresentado por Pierre Bourdieu. Conforme o autor, o “poder simbólico” é um poder invisível que só pode ser usado se houver uma cumplicidade entre aqueles que não querem saber que são sujeitos a ele e aqueles que o exercem. Bourdieu também afirma que o “poder simbólico” só é exercido se ele não for reconhecido como arbitrário e que ele possui a capacidade de mudar a forma como um indivíduo interpreta e atua no mundo. Nas palavras de Bourdieu, o poder simbólico é um:

poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário.⁴¹

Assim, Bourdieu afirma que o poder simbólico pode ser definido pela (por meio da) relação entre aqueles que exercem o poder e aqueles que estão sujeitos a ele. Também afirma que há um poder nas palavras, e o que faz este poder possuir a capacidade de “manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia”.⁴²

Logo, podemos afirmar que a imprensa possui a capacidade de exercer um poder simbólico sobre parte da sociedade e o exerce. Seu objetivo é tentar influenciar a população a se posicionar politicamente de forma favorável a ideologia dominante entre aqueles que compõem a linha editorial do jornal e seus patrocinadores. Os jornais possuem, assim, um importante papel ideológico. Utilizam-se de diversos mecanismos para ganhar a confiança do seu leitor, através de uma imagem que garanta a legitimidade. Por meio disto, a imprensa

³⁸ BARBOSA, Marialva C. “História Cultural da Imprensa (Brasil – 1900-2000)”. Op. cit., p. 163.

³⁹ Idem, p. 151.

⁴⁰ BACZKO, Bronislaw. Op. cit. p. 308.

⁴¹ BOURDIEU, Pierre. “Sobre o poder simbólico”. In: _____. *O poder simbólico*. Tradução: Fernando Tomaz. Editora Bertrand. Rio de Janeiro. 1989, p. 14.

⁴² Idem, p. 15.

revela uma versão dos fatos, contada à sua maneira, procurando manipular a sociedade e intervindo na vida social da população.⁴³

Margarethe Born Steinberger afirma que, há uma troca linguística entre os atores sociais e que ela pode ser compreendida como uma troca econômica. Ela ocorre no momento em que há uma “relação de força simbólica entre um produtor, provido de um dado capital linguístico, e um consumidor (ou um mercado), capaz de propiciar certo lucro material ou simbólico”.⁴⁴ A autora também afirma que, entre os interlocutores existem interesses diversos além do objetivo de apenas trocar informações. Dessa forma, “o valor do discurso depende da relação de forças que se estabelece entre os interlocutores”,⁴⁵ porque há entre os interlocutores o interesse de um agir sobre o outro, influenciando e revertendo situações de discursos em seu próprio benefício.

Partindo destas afirmações, sustentamos que, o uso de periódicos na pesquisa histórica nos leva a compreendê-los não apenas como fontes, mas também como objetos de estudo. Precisamos ter em mente que o jornal não pode ser reconhecido apenas como um meio de comunicação de massa, ele também precisa ser compreendido como um ator político, que interage com outros atores da sociedade.⁴⁶ Héctor Borrat parte do pressuposto que um ator político pode ser definido como “todo ator coletivo ou individual capaz de afetar o processo de tomada de decisões no sistema político”.⁴⁷ Borrat também afirma que, o campo de atuação da imprensa está relacionada à influência que ela exerce e não através da sua conquista ou permanência em um poder institucional. O periódico é capaz de afetar o comportamento e as decisões políticas de certos atores sociais, o propósito daquele que escreve o jornal é que as decisões tomadas pelos seus leitores o beneficiem de alguma forma. Da mesma maneira que a imprensa pode tentar exercer influência sobre o governo, movimentos sociais, grupos de interesse, partidos políticos e qualquer um que faça parte dos seu grupo de leitores, ela também pode servir como um objeto muito eficiente nas mãos de outros atores políticos no sentido de tentar influenciar as pessoas. Héctor Borrat também sustenta que, ao desempenhar a função de ator político, o periódico também atua como narrador e comentarista dos conflitos

⁴³ CHAMMAS, Eduardo Zayat. O Correio da Manhã no golpe de 1964: impasses e dilemas na relação com os militares. In: ANAIS DO XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. São Paulo: *Anais...* São Paulo: AMPUH, julho 2011, p. 03.

⁴⁴ STEINBERGER, Margarethe Born. “A instituição midiática do espaço público internacional”. STEINBERGER, Margarethe Born. *Discursos Geopolíticos da Mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo: EDUC, Fapesp, Cortez, 2005, p. 179.

⁴⁵ Idem, p. 180.

⁴⁶ BORRAT, Héctor. “El periódico, actor político”. In: *Análisis 12*, 1989, Barcelona, p. 67.

⁴⁷ Idem.

e acontecimentos que foram selecionados para estarem presentes nas páginas dos jornais.⁴⁸ Complementamos estas informações citando o artigo escrito pelo historiador Orlando de Barros que afirma que o “emissor” pode se apresentar no texto não apenas como um “observador-narrador”, mas também como um “destinador”.⁴⁹ Ou seja, ao investigar os jornais, percebemos que além de narrar ou informar, eles também opinam sobre o que foi observado na tentativa de influenciar os seus leitores.

Em relação a influência que a imprensa pode exercer sobre opinião pública, refletindo nas decisões políticas, nas eleições, no imaginário social e na cultura política apresentada por grupos pertencentes em uma sociedade, podemos citar a obra de Perseu Abramo que afirma que os proprietários dos jornais são os principais, mas não são os únicos, responsáveis pela tentativa de distorção da realidade através do uso de técnicas de manipulação da informação. Para o autor, esta atitude tem como origem fatores econômicos e pode ser explicada por duas vertentes: a primeira se baseia na figura do anunciante que pode exercer influência, impondo de forma direta ou indireta aquilo que pode ou não ser publicado; a segunda vertente apresentada pelo autor, é a ambição do próprio empresário de comunicação em lucrar. Para isto, “ele distorce e manipula para agradar seus consumidores, e, assim, vender mais material de comunicação e assim aumentar seus lucros: a responsabilidade é do próprio empresário de comunicação, mas a motivação é econômica”.⁵⁰ Perseu Abramo também destaca que, o peso do anunciante para a distorção das informações apresentadas pela imprensa, surte um maior efeito na grande imprensa do que na pequena imprensa. Ele também destaca que,

os órgãos de comunicação e a indústria cultural de que fazem parte, estão submetidos à lógica econômica do capitalismo. Mas o capitalismo opera também com outra lógica – a lógica política, a lógica do poder – e, é aí, provavelmente que vamos encontrar a explicação da manipulação jornalística.⁵¹

Dessa forma, ao investigarmos os jornais percebemos que eles possuem um papel político importante na sociedade. Podemos encontrar em algumas de suas publicações a omissão de determinadas informações, porque o político permeia as decisões de um corpo editorial na seleção do será ou não publicado e também na forma como uma informação será apresentada. Logo, podemos concluir apresentando as afirmações de Perseu Abramo que, ao analisar os jornais precisamos ter em mente que, por trás de uma notícia existe um corpo

⁴⁸ BORRAT, Héctor. Op.cit., 67-69.

⁴⁹ BARROS, Orlando de. “*A propósito de um texto, a propósito de um texto, a propósito de outro texto...*”. Mestrado/doutorado de História – UERJ. Original de 1996. Revisto em 2005, p.03.

⁵⁰ ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003, p.43.

⁵¹ Idem, p.43, 44.

editorial, por trás de um corpo editorial existe um patrocinador e por trás de um patrocinador existe uma ideologia ou ideologias.⁵²

Com respaldo nos fundamentos teóricos apresentados, utilizamos como base para esta pesquisa a seleção de parte da grande imprensa que apoiou o golpe de 1964 e que manteve as suas publicações até o ano de 1968. Inicialmente, fizemos uma reconstituição dos eventos que constituíram a “Semana Sangrenta” através da pesquisa sobre os jornais, a produção historiográfica existente e complementamos as informações obtidas com depoimentos de pessoas que participaram ativamente do movimento estudantil, principalmente aqueles que vivenciaram os episódios que constituíram a “Semana Sangrenta”.⁵³ Tomamos o cuidado de historicizar as fontes, ou seja, fazer uma investigação da trajetória dos jornais, observando a sua história e quem eram as pessoas que faziam parte do corpo editorial dos periódicos selecionados.⁵⁴ Por concordarmos com as afirmações de Eliséo Verón que sustenta, para quem estuda textos em suas diversas aparências, há uma necessidade de que haja uma distinção entre o emissor real e o enunciador, ou seja, para estudarmos a imprensa, precisamos distinguir aquele que diz e o(s) lugar(es) que aquele que fala atribui a si mesmo, por exemplo: o redator do jornal (emissor real) e o periódico onde a notícia é publicada (enunciador).⁵⁵

Como forma de identificar a mensagem presente nos jornais, partimos dos seguintes procedimentos metodológicos: primeiramente fizemos seleção dos jornais e a formação de um acervo que continha os periódicos que foram pesquisados. Logo após, partimos a observar as informações presentes nas primeiras páginas dos jornais, suas manchetes, chamadas⁵⁶, imagens, legendas e títulos das imagens. Este passo foi dado porque compreendemos que um texto pode assumir muitas aparências e pode variar em sua forma e conteúdo, assim como afirma o historiador Orlando de Barros e também orientador desta dissertação.⁵⁷ O terceiro procedimento metodológico foi feito através da leitura crítica das notícias publicadas nas páginas internas dos jornais, para observar como os temas movimento estudantil, estudantes e

⁵² ABRAMO, Perseu. Op. cit., 43, 44, 47.

⁵³ Os depoimentos podem ser encontrados em: ARAUJO, Maria Paula Nascimento. “Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias”. Op. cit., passim; DIRCEU, José; PALMEIRA, Vladimir. Op. cit., passim; REIS FILHO, Daniel Aarão e MORAES, Pedro de. Op. cit., passim; SANTOS, Nilton. *História da UNE: depoimentos de ex-dirigentes*. São Paulo: Livramento, 1980. (Coleção História Presente, vol.1), passim.

⁵⁴ LUCA, Tania Regina de. Op. cit., pp. 131, 132.

⁵⁵ VÉRON, Eliséo. *Quando ler é fazer: a enunciação no discurso da imprensa escrita*. Tradução: Orlando de Barros. Institut de Recherches et d’Études Publicitaires (IREP). Paris, 1983, p. 2.

⁵⁶ Pequeno texto apresentado na primeira página de um impresso que indicam partes internas do periódico onde a notícia é apresentada de forma mais detalhada. Cf. COUTINHO, Emilio Coutinho. Vocabulário de jornalismo. 20 de fevereiro de 2015. Disponível em: <www.casadosfocas.com.br/vocabulario-de-jornalismo/> Acesso em: 25 mai. 2019.

⁵⁷ BARROS, Orlando de. “A propósito de um texto, a propósito de um texto, a propósito de outro texto...”. Op. cit. p. 2.

os três dias da “Semana Sangrenta” foram abordados pelos periódicos. Para isto, observamos não apenas o “enunciado” e o “enunciador” presente no texto, nos moldes como Eliséo Verón definiu que, o “enunciado” está relacionado ao conteúdo que é dito e o “enunciador” é a forma como o enunciado é dito e também os meios utilizados para se dizer.⁵⁸ Mas também partimos da compreensão que o impresso analisado apresenta em si aspectos históricos, urbanos, econômicos, sociais da sua época que podem ser identificados e que contribuem para uma melhor compreensão de qual foi a intenção do narrador ao escrever o texto e ao publicá-lo, assim como afirma o historiador Orlando de Barros.⁵⁹ Da mesma forma, Eliséo Verón afirma que, para quem estuda os textos em suas diversas aparências, há uma necessidade de que haja uma distinção entre o receptor real e o destinatário, que podem ser compreendidos como: o destinatário é aquele pelo qual o emissor escreveu e direciona a sua publicação e o receptor real é aquele que o enunciador conseguiu alcançar com a sua mensagem.⁶⁰

Para todos os procedimentos metodológicos apresentados, mantivemos a nossa atenção para os aspectos relacionados à materialidade dos impressos e para as formas de diagramação da imprensa selecionadas em cada publicação. Neste caso, demos uma maior atenção às técnicas de diagramação⁶¹ apresentadas nas primeiras páginas dos seguintes periódicos selecionados: *Correio da Manhã*,⁶² *Diário de Notícias*,⁶³ *Jornal do Brasil*,⁶⁴ *O Globo*,⁶⁵ *Tribuna da Imprensa*,⁶⁶ *Revista O Cruzeiro*.⁶⁷ Com exceção do jornal *O Globo*, todos

⁵⁸ VÉRON, Eliséo. Op. cit., p. 2.

⁵⁹ BARROS, Orlando de. “A propósito de um texto, a propósito de um texto, a propósito de outro texto...”. Op. cit., p. 1.

⁶⁰ VÉRON, Eliséo. Op. cit., p. 2.

⁶¹ HERNANDES, Nilton. “O jornalismo impresso”. In: _____. *A mídia e seus truques: o que o jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012; NETO, Edmundo Mendes Benigno. Por uma história da linguagem visual do jornalismo impresso. In: V Congresso Nacional de História da Mídia, 2007, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. pp.1-10; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. “Imprensa Carioca nos ‘anos dourados’”. In: ABREU, Alzira A. de. *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 157-183; CAZARIN, Ercília Ana; MENEZES, Eduardo Silveira de Menezes. “A mídia e o golpe de 1964: revista O Cruzeiro como aliada do discurso das forças militares”. *Conexão Letras*. On-line, v.9, n.11, 2014, pp. 111-122.

⁶² Matutino fundado no Rio de Janeiro em 1901 por Edmundo Bittencourt. Entre 1963 a 1974 esteve sob a direção de Niomar Moniz Sodré Bittencourt.

⁶³ Matutino que fazia parte do grupo *Diários Associados* fundado por Assis Chateaubriand. Sob a sua direção em 1964.

⁶⁴ Matutino fundado em 1891 por Rodolfo Dantas, Ministro da Educação do Império. Entre 1962 a 1973 esteve sob a direção de Alberto Dines.

⁶⁵ Vespertino fundado no Rio de Janeiro em 1925 por Irineu Marinho. Entre 1931 a 2003 esteve sob a direção de Roberto Pisani Marinho.

⁶⁶ Vespertino fundado em 1949 por Carlos Frederico Werneck Lacerda. Sob a sua direção em 1964.

⁶⁷ Revista de consumo de publicação semanal que fazia parte do grupo *Diários Associados*. Sob a direção de Assis Chateaubriand no ano de 1964.

os jornais citados estavam disponíveis no acervo digital da Biblioteca Nacional.⁶⁸ Por este motivo, houve a necessidade de fazer o levantamento do *O Globo* diretamente no setor de periódicos da Biblioteca Nacional ou no acervo digital do jornal.⁶⁹

A seleção de seis jornais deu-se ao fato de compreendermos que o sentido de um texto possui inúmeras possibilidades de interpretações.⁷⁰ Assim como afirma Eliséo Verón, “uma mensagem não produz jamais, de maneira automática, um só efeito. Todo discurso desenha sempre um campo de *efeitos de sentido* e não um efeito único”.⁷¹ Logo, houve a necessidade de se fazer uma comparação das informações presentes nos jornais para tentar obter o máximo de informações que façam referência aos acontecimentos dos dias 19, 20 e 21 de junho de 1968 e perceber quais os efeitos de sentido os periódicos selecionados deram para a “Semana Sangrenta” de 1968.

Nos esforçamos para complementar ou contrapor as informações obtidas nos jornais com os depoimentos de militantes e líderes do movimento estudantil, que narram os eventos de 1968. Dentre os depoimentos que puderam ser utilizados, podemos citar: Luís Raul Machado, Vladimir Palmeira, Nilton Santos, Elinor Brito, José Dirceu, Franklin Martins.⁷² Porém, utilizamos os depoimentos como complementos dos jornais por compreendê-los como fontes que estão passíveis a uma possível alteração devido ao fato de trabalharmos com “memórias subterrâneas”, isto é, as memórias minoritárias e dominadas, conforme afirma Michel Pollak.⁷³ Por isso, compreendemos que há uma falibilidade na memória, pois ela pode passar por flutuações, silenciamentos, esquecimentos, construções,⁷⁴ ela possui um caráter seletivo, que a faz a lembrar, esquecer ou silenciar um determinado acontecimento.⁷⁵ Compreender estes aspectos da memória foram importantes no momento em que fizemos o

⁶⁸ Acervo digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/> > Acesso em: 19 jun. 2017.

⁶⁹ Acervo digital do jornal *O Globo*. Disponível em: < <http://acervo.oglobo.globo.com/> > Acesso em: 23 jun. 2017.

⁷⁰ BARROS, Orlando de. “A propósito de um texto, a propósito de um texto, a propósito de outro texto...”. Op. cit. p. 05.

⁷¹ VÉRON, Eliséo. Op. cit. p. 1 – *Grifo do autor*.

⁷² Os depoimentos podem ser encontrados em: ARAUJO, Maria Paula Nascimento. “Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias”. Op. cit., passim; DIRCEU, José; PALMEIRA, Vladimir. Op. cit., passim; REIS FILHO, Daniel Aarão; MORAES, Pedro de. Op. cit., passim; SANTOS, Nilton. Op. cit., passim.

⁷³ Para Michael Pollak, as memórias subterrâneas também integram as culturas minoritárias e dominadas, elas destacam os aspectos negativos e se opõem à “memória oficial”, no caso a memória nacional. As memórias subterrâneas subvertem o silêncio e afloram em momentos de crise de forma quase que imperceptível. POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. Tradução: Dora Rocha Flaksman. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p. 4.

⁷⁴ SACKS, Oliver. “A falibilidade da memória”. In: SACKS, Oliver. *O rio da consciência*. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 82.

⁷⁵ CATROGA, Fernando. “Recordação e esquecimento”. In: CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto Editora, 2001, p. 22.

uso de depoimento de pessoas que vivenciaram a ditadura militar. Pelo fato de que algumas delas foram perseguidas, presas, exiladas, passaram por processos de intensos interrogatórios e de tortura física e mental, tendo em muitos momentos que passar por um processo de recuperação da memória através de terapia.⁷⁶

Porém, destacamos que a proposta da pesquisa tomou como centralidade a análise das representações construídas pelos jornais em relação a “Semana Sangrenta” e ao Movimento Estudantil durante os dias 19, 20 e 21 de junho de 1968. As fontes jornalísticas também serviram para mostrar quais os artifícios utilizados pela imprensa carioca em tentar veicular no imaginário social uma ideologia que influenciasse a sociedade e surtisse reflexos no movimento estudantil. A questão apresentada foi considerada por compreendermos que “não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos”.⁷⁷ Por este motivo, fizemos uso de diferentes métodos de investigação que podem ser utilizados pelo historiador para destacar no periódico informações presentes naquilo que não foi escrito de forma direta, mas que estava presente “nas entre linhas” do texto, métodos de análise do texto que transformam o periódico em um riquíssimo objeto de estudo e que também destacam aspectos presentes nas publicações que identificam o periódico como um ator político, que possui a capacidade de influenciar parte da sociedade.

Logo, ao ler esta dissertação, o leitor inicialmente terá no primeiro capítulo “O movimento estudantil na ditadura”, a história do movimento estudantil principalmente a história da União Nacional dos Estudantes (UNE), com um enfoque à atuação da UNE na ditadura militar. Demos também destaque à resistência dos estudantes contra a ditadura, a luta do movimento estudantil por melhorias na educação brasileira e a perseguição do governo militar feita sobre o movimento estudantil brasileiro. Fizemos uso de depoimentos de pessoas que foram militantes e/ou líderes do movimento estudantil e de documentários sobre a ditadura para reconstituir a história do movimento estudantil e fizemos uma breve contextualização do ano de 1968 no Brasil e no mundo. Porém nosso objetivo foi dar enfoque à história do movimento estudantil brasileiro e a sua resistência à ditadura.

No segundo capítulo “A ditadura e a imprensa”, discorremos sobre a história dos jornais que foram investigados de forma minuciosa no capítulo 3 e apresentamos a origem de cada um destes periódicos até a ditadura. Abordamos a forma como os periódicos apoiaram o golpe de 1964 e depois tentamos mostrar a trajetória de cada um destes periódicos e como

⁷⁶ SACKS, Oliver. Op.Cit. p. 89.

⁷⁷ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001, p. 9.

eles se posicionaram em relação ao governo do general Castelo Branco e principalmente ao governo de Costa e Silva. Enfocamos a história da imprensa no Brasil durante a ditadura militar e sobre a censura e autocensura que ocorreu no período posterior a 1964, principalmente no período posterior ao AI-5. Abordamos o contexto da ditadura até o ano de 1968 dando enfoque na imprensa durante este período e nos jornais selecionados. Três matutinos: *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *Diário de Notícias*. Dois vespertinos: *O Globo* e *Tribuna da Imprensa* e uma revista de consumo, semanal e ilustrada: revista *O Cruzeiro* que se posicionaram politicamente favoráveis em relação ao golpe em 1964.

Por fim, no terceiro capítulo “A ‘Semana Sangrenta’ e a imprensa”, apresentamos uma reconstituição minuciosa do que aconteceu durante a “Semana Sangrenta”, trabalhamos a atuação dos periódicos durante a “Semana Sangrenta” como atores políticos, investigamos de seis periódicos que durante o ano de 1964 apoiaram o golpe e que ainda estavam em circulação durante o mês de junho de 1968: *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Tribuna da Imprensa* e *Revista O Cruzeiro*. Logo, pesquisamos como os periódicos selecionados abordaram a “Quarta-feira Sangrenta” dia 19 de junho de 1968, a “Violência na Praia Vermelha” dia 20 de junho de 1968 e a “Sexta-feira Sangrenta” dia 21 de junho de 1968 e como os periódicos selecionados abordaram o movimento estudantil durante a “Semana Sangrenta”. Mesmo com poucas informações sobre a “Semana Sangrenta” nos depoimentos que tivemos à nossa disposição, tentamos ao máximo complementar ou confrontar as informações encontradas nos jornais com os depoimentos de pessoas que foram militantes e/ou líderes do movimento estudantil e que afirmaram estar presentes na “Semana Sangrenta”.

1 O MOVIMENTO ESTUDANTIL NA DITADURA

A criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 1938, foi muito importante para que os estudantes tivessem uma entidade que os representasse em todo o território nacional. Conforme João Roberto Martins Filho, antes da criação da UNE em 1938, não era possível afirmar que houvesse um movimento estudantil organizado em âmbito nacional no Brasil. Em suas palavras, “antes da criação da UNE é possível falar da participação circunstancial dos estudantes, mas não ainda de um movimento unificado em torno de alguns objetivos comuns”.⁷⁸ Dessa forma, a UNE colaborou para a organização e união do movimento estudantil em todo o território brasileiro.

Grande parte dos estudantes universitários no período anterior ao ano de 1930 fazia parte da classe média. Logo, conforme Martins Filho, após o ano de 1930, começou a ocorrer com a classe média brasileira um processo denominado de “integração política”.⁷⁹ Durante este processo, houve um aumento de jovens da classe média ingressando nas universidades, o que facilitou que ocorresse uma radicalização dentro do movimento estudantil no início da década de sessenta, mas que sua origem remonta ao período do governo de Getúlio Vargas que apresentou uma política que facilitava o ingresso da classe média na universidade que tornou-se gratuita, “tal política fez crescer as matrículas nesse nível de ensino numa proporção bastante mais elevada que as dos graus primário e secundário”.⁸⁰

O segundo governo de Getúlio Vargas ocorreu durante a Guerra Fria que se estendeu até a década de 1990. As repercussões da Guerra Fria marcaram fortemente o Brasil e o mundo durante a década de 1960. Ou seja, durante o contexto internacional da Guerra Fria, surgiu no Brasil um forte sentimento anticomunista e a convicção entre grupos militares de que havia uma infiltração comunista nas universidades. Conforme Jordana de Souza Santos, setores da igreja católica que ficavam à direita do governo faziam duras críticas às ações tomadas por João Goulart e “segundo estes setores mais conservadores, o comunismo estava infiltrado no governo e nos movimentos populares, se propagando também nas universidades entre os estudantes”.⁸¹

A atuação da União Nacional dos Estudantes contra o imperialismo no território brasileiro fez a entidade ser encarada como uma perigosa “Célula Vermelha”, conforme

⁷⁸ MARTINS FILHO, João Roberto. *Movimento Estudantil e Ditadura Militar (1964-1968)*. Campinas, SP: Papirus, 1987, p. 16.

⁷⁹ Termo encontrado em: Idem, p. 23.

⁸⁰ Idem, p. 34.

⁸¹ SANTOS, Jordana de Souza. “A repressão ao movimento estudantil na ditadura militar”, *Aurora*, Marília – São Paulo, v.3, n.1, dezembro de 2009, p. 102.

aquelas forças direitistas.⁸² O posicionamento político da UNE a transformou em um alvo dos grupos de direita que conspiravam por uma intervenção militar golpista contra o governo de Jango. Foram feitos projetos de contenção e desagregação da UNE e da Ação Popular (AP). Grupos de direita foram criados para atuar de forma violenta contra grupos de esquerda que se posicionavam a favor de Jango e das Reformas de Base. Entre os grupos criados e financiados por meio de recursos fornecidos pelo IPES, podemos citar a Frente da Juventude Democrática (FJD), o Movimento Anticomunista (MAC) e o Movimento Estudantil Democrático (MED). Mesmo atuando dentro das universidades, estes grupos anticomunistas não conseguiram muito apoio entre os universitários.⁸³

João Roberto Martins Filho também afirma que, diante desta falta de adesão de estudantes dentro das universidades, os grupos anticomunistas começaram a optar por fazer ações terroristas no sentido puro e simples da palavra. O autor também afirma que conforme informações concedidas por um Consul norte-americano que estava em São Paulo, estes grupos anticomunistas

pretendiam metralhar e jogar bombas no recinto onde se reuniria o 26º Congresso da UNE, em Santo André. Segundo a mesma fonte, os ativistas da FJD “havia feito todo o tipo de planos de arrear os cabelos”. Tais ações foram acompanhadas de uma intensa campanha através da imprensa golpista, bastante auxiliada pela publicação de textos como o livro de uma tal Sônia Saganfredo – *UNE, Instrumento de Subversão*, obra patrocinada pelo IPES.⁸⁴

Encontramos nos depoimentos, de Nilton Santos e Luís Raul Machado, presentes na obra organizada por Nilton Santos – que foi vice-presidentes da UNE da 29ª Gestão, juntamente com o presidente Luís Travassos – uma complementaridade, quando afirmam que havia uma divisão na direção da UNE, devido à diferentes tendências políticas dentro dela. Conforme o depoimento de Machado, no período anterior à preparação do 30º Congresso da UNE: “Chegou-se a falar em ‘duas UNEs’ tal o grau de divergência interna no movimento estudantil e era extremamente difícil explicar o que estava acontecendo”.⁸⁵

Nilton Santos corrobora através do depoimento dado por ele e presente em sua obra, quando conta detalhes sobre a existência de diferentes tendências políticas na diretoria da UNE no ano de 1968. Assim, falando de forma específica, inicialmente havia duas tendências políticas que mais se destacavam na direção da UNE.⁸⁶ Maria Ribeiro do Valle explica com maiores detalhes sobre estas duas tendências, conforme a historiadora, a primeira tendência

⁸² MARTINS FILHO, João Roberto. Op. cit., p. 63.

⁸³ Idem, p. 62.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ Depoimento de Luís Raul Machado a Nilton Santos, in SANTOS. “História da UNE...” Op. cit., p. 62.

⁸⁶ Depoimento de Nilton Santos, in SANTOS. “História da UNE...” Op. cit., p. 70.

apresentava um caráter de “luta política” enquanto a segunda, de “luta específica”. Neste caso, a “luta política” era liderada por Luis Travassos e podia ser identificada nas manifestações de rua pelas palavras de ordem “O povo armado derruba a ditadura”. Conforme a autora, “os defensores da ‘luta política’ pregam a sua continuidade através das passeatas, onde emerge a ‘violência revolucionária’ do povo”.⁸⁷ Porém, no que se refere à “luta específica”, Valle afirma que esta tendência podia ser identificada nas manifestações de rua pelas palavras de ordem “O povo organizado derruba a ditadura”. A “luta específica” era liderada por Vladimir Palmeira e lutava contra a política educacional do governo militar que tinha como base os acordos MEC-USAID.⁸⁸ Vladimir Palmeira defendia que, a derrubada do governo militar deveria ocorrer através da união das forças populares, que os estudantes deveriam voltar para dentro das universidades para promover assembleias e debates políticos na intenção de estruturar o movimento estudantil e pensar em medidas que atendessem as reivindicações específicas do movimento estudantil.⁸⁹ Encontramos no depoimento de Nilton Santos presente em sua obra, que respectivamente, a primeira tendência apresentada era minoritária na UNE e contava com quatro dos dez diretores da entidade estudantil, também conhecida como uma tendência continuadora e liderada por Travassos que era da Ação Popular (AP). No caso da segunda tendência, vemos que ela contava com outros seis diretores e era majoritária na UNE. Ela introduziu no Movimento Estudantil a importância de romper com o caráter de vanguarda e fazer com que o Movimento Estudantil ganhasse um caráter massivo. Para isso, era colocado em pauta a questão das lutas específicas.⁹⁰

Jordana de Souza Santos nos ajuda a compreender melhor a origem da divisão dentro do movimento estudantil como um reflexo da cisão que ocorreu com o PCB⁹¹ que era

⁸⁷ VALLE, Maria Ribeiro do. “O diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar em 1968”. Op. cit., p. 49.

⁸⁸ O acordo MEC-USAID foi um acordo feito entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC) representado por Flávio Suplicy de Lacerda Ministro da Educação e a agência norte-americana United States Agency for International Development (Usaid) representada por Stuart Van Dyke, seu diretor. O primeiro acordo foi feito em 1965 e só foi divulgado em 1966, desde então, se tornou alvo das objeções e reivindicações estudantis que compreendiam este acordo como uma estratégia dos EUA de influenciar a educação brasileira. Em 1967, o governo de Costa e Silva ignorou as críticas estudantis contra esta união entre Brasil e EUA, logo, foi assinado outro acordo pelo então ministro da educação Tarso Dutra e por William Ellis que representava a USAID-Brasil. Ver. CUNHA, Luís Antônio. “Acordo MEC-USAID”. ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010, passim; FÁVERO, Maria de Lourdes de A. *A UNE em Tempos de Autoritarismo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994, p. 66.

⁸⁹ Idem, p. 48, 49.

⁹⁰ Depoimento de Nilton Santos in SANTOS. “História da UNE...”. Op. cit., p. 70.

⁹¹ O PCB, fundado em 1922, era inicialmente chamado de Partido Comunista do Brasil, mas a partir do início da década de 1960, com a possibilidade de legalização, mudou de nome e começou a ser chamado de Partido Comunista Brasileiro como forma de enfatizar o caráter nacional do partido. Retirado de: COSTA, Edmilson; GABROIS, Igor. “As diferenças de PCB e PCdoB”. Publicado em 26 de março de 2009. Disponível em: <<https://pcb.org.br/porta12/580/as-diferencas-entre-pcb-e-pcdob/>>. Acesso em: 17 dez. 2019.

conhecido como “Partidão”. Após o XX Congresso do Partido da União Soviética (PCURSS) em 1956, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) começou a receber muitas críticas que originaram divergências e inúmeras cisões no partido, esta fragmentação fez surgir vários grupos como a Ação Libertadora Nacional (ALN), o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), o Partido Comunista do Brasil (PC do B), a Política Operária (POLOP), Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), Dissidências Estudantis (DIs). Estes grupos, juntamente com a Ação Popular e o Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8) “formavam a chamada Nova Esquerda que era seguidora dos ideais de luta armada propagados pela Revolução Cubana e pela Revolução Cultural Chinesa”.⁹²

A Nova Esquerda criticava o PCB por aceitar a linha política da Internacional Comunista (IC) em relação a compreender a burguesia como classe revolucionária, visão contraditória à defendida por ela, que compreendia o campesinato como classe revolucionária e não a burguesia. Para a Nova Esquerda, os proletários deveriam se unir aos camponeses. Aqueles que faziam parte do “partidão” e do Comitê Central compreendiam estes grupos divergentes como grupos fracionistas e revisionistas. Após o golpe militar de 1964 e do surgimento das diversas vertentes políticas dentro do PCB, o movimento estudantil começou a se distanciar do Partido Comunista Brasileiro e se aproximar das novas organizações criadas pela Nova Esquerda.⁹³ Porém, a posição política apresentada pelo movimento estudantil era mais partidária porque em seu interior, estavam presentes organizações políticas.

A AP, DI-GB e DI-SP eram as que mais influenciavam as ações e concepções do ME nos anos 60, gerando divergências com relação às formas de luta, às reivindicações e ao papel dos estudantes no enfrentamento à ditadura militar e no processo revolucionário.⁹⁴

Mesmo com as divergências políticas quanto a forma de luta presentes no movimento estudantil, podemos afirmar que os estudantes possuíam um mesmo inimigo: a ditadura. Corroborando com as informações de Jordana de Souza Santos, Martins Filho afirma que a vertente política que se tornou predominante na direção da UNE a partir da década de 1960 foi a Ação Popular. Sobre esta entidade, podemos encontrar na obra de Haroldo Lima e Aldo Arantes que a AP era uma organização política brasileira que, desde a sua origem, buscou estabelecer relações com os movimentos populares e exerceu influência sobre eles: Movimento Estudantil, Movimento Operário, Movimento Sindical e Movimento Camponês.⁹⁵

⁹² SANTOS, Jordana de Souza. Op. cit., p. 104.

⁹³ Idem.

⁹⁴ Idem, p. 101.

⁹⁵ LIMA, Haroldo; ARANTES, Aldo. *História da Ação Popular: da JUC ao PCdoB*. 2.ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1984, p. 10.

Seu surgimento foi no ano de 1962 como uma força política preponderante dentro do movimento estudantil devido à crise interna que ocorreu no Partido Comunista do Brasil. Assim, a Ação Popular se manteve preponderante na liderança do Movimento Estudantil desde o ano de 1962 até o ano de 1972. Da AP saíram todos os presidentes da União Nacional dos Estudantes, desde Aldo Arantes, eleito em 1961, até Honestino Guimarães, presidente em 1971 e Newton Miranda, o último dirigente clandestino da UNE, em 1972.⁹⁶ Cinco anos depois da sua fundação, em 1967, a Ação Popular tornou-se Marxista-Leninista e permaneceu nesta posição até o ano de 1972-1973 quando se incorporou ao PC do Brasil.⁹⁷

Em março de 1962, a União Nacional dos Estudantes manifestou o seu posicionamento por meio do documento, *Carta do Paraná*, produzido durante o II Seminário Nacional da Reforma Universitária. O documento apresentava as principais reivindicações em relação à reforma universitária que estavam voltadas a uma “abertura”, democratização e modernização da universidade. As reivindicações presentes na *Carta do Paraná* foram adicionadas às reivindicações presentes em um documento que foi produzido durante o I Seminário Nacional da Reforma Universitária, chamado de *Declaração da Bahia*. Sobre estas reivindicações, Martins Filho afirma que:

Tratava-se de abolir a universidade “alienada”, “poderoso instrumento do capitalismo e fator de sobrevivência da classe dominante”, a fim de construir a universidade “autêntica”, “a serviço da Nação e, de modo específico, das massas populares”. [...] Nesse sentido, a motivação-chave [*sic*] dos dois documentos era a “modernização” do aparelho universitário, com o objetivo explícito de possibilitar que a universidade cumprisse o seu papel de “instrumento de desenvolvimento”, através da remoção dos obstáculos que impediam a formação de profissionais de nível superior capacitados a alcançar tal objetivo.⁹⁸

Conforme Martins Filho, a Reforma Universitária tinha como objetivo elaborar uma cultura nacional e popular capaz de conscientizar a população por meio da educação e criar um grupo de intelectuais revolucionários que os fizessem lutar a serviço da classe trabalhadora. A Autonomia universitária também foi um dos principais pontos citados na *Carta do Paraná* e na *Declaração da Bahia*. A melhor explicação para a posição política da UNE foi o fato dela começar a compreender que “o Estado representava os interesses populares e nacionais, em contraposição às orientações conservadoras dos reitores e dos professores catedráticos”.⁹⁹

⁹⁶ Idem, p. 9.

⁹⁷ Idem, p. 10.

⁹⁸ MARTINS FILHO, João Roberto. Op. cit., p. 54.

⁹⁹ MARTINS FILHO, João Roberto. Op. cit., p. 55.

A participação ativa da UNE na política do país lhe custou muito caro, principalmente no momento do golpe de 1964 e logo em seguida. No dia 31 de março de 1964, os estudantes souberam que já havia ocorrido o levante militar no exército para a concretização do golpe. Naquele momento, a direção da UNE e os componentes do Centro Popular de Cultura (CPC) decidiram ficar no prédio da UNE e se revezar na guarda, para acompanhar os acontecimentos, mobilizar a opinião pública e decidir quais seriam os passos tomados diante do golpe em andamento. Também convocaram os intelectuais cariocas de esquerda para se apresentar naquele local através do Comando Geral dos Trabalhadores Intelectuais (CGTI). Ferreira Gullar afirma em seu depoimento presente na obra de Maria Paula Araujo que os intelectuais do CGTI estavam confiantes afirmando que Jango mantinha o total controle da situação, mas em um determinado momento da noite a sede da UNE foi metralhada pelos “partidários de Carlos Lacerda”.¹⁰⁰ Ele também afirma que, a direção da UNE decidiu ligar para o Comando da Aeronáutica do Rio de Janeiro e pedir ajuda. O grupo de militantes que estava na sede da UNE se decidiu revezar, ficando aproximadamente trinta pessoas no prédio.¹⁰¹ Também em depoimento, Antônio Carlos Peixoto afirma que no dia 01 de abril de 1964, havia no prédio da UNE aproximadamente trinta pessoas fazendo coquetel Molotov. Em suas palavras, ao ver aquelas pessoas preparando os explosivos:

Eu disse: “Vocês estão loucos, vocês vão morrer. Vocês vão ser trinta e poucos cadáveres dentro de muito pouco tempo. Aqueles que vieram aqui ontem de noite e metralharam, mas encontraram tropas da aeronáutica aqui, eles vão voltar. E dessa vez não tem tropa da aeronáutica não. Vocês vão morrer”. Eu acho que talvez tenha sido a coisa mais útil que eu fiz na minha vida até hoje. Botei gente pra fora de lá a pontapé e a pescoção, na base da autoridade, aos gritos: “Sai! Vai embora, some, desaparece!” Consegui convencer mais três ou quatro que me ajudaram nessa ingrata tarefa e aí eu fechei a porta da UNE, eu acho que fui a última pessoa que viu essa UNE.¹⁰²

Então, no dia 01 de abril de 1964, a UNE teve o seu prédio invadido, saqueado e completamente destruído, no mesmo dia, dois estudantes foram mortos no Recife por soldados do Exército. No Estado de Belo Horizonte, o Diretório Central dos Estudantes e a UNE foram fechados. Em Brasília, uma passeata foi dissolvida pelo exército e no Rio de Janeiro, soldados da polícia militar entraram em choque com estudantes “nas proximidades da Faculdade Nacional de Direito, resultando sete feridos e um morto”.¹⁰³

¹⁰⁰ Depoimento de Ferreira Gullar a Maria Paula Nascimento Araujo, in ARAUJO. “Memórias estudantis...” Op. cit., p. 150.

¹⁰¹ Idem.

¹⁰² Depoimento de Antônio Carlos Peixoto a Maria Paula Nascimento Araujo, in Idem, p. 152.

¹⁰³ FÁVERO, Maria de Lourdes de A. Op. cit., p. 48. A autora afirma que todas estas informações foram encontradas no periódico *Jornal do Brasil*.

Após o golpe de 1964, a liderança do movimento estudantil foi perseguida, posta na ilegalidade pela Lei nº 4.464 de 9 de novembro de 1964.¹⁰⁴ Ela ficou conhecida como “Lei Suplicy”, porque foi assinada por Flávio Suplicy de Lacerda, Ministro da Educação durante o governo do presidente Humberto de Alencar Castello Branco. A lei tornava extintas as entidades de representação estudantil: União Nacional dos Estudantes (UNE), União Metropolitana dos Estudantes (UME), a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), as uniões estudantis ou metropolitanas de estudantes e as uniões estaduais de estudantes secundários. Todas foram extintas, porque tornaram-se ilegais e foram substituídas pelos Diretórios Acadêmicos (D.A) e o Diretório Central de Estudantes (D.C.E.) que a partir dela, foram estabelecidos no interior de cada universidade; o Diretório Estadual de Estudantes (D.E.E.) que depois da lei ficou presente em cada capital de Estado ou Distrito Federal e o Diretório Nacional de Estudantes (D.N.E.) que depois da lei possuiu uma sede na Capital Federal. No artigo 14 da “Lei Suplicy” era feita uma proibição no que se referia a qualquer tipo de participação política dos estudantes, assim, foi proibido manifestação, propaganda, incitação a paralisações ou greves que fossem de caráter político-partidário.¹⁰⁵

Flávia Santana complementa que a aprovação da lei Suplicy levou o movimento estudantil para uma nova fase. Em suas palavras, “ao contrário das intenções do regime, a lei acabou estimulando a reorganização do movimento estudantil, ou seja, aconteceu justamente o oposto do que a Lei Suplicy pretendia evitar”.¹⁰⁶ José Artur Poerner corrobora Santana afirmando que:

A Lei Suplicy de Lacerda visou, especialmente, à extinção do movimento estudantil brasileiro. Para acabar com a participação política dos estudantes, a lei procurou destruir a autonomia e a representatividade do movimento, deformando as entidades estudantis, em todos os escalões, transformá-las em meros apêndices do Ministério da Educação, dele dependentes em verbas e orientação.¹⁰⁷

Ao mesmo tempo em que Poerner apresenta quais foram as intenções do regime militar em criar esta lei que atacava diretamente a autonomia do movimento estudantil, o autor também afirma que:

A Lei Suplicy de Lacerda apresentou, contudo, um grande mérito de aglutinar, na luta pela sua revogação, o movimento estudantil, que atravessava, naturalmente, uma fase de reorganização, como consequência da perseguição aos seus líderes (os

¹⁰⁴ Idem, pp. 47, 48.

¹⁰⁵ Idem, p. 59, 60; Lei nº 4.464 do dia 9 de novembro de 1964. Site do Senado. Disponível em: <legis.senado.gov.br/norma/546315/publicacao/15666866> Acesso em 28 de jun. 2019.

¹⁰⁶ SANTANA, Flávia de Angelis. *Atuação política do Movimento Estudantil no Brasil: 1964 a 1984*. 249 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007. p.71.

¹⁰⁷ POERNER, Artur José. *O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*. 4ª ed. (ilustrada, revisada, ampliada e atualizada). São Paulo: Centro de Memória da Juventude, 1995, p. 214.

membros da diretoria que se encontravam à frente da UNE, sob a presidência de José Serra, em 1º de abril de 1964, estavam no exílio, na prisão ou desaparecidos). As manobras e declarações do ministro da Educação apressaram, na verdade, essa reorganização, porque, revolvendo as cinzas do movimento estudantil, fizeram ressurgir as chamas da rebelião.¹⁰⁸

Maria Paula Nascimento Araujo ressalta que, no primeiro momento do governo militar o principal alvo da repressão não foram os estudantes, mas as lideranças sindicais e operárias. O movimento sindical e operário foi fortemente atacado pela repressão militar.¹⁰⁹ Rodrigo Patto Sá Motta corrobora com Maria Paula Nascimento Araujo afirmando que:

Depois dos sindicatos e das organizações de trabalhadores rurais, as instituições universitárias foram os alvos prioritários das ações repressivas. Na visão dos vitoriosos de 1964, as universidades haviam se tornado ninhos de proselitismos das propostas revolucionárias e de recrutamento de quadros para as esquerdas. Ali se encontraria um dos focos principais da ameaça comunista, o perigo eminente de que o Brasil deveria ser salvo, e que mobilizou muitos, sobretudo nas corporações militares, a se levantar em armas contra o governo de Goulart, acusado de tolerar ou, pior ainda, de se associar aos projetos revolucionários.¹¹⁰

No momento do golpe, houve um número de 20 mil a 30 mil pessoas que foram detidas, a maioria delas soltas logo depois, ficando em maio de 1964 aproximadamente 3 mil pessoas encarceradas. Muitas buscaram proteção nas embaixadas, mas devido a grande procura, não houve abrigo suficiente para todos e as pessoas começaram a buscar a casa de amigos e parentes que morassem distantes das grandes cidades. Porém, a tarefa de sair dos centros urbanos não foi algo fácil, porque foram instaladas barreiras policiais nas entradas de acesso às grandes cidades.¹¹¹ Muitas pessoas em total desespero e medo começaram a se livrar de possíveis “provas” que tivessem qualquer inclinação de esquerda e começaram a “queimar documentos e ocultar livros, sobretudo os de orientação marxista. Houve casos de livros enterrados, enviados a parentes insuspeitos”.¹¹²

Motta também afirma que havia uma justificativa para a atitude de algumas pessoas de esconder ou queimar seus livros, porque os policiais sempre procuravam nas estantes dos suspeitos quaisquer livros que pudessem servir como uma evidência de envolvimento com a subversão. A “operação limpeza” citada pelo autor, em muitos momentos também resultava na depredação de bibliotecas particulares por parte da polícia. As bibliotecas de instituições públicas também sofreram com o expurgo dos livros, mas os estoques das livrarias e editoras foram os que mais sofreram. Conforme Motta, “como os agentes da ordem nem sempre

¹⁰⁸ POERNER, Artur José. Op. cit., pp. 214, 215.

¹⁰⁹ ARAUJO, Maria Paula Nascimento. “Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias”. Op. cit., p.155.

¹¹⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 23.

¹¹¹ Idem, p. 26.

¹¹² Idem, p. 27.

conseguiram identificar livros subversivos, às vezes apreendiam textos anódinos, apenas em razão da capa vermelha ou de um sobrenome estrangeiro”.¹¹³ A prática policial de apreender os livros trouxe muitos conflitos dentro dos círculos de poder, portanto, para alguns parlamentares, esta atitude

contrariava o caráter “democrático” do movimento de 1964, lançado supostamente para salvar o país do totalitarismo de esquerda. O próprio presidente Humberto de Alencar Castello Branco teria reclamado ao ministro da Guerra, Arthur da Costa e Silva, dos oficiais que se prestavam ao papel de expurgar livros.¹¹⁴

Após a diretoria da UNE ter ido para a clandestinidade, devido à Lei Suplicy, um espaço se abriu para uma nova geração de diretores nesta entidade. Para a UNE permanecer viva, foi necessário à criação de Diretórios Acadêmicos (DAs) paralelos aos oficiais, ou seja, a criação de entidades livres. Segundo Araujo,

Apesar de extinta, a UNE ainda era um símbolo político importante. Estudantes que militavam na AP começaram a reorganizar a entidade logo depois de 1964. Greves, manifestações e passeatas eram convocadas em nome da entidade, que continuava elegendo seus presidentes e realizando clandestinamente seus congressos.¹¹⁵

Também foi possível ver durante a ditadura uma intensa perseguição aos professores das universidades públicas do país. Em seu depoimento, o historiador Orlando de Barros¹¹⁶ afirma que havia agentes da polícia política que se infiltravam dentro das universidades e assistiam as aulas. Eles atrapalhavam as aulas e causavam um enorme mal estar e desconfiança em todos os presentes, logo, entre alunos e professores prevalecia um sentimento de estarem sendo vigiados por pessoas que poderiam espionar e delatar ao governo informações que servissem de motivos para possíveis prisões. Mas os infiltrados não se resumiam apenas na polícia, porque conforme Orlando de Barros, também ocorria de ter professores, funcionários e alunos “que haviam sido recrutados a serviço da ditadura”.¹¹⁷

Muitos docentes se tornaram alvos de acusações que muitas vezes não procediam com a realidade vivenciada pelos acusados, também ocorria que denúncias eram feitas por pessoas

¹¹³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária”. Op. cit., p. 27.

¹¹⁴ Idem, p. 23.

¹¹⁵ ARAUJO, Maria Paula Nascimento. “Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias”. Op. cit., p. 157.

¹¹⁶ Orlando de Barros foi aluno da Universidade do Estado da Guanabara no começo dos anos 1960, tornou-se professor da mesma instituição em 1965, em 1966 passou em um concurso para ser professor da Universidade Federal Fluminense e lecionou naquela instituição por 12 anos até 1978. Foi professor da UERJ (antiga UEG) durante todo o regime militar e atualmente é professor aposentado, porém ainda orienta alunos da pós-graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e mantém a sua vida acadêmica produzindo livros e artigos. Ver: BARROS, Orlando de. “Depoimento”. *Revista Maracanan*. n. 11, dez. 2014, p. 111.

¹¹⁷ Depoimento de Orlando de Barros a Revista Maracanan, in Idem, p. 111.

que queriam assumir posições de destaque na carreira através dos expurgos. Professores que faziam parte da direita universitária também faziam denúncias de alunos. Conforme Motta:

Houve também muita adesão oportunista, com pessoas que se aproveitavam da situação para aderir e abrir espaços de poder e carreira em meio aos expurgos. [...] pessoas que em outras circunstâncias teriam dificuldade de ascender na carreira universitária viram na adesão aos novos mandatários preciosa oportunidade, sobretudo porque os expurgos geravam posições vagas a serem ocupadas.¹¹⁸

Devido a suspeitas de envolvimento com o comunismo, professores e até reitores tiveram seus empregos colocados em risco, alguns foram presos, outros aposentados e também houve o pedido de demissão por parte de reitores que não concordavam com a invasão de militares no espaço acadêmico e com as ordens do governo para que eles denunciasses, demitissem ou expulsassem os estudantes que estivessem ligados ao comunismo. Também foram vistas pessoas de confiança do governo assumindo a frente das reitorias. Motta também afirma que ocorreu que alguns estudantes ficassem detidos nas delegacias policiais por muito tempo ao ponto de perder as suas matrículas nas universidades por falta.¹¹⁹

Sobre a detenção de estudantes nas delegacias, Orlando de Barros complementa informando em seu depoimento que, no caso da Universidade do Estado da Guanabara (UEG), havia uma tentativa por parte dos professores de evitar que os alunos, detidos pela polícia por muitos dias, perdessem o ano letivo por falta. Em suas palavras:

Ainda que eu insista em dizer que a UEG (o nome UERJ data de 1979, seis anos antes do fim da ditadura), é preciso dizer que o clima era pesado. Os diários eram checados para constatar se certos alunos estavam recebendo presença, quando estavam "sumidos", isto é, quando estavam presos pela repressão. Havia um professor responsável por isso, O. F., um sabujo perfeito, de cuja filha fui professor. Apanhado em falta, muitas vezes o professor procurava Wilson Choeri, que o admoestava e, em geral, perdoava a "falta".¹²⁰

Ao falar da perseguição dos militares aos estudantes e professores é interessante relembrar que, durante a ditadura militar, a Doutrina de Segurança Nacional (DSN) teve um papel de destaque. Segundo Nilson Borges, a DSN surgiu nos Estados Unidos no período da Guerra Fria. Ela chegou ao Brasil vinda pelas mãos de militares brasileiros que tinham estagiado nas academias militares norte-americanas e trouxe uma influência estadunidense sobre os oficiais das Forças Armadas.¹²¹ Nas palavras do pesquisador, a DSN:

¹¹⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. "As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária". Op. cit., p. 37, 294.

¹¹⁹ Idem, passim.

¹²⁰ Depoimento de Orlando de Barros a Revista Maracanan, in BARROS. "Depoimento...". Op. cit., p. 113.

¹²¹ BORGES, Nilson. "A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares". In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais*

Serviu como a base ideológica do regime militar implantado em 1964 e contribuiu para a formação do aparato de informações da nova ordem institucional. O Serviço Nacional de Informações, o SNI, foi sintomaticamente criado logo após o início do governo de Castelo Branco, e em fins dos anos 1960 foram implantados órgãos de informações dentro das três forças singulares, como o Centro de Informações do Exército, o Ciex, e o Centro de Informações da Aeronáutica, o Cisa. A Marinha, força mais antiga, desde os anos 1940 já mantinha o seu próprio serviço de informações, o Cenimar – Centro de Informações da Marinha.¹²²

Por este motivo, o autor afirma que durante a ditadura, a Doutrina de Segurança Nacional deu muita importância para a segurança interna, por isso, surgiu no interior do aparelho militar e também fora dele os serviços de informação ligados à inteligência militar, que tratavam de política interna e externa e também guardavam todo e qualquer tipo de informação. Nas palavras do autor,

Nesse caso, os serviços de inteligência militar, mais focados nos civis, assumem uma superioridade no bloco do poder, tendo em vista, principalmente, sua função de coleta, análise e julgamento das informações e, ainda, por serem eles que determinam as técnicas e estratégias (ação também) de suprimir os inimigos do regime.¹²³

Carlos Fico complementa revelando que, a espionagem feita pelos órgãos de informação do Sistema Nacional de Informações (SNI) trouxe graves consequências para aqueles que entravam na lista dos envolvidos com subversão.¹²⁴ De acordo com o autor:

‘Técnicas de suspeição’, isto é, maneiras encontradas pelos agentes para ‘provar’ que alguém era culpado de ‘subversão’. A mais usada era a reiteração: anotava-se na ficha de alguém um primeiro ‘indício’ (a simples frequência a uma reunião, por exemplo) e, nos meses e anos seguintes, acrescentavam-se outras ‘informações’, muitas vezes simples cogitações, que iam, assim, compondo um perfil nebuloso de suspeição em torno do acusado – que nem ao menos tinha notícia da acusação. Em resumo, elegia-se *a priori* o suspeito e providenciava-se a culpa depois.¹²⁵

Durante o governo militar, os princípios, fundamentos e conceitos da Doutrina de Segurança Nacional chegaram até as escolas e incluíram disciplinas obrigatórias: Educação Moral e Cívica (EMC), Organização Social e Política do Brasil (OSPB) e Estudos dos Problemas Brasileiros (EPB). As novas disciplinas tinham como objetivo:

Criar uma mentalidade nos estudantes, com toda a força ideológica, no sentido de transformá-los em reprodutores da Doutrina. Assim, a base ideológica do regime

em fins do século XX. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (Col. O Brasil Republicano. v.4), pp. 31-35.

¹²² Idem, pp. 31, 32.

¹²³ Idem, p. 35.

¹²⁴ FICO, Carlos. “Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (Col. O Brasil Republicano. v.4), p. 180.

¹²⁵ Idem.

militar perpassa todos os seguimentos da sociedade civil, exceção feita às camadas populares, o que é justificável, uma vez que uma das primeiras medidas dos militares foi afastar as classes subalternas dos núcleos de participação e decisão políticas.¹²⁶

Ao olharmos para as tentativas dos militares de implantar na memória nacional, que é “a forma mais completa de uma memória coletiva”,¹²⁷ uma ideologia fundamentada na Doutrina de Segurança Nacional. Podemos afirmar, baseados em Pollak, que esta iniciativa também representou uma tentativa dos militares de estruturar na memória nacional certas hierarquias e também classificações, definindo na memória de determinados grupos sociais padrões que podiam ser interpretados por estes grupos como comuns em relação a aquilo que já havia sido definido por eles.¹²⁸

A luta do movimento estudantil contra a política educacional defendida pela ditadura nos mostra que os estudantes tinham a consciência da importância da educação para a construção da identidade brasileira. Por meio da alfabetização, da linguagem (comunicação) e da capacitação dos professores – três aspectos indivisíveis da educação – o discente se torna um ser consciente de sua função na sociedade, não como mero objeto da história, mas como sujeito dela.¹²⁹ Por este motivo, ao observar a relação entre a educação e a construção da identidade do homem, é possível afirmar que um modelo educacional brasileiro defendido pela ditadura influenciaria a memória coletiva das futuras gerações da sociedade brasileira, porque para Michael Pollak, há uma relação muito estreita entre a memória – como fenômeno construído social e individualmente – e o sentimento de identidade.¹³⁰ Nas palavras do autor, a memória é “um *elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.¹³¹

Ao falarmos sobre memória coletiva e sentimento de identidade, podemos nos reportar ao caso da Escola Superior de Guerra (ESG) que foi criada em 1949 pelo exército brasileiro e que se tornou um baluarte da luta anticomunista e também uma forte defensora do liberalismo de modelo norte-americano. Podemos afirmar, baseados em Nilson Borges, que a ESG foi uma grande responsável para que a DSN pudesse fazer parte da ideologia da ditadura, porque lá era ensinado que o país corria perigo e precisava se proteger dos comunistas. Os cursos

¹²⁶ BORGES, Nilson. Op. cit., p.38.

¹²⁷ POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. Op. cit., p. 1.

¹²⁸ Idem.

¹²⁹ CARDOSO, Ana Cristina Bornhausen; FREITAS, Adriana J. Ribeiro; RIBEIRO, Raquel Freitas Sampaio. “Construção da identidade pela leitura da palavra”. *Cadernos de Pós-Graduação Letras*, São Paulo. v.5, n.1, 2005, passim.

¹³⁰ POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. v.5, n.10, 1992, p. 204.

¹³¹ Idem.

oferecidos pela ESG inicialmente eram dirigidos pelos militares, mas ao longo dos anos ela começou a receber civis “notadamente profissionais liberais, empresários, magistrados, sindicalistas, professores universitários e dirigentes de órgãos públicos”.¹³² Complementamos estas informações com Luís Claudio Duarte que afirma que, a ESG “não é uma unidade militar destinada ao emprego da força ou da repressão diretamente. É uma instituição de pesquisa, ensino e extensão. É lugar de produção e difusão de doutrinas de ideologias”.¹³³ Logo, podemos afirmar que a Escola Superior de Guerra fundamentou e reforçou na sociedade brasileira “os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais”.¹³⁴

Além de modificar o que era ensinado dentro de sala de aula com a inclusão das disciplinas EMC, OSPB e EPB,¹³⁵ a ditadura perseguiu as principais entidades e as lideranças do movimento estudantil fazendo-os desenvolver inúmeras estratégias para manter a UNE em atividade política entre os estudantes de todo o país. Em seu depoimento, Luís Raul Machado¹³⁶ conta sobre os métodos utilizados pela direção da UNE para sobreviver à perseguição dos militares e dos grupos anticomunistas. Os líderes estudantis buscavam sempre estar em contato com os estudantes, eles iam de sala em sala nas universidades das principais capitais do país, estavam presentes nas passeatas estudantis e nas assembleias de estudantes. O dinheiro recolhido nestas assembleias e nas salas de aula servia para que eles pudessem viajar para outros estados ou cidades de ônibus, também era usado para dar assistência aos estudantes de diversos estados.¹³⁷ Luís Raul Machado também relata que:

A UNE passou a ter um presidente e nove vices, a utilização de nomes frios para a comunicação interna da diretoria (correspondência ou telefonemas) e a orientação de presença de diretores nos estados o maior tempo possível. Sem sede, sem patrimônio, sem infra-estrutura que não fosse a das entidades estaduais e de base, sem arquivos, a diretoria da UNE era um grupo de dez pessoas disponíveis para viagens e contatos através do Brasil.¹³⁸

Franklin de Souza Martins complementa estas informações afirmando que a UNE era considerada entre os estudantes do Rio de Janeiro e os que faziam parte da União Metropolitana dos Estudantes (UME), a entidade que representava os estudantes em âmbito nacional. A UNE tinha uma representatividade muito forte no Rio de Janeiro, tinha uma participação ativa nos eventos relacionados ao Movimento Estudantil, participava ao lado da UME das reuniões dos Diretórios Centrais dos Estudantes (DCEs), estava presente e

¹³² BORGES, Nilson. Op. cit., p. 36.

¹³³ DUARTE, Luiz Claudio. “A Escola Superior de Guerra e o discurso democrático”. *Diálogos*, Maringá. Online, v.18, n.1, jan.-abr. 2014, pp. 147-172, p. 148.

¹³⁴ POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. Op. cit., p. 1.

¹³⁵ BORGES, Nilson. Op. cit., p.38.

¹³⁶ Vice-presidente da UNE de julho de 1967 até abril de 1969. Cf. SANTOS, Nilton. Op. cit., p. 55.

¹³⁷ Depoimento de Luís Raul Machado a Nilton Santos, in SANTOS. “História da UNE...”. Op. cit., p. 58.

¹³⁸ Idem.

discursava em todas as manifestações. Porém, por estar na clandestinidade, a UNE não tinha uma estrutura própria, tendo que se sustentar nas estruturas da UME e das Uniões Estaduais dos Estudantes (UEEs). A União Nacional dos Estudantes utilizava-se dos recursos dos DCEs e dos Diretórios Acadêmicos que, por estarem na legalidade, possuíam muito mais recursos do que ela. Porém, mesmo fazendo uso da estrutura de outras entidades para manter-se erguida, a UNE mostrou que a sua influência entre os estudantes era forte quando ela se apresentava como uma organização estudantil. Durante este momento em que o movimento estudantil estava em constante crescimento, a UNE teve dois principais líderes: Luiz Travassos e José Roberto Arantes.¹³⁹

Quanto a forma da UNE manter os seus vínculos com os estudantes, Luís Raul Machado conta em seu depoimento que entre 1967 e 1968 ocorreram diversas reuniões de estudantes, com alguns encontros regulares, quando foi possível ver a União Nacional de Estudantes dos cursos de Medicina, Serviço Social, Geologia e de outros cursos promovendo congressos que reunissem alunos, professores e profissionais das respectivas áreas para que todos pudessem manter o vínculo com a UNE que era a entidade de representatividade nacional da categoria estudantil.¹⁴⁰

Flávia de Angelis Santana afirma que, “o movimento estudantil estava procurando se aprofundar no estudo da realidade brasileira para que pudesse, com isso, entender a sua própria realidade e adequar suas estratégias de luta”.¹⁴¹ Para a autora, a atitude dos estudantes de procurar compreender a realidade brasileira era feita “com o intuito de adequar as transformações da universidade às necessidades da sociedade”.¹⁴² Sobre os motivos de luta dos estudantes, encontramos na publicação do jornal *Tribuna da Imprensa* do dia 9 de julho de 1968, as palavras de Luiz Travassos: “O movimento estudantil mobilizou-se na luta por verbas; fomos às ruas, fomos reprimidos, e o movimento extra pulou [*sic*] para uma luta contra a ditadura e o imperialismo”.¹⁴³ Também podemos afirmar que, antes das manifestações contra a violência e repressão policial entrarem no topo da lista de luta estudantil, a crítica aos acordos MEC-Usaid já ocupava um lugar de destaque. Para Araujo, ao mesmo tempo em que este acordo tinha como objetivo alcançar o projeto de crescimento econômico do país, idealizado pelos militares, por meio de relações diretas com os Estados Unidos, ele também

¹³⁹ MARTINS, Franklin. “Lutar é preciso e é o mais importante: A grande herança de 1968 quarenta anos depois”. In: GROppo, Luís Antônio. et al. (Org.). *Movimentos juvenis na contemporaneidade*. Recife: Universitária da UFPE, 2008, pp. 33, 34.

¹⁴⁰ Depoimento de Luís Raul Machado a Nilton Santos, in SANTOS. “História da UNE...”. Op. cit., p. 59.

¹⁴¹ SANTANA, Flávia de Angelis. Op. cit., p. 84.

¹⁴² Idem, p. 95.

¹⁴³ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 9 de julho de 1968, p. 2.

Tinha por objetivo introduzir no Brasil o modelo educacional norte-americano. Os estudantes brasileiros entenderam esta iniciativa como uma ingerência injustificada e descabida dos Estados Unidos na educação brasileira e denunciaram o aspecto tecnicista que enxergavam no acordo. Também denunciaram a submissão ideológica e intelectual dos Estados Unidos implícita neste acordo.¹⁴⁴

A preocupação dos estudantes em relação a educação nacional resultou em anos de luta pela reforma universitária e em inúmeros motivos de luta que foram sendo acrescentados nas pautas do movimento estudantil a cada momento em que o regime militar endurecia. Conforme Flávia de Angelis Santana, “em julho de 1968, foi organizado um grupo de trabalho para elaborar um anteprojeto de reforma universitária”.¹⁴⁵ Havia também um alto índice de alunos excedentes nas universidades no ano de 1968. Os alunos excedentes eram os jovens aprovados nas provas de ingresso nas universidades públicas, mas que não eram matriculados por falta de vagas, esta condição trazia uma grande revolta e insatisfação entre os estudantes aprovados. Em contrapartida, para tentar conter a insatisfação estudantil, o governo pressionava os reitores das universidades para abrir mais vagas, porém as universidades não contavam com meios disponíveis nem recursos financeiros para aumentar o número de vagas.¹⁴⁶

Dessa forma, ao olharmos para o ano de 1968, podemos afirmar que ele foi um ano marcado por agitações, conflitos e protestos estudantis, não apenas no Brasil, mas em muitos outros países: França, México, Itália, Japão, Egito, Alemanha, Senegal, Inglaterra, EUA, Tchecoslováquia, Bélgica, Holanda, Suécia, Polônia, Iugoslávia.¹⁴⁷ Conforme Ridenti, os eventos que marcaram o ano de 1968:

estiveram diretamente marcados pelas repercussões da Guerra do Vietnã: do Brasil ao Japão, da Tchecoslováquia ao México, da Itália à Austrália, da França aos Estados Unidos. Essas repercussões ganhavam sentido um pouco diferente, conforme a conjuntura local de cada país ou região em que se espalhavam os protestos contra a guerra, ou ainda de acordo com os setores distintos da população de cada país.¹⁴⁸

Naquele ano foi possível ver estudantes e operários unidos na França reivindicando variadas pautas de luta assim como: por melhorias nos direitos trabalhistas, redução de horas de trabalho, maior liberdade dentro das universidades, pela implantação de um regime socialista na França e retirada do presidente De Gaulle. No México, a Praça dos Três Poderes

¹⁴⁴ ARAUJO, Maria Paula Nascimento. “Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias”. Op. cit., p.158.

¹⁴⁵ SANTANA, Flávia de Angelis. Op. cit., p. 105.

¹⁴⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Op. cit., p. 96, 252.

¹⁴⁷ RIDENTI, Marcelo. “1968: rebeliões e utopias”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). *O Século XX – O tempo das dúvidas: do declínio das utopias às globalizações*. 2.ed. Volume III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002, pp. 142, 153, 154.

¹⁴⁸ RIDENTI, Marcelo. Op. cit. pp. 137, 138.

em Tlateloco foi palco de um massacre quando centenas de estudantes foram brutalmente assassinados pela polícia e cerca de 1,5 mil pessoas foram presas. Nos EUA, foram vistas em diversas cidades manifestações de estudantes contra a Guerra do Vietnã e contra o alistamento obrigatório de jovens para servir na Guerra, também vemos o surgimento do movimento *Black Power* e das reações de comunidades negras em revolta pelo assassinato do líder político e pastor batista Martin Luther King, também houve um crescimento do movimento alternativo e pacifista *hippie*. No mundo também foi possível ver o aumento de grupos de luta armada. Houve também uma mudança na relação entre homens e mulheres com o fortalecimento do movimento feminista e o uso de anticoncepcionais. Maiores foram as reações de contestação por parte dos jovens acompanhado pelo aumento no uso de drogas como maconha e LSD e em uma maior liberdade sexual.¹⁴⁹

Percebemos que o movimento estudantil brasileiro de 1968 acompanhou este espírito contestador que pairava por diversos países do mundo. Para Marcelo Ridenti, o ano de 1968 iniciou com uma série de manifestações no Brasil. Os estudantes lutavam por um ensino público gratuito para todos e de qualidade, mais verbas para a pesquisa, lutaram contra a ditadura e o cerceamento das liberdades democráticas aplicado pelo regime ditatorial.¹⁵⁰ As principais Ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro, Presidente Vargas, Rio Branco e Uruguaiana foram palco de inúmeros conflitos entre estudantes e policiais, contando em alguns momentos com a participação especial de civis insatisfeitos com as arbitrariedades do regime militar e com a violência policial aplicada em estudantes, populares e jornalistas, assim como aconteceu na “Semana Sangrenta” em junho de 1968. O presidente do Brasil naquela época era o general Costa e Silva, ele foi um personagem importante no momento do golpe militar de 1964. No dia 2 de abril, Costa e Silva já havia criado o “Comando Supremo da Revolução”¹⁵¹ e a partir daquele momento, os militares assumiram a presidência da república.

Ainda sobre Costa e Silva, Artur José Poerner afirma que o general garantiu que não iria excluir os estudantes da vida pública caso ele vencesse as eleições, mas após o início do seu governo, a UNE permaneceu na ilegalidade, seus líderes na clandestinidade e não havia

¹⁴⁹ Idem, pp. 135, 136, 139-141, 154. Sobre a união entre estudantes e operários na França podemos encontrar maiores informações das manifestações e organização do movimento estudantil e operário francês no documentário: Paris 68 – Revolta Estudantil. Canal Curta. (1h37m14s). Arquivo pessoal do Professor Orlando de Barros (IFCH-UERJ).

¹⁵⁰ Idem, Op. cit., p. 150.

¹⁵¹ Comando Supremo da Revolução foi uma junta militar que assumiu o governo após o golpe de 1964, ela era formada por três membros: o brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo (Aeronáutica), o vice-almirante Augusto Rademaker (Marinha) e o general Arthur da Costa e Silva, naquele momento como representante do Exército. Ver. LEMOS, Renato Luís do Couto Neto e. “Artur da Costa e Silva”. In: ABREU, Alzira Alves de. et al. (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010, p. 7.

nenhum otimismo, nem confiabilidade por parte dos estudantes em relação às suas promessas. Nas palavras do pesquisador, para o movimento estudantil, o governo de Costa e Silva era apenas uma continuidade da ditadura implantada por Castelo Branco, porque estudantes continuaram sendo espancados, processados e presos em todas as regiões do país.¹⁵² Além destes indicativos, Poerner ressalta que existiam razões mais sólidas para que o movimento estudantil tirasse tais conclusões do governo de Costa e Silva, as argumentações dos estudantes eram que

Além da manutenção da Lei Suplicy-Aragão e dos Acordos MEC-Usaid, também a situação caótica da universidade foi mantida, depois de 15 de março de 1967, e até mesmo agravada, não sendo implantada qualquer reforma pelas novas autoridades; o presidente Costa e Silva demonstrou acolhimento à tese de transformação das universidades brasileiras em fundações particulares.¹⁵³

Para Poerner, o sentimento de insatisfação da juventude brasileira em relação as medidas tomadas por Costa e Silva em seu governo era um sentimento mais do que justo, porque neste governo houve uma redução nos recursos destinados à educação que tinham como origem o Orçamento da União, “isso para não falar na repressão ao movimento estudantil – prática que o novo governo desenvolveu com a mesma brutalidade policial do anterior”.¹⁵⁴ Esta condição na qual o movimento estudantil se encontrava resultou na permanência dos estudantes na resistência à ditadura com as suas greves e passeatas de protesto contrárias ao governo de Costa e Silva.

Dessa forma, o conflito entre estudantes e policiais nas ruas do Rio de Janeiro foi algo que se destacou em muitos momentos na imprensa carioca durante aquele ano. Mesmo ainda em vigência da Lei Suplicy de Lacerda em 1968, a categoria estudantil no Rio de Janeiro permanecia organizada pelas suas principais entidades representantes: União Nacional de Estudantes (UNE), União Metropolitana de Estudantes (UME) e também a Frente Unida dos Estudantes do Calabouço (FUEC).¹⁵⁵

Vladimir Palmeira afirma que uma das reivindicações dos estudantes em 1968 era a luta por mais verbas para a educação, luta essa que se transformou em uma forma de evitar as anuidades que desencadeariam na privatização das universidades públicas por meio da sua transformação em fundações.¹⁵⁶ Muitas foram as reivindicações dos estudantes durante a ditadura e quanto mais o regime militar se endurecia, as manifestações e posicionamentos políticos contrários à ditadura aumentavam, resultando em consequências muito negativas

¹⁵² POERNER, Artur José. Op. cit., p. 259.

¹⁵³ Idem, p. 261.

¹⁵⁴ Idem, p. 263.

¹⁵⁵ SARDINHA, Geraldo Jorge. *Calabouço: rebelião dos estudantes contra a ditadura civil-militar em 1968*. São Paulo: Ed. do Autor, 2016, p. 14.

¹⁵⁶ Depoimento de Vladimir Palmeira a Daniel Arão Reis Filho e Pedro de Moraes, in REIS FILHO; MORAES. “1968: a paixão ...”, Op. cit., p. 112.

para os estudantes, assim como terem suas verbas oficiais cortadas pelo governo e ter sofrido forte repressão.¹⁵⁷

Também ocorreu durante a ditadura, inúmeros protestos pela restauração do Restaurante Central dos Estudantes (RCE), conhecido como “Calabouço”. Conforme Geraldo Jorge Sardinha, o RCE foi um

restaurante e centro de apoio de estudantes humildes, fundado por Getúlio Vargas em 1951, frequentado em sua maioria por imigrantes norte-nordestinos, onde surgiram meninos estóicos, pragmáticos e intrépidos – e forjaram-se homens políticos.¹⁵⁸

Suas refeições eram servidas por um valor que eles podiam pagar.¹⁵⁹ Maria Ribeiro do Valle afirma que, naquela época, os estudantes começaram a protestar contra a péssima qualidade da alimentação oferecida pelo restaurante, contra o aumento do valor das refeições e pelo término da obra em andamento no local feita pelo governo.¹⁶⁰ Em relação às péssimas condições do Calabouço, encontramos em uma publicação da Revista *O Cruzeiro* do dia 13 de abril de 1968 uma notícia com o seguinte título: “ATÉ QUE PONTO ESTE RESTAURANTE PODERÁ SERVIR DE EXEMPLO?”. No *lead* desta notícia foi possível ler:

Comer no restaurante dos estudantes passou a ser um suplício para aqueles que necessitavam. A comida empregada vinha do SAPS, na Praça da Bandeira, e era despejada numa caldeira imunda que não funcionava. A água, insalubre, já foi responsável por diversas contaminações entre os estudantes. E eles protestavam por isso.¹⁶¹

Por estes motivos, os estudantes mais pobres que dependiam desta alimentação para manter seus estudos e que se encontravam no Calabouço todos os dias, decidiram fazer uma passeata até a Assembleia Legislativa no dia 28 de março de 1968. Eles sabiam que ali haveria um ato solene e boa parte da imprensa estaria presente, por este motivo, aquele local tornou-se o mais propício para que fosse feita “uma manifestação estudantil de protesto e para fazer pressão no governo. Conforme Elinor Brito, ex presidente da FUEC em 1968, “Não sei se algo transpirou, mas a polícia baixou lá para impedir de qualquer jeito a manifestação. Está tudo contado nos jornais. Tentaram intimidar e realizaram um verdadeiro massacre”.¹⁶² A presença da polícia ocorreu de forma inesperada pegando os estudantes de surpresa, logo, a

¹⁵⁷ SANTANA, Flávia de Angelis. Op. cit., p. 48. As informações apresentadas também podem ser encontradas no documentário: Arquivo N – 40 anos do Golpe de 1964 (Parte2). Direção: Rosa Magalhães, 2004. Globo News. (25m02s). Arquivo pessoal do Professor Orlando de Barros (IFCH-UERJ).

¹⁵⁸ SARDINHA, Geraldo Jorge. Op. cit., p. 6.

¹⁵⁹ Idem, p. 13.

¹⁶⁰ VALLE, Maria Ribeiro do. “O diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar em 1968”. Op. cit., p. 13, 14.

¹⁶¹ Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1968, p. 25.

¹⁶² Depoimento de Elinor Brito a Daniel Arão Reis Filho e Pedro de Moraes, in REIS FILHO; MORAES. “1968: a paixão...”. Op. cit., p. 172.

tentativa de passeata resultou em um dos eventos que marcaram definitivamente a história do Movimento Estudantil no ano de 1968: A morte do jovem Edson Luís de Lima Souto.¹⁶³

Encontramos na obra de Geraldo Jorge Sardinha que¹⁶⁴ Edson Luís foi um estudante secundarista paraense de 18 anos que veio estudar no Rio de Janeiro, ele encontrou no restaurante Calabouço “um abrigo de sobrevivência. Lá comia e, por vezes dormia, em troca de ajudar na limpeza”.¹⁶⁵ Porém, na tarde do dia 28 de março de 1968, Edson Luís foi baleado por um policial militar. Conforme Geraldo Sardinha, naquele dia,

A Polícia Militar Cercou o Calabouço para impedir uma passeata. A tropa chegou às 18 horas brandindo cassetetes. Os estudantes fugiram em duas direções e depois se reagruparam, defendendo-se das investidas dos policiais, os soldados começaram então a recuar e a área fronteira do restaurante ficou deserta. Quando os soldados voltaram vieram atirando, os estudantes fugiram em polvorosa e é nesse momento que acontece o disparo criminoso, o aspirante da PM Aloísio Raposo atira em Edson Luís.¹⁶⁶

A imprensa também noticiou sobre o ocorrido; dessa forma podemos complementar as informações com a notícia publicada pela Revista *O Cruzeiro* que afirmou:

Os soldados da PM, segundo os estudantes, invadiram o recinto e começaram a espancar os presentes. Houve revide. Em meio à luta, fizeram-se disparos de revólver, que feriram Édson e outros estudantes. Ao saírem, os policiais atiraram para o ar, atingindo o comerciário Telmo Matos Henriques, que trabalhava numa firma próxima. O motivo da invasão foi uma passeata de protesto que estava sendo planejada pelos estudantes contra a demora na conclusão das obras do restaurante.¹⁶⁷

Também encontramos na Revista *O Cruzeiro* a informação de que, no dia em que Edson Luís foi assassinado, seu corpo foi levado à Santa Casa de Misericórdia onde foi constatada a morte do jovem rapaz e que logo após, os estudantes levaram o corpo em cortejo fúnebre para a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.¹⁶⁸

Sobre o massacre que ocorreu no restaurante Calabouço, o *Correio da Manhã* afirmou que durante a invasão, os policiais espancaram algumas moças, feriram um estudante, atingiram com uma bala na boca um servidor público do INSS que assistia o confronto da

¹⁶³ VALLE, Maria Ribeiro do. “O diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar em 1968”. Op. cit., p. 13,14.

¹⁶⁴ Geraldo José Sardinha foi militante político juntamente com Elinor Brito e José Dirceu que fizeram parte do PCBR e depois fez parte dos que criaram a FUEC sendo testemunha ocular do que ocorreu no dia 28 de março de 1968 quando Edson Luís foi baleado por um policial no restaurante Calabouço. Ver. SARDINHA, Geraldo Jorge. Op. cit., p. 26, 27.

¹⁶⁵ Idem, p. 64.

¹⁶⁶ Idem.

¹⁶⁷ Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1968, p. 16.

¹⁶⁸ Idem.

janela de sua repartição, ou seja, o saldo naquele dia foi muito maior do que apenas a morte do estudante Edson Luís.¹⁶⁹ O *Correio da Manhã* assim opinou a respeito:

Protesto justo e correto. O CORREIO DA MANHÃ, nesta mesma página, já condenou a inércia em que o Estado vem-se mantendo diante das reiteradas reclamações estudantis. Apesar da legitimidade do protesto estudantil, a Polícia Militar decidiu intervir. E o fez à bala. Há um estudante (18 anos) morto, um outro (20 anos) em estado gravíssimo. Um porteiro do INPS, que passava perto do Calabouço, também tombou morto. Um cidadão que, na Rua General Justo, assistia, da janela de seu escritório, ao selvagem atentado, recebeu um tiro na boca. Este saldo da noite de ontem. Não agiu a Polícia Militar como força pública. Agiu como bando de assassinos. Diante desta evidência, cessa toda discussão sobre se os estudantes tinham ou não razão – e tinham.¹⁷⁰

Para Reis Filho, a morte de Edson Luís serviu como um marco divisório na postura do Movimento Estudantil, que outrora seguia uma política pacífica de não enfrentamento, mas depois deste assassinato começou a agir de forma violenta, agressiva e revidando às violências policiais com o que tinham em mãos.¹⁷¹ Valle complementa afirmando que, a partir daquele momento, “a violência passa a ser respondida pela violência”.¹⁷²

Em seu depoimento, Vladimir Palmeira faz uma análise da postura do movimento estudantil quanto ao enfrentamento com a polícia desde 1964, passando por 1966 e chegando a 1968. Ele afirma que desde 1964 os estudantes fugiam do enfrentamento, mesmo quando as universidades eram invadidas pela polícia ou quando os policiais faziam uso de bombas para reprimir os estudantes. Em suas palavras, “inventamos a tática de dispersar, antes de apanhar, e reconcentrar em outro ponto. Vinha a polícia e nós nos dispersávamos, antes de apanhar, ou apanhando muito pouco, só nas bordas da passeata”.¹⁷³ Ele afirma que, naquele momento, os estudantes tinham o objetivo de apenas fustigar politicamente, porém não queriam violência. Mesmo assim, havia entre os estudantes alguns jovens que incendiavam carros oficiais e atuavam de forma mais agressiva. Contudo, afirma Palmeira, o não enfrentamento entre estudantes e policiais se manteve até o ano de 1968, quando os estudantes começaram a reagir com violência às truculências da polícia armada. Logo, nas palavras do ex-presidente da União Metropolitana dos Estudantes em 1968,

“fomos para o enfrentamento, mas com correção, tivemos que ir para mostrar que queríamos dialogar. Estávamos amplamente cobertos na nossa violência pela

¹⁶⁹ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 6.

¹⁷⁰ *Idem*.

¹⁷¹ REIS FILHO, Daniel Aarão. “1968: o curto ano de todos os desejos”. *Tempo Social – Revista de Sociologia*, São Paulo, v.10, n.2, outubro de 1998, pp.29, 32-34.

¹⁷² VALLE, Maria Ribeiro do. “O diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar em 1968”. *Op. cit.*, p. 25.

¹⁷³ Depoimento de Vladimir Palmeira a Daniel Aarão Reis Filho e Pedro de Moraes, in REIS FILHO; MORAES. “1968: a paixão...”. *Op. cit.*, p. 122.

necessidade de mostrar que queríamos dialogar. Então, escolhemos o momento de usar a violência. Numa hora correta, com a presença e a simpatia da população”.¹⁷⁴

Vladimir Palmeira também afirma que a decisão de enfrentar a repressão “foi uma decisão política, tomada em função da nossa avaliação das condições do país e da força do movimento”.¹⁷⁵

Observando de forma mais detalhada como a imprensa carioca abordou a morte de Edson Luís, podemos perceber que no dia 29 de março de 1968, a maioria dos jornais do Rio de Janeiro deram destaque em sua primeira página a notícia da morte de um estudante chamado Edson Luís. O *Diário de Notícias* em sua primeira página publicou a seguinte manchete principal: “POLÍCIA MATA ESTUDANTE”. A primeira página também veio acompanhada de uma imagem do corpo de Edson Luís que ganhou uma diagramação privilegiada e uma chamada, como podemos ver abaixo:

Figura 1 - Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 1



¹⁷⁴ Idem, pp. 122, 123.

¹⁷⁵ Depoimento de Vladimir Palmeira, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo da ditadura...”. Op. cit. p. 94.

A imagem apresentada pelo jornal em sua primeira página expôs o corpo de Edson Luís morto e velados por vários estudantes ao redor; percebemos também a presença de um menor de idade carregando um caderno escolar e também podemos ver algumas pessoas arrumando o corpo de Edson Luís. A imagem veio acompanhada pelo o seguinte título: “CORPO DE NÉLSON É PROVA DO CRIME” e da legenda:

Na mesa da Assembleia, o corpo de Nelson [sic]. Em torno dele, os colegas dispostos a continuar o protesto contra o assassinio policial. O advogado Sobral Pinto queria enviar o cadáver ao IML e, com o laudo, pedir um IPM sobre a atuação da PM.¹⁷⁶

Da mesma forma, o *Correio da Manhã* também publicou em sua primeira página a manchete: “POLÍCIA MILITAR MATA ESTUDANTE”.¹⁷⁷ Abaixo dela foi possível ver uma imagem que ganhou destaque na primeira página com o jovem Edson Luís morto e sendo velado por muitos estudantes dentro da Assembleia Legislativa, percebemos com a imagem uma movimentação entre alguns estudantes, o corpo de Edson Luís coberto por folhas de caderno escolar e a postura de alguns em volta do corpo como se o estivessem protegendo.¹⁷⁸ Tanto o *Diário de Notícias* quanto o *Correio da Manhã* assumiram posições favoráveis aos estudantes apresentando o caráter violento por parte da polícia em sua primeira página nas manchetes, imagens e legendas. Assim sendo, encontramos na primeira página do *Correio da Manhã* três imagens que comprovam esta afirmação ao observarmos as imagens publicadas na ordem de cima para baixo, podemos ler: na primeira imagem, o título “A DURA PROVA” e a legenda “Corpo de Edson Luís Lima Souto, 18 anos, morto pela PM, foi levado pela Assembleia como prova mesma do crime, e o enterro é hoje à tarde”; na segunda imagem, o título que a acompanhou foi “RÓTULO DA VIOLÊNCIA” e a legenda foi “A polícia continuou repressão na Cinelândia mesmo após assassinato de estudante da FUEC” e a terceira imagem apresentou o título: “SEM DEMAGOGIA” e legenda: “Alunos do Calabouço e populares uniram-se na Assembleia repudiando os carrascos da polícia”.¹⁷⁹

¹⁷⁶ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 1.

¹⁷⁷ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 1.

¹⁷⁸ *Idem*.

¹⁷⁹ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 1.

Figura 2 - Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 1



Também encontramos na primeira página do *Jornal do Brasil* no dia 29 de março de 1968 um destaque dado a morte de Edson Luís. O matutino trouxe como manchete principal “Assassinato leva estudantes à greve nacional” e duas imagens relacionadas ao assassinato. Na primeira imagem, encontramos o título: “A POTÊNCIA DE FOGO” e a legenda: “O cadáver de Edson Luís estava coberto com a Bandeira Nacional, outra do Calabouço e cartazes escritos em folhas de caderno, deixando nu o peito varado a bala”.¹⁸⁰

Figura 3 - Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 1

JORNAL DO BRASIL *ESTESIA*
 Rio de Janeiro — Sexta-feira, 29 de março de 1968
 Ano 72 — N.º 18

A POTENCIA DE FOGO



Edson Luís é levado até a Assembleia Legislativa, onde é exibido ao público. Abaixo na página 1 e 2

Assassinato leva estudantes à greve nacional

A morte do estudante Edson Luís de Lima Rêgo, de 21 anos — estudante do PPA, no Instituto de Física da Universidade do Rio de Janeiro — provocou greve geral de vários Estados da União e a suspensão de aulas em todo o Brasil. O corpo do jovem, que está sendo levado ao Instituto de Física, onde se encontra o corpo de Edson Luís, foi levado ao Congresso Nacional e ao Senado Federal, onde se encontra o corpo de Edson Luís, para ser exibido ao público.

Em Brasília, milhares de estudantes se reuniram para protestar contra o assassinato. Em São Paulo, milhares de estudantes se reuniram para protestar contra o assassinato. Em Rio de Janeiro, milhares de estudantes se reuniram para protestar contra o assassinato.

A FORÇA DA EVIDÊNCIA



Comícios agitados e Assembleia Legislativa, onde foi exibida a camisa ensanguentada do estudante assassinado.

Universitários saem às ruas de 3 países

Em todos três países, os estudantes saíram às ruas para exigir a punição dos responsáveis pelo assassinato. Em São Paulo, milhares de estudantes saíram às ruas para exigir a punição dos responsáveis pelo assassinato. Em Rio de Janeiro, milhares de estudantes saíram às ruas para exigir a punição dos responsáveis pelo assassinato.

ARENA é ouvida sobre vinculação (Página 1)

Brizola fala na TV gaúcha (Página 2)

Scoboda é o candidato do PC tcheco (Página 3)

Já sumiu um F-111 A no Vietnã (Página 11)

Cagarin caiu com avião ultramoderno (Página 2)

Estrangeiro ocupa 20% do Brasil (Página 14)

Ela apresentava a imagem do corpo morto do estudante Edson Luís na Assembleia Legislativa. Abaixo desta imagem, encontramos a seguinte manchete principal: “ASSASSINATO LEVA ESTUDANTES À GREVE NACIONAL”.¹⁸¹ A segunda imagem que ganhou destaque na primeira página apresentou um jovem segurando a camisa de Edson Luís e mostrando a todos os presentes na Assembleia Legislativa. A imagem veio acompanhada pelo seguinte título “A FORÇA DA EVIDÊNCIA” e da legenda: “Comícios Agitaram a Assembleia Legislativa onde foi exibida a camisa ensanguentada do estudante assassinado”.¹⁸² Percebemos na imagem que, enquanto a camisa de Edson Luís era exibida, alguns jovens aplaudiam como forma de protesto contra o assassinato do jovem estudante.

Ao levar o corpo de Edson Luís até o saguão da Assembleia Legislativa, os estudantes colocaram o corpo do jovem morto em um local onde a imprensa pudesse fotografar e as

¹⁸¹ Idem.
¹⁸² *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 1.

peessoas que chegavam a cada instante também pudessem vê-lo.¹⁸³ No depoimento de Luís Raul Machado encontramos que, após a morte do jovem paraense, também foi noticiado pelos jornais paulistas mostrando em “letras garrafais e a foto de Edson morto, com a bandeira do Calabouço e uma bandeja de alumínio com comida a seus pés”.¹⁸⁴

A notícia apresentada na página 18 do *Jornal do Brasil*, “Estudantes protestam e pedem vingança”, apresentou em seu título o sentimento de indignação dos estudantes e informam que o corpo do jovem foi coberto por bandeiras e nelas foram pregadas folhas de caderno escritas “Esta é a justiça da ditadura, pedimos comidas e eles atiram contra nós”.¹⁸⁵ Líderes do movimento estudantil como Elinor Brito (presidente da FUEC) e Vladimir Palmeira (presidente da UME) fizeram discursos, assim como relatou o jornal dizendo que Elinor Brito “iniciou os discursos com lágrimas nos olhos, clamando por vingança contra o assassino do colega”¹⁸⁶ e que as palavras de Vladimir Palmeira foram

eles nos ensinam que devemos também usar a violência em nossas reivindicações. Somente com violência atingiremos nossos ideais, pois a ditadura faz sentir todo o seu poderio para reprimir as manifestações populares.¹⁸⁷

Com as palavras de Vladimir Palmeira, podemos concluir que, mesmo ele tendo uma postura mais pacífica em relação à luta estudantil, naquele momento, ele mostrou em seu discurso que começava a aceitar a possibilidade dos estudantes atingirem os seus ideais por meio de uma reação mais violenta que a truculência policial.

Em relação ao jornal *O Globo* do dia 29 de março de 1968, encontramos na primeira página três manchetes, uma das quais fazia referência à morte de Edson Luís: “Estudante morre a tiro no Calabouço”.¹⁸⁸ A primeira página também trouxe duas colunas que nos mostram uma tentativa do jornal de apresentar uma imagem positiva do governador da Guanabara Negrão de Lima em relação ao ocorrido: a primeira tentava isentar o governador de qualquer responsabilidade na morte de Edson Luís, ignorando o fato de que a Polícia Militar estava subordinada às ordens do Governador. Assim, encontramos o título: “A tragédia de ontem” e a segunda apresentava os esforços do governador em investigar o que ocorrera e tentou reforçar a imagem de pesar por parte do governador em ordenar a suspensão

¹⁸³ Idem, p. 18.

¹⁸⁴ SANTOS, Nilton. *Op. cit.*, p.60.

¹⁸⁵ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 18.

¹⁸⁶ Idem.

¹⁸⁷ Idem.

¹⁸⁸ *O Globo*. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 1.

das aulas em todas as escolas do Rio de Janeiro em sinal de luto pela morte de Edson Luís.¹⁸⁹ Assim como podemos ver na imagem abaixo:

Figura 4 - *O Globo*. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 1

Suspensas as aulas em tôdas as escolas do Rio

Diário J. do P.C. edição vespertina

CORAÇÃO DE MULHER BATE COM VÁLVULAS DE PORCO

O GLOBO

ESTABELECE SEUS NOVOS QUARTIS

1968 (128) - Rua de Faria, 45 - Friburgo, 10 de março de 1968 - R\$ 12,000

O geral disponível

Estudante morre a tiro no Calabouço

Funerais de herói para Yuri Gagarin

RUSSOS AUMENTAM REMESSAS A HANOÍ

A tragédia de ontem

Governador demite, instaura inquérito e cancela aulas

Onibus contra carro: família inteira morta

Na coluna “A tragédia de ontem” encontramos afirmações por parte do jornal sobre o governador que revelam um posicionamento favorável da linha editorial do vespertino em relação a Negrão de Lima. Logo, foi possível ler:

Governa a Guanabara um político ponderado, adversário tradicional da violência. Essa circunstância dá aos cariocas uma certeza: a de que a tragédia será plenamente investigada, com isenção e honestidade. E que os responsáveis por ela serão entregues à justiça.¹⁹⁰

¹⁸⁹ *O Globo*. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 1.
¹⁹⁰ *O Globo*. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 1.

Na página 14, o jornal *O Globo* publicou a seguinte manchete “Estudante morto à bala em conflito com a PM” acompanhado de três imagens. Na primeira, vemos o corpo de Edson Luís rodeado de estudantes e parte do seu corpo coberto com a bandeira da FUEC,¹⁹¹ mas o peito onde ele foi atingido pela bala estava descoberto, acompanhado pela seguinte legenda: “Os estudantes invadiram o prédio da Assembleia Legislativa com o corpo de Edson nos braços e depositaram-no numa mesa no saguão de entrada, onde ficou exposto até quase o fim da madrugada”.¹⁹²

Figura 5 - *O Globo*. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 14



Na segunda imagem vemos uma moça discursando no velório de Edson Luís, com a legenda: “No saguão, estudantes se sucediam em discursos diante do cadáver”¹⁹³ Nota-se na imagem abaixo a participação ativa e representatividade política de estudantes mulheres no movimento estudantil.

¹⁹¹ A imagem da bandeira da FUEC pode ser vista em uma fotografia tirada por Vangli Figueiredo presente no artigo: PESCIOTTA, Natália. “50 anos depois de velório histórico, estudantes voltam à Cinelândia: Geração atual encontrou colegas de Edson Luís em ato emocionante”. *Site da UBES*. Publicado em: 29 de março de 2018. Disponível em: <<http://ubes.org.br/2018/50-anos-depois-de-velorio-historico-estudantes-voltam-a-cinelandia/>>. Acesso em: 28 dez. 2019.

¹⁹² *O Globo*. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 14.

¹⁹³ Idem.

Figura 6 - O Globo. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 14



A terceira imagem trouxe uma foto de Edson Luís antes do disparo fatal da polícia, acompanhada pela legenda com o nome completo do estudante. Interessante observar nesta foto que Edson Luís estava de óculos escuros e com a aparência séria. Ao observar a imagem selecionada pelo jornal para esta publicação, podemos afirmar que o jornal retratou Edson Luís não como um estudante, mas como um indivíduo de caráter duvidoso e procurado pela polícia.¹⁹⁴

Figura 7 - O Globo. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 14



Interessante destacar que, a Revista *O Cruzeiro* publicou no dia 13 de abril de 1968 a mesma imagem apresentada acima, porém de modo diferente da apresentada por *O Globo*. Na

¹⁹⁴ *O Globo*. Rio de Janeiro, 29 de março de 1968, p. 14.

página 29 da Revista *O Cruzeiro* de 13 de abril temos a seguinte manchete: “Ele era seu filho” e como *lead* encontramos:

O tiro que matou um estudante no Rio atingiu também esta mulher, a muitos quilômetros de distância. Chama-se D. Maria Souto, a mãe de Edson Luís. Numa casa velha num subúrbio de Belém, ela curte sua tristeza ao lado dos dois filhos que lhe restam. Por que mataram seu filho, isso não lhe interessa. Interessa-lhe que seu filho morreu. Com uma bala no peito.¹⁹⁵

Em sua primeira página, a Revista *O Cruzeiro* deu destaque ao assassinato de Edson Luís e a publicação do dia 13 de abril de 1968 também apresentou 20 páginas que fizeram referência ao triste ocorrido. Entre estas páginas, percebemos que a revista semanal e ilustrada deu total destaque, em 10 páginas de sua publicação, para imagens que apresentavam os estudantes como vítimas e possíveis alvos da violência policial e o profundo sentimento de luto que tomou conta da família de Edson Luís, do movimento estudantil e da população.¹⁹⁶ A Revista semanal e ilustrada deu total destaque a morte de Edson Luís em sua primeira página com a manchete “SANGUE E ÓDIO NO MUNDO SEM PAZ”, acompanhada de uma imagem da tia de Edson Luís chorando ao lado do corpo do rapaz, tendo por título “Ele poderia ser seu filho” e a primeira página também apresentou um *lead* escrito em caixa alta com destaque para o fato de Edson Luís estar desarmado, ser estudante e ter levado um tiro no peito.¹⁹⁷

Figura 8 - Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1968, p. 1



¹⁹⁵ Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1968, p. 29.

¹⁹⁶ No total, foram 20 páginas que a Revista *O Cruzeiro* fez em referência a morte de Edson Luís : 01, 14-17, 19-33.

¹⁹⁷ Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1968, p. 1.

Na página 30 desta mesma publicação, encontra-se a manchete com o título “EDSON” e acompanhada por três imagens da senhora Maria Souto, mãe de Edson Luís, abalada emocionalmente ao saber da morte do filho.¹⁹⁸ A mãe não pode comparecer ao enterro do filho porque morava muito longe, no estado do Pará, mas suas tias, seu tio e primos estiveram presentes no enterro.¹⁹⁹

Figura 9 - Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1968, p. 30



Junto de seu cunhado, Arthur Silva, D. Maria Souto sabe que perdeu algo de si.

Aqui, um de seus sobrinhos. Que talvez seja pequeno demais para compreender tudo.

Na expressão amargurada desta mulher pode-se avaliar a dor de um filho perdido.

Abaixo da imagem foi possível ler algumas informações que apresentam ao leitor da Revista quem era esta mulher. Uma mãe pobre, sofrida, de mãos calejadas de tanto trabalho, em prantos ao saber da morte do filho e com um sentimento de culpa por tê-lo deixado ir para São Paulo estudar “para um dia ser doutor”. Ela relembra o quanto Edson Luís tinha de sonhos e projetos para melhorar de vida e tirar a família daquela condição, assim como havia prometido a sua mãe antes de sair de casa em busca do sonho. A revista afirmou que, além da oportunidade de lutar pelos seus sonhos, ao chegar na capital, Edson Luís se deparou com inúmeras dificuldades, principalmente a falta de dinheiro. Portanto, tornou-se mais um estudante pobre a reivindicar melhorias no único restaurante onde ele conseguia pagar para se alimentar e morreu tentando obter uma alimentação de qualidade.²⁰⁰

Ao observar o destaque dado pela Revista *O Cruzeiro* à morte de Edson Luís e a forma emotiva e sentimental que o periódico apresentou o sofrimento de sua mãe ao deixar seu filho estudar na capital em busca de uma vida melhor. Além de dar total destaque em sua primeira página ao ocorrido e publicar informações e imagens em 20 páginas de sua tiragem do dia 13

¹⁹⁸ Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1968, p. 30.

¹⁹⁹ Idem, p. 25.

²⁰⁰ Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1968, p. 30.

de abril de 1968, é interessante destacar o caráter contraditório da revista quando observamos a sua história e a comparamos com a publicação apresentada. No momento em que estudamos a história da Revista *O Cruzeiro*, descobrimos que ela fazia parte da empresa Diários Associados, cujo proprietário era Assis Chateaubriand, um ferrenho anticomunista.²⁰¹ Chateaubriand foi um dos maiores apoiadores do golpe de 1964 durante o seu período de articulação civil-militar. Assim, todos os seus veículos de comunicação, que faziam parte dos Diários Associados, deram total apoio ao golpe de 1964. Nas palavras de Velasquez, Assis Chateaubriand participou ativamente na conspiração do golpe de 1964 e

através da figura de Davi Nasser, que além de principal redator tornou-se diretor, a revista ocupou-se em atacar principalmente o deputado Leonel Brizola, acusando-o, em artigos semanais, de corrupção”.²⁰²

Portanto, podemos afirmar que a Revista *O Cruzeiro* agiu de forma contraditória ao seu histórico de apoio aos militares, como é possível confirmar ao ler a publicação do dia 13 de abril de 1968 que apresentou, com um extremo apelo à sensibilidade do seu leitor, o caráter repressivo e violento da polícia contra os estudantes e os reflexos desta violência sobre a família das vítimas.

Ao pesquisar as publicações da Revista *O Cruzeiro* e compara-las com as do jornal *O Globo*, podemos afirmar que o vespertino apresentou os eventos do dia 28 de março de forma bem diferente da revista semanal e ilustrada quando lemos a publicação do dia 30 de março de 1968. Na primeira página, o vespertino *O Globo* apresentou a imagem do aspirante da PM Aluísio Raposo que foi acusado de ter sido o autor do disparo que matou Edson Luís; acompanhando a foto do aspirante veio o título em caixa alta “NÃO MATEI” e a legenda também em caixa alta “ASPIRANTE ALUÍSIO RAPÔSO, ACUSADO DE TER MORTO O JOVEM EDSON, DISSE A ‘O GLOBO’ QUE NEM ELE NEM OS SEUS 25 HOMENS FIZERAM QUALQUER DISPARO”.²⁰³

²⁰¹ FERREIRA, Marieta de Moraes. “Assis Chateaubriand”. In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CHATEAUBRIAND,%20Assis.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2019, p. 5.

²⁰² VELASQUEZ, Muza Clara Chaves. “O cruzeiro”. In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <[https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CRUZEIRO%20O%20\(DHBB\).pdf](https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CRUZEIRO%20O%20(DHBB).pdf)>. Acesso em: 3 out. 2019, p. 9.

²⁰³ *O Globo*. Rio de Janeiro, 30 de março de 1968, p. 1.

Figura 10 - *O Globo*. Rio de Janeiro, 30 de março de 1968, p. 1

Intelectuais soviéticos enfurecem Brejnev

ANO XXIII - Rio de Janeiro, sábado, 30 de março de 1968 - N.º 13.180

O GLOBO

FUNDADOR DE IRINEU MARINHO
DIRETOR-GERENTE: ALBERTO FERRETTI
DIRETOR-DE-REDAÇÃO: JOSÉ CARLOS DE ALMEIDA

DUAS COMISSÕES
APURAM A MORTE
DO JOVEM EDSON



Depoimento de estudantes: Edson Luís não foi preso, grande maioria pagou o resgate

NÃO MATEI



A afirmação de Aluísio Raposo, acusado de ter matado o JOVEM EDSON, na página 7 de "O GLOBO". O GLOBO não faz parte do T.S.E. O T.S.E. NÃO VIGILAN O GLOBO. (Linha 1)

1
Raposo não se lembra de ter matado Edson Luís, mas afirma que viu o jovem sendo agredido por um grupo de estudantes. Ele afirma que não reagiu e que apenas se protegeu.

2
Edson Luís foi morto por um grupo de estudantes em um restaurante em Brasília. O jovem estava com um amigo e um policial. O grupo de estudantes exigiu o resgate de Edson Luís e o policial não reagiu.

3
O policial Aluísio Raposo afirmou que não matou Edson Luís, mas que viu o jovem sendo agredido por um grupo de estudantes. Ele afirmou que não reagiu e que apenas se protegeu.

GENERAL DEPÕE: SÓ EXIGI RIGOR

Era um menino!



A mulher é a mãe do jovem Edson Luís, que foi morto em Brasília. Ela afirma que o filho era um menino e que não queria que ele fosse preso.



Violências e bandeira vietcong em Brasília

A polícia não reagiu às violências dos estudantes em Brasília. O grupo de estudantes exigiu o resgate de Edson Luís e o policial não reagiu.

Na página 6 da mesma publicação, o vespertino publicou o depoimento do policial que afirmava que ele e seus homens não foram responsáveis pela morte de Edson Luís. No depoimento do policial Aluísio Raposo que foi publicado pelo *O Globo*, ele afirmou que seus 25 homens foram vítimas da violência dos estudantes, que eles foram atingidos por pauladas ao ponto de seus capacetes terem sido destruídos, ele também afirmou que enquanto estavam sendo agredidos, os policiais não reagiram, eles apenas se protegeram, causando muitas feridas nas mãos resultantes de suas tentativas de se proteger das pauladas e pedradas desferidas pelos estudantes. O policial Aluísio Raposo também afirmou que se retirou com seus homens dos arredores do Calabouço para aguardar o reforço da polícia, também afirmou que ao perceber que estava perdendo o controle da situação, ele se retirou dos arredores do Calabouço e nem ele, nem seus homens entraram no restaurante.²⁰⁴

²⁰⁴ *O Globo*. Rio de Janeiro, 30 de março de 1968, p. 6.

Interessante destacar que, entre os periódicos selecionados para esta dissertação, o jornal *O Globo* foi o único periódico que isentou a polícia da culpa por ter matado o jovem estudante. Logo, deu destaque em sua primeira página e trouxe o depoimento do policial acusado de assassinato para afirmar que a polícia presente nos arredores do Calabouço não foi a autora do disparo que matou o estudante Edson Luís, que ela não entrou no restaurante e que mesmo sendo agredida por estudantes, nenhum dos policiais reagiram sendo apenas vítimas das agressões dos estudantes naquele dia, ou seja, um depoimento bastante diferente do que foi apresentado pelos outros cinco periódicos pesquisados para esta dissertação.

Ao estudarmos a morte de Edson Luís percebemos o quanto se tornou importante para a história do movimento estudantil devido a sua repercussão nacional, que mobilizou vários setores da sociedade, principalmente no meio estudantil, em diversos estados.²⁰⁵ O enterro de Edson Luís foi no dia 29 de março e reuniu muitas pessoas, mobilizando passeatas de solidariedade em diversas cidades do Brasil, como Belo Horizonte, São Paulo, Niterói, Brasília, Paraná, Recife, Curitiba.²⁰⁶ Encontramos na obra de Zuenir Ventura as palavras de Vladimir Palmeira sobre aquele enterro. Conforme o ex-presidente da União Metropolitana dos Estudantes, o enterro de Edson Luís,

Foi o espetáculo mais impressionante que eu vi em minha vida”, recorda Vladimir, ele que participou de quase todos naquele ano. “Aquele sol tremendo e as pessoas chegando sem parar, com flores, rosários: crianças de escolas primárias, freiras, mães, padres, alunos de colégios, professoras levando turmas, pessoas inclusive de direita. Crianças de sete e oito anos, ao lado de mães, velhos, donas-de-casa se exprimindo politicamente pela primeira vez.²⁰⁷

Segundo Arthur Poerner, a morte de Edson Luís trouxe um clima emocional aos setores da população, que ficaram mais propícios a uma união com os estudantes e contra a ditadura. A integração dos estudantes com o povo surtiu um enorme crescimento, resultando numa grande força para o Movimento Estudantil – que tinha como principal entidade representante em âmbito nacional a UNE – trazendo grandes reflexos para os acontecimentos que ocorreriam no mês junho de 1968.²⁰⁸

Na imprensa, encontramos como destaque na primeira página do *Correio da Manhã*, uma notícia que relatou como foi o enterro do jovem Edson Luís, que mobilizou grande parte da população da Guanabara levando para as ruas “centenas de milhares de pessoas”.²⁰⁹

²⁰⁵ REIS FILHO, Daniel Aarão. “1968: o curto ano de todos os desejos”. Op. cit. pp. 29, 32-34.

²⁰⁶ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 de março de 1968, p. 1; *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de março de 1968, p. 1.

²⁰⁷ VENTURA, Zuenir. Op. cit., p. 98.

²⁰⁸ POERNER, Artur José. Op. cit. p. 270-272.

²⁰⁹ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 de março de 1968. p. 1.

Durante três horas, o caixão do jovem foi carregado e o *Correio da Manhã* comparou este enterro ao de Getúlio Vargas, que também levou milhares de pessoas para as ruas. De acordo com o *Correio da Manhã*, no momento em que o caixão baixava à sepultura, mais de 50 mil pessoas testemunharam o juramento prestado por milhares de jovens que estavam presentes e prometiam “Neste luto a luta começou”.²¹⁰ Também encontramos nesta mesma publicação que,

Durante o trajeto levantaram-se centenas de faixas, todas em violentos protestos de ‘Fora Assassinos’, ‘Abaixo a Ditadura Fascista’ e ‘Brasil, seus filhos morrem por você’. Na Assembleia Legislativa, duas faixas com alusões ao Partido Comunista foram retiradas pelos próprios estudantes. A decretação de uma greve nacional dos estudantes estava sendo debatida, ontem, pelas lideranças da classe em todas as faculdades da Guanabara. O mesmo assunto era tratado nos estabelecimentos de ensino de outras capitais.²¹¹

Percebe-se que a imprensa cobriu com destaque o acontecimento principalmente devido ao grande número de pessoas que compareceram nas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro naquele dia. De fato, pode-se encontrar na Revista *O Cruzeiro* imagens de uma multidão que ocupou as ruas para participar do enterro do jovem estudante. A primeira imagem, localizada na página 16, veio com a seguinte legenda: “Edson Luís teve acompanhamento de gente grande. A foto aérea testemunha o impacto que a morte do estudante causou”.²¹² E a segunda imagem ocupou toda a folha da revista; ela foi colocada ao lado de outra foto tirada do caixão de Edson Luís sendo carregado pelos estudantes no caminho para o cemitério.²¹³

Figura 11 - Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1968, p. 16



²¹⁰ Idem.

²¹¹ Idem.

²¹² Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1968, p. 16.

²¹³ Idem, p. 26.

Figura 12 - Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1968, p. 26



Por ser uma revista semanal e ilustrada, comparado aos demais periódicos observados, a revista *O Cruzeiro* trouxe inúmeras imagens do enterro e do velório na Assembleia Legislativa, como também imagens de pessoas da família do rapaz. Porém, percebe-se que a imprensa carioca publicou em imagens o enorme número de pessoas que o enterro de Edson Luís levou às ruas. Encontramos na imprensa que, entre os presentes nas ruas do Rio de Janeiro, havia uma convicção, a de que “desde o sepultamento de Getúlio Vargas, não houve no Brasil homenagem póstuma da grandeza da que o povo tributou a Edson Luís Lima Souto, brasileiro, 18 anos, *estudante*”.²¹⁴

Em relação aos recursos para o funeral, o periódico também afirma que os estudantes não aceitaram nenhuma ajuda do governo, sendo custeado pelos populares que foram até a Assembleia Legislativa ver o corpo do estudante e deixavam uma contribuição em dinheiro. Também percebe-se o grau elevado de revolta entre os estudantes em relação à polícia, quando durante os discursos dos estudantes na Assembleia Legislativa, em um determinado

²¹⁴ Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1968, p. 25 – *Grifo da fonte*.

momento, um estudante apareceu “trazendo o quepe de um policial. O quepe foi apresentado à massa como símbolo da autoridade constituída, sendo violentamente vaiado. O estudante quebrou o quepe e jogou-o à multidão. Houve um avanço geral e o quepe foi massacrado”.²¹⁵ Também encontramos que ao longo do percurso feito pelo cortejo fúnebre, os estudantes gritavam “Negrão no Paredão”, “1, 2, 3, gorila no xadrez”, “Morreu um estudante. Se fosse um filho seu?”, “Fora com os militares”, “vingança”, “Assassinos”, “O povo perde sangue”, “Artistas com os estudantes”, “Yankees mataram um brasileiro”.²¹⁶

No dia 4 de abril de 1968 realizou-se a missa de sétimo dia da morte de Edson Luís na Candelária, Rio de Janeiro. Naquele dia a polícia investiu com muita violência contra todos, inclusive padres e freiras. Outras cidades do Brasil também celebraram missa de sétimo dia da morte de Edson Luís.²¹⁷

Depois de um mês da morte de Edson Luís, o *Jornal do Brasil*, no dia 4 de maio de 1968, trouxe aos leitores a versão do governo militar. Em uma publicação intitulada: “ANTECEDENTES REVELAM QUEM ERA EDSON LUÍS” apresentava uma má reputação do jovem estudante assassinado pela polícia. O matutino também publicou que, a Secretaria de Segurança Pública da Guanabara havia recebido informações da Secretaria de Segurança do Pará que afirmava que Edson Luís possuía péssimos antecedentes no Estado do Pará, local de sua origem. Conforme o *Jornal do Brasil*, em 1961, o jovem havia sido expulso do Instituto Lauro Sodré, devido a má conduta; depois foi matriculado em um internato especializado em menores delinquentes, o Educandário Nogueira Faria, sendo expulso de lá também. A notícia também afirmava que este jovem possuía um antecedente de mudanças muito grande, saindo da casa de seus pais e indo morar com outras pessoas. Conforme o jornal, a última casa em que Edson Luís havia morado foi deixada por este jovem devido a um furto que ele fez.²¹⁸

Três dias após esta notícia ter sido publicada, o *Jornal do Brasil* fez outra publicação cujo título era: “DEPOIMENTO DA TIA DE ÉDSON NÃO REVELA NADA DE IMPORTANTE”.²¹⁹ no dia 7 de maio de 1968. Nesta segunda publicação o *Jornal do Brasil* afirmou que a tia de Edson Luís, a Sra. Edina Souto Pau Ferro, foi depor sobre a morte do seu sobrinho na sala do 19º procurador de justiça. Conforme o jornal, ao chegar atrasada no local, ela foi informada sobre a existência da reportagem de um “certo jornal” (o *Jornal do Brasil*

²¹⁵ Idem, p. 25.

²¹⁶ Idem, p. 26. Sobre o cortejo fúnebre de Edson Luís também podemos encontrar imagens dos cartazes nos documentários: O dia que durou 21 anos. Produção: PEQUI filmes. Direção: Camilo Tavares. (1h14m25s). Arquivo pessoal do Professor Orlando de Barros (IFCH-UERJ); Vladimir (68) Palmeira - A história sem mitos. Direção: Roberto Stefanelli. (49min.).

²¹⁷ SARDINHA, Geraldo Jorge. Op. cit., passim.

²¹⁸ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 4 de maio de 1968, p. 4.

²¹⁹ Idem, p. 15.

não informou o nome), que havia maculado a imagem do seu sobrinho. Naquele momento a Sra. Edina “discreta, firme nas respostas e revoltada contra o noticiário de que seu sobrinho era um delinquente”,²²⁰ se mostrou inconformada com as acusações feitas contra o seu sobrinho e apresentou ao matutino uma versão completamente diferente da que foi apresentada pelo jornal, afirmando que Edson Luís era: “Um excelente rapaz, que desejava estudar para vencer na vida e ter meios de trazer a sua mãe de Belém para o Rio”.²²¹ Com isto, a mulher refutou todas as acusações feitas pela Secretaria de Segurança, tanto a do Rio quanto a do Pará. Sobre esta notícia, é importante destacar que ela foi intitulada pelo *Jornal do Brasil* de: “DEPOIMENTO DA TIA DE ÉDSON NÃO REVELA NADA DE IMPORTANTE”.²²² Mas, de fato, não foi isso o que aconteceu. Logo, percebemos que o depoimento da tia de Edson Luís foi fundamental para mostrar as intenções do *Jornal do Brasil* em macular a imagem do jovem estudante assassinado.

Podemos afirmar que, na publicação do dia 07 de maio de 1968 o *Jornal do Brasil* fez uso de algumas estratégias para noticiar as palavras da senhora Edina no momento em que ela recebeu a notícia que das acusações de maus antecedentes do sobrinho. Uma das estratégias utilizadas pelo *Jornal do Brasil* foi a de parafrasear o que não era do seu interesse que fosse mostrado e transcrever na íntegra somente aquilo que lhe convinha. As palavras da tia foram parafraseadas, logo, o jornal apresentou que a tia de Edson Luís

não quis fazer nenhum comentário, afirmando que a informação da Secretaria de Segurança não mudava em nada o encaminhamento do inquérito, “pois mesmo que a nota seja verdadeira o que está tentando apurar é quem matou o menor”.²²³

Ou seja, a parte da resposta da senhora Edina Souto Pau Ferro que o *Jornal do Brasil* publicou na íntegra, sem parafrasear, deu ao leitor a ideia de que o depoimento sobre a boa índole do sobrinho não fosse confiável. Em outras palavras, o jornal tentou deixar na mente do leitor a ideia de que a Sra. Edina havia tentado escamotear a má índole do caráter de Edson Luís. Em primeiro lugar, o jornal afirmou que, a tia de Edson Luís havia chegado atrasada para a entrevista; em segundo lugar, vemos que o depoimento da tia de Edson Luís foi “retocado” pelo jornal. Observamos que a afirmação feita pela dona Edina foi posicionada no início da notícia, como está destacado na imagem (Parte 1) e a defesa feita pela tia em relação ao caráter seu sobrinho foi posicionada depois (Parte 2).²²⁴

²²⁰ Idem.

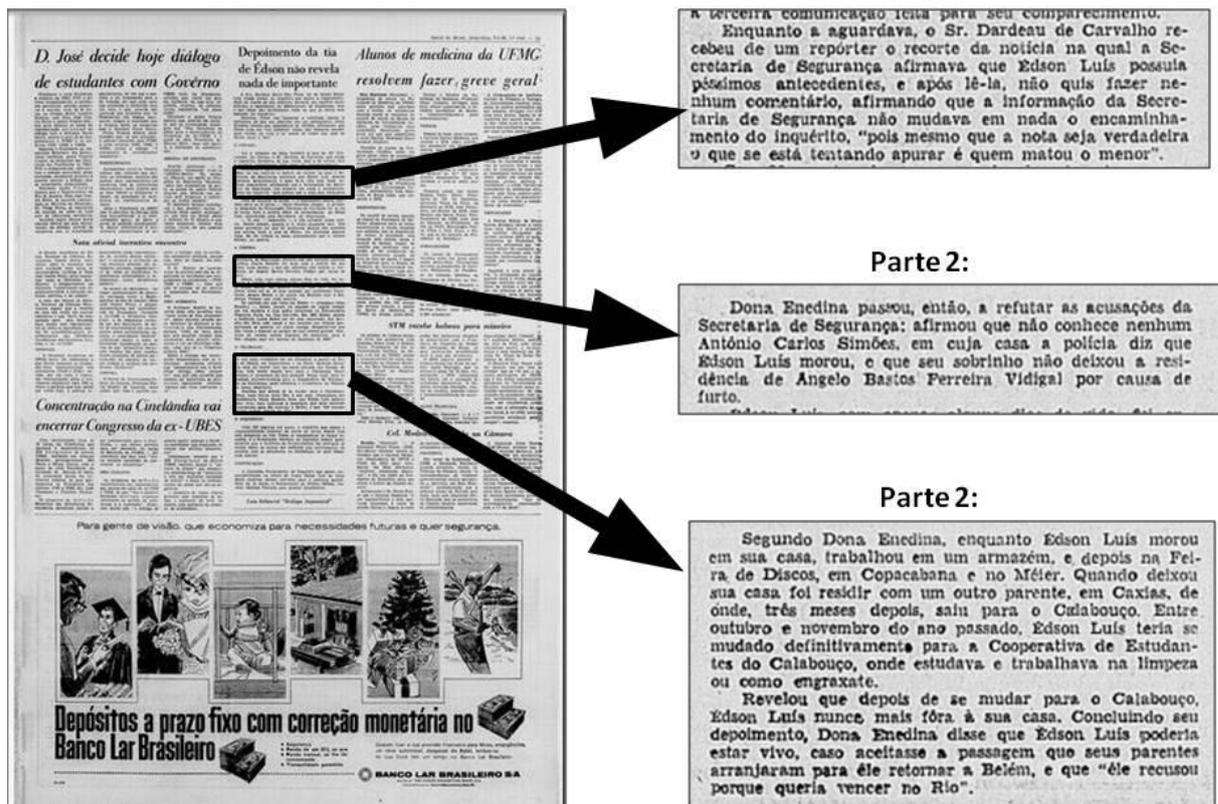
²²¹ Idem.

²²² Idem.

²²³ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 7 de maio de 1968, p. 15.

²²⁴ Idem.

Figura 13 - Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 7 de maio de 1968, p. 15



Com destaque nosso para fragmentos do depoimento de D. Edina, tia de Edson Luís

Observando o posicionamento das informações na notícia apresentada acima, encontramos em Rafael Souza Silva que a diagramação é “a atividade de coordenar corretamente o material gráfico com o material jornalístico, combinar os dois elementos com o objetivo principal de persuadir o leitor”.²²⁵ Corroborando com esta afirmativa, encontramos em Nilton Hernandes que a imprensa escrita se utiliza de estratégias para apresentar uma determinada notícia, destacando algumas informações e ocultando outras.²²⁶ Nilton Hernandes enquadra isso no que chama de quatro “leis” da diagramação, que nos dá a entender que o *Jornal do Brasil* estava enquadrado nos seguintes padrões:

“Tudo o que estiver na parte de cima tem mais valor do que na parte de baixo. A lei é válida tanto para a relação entre unidades noticiosas numa mesma página (ou conjunto de páginas) quanto para elementos de uma única unidade noticiosa”.²²⁷

O autor também afirma que “o início de uma unidade noticiosa é o espaço mais valorizado. Essa lei leva à colocação das principais informações e dos elementos de mais impacto sempre no começo”.²²⁸

²²⁵ SILVA, Rafael Souza. Apud: NETO, Edmundo Mendes Benigno. Por uma história da linguagem visual do jornalismo impresso. In: V Congresso Nacional de História da Mídia. 2007, São Paulo: *Anais...* São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007, p. 2.

²²⁶ HERNANDES, Nilton. Op. cit., passim.

²²⁷ Idem, p. 191.

Em sua primeira página, de 7 de maio de 1968, o *Jornal do Brasil* não trouxe nenhuma informação sobre o depoimento da tia de Edson Luís. Com isso, o jornal mostrou que fez uso deste artifício para “ocultar” algumas informações sobre Edson Luís de seus leitores. Hernandes também apresenta como lei da diagramação que, o fato do jornal não publicar em sua primeira página esta notícia foi uma forma de tentar manipular as informações para o seu leitor. Nas palavras do autor a primeira página é o espaço onde “o enunciador informa o assunto ou assuntos que considera mais importantes na edição”.²²⁹ Estas leis de diagramação, relatadas por Hernandes, nos mostram os artifícios utilizados pela imprensa escrita, para dar um maior ou menor potencial de atenção aos olhos do leitor.

Percebemos ao estudar a história do movimento estudantil que, mesmo com a perseguição, a UNE conseguiu permanecer viva e manteve-se como entidade representante do movimento estudantil em âmbito nacional, mesmo estando ilegal para o regime militar. O ano de 1968 foi marcante para o movimento estudantil porque nele ocorreu eventos como a morte de Edson Luís, a Greve de Osasco (quando os operários tiveram apoio dos estudantes), a “Semana Sangrenta”, a Passeata dos 100 mil, o XXX Congresso da UNE, a prisão dos principais representantes do Movimento estudantil, como as de Luis Travassos (AP) e Vladimir Palmeira (DI-GB) e, como sinal de haver ultrapassado a linha radical, os militares assumiram um controle violento e arbitrário da nação, pois numa fatídica sexta-feira 13, do mês de dezembro, foi aprovado o AI-5.

²²⁸ Idem.

²²⁹ Idem.

2 A DITADURA MILITAR E A IMPRENSA

Sobre a História da Imprensa no Brasil durante o século XX, podemos afirmar que este século trouxe uma série de transformações na economia e na política brasileira que surtiram reflexos na imprensa. Encontramos na obra de Nelson Werneck Sodré que foi possível ver a influência de países estrangeiros em parte da imprensa brasileira através de financiamentos de alguns jornais ou assumindo a direção de periódicos.²³⁰ Também houve neste século o crescimento da burguesia brasileira e a imprensa acompanhou este crescimento trazendo novas técnicas de impressão e posicionando-se como uma empresa capitalista. A passagem de um jornalismo individual para um jornalismo de empresa foi compreendido como um sinal de desenvolvimento. Assim, a partir de 1930, os impressos apresentaram uma maior variedade de modelos de ilustração: charge, fotografia, caricatura. Iniciou o uso de histórias em quadrinhos nas revistas e de jogos de passa tempo e quebra-cabeças. Também houve uma redução do custo de produção dos jornais resultando em um aumento na tiragem de exemplares. Portanto, o tripé indispensável para a sustentação de uma empresa editorial de periódicos começou a erguer-se com a evolução técnica do impresso, o investimento na alfabetização e com o incentivo na aquisição e produção de papel.²³¹

Conforme Alzira Alves de Abreu, durante o período posterior à Segunda Guerra Mundial, “os jornais passaram por grandes transformações, tornaram-se de fato empresas comerciais detentoras de poder econômico e introduziram inovações técnicas, gráficas e editoriais”.²³² Nelson Werneck Sodré também afirma que, a partir deste século, tornou-se “mais fácil comprar um jornal do que fundar um jornal; é ainda mais prático comprar a opinião do jornal do que comprar o jornal”.²³³ A partir de 1950, os editores e donos de jornais começaram a articular decisões para tomar iniciativas com base em interesses financeiros. Encontramos na obra de Ana Luiza Martins e Tânia Regina de Luca, que Francisco Assis Chateaubriand Bandeira de Melo²³⁴, Carlos Frederico Werneck de Lacerda²³⁵ e Samuel

²³⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 288.

²³¹ MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012, pp. 83, 84.

²³² ABREU, Alzira Alves. “Introdução”. In: _____. *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 10.

²³³ SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit, p.276.

²³⁴ Francisco Assis Chateaubriand Bandeira de Melo nasceu no dia 05 de outubro de 1892 em Pernambuco. Sua primeira experiência com o jornalismo foi aos 14 anos, quando escrevia para *O Pernambuco*. Fez faculdade de Direito e mesmo atuando como advogado, não se afastou de suas atividades jornalísticas. Foi redator chefe do *Jornal do Brasil* e correspondente do jornal argentino *La Nación*. Escreveu Crônicas sobre a sua viagem à Alemanha para o *Correio da Manhã*. Comprou em 1924 o periódico *O jornal*, este foi o primeiro veículo impresso adquirido por Chateaubriand, que futuramente faria parte de sua empresa jornalística Diários

Wainer²³⁶ foram personagens importantes para a História da Imprensa no Brasil e que se utilizaram de estratégias para alcançar seus interesses políticos. Assis Chateaubriand usou dos seus meios de comunicação para ajudar a reeleição de Getúlio Vargas. Quando Vargas assumiu a presidência, Chateaubriand foi eleito senador da república. Ana Maria de Abreu Laurenza afirma que Chateaubriand estava “À procura de um amparo institucional que lhe garantisse imunidade a eventuais processos civis e criminais, Chatô insistiu em ser senador da República em 1952”.²³⁷ Observando a participação direta dos donos dos periódicos com a política, nos reportamos para a obra de Héctor Borrat que apresenta o periódico como ator político, que “ao mesmo tempo em que exerce sua influência, ele é objeto da influência dos outros, que alcança um peso de coerção decisiva quando estes outros são os responsáveis pelo poder político”.²³⁸

A segunda metade do século XX foi uma época de crise econômica. Foi possível ver o aumento no preço do papel utilizado nas publicações dos jornais e a escassez da oferta deste material, fatores que trouxeram consequências negativas para os jornais da época. Assim como afirma Nelson Werneck Sodré:

Associados. Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes. “Assis Chateaubriand”. In: ABREU, Alzira Alves de. et al. (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CHATEAUBRIAND,%20Assis.pdf>. Acesso em: 3 out. 2019.

²³⁵ Carlos Frederico Werneck de Lacerda nasceu no Rio de Janeiro no dia 30 de abril de 1914. Foi filho, neto e sobrinho de parlamentares diretamente envolvidos com a política e com a história do Brasil. Inicialmente, seus primeiros artigos foram para o *Diário de Notícias*. Iniciou a faculdade de direito, mas abandonou o curso. Atuou como jornalista escrevendo artigos para muitos jornais até o dia 19 de janeiro de 1947, quando foi eleito vereador representando a legenda da UDN. Foi Deputado Federal de 1955 à 1960 e durante 1960 e 1965 ele foi Governador da Guanabara, sempre representando a UDN. Atuou como político, jornalista, tradutor e escreveu muitos livros. Fundou no dia 27 de dezembro de 1949 o jornal *Tribuna da Imprensa*, órgão muito utilizado para atacar o governo de Getúlio Vargas, Jânio Quadros e João Goulart. Participou ativamente das articulações que resultaram no golpe de 1964. Com os militares no poder, foi perseguido como parlamentar e criou a Frente Ampla. No ano de 1968 teve a sua prisão decretada e seus direitos políticos suspensos por 10 anos por ordem do regime militar. Teve três filhos e morreu no Rio de Janeiro no dia 21 de maio de 1977. Ver: KELLER, Vilma. “Carlos Lacerda”. In: ABREU, Alzira Alves de. et al. (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

²³⁶ Samuel Wainer era judeu. Nasceu no dia 16 de janeiro de 1912. Há controvérsias quanto ao seu local de nascimento. Uns afirmam que ele confessou a Carlos Lacerda que havia nascido na Bessarábia, região localizada no Leste Europeu, atual Romênia e que a sua certidão de nascimento havia sido forjada para que ele pudesse ser dono de um jornal. Outros afirmam que ele nasceu em São Paulo e que somente seus pais eram de origem romena. Estudou no colégio Pedro II e depois fez faculdade de farmácia, mas não exerceu a profissão porque tornou-se jornalista. Foi forte partidário do governo de Getúlio Vargas. Fundou o jornal *Última Hora* em 19 de junho de 1951. Foi deputado Federal até 1962. Seu jornal foi um dos poucos da grande imprensa que não apoiou o golpe de 1964, logo, teve o seu mandato cassado em abril de 1964. Casou-se com Danusa Leão, teve três filhos e morreu no dia 02 de setembro de 1980 em São Paulo. Cf. LEMOS, Renato Luís do Couto Neto e. “Samuel Wainer”. In: ABREU, Alzira Alves de. et al. (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010; MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. Op.cit., p. 192, 193.

²³⁷ MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Op. cit., p. 184.

²³⁸ BORRAT, Héctor. Op. cit., p. 1 – Tradução Nossa.

Como reflexo de “tão brusca e brutal elevação”, inúmeros jornais havia desaparecido; outros haviam comprimido as despesas, reduzindo o número de páginas e dispensando empregados e colaboradores; terceiros continuaram a circular, mas com enormes dificuldades.²³⁹

A pequena imprensa foi a que mais sofreu os reflexos desta crise ao ponto de ter que entregar o controle de seus jornais a empresas estrangeiras de publicidade. Ao assumir a direção na elaboração de notícias destes jornais, as empresas de publicidade estrangeira aproveitaram a oportunidade para divulgar a ideologia capitalista e anticomunista no Brasil. O sentimento anticomunista já era possível ser encontrado na imprensa antes da década de 1960. Porém, é possível percebermos que na década de 1960, isto se tornou mais evidente na maioria dos jornais da grande imprensa. Naquela época, boa parte dos periódicos posicionavam-se claramente como anticomunistas por meio de suas publicações, postura que também era encontrada nos rádios. Uma vez que, o contexto internacional da Guerra Fria havia influenciado a produção dos periódicos em países onde os Estados Unidos tinham forte influência, como no Brasil.²⁴⁰

Na década de 1960, a imprensa associou a figura de João Goulart ao comunismo. Suas publicações facilitaram a construção de uma imagem negativa de Jango no imaginário social brasileiro. Para Marialva Barbosa, o papel do jornalismo durante as décadas de 1950 e 1960 não foi o de contra poder, mas seu papel foi o de poder instituído. A autora também afirma que, a conduta dos meios de comunicação durante estas décadas pode ser observada através de campanhas realizadas com o objetivo de ampliar a voz de determinados grupos políticos na sociedade brasileira.²⁴¹

A modernização da imprensa no Brasil que ocorreu a partir da metade do século XX, sofreu um retardamento durante a ditadura militar: com a diminuição no número de periódicos em circulação, a censura e com a falência e o fechamento de alguns jornais. A crise seria duradoura, pois a imprensa brasileira só voltaria a tomar fôlego a partir da década de 1980.²⁴² No que tange ao ano de 1964 podemos afirmar que, no dia 13 de março de 1964 quando ocorreu o Comício sobre as Reformas de Base, as propostas apresentadas por João Goulart deixaram setores da sociedade civil e militar insatisfeitos e preocupados com os rumos que a nação tomaria caso Goulart não fosse destituído da presidência.²⁴³ A resposta a este comício

²³⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., p.410.

²⁴⁰ MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Op. cit., p. 124.

²⁴¹ BARBOSA, Marialva C. “História Cultural da Imprensa (Brasil – 1900-2000)”. Op. cit., p. 163.

²⁴² MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Op. cit., passim.

²⁴³ FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 282, 283; MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Op. cit., p. 236-238.

veio no dia 19 de março de 1964, na Marcha da Família com Deus pela Liberdade, tendo como “A gota d’água”,²⁴⁴ a “Rebelião dos Marinheiros”, no dia 23 de março de 1964.

A maior parte da grande imprensa se opôs ao presidente participando de uma articulação composta por civis e militares que resultaria em um golpe, iniciado no dia 31 de março e finalizado no dia 01 de abril de 1964, quando os militares assumiram o papel de protagonistas unindo os quatro comandos do exército e seguindo em direção ao Rio de Janeiro para depor João Goulart.²⁴⁵ Conforme Luiz Antônio Dias, o jornal *Folha de S. Paulo* lançou diversas críticas ao comício e afirmou que a sua organização do evento foi feita por aqueles que queriam desestruturar a ordem do país. O jornal *Estadão* cobrou um posicionamento dos militares quanto ao que estava acontecendo. Então, publicou um editorial afirmando que o ocorrido era a última etapa do movimento subversivo chefiado por João Goulart. O jornal incitava as Forças Armadas a tomar uma atitude, antes que Jango, apoiado pelos comunistas, destruísse a ordem política do país. O *Folha de S. Paulo* e o *Estado de S. Paulo* também trabalharam intensamente, desde a posse de João Goulart, para associá-lo aos comunistas.²⁴⁶ Parte da imprensa construiu uma imagem positiva do regime autoritário, transmitiram à população somente informações favoráveis, mostraram os militares como os salvadores da pátria brasileira contra uma eminente ameaça comunista.²⁴⁷ Conforme Ferreira e Gomes, entre os jornais que circulavam naquela época, apenas dois periódicos deram apoio ao governo de João Goulart. Nas palavras dos autores encontramos que,

Goulart só tinha o apoio dos jornais *Última Hora* e *Diário Carioca*. Entretanto, a oposição a Goulart se estendia também à esquerda, aparecendo no jornal da Frente de Mobilização Popular, *Panfletos*, o *jornal do homem do povo*, e do Partido Comunista, *Novos Rumos*. Embora por motivos opostos, ambos criticavam a “moderação” e a “conciliação” de Goulart.²⁴⁸

Para entender melhor a atuação da grande imprensa, que apoiou o golpe de 1964, durante a “Semana Sangrenta” de 1968, torna-se necessário historicizar os periódicos selecionados: *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *O Globo*, *O Cruzeiro*, *Diário de Notícias* e *Tribuna da Imprensa*.²⁴⁹ A apresentação da história de cada um destes jornais pode nos

²⁴⁴ FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. Op. cit., p. 315.

²⁴⁵ Comando Supremo da Revolução foi uma junta militar que assumiu o governo após o golpe de 1964, ela era formada por três membros: o brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo (Aeronáutica), o vice-almirante Augusto Rademaker (Marinha) e o general Arthur da Costa e Silva, naquele momento como representante do Exército. Ver. LEMOS, Renato Luís do Couto Neto e. “Artur da Costa e Silva”. Op. cit., p. 7.

²⁴⁶ DIAS, Luiz Antônio. “A salvação da pátria”. *Revista da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 83, ago. 2012, p. 28-30.

²⁴⁷ MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Op. cit., p.238.

²⁴⁸ FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. Op. cit., pp. 216, 217.

²⁴⁹ LUCA, Tania Regina. Op. cit., p. 132-139; JEANNENEY, Jean-Noel. “A Mídia”. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ-Editoria FGV, 1996, p. 220, 224.

ajudar a estruturar melhor esta dissertação, principalmente pelo fato de utilizarmos a imprensa como fonte e também como objeto de estudo. Para nós, a imprensa é compreendida como fonte porque ela atua como produtora de informações que esclarecem comportamentos e atitudes, assim como afirma Jean-Jacques Becker.²⁵⁰ A imprensa também pode ser usada como objeto de estudo. Para isto, partimos do cuidado destacado por Jean-Noel Jeanneney que afirma:

O estudo das relações de poder, conflitantes ou convergentes, entre os meios de comunicação e o Estado, entre os meios de comunicação e a nação como um todo, não deve se furtar a considerar as instituições de comunicação em si mesmas.²⁵¹

E para isto, também partimos da compreensão que o periódico é um ator político. Assim como afirma Héctor Borrat:

Se como ator político se entende todo ator coletivo ou individual capaz de afetar o processo de tomada de decisões no sistema político, o jornal independente de informações gerais tem que ser considerado como um verdadeiro ator político. Seu campo de atuação é o da *influência*, não é o da conquista do poder institucional ou da sua permanência nele. O periódico põe em ação a sua capacidade de afetar o comportamento de certos atores num sentido favorável a seus próprios interesses: exerce influência sobre o governo, mas também sobre os partidos políticos, os grupos de interesse, os movimentos sociais, o público que compõe a sua audiência. Ao mesmo tempo em que exerce sua influência, ele é objeto da influência dos outros, que alcança um peso de coerção decisiva quando estes outros são os responsáveis pelo poder político.²⁵²

Então, começaremos pelo diário matutino *Jornal do Brasil*,²⁵³ que fez parte de grupo de periódicos da grande imprensa que apoiou o golpe de 1964. O matutino foi fundado no dia 9 de abril de 1891 pelo ex-ministro da justiça Rodolfo Epifânio de Souza Dantas para defender a monarquia que havia sido deposta em 1889. Meses depois de sua fundação, Joaquim Nabuco assumiu a chefia da redação. Naquela época, a sede do *Jornal do Brasil* ficava na Rua Gonçalves Dias, nº 56, no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Com a morte de Dom Pedro II, o matutino lançou uma edição especial em relação a sua morte e isto estimulou o crescimento de uma hostilidade com o governo republicano. Como resultado, a sede do jornal foi invadida. Dantas e Nabuco se sentiram ameaçados e se afastaram da redação do jornal. Porém o periódico continuou em circulação tendo como chefe de redação Henrique de Villeneuve. Em 1893, um grupo ligado a Rui Barbosa comprou o jornal e colocaram Rui

²⁵⁰ BECKER, Jean-Jacques. “A opinião pública”. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ/Editoria FGV, 1996, p. 196; Também encontramos informações sobre a imprensa como fonte em LUCA, Tania Regina. Op. cit., p. 117, 130.

²⁵¹ JEANNENEY, Jean-Noel. Op. cit., p. 224.

²⁵² BORRAT, Héctor. Op. cit., p. 1 – Grifo do autor e Tradução Nossa.

²⁵³ O nome *Jornal do Brasil* foi escrito com “z” até 1893 quando a sua grafia foi alterada por Rui Barbosa e começou a ser escrito com “s” até os dias atuais. Encontrado em: BRASIL, Bruno. *Jornal do Brasil*. Site da Biblioteca Nacional. Publicado em 5 de março 2015, p.3. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-brasil/>. Acesso em: 27 ago. 2019.

Barbosa como redator-chefe. Naquele momento, o periódico passou a defender o regime republicano. Debates inflamados aconteciam para combater o governo de Floriano Peixoto e o presidente ordenou a prisão de Rui Barbosa, que deixou o seu jornal na direção de Joaquim Lúcio de Albuquerque Melo. O *Jornal do Brasil* manteve as publicações de crítica ao governo até o dia em que Floriano ordenou o fechamento do jornal.²⁵⁴

Entre 1894 e 1919, o *Jornal do Brasil* vivenciou uma fase de grande popularidade. Joaquim Lúcio de Albuquerque Melo vendeu o periódico em outubro de 1894 a uma firma chamada Mendes e Cia. Seu novo redator-chefe era Fernando Mendes de Almeida e o secretário de redação Cândido Mendes de Almeida. Em sua apresentação, a nova direção do jornal deixava claro que seu objetivo assegurar o seu apoio aos poderes públicos e sempre que fosse necessário, dar sustentação a autoridade legal. O jornal também afirmava que eles seriam um guarda vigilante contra aqueles que não respeitassem as leis. Paralelamente ao seu interesse em apoiar o governo, o *Jornal do Brasil* também se mostrava interessado em ser um instrumento de defesa da população, dos pobres e oprimidos da nação. Colocando-se disponível para divulgar as suas reclamações, publicar assuntos relacionados ao cotidiano das cidades e assuntos que fossem do interesse das massas.²⁵⁵

Em 1905 o *Jornal do Brasil* construiu uma nova sede na Avenida Central no Rio de Janeiro e comprou novos equipamentos para a sua redação, resultando na instalação do maior parque gráfico da imprensa brasileira, mas os gastos colocaram o jornal em grandes dificuldades financeiras.²⁵⁶ Mesmo com as alterações que surgiram na gráfica do jornal, o matutino permaneceu publicando as notícias de ordem popular, mas sempre evitando publicar notícias que ameaçassem a ordem instituída. Assim, naquele momento, o *Jornal do Brasil* se apresentou mais como um jornal informativo do que de opinião. A preocupação do matutino em publicar informações de interesse popular foi alvo de crítica dos demais órgãos de imprensa que apelidaram pejorativamente o *Jornal do Brasil* de “O Popularíssimo”. A partir da Primeira Guerra Mundial, o jornal vivenciou grandes dificuldades financeiras, principalmente com o enorme encarecimento do papel e pela má administração feita por Mendes e Almeida. Assim, a crise vivenciada pelo órgão diário da imprensa resultou na

²⁵⁴ FERREIRA, Marieta de Moraes. “A reforma do Jornal do Brasil”. In: ABREU, Alzira A. de. *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 141-157; BRASIL, Bruno. “Jornal do Brasil”. Op. cit., pp. 1, 2.

²⁵⁵ Idem, pp. 2-4.

²⁵⁶ MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Op. cit., p. 88; FERREIRA, Marieta de Moraes. “A reforma do Jornal do Brasil”. Op.cit., p. 147.

compra do jornal pelo conde Ernesto Pereira Carneiro, que se tornou definitivamente dono do jornal a partir de 1919.²⁵⁷

Sob a direção de Ernesto Pereira Carneiro, o *Jornal do Brasil* entrou em uma fase de recuperação financeira, atuando de forma mais moderada, evitando publicações que representassem riscos financeiros ao jornal, porque buscava recuperar o prestígio.²⁵⁸ Sobre as ordens de Pereira Carneiro, a equipe do jornal mantinha sempre uma postura que evitasse acusações e críticas para poupar o jornal de prejuízos financeiros. Em 1924, o diretor do jornal Aníbal Freire foi nomeado ministro da Fazenda de Artur Bernardes, o que influenciou ainda mais um posicionamento político moderado em relação ao governo vigente. Com a revolução de 1930, o *Jornal do Brasil* foi reprimido, sua sede foi invadida e fechada, sendo o periódico impedido de circular por quatro meses. Na intenção de reabrir o jornal, Pereira Carneiro convidou Jânio Pombo Brício Filho, que mantinha boas relações com o novo governo, para substituir Aníbal Freire que foi afastado por ter um grande comprometimento com o governo deposto. O *Jornal do Brasil* não tinha simpatia pelo Governo provisório, contudo, manteve-se cauteloso, tecendo poucas críticas ao governo e apoiando a constitucionalização do Brasil. Durante a metade da década de 1930, o matutino sofreu uma grave crise financeira. Como forma de reorganizar as finanças do jornal, Ernesto Pereira Carneiro escolheu José Pires do Rio como diretor-tesoureiro, mas a sua política de controle de despesas provocou muitas divergências internas. Naquele momento, Pires do Rio se esforçou para transformar o periódico em um boletim de anúncios e fazendo o jornal abandonar os temas ligados a política, artes e literatura. Com isto, o *Jornal do Brasil* recebeu o apelido de “Jornal das cozinheiras”, por dar exclusividade aos anúncios classificados em suas páginas. Mesmo assim, o matutino permaneceu mantendo publicações de ordem conservadora e católica, criticando movimentos extremistas tanto de esquerda quanto de direita.²⁵⁹

O *Jornal do Brasil* adotou uma política cordial com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e demonstrou simpatia com a política econômica apresentada por Getúlio Vargas e também com a legislação trabalhista criada por ele. Porém, em 1945, o jornal posicionou-se contrário ao governo devido a luta que o matutino enfrentou em prol da redemocratização. Nas eleições de 1950, o *Jornal do Brasil* manteve-se discreto em relação as eleições presidenciais. Com a vitória de Vargas, o matutino não apoiou as campanhas de

²⁵⁷ FERREIRA, Marieta de Moraes; MONTALVÃO, Sérgio. “Jornal do Brasil”. In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010; FERREIRA, Marieta de Moraes. “A reforma do Jornal do Brasil”. *Op.cit.*, p. 148.

²⁵⁸ *Idem.*

²⁵⁹ FERREIRA, Marieta de Moraes. “A reforma do Jornal do Brasil”. *Op.cit.*, p. 150; FERREIRA, Marieta de Moraes; MONTALVÃO, Sérgio. “Jornal do Brasil”. *Op. cit.*, p. 8.

oposição a Getúlio Vargas feitas por Carlos Lacerda. A atuação de João Goulart no Ministério do Trabalho durante o segundo governo de Vargas recebeu críticas do matutino, porém sem muita radicalização na oposição porque a maioria dos seus leitores eram pessoas que se simpatizavam com Jango.²⁶⁰

Na década de 1950, o *Jornal do Brasil* teve duas enormes perdas. A morte de Pires do Rio e o afastamento de Pereira Carneiro por motivos de saúde e a sua morte. Maurina Dunshee de Abranches Pereira Carneiro, viúva de Ernesto Pereira Carneiro assumiu a direção do jornal e Manuel Francisco do Nascimento Brito, seu genro, comprou novos equipamentos gráficos para o jornal, fornecendo-lhe subsídios suficientes para que o matutino vivenciasse um momento de expansão gráfica. Enquanto Maurina Pereira Carneiro fazia uma viagem para os Estados Unidos em busca de inspiração para a modernização do jornal, o matutino permanecia com sua linha discreta, sem participar ativamente de campanhas eleitorais que envolvessem o governo de Getúlio Vargas, criticou o atentado contra Carlos Lacerda na Rua Tonelero, mas não se manifestou em relação ao pedido de impeachment do presidente Getúlio Vargas e nem apoiou as denúncias feitas por Lacerda contra Vargas.²⁶¹

A segunda metade da década de 1950 marcou o *Jornal do Brasil* com algumas transformações. O periódico já tinha a sua direção composta por M. F. Nascimento Brito, a condessa Pereira Carneiro e Aníbal Freire. O jornalista Odilo Costa Filho também foi convidado para participar da remodelação do jornal. Foi possível ver a contratação de uma nova equipe de jornalistas que trabalharam anteriormente no *Diário Carioca* e no *Tribuna da Imprensa*. Alguns dos jornalistas que fizeram parte desta nova equipe de contratados por Odilo Costa Filho foram: Carlos Castelo Branco, Amílcar de Castro, Ferreira Gullar, Luís Lobo, Hermano Alves, Carlos Lemos, Jânio de Freitas, Wilson Figueiredo e José Carlos de Oliveira e Lúcio Neves.²⁶²

Assim, o *Jornal do Brasil* começou a apresentar uma forma de fazer jornal mais leve e com um charme como no *Diário Carioca* contrastando com uma forma mais agressiva de fazer jornal como era comum identificar no *Tribuna da Imprensa*. Também ocorreram mudanças na parte gráfica do jornal, o número de páginas aumentou, houve uma ampliação do seu noticiário. Em 1957 houve uma mudança substancial no jornal quando uma fotografia foi publicada na primeira página. A partir de então, o uso de fotos foi incorporado

²⁶⁰ Idem, p. 9, 10.

²⁶¹ Idem, pp. 10, 11; FERREIRA, Marieta de Moraes. “A reforma do Jornal do Brasil”. Op.cit., pp. 151, 152.

²⁶² FERREIRA, Marieta de Moraes; MONTALVÃO, Sérgio. “Jornal do Brasil”. Op. cit., p. 11; BRASIL, Bruno. “Jornal do Brasil”. Op. cit., p. 5; FERREIRA, Marieta de Moraes. “A reforma do Jornal do Brasil”. Op.cit., p. 152, 153.

definitivamente no jornal. Também foram eliminados os fios que esteticamente faziam separação entre as colunas dos textos.²⁶³

Durante o governo de Juscelino Kubtschek, o *Jornal do Brasil* assumiu uma posição de crítica à política econômica do governo e acusando-o até de corrupção, mesmo que o seu objetivo ainda fosse evitar publicações com um posicionamento político e partidário explícito.²⁶⁴ Em 1959 a primeira página do jornal foi modificada, saíram os grandes anúncios de classificados para dar lugar ao noticiário com apenas uma pequena faixa de classificados. Um ano depois, os classificados começaram a ocupar um caderno separado, o *Caderno C*. Também foi criado o *Caderno B* que continha informações sobre cinema, teatro e artes em geral.²⁶⁵

A entrada de Alberto Dines como editor do *Jornal do Brasil* entre 1961 a 1973 trouxe para o matutino uma fase de total reformulação, que ficou conhecida posteriormente como a reforma do *Jornal do Brasil*. A partir desta reforma, o diário carioca começou a ocupar uma posição de destaque na lista de periódicos da grande imprensa carioca.²⁶⁶ Conforme Marieta de Moraes Ferreira e Sérgio Montalvão, o *Jornal do Brasil* sustentou durante toda a sua atuação como diário carioca quatro atributos que o definiram como um jornal constitucional, liberal-conservador, católico e defensor da iniciativa privada.²⁶⁷ Sobre as eleições de 1960, Ferreira e Montalvão também afirmam que, o *Jornal do Brasil* não se definiu abertamente, mas apresentou publicações que demonstravam desapontamento com o início do governo de Jânio Quadros através de críticas discretas. Porém, a condecoração do ministro cubano Ernesto Che Guevara foi implacavelmente criticada pelo *Jornal do Brasil*. Em agosto de 1961, Jânio Quadros renunciou a presidência e surgiu na sociedade a questão da posse de João Goulart que era vice presidente de Quadros. A imprensa carioca se dividiu naquele momento entre a legalidade e a implantação de um golpe. O *Jornal do Brasil* naquele momento ficou ao lado da legalidade, mas sofreu duras consequências devido o “lado” que escolheu. O governador do estado da Guanabara Carlos Lacerda censurou os jornais que apoiaram a legalidade e o *Jornal do Brasil* foi um deles tendo 90% de suas matérias censuradas. Assim, o

²⁶³ Idem, p. 11.

²⁶⁴ FERREIRA, Marieta de Moraes. “A reforma do Jornal do Brasil”. Op.cit., p.153.

²⁶⁵ O Caderno B foi o primeiro caderno dedicado exclusivamente a variedades que surgiu na imprensa brasileira. Serviu de modelo para cadernos culturais e segundos cadernos publicados em todo o país. Retirado de: FREIRE, Quintino Gomes. “Jornal do Brasil 1891 – 2010”. Publicado em 14 de julho de 2010. Disponível em: <<http://diariodorio.com/jornal-do-brasil-1891-2010/>>. Acesso em: 22 out. 2017.

²⁶⁶ FERREIRA, Marieta de Moraes; MONTALVÃO, Sérgio. “Jornal do Brasil”. Op. cit., p. 12, 13.

²⁶⁷ Idem, p. 13.

jornal se recusou a circular nestas condições e denunciou as arbitrariedades de Lacerda à Sociedade Interamericana de Imprensa.²⁶⁸

Mesmo sendo contrário ao regime parlamentarista, o *Jornal do Brasil* acabou apoiando esta alternativa como uma saída paliativa para a crise política que havia se apossado do país. Após João Goulart assumir a presidência do Brasil em regime parlamentarista, o *Jornal do Brasil* deu voto de confiança ao recém nomeado presidente. Apoiou a proposta de política externa independente apresentada por Francisco de San Tiago Dantas, recém empossado ministro das Relações Exteriores. O matutino também apresentou uma postura positiva em relação às reformas de base e deu apoio ao governo em relação ao Plano Trienal elaborado por Celso Furtado. Porém, o insucesso do Plano Trienal e o governo ter se posicionado mais à esquerda foi o que faltava para o *Jornal do Brasil* romper definitivamente com João Goulart. Assim, o matutino desaprovou o Comício da Central do Brasil, a Revolta dos Sargentos e a Revolta dos Marinheiros. Por acreditar que a democracia estava ameaçada por uma possível “comunização” da nação, o *Jornal do Brasil* apoiou uma intervenção militar como saída emergencial para restaurar o Brasil da crise política e livrar o país de uma possível guerra civil.²⁶⁹

Encontramos em João Amado que, a partir de 1964, foi possível perceber que o *Jornal do Brasil* se tornou um grande divulgador das políticas adotadas pelo regime, dos triunfos verdadeiros ou falsos alcançados pelos militares e dos personagens que se destacaram durante aquele período. Porém, as opiniões sobre a ditadura eram divergentes entre o corpo de jornalistas do periódico, o que resultou em algumas demissões, assim como o caso do editor de política internacional do *Jornal do Brasil* Newton Carlos. No momento do golpe de 1964, Newton Carlos não estava no Brasil, mas recebeu uma ligação de um dos responsáveis da redação do jornal, Carlos Lemos, avisando que era para ele continuar fora do Brasil por mais um tempo. Ele obedeceu. Depois de um mês, ele retornou ao país, permaneceu por mais três meses e depois foi demitido.²⁷⁰

Conforme Ferreira e Montalvão, das primeiras medidas tomadas pelo governo militar até os Atos Institucionais que antecederam ao AI-5, o *Jornal do Brasil* sempre manteve uma postura favorável e demonstrava que estava dando votos de confiança aos novos presidentes militares. Diante disso, o *Jornal do Brasil* apoiou a posse do general Humberto de Alencar

²⁶⁸ FERREIRA, Marieta de Moraes; MONTALVÃO, Sérgio. “Jornal do Brasil”. Op. cit., p.13.

²⁶⁹ Idem, p. 14.

²⁷⁰ AMADO, João. *Da redação do Jornal do Brasil para as livrarias: Os idos de março e a queda em abril, a primeira narrativa do golpe de 1964*. 249 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008, p. 133, 134.

Castelo Branco à presidência da República. Para o periódico, o Brasil estava em um momento em que era necessário que tivesse um executivo forte que exercesse autoridade e colocasse o país no rumo certo. Ao mesmo tempo, o jornal viu com cautela a cassação do ex-presidente Juscelino Kubitschek. O jornal mantinha uma boa relação com o governo de Castelo Branco, ao ponto do matutino ter dado apoio a Constituição de 1967 e concordar com a permanência do presidente até 1967.²⁷¹ Com o fim do governo de Castelo Branco, o *Jornal do Brasil* posicionou-se de forma mais crítica ao general Artur da Costa e Silva, seu sucessor. Para João Amado, o jornal não fazia uma avaliação negativa quanto a Costa e Silva, mas “fazia uma crítica à Lei de Imprensa implantada pelo antecessor, Castelo Branco, insinuando, porém, que esta lei poderia estar a serviço do seu sucessor e que o novo presidente deveria repudiar a Lei de Imprensa e de Segurança Nacional”.²⁷²

Ferreira e Montalvão afirmam que, para o matutino, Costa e Silva era incapaz de conduzir o Brasil de acordo com a necessidade das articulações políticas que as diferentes facções políticas exigiam naquele momento e também era incapaz de evitar o endurecimento do regime. Portanto, em relação ao Ato Institucional nº 5, o *Jornal do Brasil* apresentou total repúdio. Naquele período, as críticas do jornal concentravam-se mais contra o governo de Costa e Silva do que diretamente contra o regime militar. Após a morte de Costa e Silva e da sucessão de Emílio Garrastazu Médici, o *Jornal do Brasil* voltou a apoiar o governo e a política econômica e financeira do ministro da Fazenda Antônio Delfim Neto.²⁷³

Em seu artigo, o jornalista Mauro Malin que foi repórter do *Jornal do Brasil* em 1968, trouxe algumas informações sobre a equipe de profissionais que trabalharam com ele para o *Jornal do Brasil* durante a ditadura. A equipe trabalhava sob a direção de Odylo Costa Filho que foi chefe de redação do matutino e depois redator até o ano de 1965 quando viajou para Portugal e sob a direção de Alberto Dines, entrou no *jornal do Brasil* como editor-chefe em 1962 ficando até o ano de 1973 quando foi demitido.²⁷⁴ Na lista de pessoas que faziam parte da cúpula do *Jornal do Brasil* encontramos: Carlos Lemos (chefe de Redação); Carlos Castello Branco (principal colunista na área de política); José Silveira (secretário); Paulo

²⁷¹ FERREIRA, Marieta de Moraes; MONTALVÃO, Sérgio. “Jornal do Brasil”. Op. cit., pp. 15, 16.

²⁷² AMADO, João. Op. cit., p. 131.

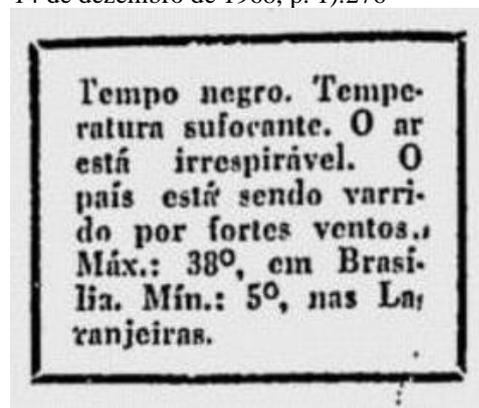
²⁷³ FERREIRA, Marieta de Moraes e MONTALVÃO, Sérgio. “Jornal do Brasil”. Op. cit., p. 16.

²⁷⁴ MALIN, Mauro. “JB em 1968”. *Observatório da Imprensa*. São Paulo, ano 19, n.1051, edição 606. Publicado em: 07 de setembro de 2010. Disponível em: observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/jb-em-1968/ (Acesso em: 27 de agosto de 2019), p. 1; “Biografia de Odylo Costa Filho”. *Site Academia Brasileira de Letras*. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/odylo-costa-filho/biografia>. Acesso em: 18 nov. 2019; “Biografia de Alberto Dines”. *Dossiê Os anos de JK: O Governo de Juscelino Kubitschek*. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/alberto_dines. Acesso em: 18 nov. 2019.

César Araújo, conhecido como PC, Fritz Utzeri, Ramaiana Vaz Vargens, Macedo Miranda, conhecido como Macedinho, Bella Stal, João Batista de Freitas, Tarcísio Baltar, Israel Tabak (repórteres novos); Mário Samuel de Aratanha, Artur Aimoré, Beatriz Bonfim, Mário Lúcio Franklin, Gildávio Ribeiro, Luiz Gonzaga Larqué (repórteres especiais, mais antigos no jornal); Sérgio Noronha (chefe dos copidesques); Entre os copidesques era possível encontrar Marcos de Castro, Anderson Campos, Lobinho, Roberto Quintais, Zola Florenzano, Joaquim Campelo Marques; Entre os responsáveis pela cobertura da cidade era possível encontrar Aloizio Flôres, Juvenal Portela, José Fontes, Wilson Figueiredo (repórter), também faziam parte da equipe Janio Freitas, Hermano Alves, Lúcio Alves, José Carlos de Oliveira e outros.²⁷⁵

Podemos ver que um dia depois da publicação do AI-5, o *Jornal do Brasil*, como os demais jornais, estava sobre censura. Muitas foram as matérias dispersas no jornal para substituir as censuradas. Assim, foi possível encontrar uma nota sobre o clima publicada na primeira página que se tornou muito conhecida e que fazia referência ao clima de endurecimento do regime militar e de censura imposta ao *Jornal do Brasil*, como se vê abaixo:

Figura 14 - Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1968, p. 1).²⁷⁶



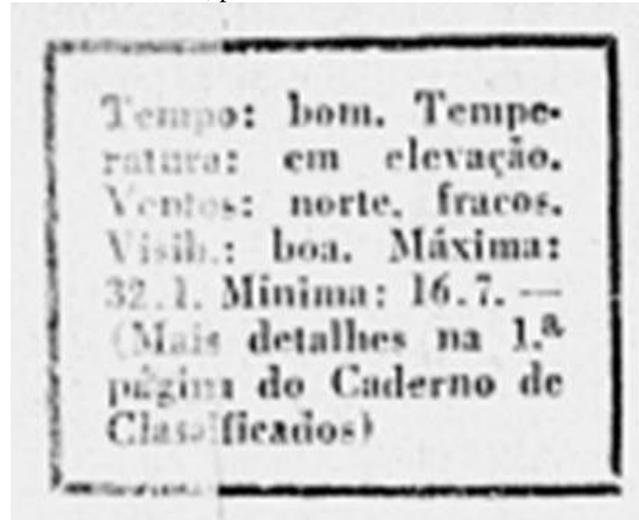
Conforme João Amado, Roberto Quintaes foi o autor do texto publicado pelo *Jornal do Brasil* no dia 14 de dezembro de 1968. Além da informação “Mín.: 5º nas Laranjeiras” que fazia referência ao Ato Institucional nº5 no palácio presidencial, também havia no texto uma

²⁷⁵ Informações em: MALIN, Mauro. “JB em 1968”. Op. cit., p.1; AMADO, João. Op. cit., p. 80, 84.

²⁷⁶ A primeira página do *Jornal do Brasil* com a publicação do dia 14 de dezembro de 1968 não está disponível no site hemeroteca digital. Está disponível a partir da página 2. Logo, a imagem apresentada foi retirada de: “‘Tempo negro. Temperatura sufocante’: a atualidade de Alberto Dines, morto nesta terça aos 86 anos”. Site: *Diário do Centro do Mundo*. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/tempo-negro-temperatura-sufocante-a-atualidade-de-alberto-dines-morto-nesta-terca-aos-86-anos/>>. Acesso em: 19 set. 2019.

referência ao Ato Complementar nº 38, na parte que informou “Máx.: 38º em Brasília”.²⁷⁷ Podemos ver que, o modelo de nota do tempo que o jornal fazia apresentava um padrão de informações bem diferente da que foi apresentada no dia da publicação do AI-5. O modelo apresentado em outras edições do jornal (as anteriores e posteriores ao dia 14 de dezembro de 1968) seguiam o seguinte formato:

Figura 15 - *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1968, p. 1



No mesmo dia que foi publicada a notícia do “tempo negro” pelo matutino o embaixador Sette Câmara, diretor do *Jornal do Brasil*, foi preso pelo regime militar. A prisão do diretor resultou na não publicação da edição do dia anterior do jornal como forma de protesto por parte da Condessa Pereira Carneiro e de Nascimento Brito. Conforme João Amado, o *Jornal do Brasil* manteve-se sempre apoiando os militares e dando um voto de credibilidade as políticas implantadas pelos presidentes militares até o momento em que houve o AI-5. A partir deste momento, foi possível ver uma mudança na redação do jornal que começou a apresentar uma maior preocupação no que estava sendo publicado. O matutino apresentou uma reação contrária a alguns aspectos do AI-5, mas não contra todo o Ato Institucional. Assim, percebemos que começou a haver uma autocensura que partia mais da direção do jornal do que diretamente dos militares. Quanto ao termo “terroristas”, o autor afirma que, quando os movimentos armados começaram no Brasil, este termo foi inicialmente utilizado pela imprensa, principalmente o *Jornal do Brasil*. Em relação a utilização deste termo, João Amado apresenta confrontos nos depoimentos de jornalistas, uns afirmam que a iniciativa de chamar os movimentos armados de “terroristas” partiu do *Jornal do Brasil* e

²⁷⁷ AMADO, João. Op. cit., p. 140; *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1968, p. 1.

outros afirmam que a partir do AI-5, a redação dos jornais receberam um recado por parte do governo para chamar todas as ações armadas praticadas por guerrilheiros de “terroristas”.²⁷⁸

O segundo jornal selecionado foi o *Correio da Manhã*. Em relação a sua história podemos dizer que, ele foi fundado e dirigido por Edmundo Bittencourt no dia 15 de junho de 1901 no Rio de Janeiro. O diário matutino ficou conhecido como: um “jornal de opinião” assim como o seu fundador o chamava. O *Correio da Manhã* se manteve do lado oposto aos republicanos. Por não ter compromisso com nenhuma figura política, o periódico se posicionou durante a sua fundação ao lado das camadas menos favorecidas, contrário ao governo de Campos Sales e ao lado do jornal *O Globo*. O *Correio da Manhã* não se opôs aos levantes militares que aconteceram a partir do ano 1922. Sua postura lhe custou a suspensão de suas atividades entre o mês de agosto de 1924 até maio de 1925. Martins e Luca também afirmam que no ano de 1900 as publicações do *Jornal do Brasil* alcançavam um número de 50 mil exemplares, ou seja, dez anos depois da sua fundação. Paralelamente, o *Correio da Manhã* atingia em 1920 uma base de 40 mil exemplares, vinte anos depois de sua fundação.²⁷⁹

Também foi possível ver, desde o primeiro número publicado pelo matutino, uma campanha feita contra os jogos de azar e denúncias de funcionários públicos que usavam o seu cargo para extorquir comerciantes. Conforme Leal, um dos colaboradores do jornal chamava a atenção do leitor “para os movimentos operários em todo o mundo e para a ação coercitiva das leis brasileiras diante das reivindicações partidas das camadas mais pobres. Além disso, o jornal dava destaque em suas páginas a passeatas e movimentos coletivos”.²⁸⁰ Nelson Werneck Sodré também afirma que, o *Correio de Manhã* caracterizou-se como um jornal de oposição desde o seu surgimento. Sua postura diante da sociedade o permitiu adquirir grande prestígio diante das camadas populares. Em seu artigo de apresentação do periódico, Edmundo Bittencourt reforçou o posicionamento combativo e “de opinião” do matutino, que se propunha a defender a causa e interesses do povo brasileiro, logo, não poderia ser em hipótese alguma um jornal neutro, tornando-se forçosamente um jornal de opinião.²⁸¹

Diferente do *Jornal do Brasil*, que tentava manter um caráter “neutro” na maioria de suas publicações, o *Correio da Manhã*, na sua primeira fase, era dirigido por uma pessoa que

²⁷⁸ AMADO, João. Op. cit., pp. 27, 28.

²⁷⁹ MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Op. cit., p. 101.

²⁸⁰ LEAL, Carlos Eduardo. “Correio da Manhã”. In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010, pp. 1, 2.

²⁸¹ SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., p. 287.

era avessa a posicionamento neutro: Edmundo Bittencourt. No início do século XX, o *Correio da Manhã* comemorou a nomeação de Pereira Passos. Para o periódico, ele era um homem que apresentava características de um bom administrador sem ligações partidárias. Porém, o jornal criticou fortemente a forma violenta como se deu a vacinação contra a varíola, aplicada sob as ordens de Barata Ribeiro, Mauro Sodré e Alexandre Barbosa Lima. Anos depois, durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas, o matutino apresentou uma posição ambígua em relação a Vargas. Em 1932, o jornal publicou notícias que mostravam adesão ao movimento paulista em prol da Constituição, porém, quatro dias depois, o matutino publicou notícias que negavam a tomada de partido por parte do jornal. Durante a discussão do anteprojeto da Lei de Segurança Nacional promulgada em 1935 no decurso do governo de Getúlio Vargas, o matutino suspendeu a circulação por 24 horas em protesto contra a lei.²⁸²

No decorrer do Estado Novo, o *Correio da Manhã*, que na época era dirigido por Paulo Bittencourt e tendo Costa Rego direção da redação do jornal, denunciou aos leitores o golpe aplicado por Getúlio Vargas em 1937. Com o início da censura aplicada por Vargas, o jornal sofreu o cerceamento da liberdade de imprensa. Porém, conforme Carlos Eduardo Leal, o *Correio da Manhã* desenvolveu naquele período um modelo de escrita política sutil com artigos que em alguns momentos o conteúdo político escrito passava despercebido até aos olhos do censor, não sendo assim apreendidos. O modelo desenvolvido ficou conhecido como “estilo de censura” e entre os articulistas que se tornaram destaque nesta técnica de escrita tivemos o jornalista Rodolfo Mota Lima.²⁸³

Em relação à Segunda Guerra Mundial, o *Correio da Manhã* inicialmente oscilou em sua opinião política de um extremo ao outro. No ano de 1939, o matutino defendia que o Brasil deveria posicionar-se de forma neutra em relação a guerra, porque os acordos comerciais entre o Brasil com os países da Europa como a Alemanha não deveriam ser colocados em risco. Porém, em 1940, o *Correio da Manhã* começou a demonstrar uma opinião contrária ao Eixo e mais favorável aos interesses do governo. Para Carlos Eduardo Leal, “É mais provável que, durante a ditadura, o controle da censura sobre a matéria publicada fizesse com que esta refletisse em todos os momentos os interesses do governo”.²⁸⁴ Com o matutino já definido ao lado dos Aliados, em janeiro de 1941, o jornal publicou uma matéria paga da Comissão das Indústrias Britânicas, nela havia um comentário feito por

²⁸² LEAL, Carlos Eduardo. “Correio da Manhã”. Op. cit., pp. 2-9.

²⁸³ Idem, pp. 9,10.

²⁸⁴ LEAL, Carlos Eduardo. “Correio da Manhã”. Op. cit., p. 9.

Oswaldo Aranha em 1940 que favorecia à Inglaterra. Porém, no dia 22 de fevereiro de 1945, o *Correio da Manhã* publicou uma entrevista feita pelo jornalista Carlos Lacerda a José Américo de Almeida que repercutiu nacionalmente. Nela, José Américo criticava o caráter ditatorial do Estado Novo e a sua posição em combater em solo europeu ao lado dos Aliados. Sua ousada entrevista serviu como despertamento para a necessidade de novas eleições e abriu o caminho para o surgimento de uma oposição da imprensa contra o Estado Novo. Carlos Eduardo Leal também afirma que, não houve reação por parte do DIP.²⁸⁵

Com a vitória de Getúlio Vargas em seu segundo governo e a tentativa dos udenistas em invalidar o resultado das eleições favoráveis a Getúlio, o *Correio da Manhã* defendeu a posse de Vargas, porém deixava sempre claro a posição contrária do jornal em relação a atitude de um falso trabalhismo por parte do presidente. Durante o segundo governo de Vargas o matutino exerceu bastante influência sobre os seus leitores opondo-se a muitas das decisões do novo presidente. O *Correio da Manhã* também se opôs ao “Plano Aranha” criado em 1953 pelo novo ministro da Fazenda Oswaldo Aranha com o objetivo de estabilizar a inflação. Quando ocorreu o atentado contra Carlos Lacerda na Rua Tonelero, o *Correio da Manhã* apoiou a investigação da polícia para descobrir os mandantes do crime que assassinou o Major Rubens Vaz, mas que tinha a intenção de tirar a vida de Carlos Lacerda. Em relação ao suicídio de Getúlio Vargas, no dia 24 de agosto de 1954, o matutino não publicou notícias que criticassem o presidente morto, apenas apresentaram o caráter trágico daquele acontecimento.²⁸⁶

Em meados da década de 1950, o *Correio da Manhã* apresentou-se contrário a construção de Brasília por acreditar que o deslocamento da capital poderia trazer ao Rio de Janeiro um esvaziamento político, condição que não seria interessante ao jornal naquele momento devido ao papel que ele exercia na cidade do Rio de Janeiro. O jornal também apresentava preocupações em relação a política financeira adotada por Juscelino. Logo, apresentou-se contrário a esta política financeira e exigiu que o presidente tomasse medidas urgentes em relação a desvalorização do preço dos produtos que o país exportava.²⁸⁷ Até o final da década de 1950, o *Correio da Manhã* foi o matutino com o maior número de tiragem,

²⁸⁵ BRASIL, Bruno. *Correio da Manhã*. Site da Biblioteca Nacional. Publicado em 11 de novembro de 2014, p.5, 6. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/correio-da-manha/>> . Acesso em: 18 nov. 2019; LEAL, Carlos Eduardo. “Correio da Manhã”. Op. cit., pp. 10, 11.

²⁸⁶ Idem, pp. 12-14.

²⁸⁷ LEAL, Carlos Eduardo. “Correio da Manhã”. Op. cit., p. 12, 13.

até o momento em que perdeu esta posição para o *Jornal do Brasil* que o ultrapassou, principalmente depois da reforma gráfica no final da década de 1950.²⁸⁸

Em relação ao governo de Jânio Quadros, o *Correio da Manhã* não agiu diferente de como fez com os demais presidentes. O jornal mostrou-se contrário à condecoração de Ernesto Che Guevara e condenou a renúncia de Jânio no dia 25 de agosto de 1961. Para o jornal, o presidente não apresentou uma justificativa suficientemente plausível para esclarecer a todos sobre a renúncia à presidência da república. Mesmo sem apoiar João Goulart como herdeiro político de Getúlio Vargas, o *Correio da Manhã* manteve a sua tradição legalista ao sustentar a posse de Jango como presidente do Brasil por ser vice de Jânio. Por este motivo, o matutino foi censurado pelo então governador da Guanabara Carlos Lacerda, inimigo mortal de Getúlio Vargas e, conseqüentemente, de João Goulart. No ano de 1963 Paulo Bittencourt morreu e naquele momento o *Correio da Manhã* transferiu-se à viúva, Niomar Muniz Sodré Bittencourt. Sob a direção de Niomar Bittencourt, o matutino manteve seu perfil crítico e político. Lia-se nas páginas do *Correio da Manhã* fortes críticas ao governo de João Goulart e também governador da Guanabara Carlos Lacerda. Carlos Eduardo Leal afirma que, naquele momento o jornal *Correio da Manhã* assumia uma linha política classificada por Edmundo Muniz como liberal-conservadora. Conforme o autor, “Edmundo Muniz afirma peremptoriamente que o jornal não estava a par das conspirações que precederam ao movimento militar de 1964, embora fizesse cerrada oposição ao governo de João Goulart”.²⁸⁹

A forte rivalidade que o matutino apresentou ao governo de João Goulart foi por acreditar que aquela era uma forma de evitar um possível avanço da esquerda, porque colocaria em risco os projetos liberais defendidos pelo jornal. Por este motivo, no dia 31 de março de 1964 o jornal publicou em sua primeira página o editorial “Basta!”. E no dia 01 de abril de 1964, foi publicado em sua primeira página o editorial “Fora!”. Assim, como podemos ver abaixo:

²⁸⁸ CHAMMAS, Eduardo Zayat. *Ditadura Militar e a Grande Imprensa: os editoriais do Jornal do Brasil e do Correio Da Manhã entre 1964 e 1968*. 113f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012, p. 23.

²⁸⁹ LEAL, Carlos Eduardo. “Correio da Manhã”. Op. cit., p.16.

Figura 16 - Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 31 de março de 1964, p.01

EDUARDO BITTENCOURT — PAULO BITTENCOURT

Correio da Manhã

31 DE MARÇO DE 1964

CLUI

Guerra teria novo titular mas interino

De acordo com o ministro da Guerra, o general João Carlos de Oliveira, o novo titular do Ministério da Guerra seria o general João Carlos de Oliveira, o atual titular, em caráter interino.

Basta!

VAL

ASCA IÕES

As classes armadas devem estar alertas e vigilantes e prontas para combater todos aqueles que atentarem contra o regime.

Até que ponto o presidente da República abusará da paciência da Nação? Até que ponto pretende tomar para si, por meio de decretos-leis, a função do Poder Legislativo? Até que ponto contribuirá para preservar o clima de intranquilidade e insegurança que se verifica presentemente, na classe produtora? Até quando deseja levar ao desespero por meio da inflação e do aumento do custo de vida, a classe média e a classe operária? Até que ponto quer desagregar as forças armadas por meio da indisciplina que se torna cada vez mais incontrolável?

Não é possível continuar neste caos em todos os sentidos e em todos os setores. Tanto no lado administrativo como no lado econômico e financeiro.

Basta de farsa. Basta da guerra psicológica que o próprio Governo desencadeou com o objetivo de convulsionar o país e levar avante a sua política continuista. Basta de demagogia para que, realmente, se possam fazer as reformas de base.

Quase todas as medidas tomadas pelo sr. João Goulart, nestes últimos tempos, com grande estardalhaço, mas inexecutáveis, não têm outra finalidade senão a de enganar a boa-fé do povo, que, aliás, não se enganará.

Não é tolerável esta situação calamitosa provocada artificialmente pelo Governo que estabeleceu a desordem generalizada, desordem esta que cresce em ritmo acelerado e ameaça sufocar todas as forças vivas do país.

Não contente de intranquilizar o campo, com o decreto da SUPRA, agitando igualmente os proprietários e os camponeses, de desvirtuar a finalidade dos sindicatos, cuja missão é a das reivindicações de classe, agora estende a sua ação deformadora às forças armadas, des-

truindo de cima a baixo a hierarquia e a disciplina, o que põe em perigo o regime e a segurança nacional.

A opinião pública recusa uma política de natureza equivocada que se volta contra as instituições, cuja guarda deveria caber ao próprio Governo Federal.

Queremos o respeito à Constituição. Queremos as reformas de base votadas pelo Congresso. Queremos a intocabilidade das liberdades democráticas. Queremos a realização das eleições em 1965. Se o sr. João Goulart não tem a capacidade para exercer a Presidência da República e resolver os problemas da Nação dentro da legalidade constitucional não lhe resta outra saída senão entregar o Governo ao seu legítimo sucessor.

É admissível que o sr. João Goulart termine o seu mandato de acordo com a Constituição. Este grande sacrifício de tolerá-lo até 1966 seria compensador para a democracia. Mas para isto, o sr. João Goulart terá de desistir de sua política atual que está perturbando uma nação em desenvolvimento, e ameaçando de levá-la à guerra civil.

A Nação não admite nem golpe nem contragolpe. Quer consolidar o processo democrático para a concretização das reformas essenciais de sua estrutura econômica. Mas não admite que seja o próprio Executivo, por interesses inconfessáveis, quem desencadeie a luta contra o Congresso, censure o rádio, ameace a imprensa e, com ela, todos os meios de manifestações do pensamento, abrindo o caminho à ditadura.

Os Poderes Legislativo e Judiciário, as Classes Armadas, as forças democráticas devem estar alertas e vigilantes e prontos para combater todos aqueles que atentarem contra o regime.

O Brasil já sofreu demasiado com o Governo atual. Agora, basta!

Com destaque nosso para a coluna "Basta"

Figura 17 - Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 01 de abril de 1964, p.01



Com destaque nosso para a coluna "Fora"

Observando os dois editoriais que ganharam lugar de destaque na primeira página do jornal, podemos afirmar que ambos foram publicados no momento em que golpe estava em curso e que a similaridade entre eles estava em acusar João Goulart de comandar uma guerra psicológica, de ser responsável por desestruturar as forças armadas através da indisciplina, eles também o acusavam de ser o responsável pela crise econômica representada pela inflação e o alto custo de vida que abateu o país, João Goulart também foi acusado de manter relações com os comunistas que, para o jornal, representavam a ameaça de implantar uma ditadura no país. Vemos que o *Correio da Manhã* se posicionou nestes dois editoriais contra a ilegalidade e contra uma ditadura.

Inicialmente depois do golpe de 1964, o *Correio da Manhã* permaneceu apoiando os militares. Percebemos que ao longo de sua história, o *Correio da Manhã* sempre atuou através de publicações críticas de ordem política no que concerne a governabilidade dos presidentes. O periódico também evitou defender partidos específicos e também podemos encontrar traços de um liberalismo apresentado pelo jornal em suas páginas.²⁹⁰

Após a aprovação do AI-1, o matutino começou a perceber os fortes indícios de que o país estava caminhando para uma ditadura militar. Assim, houve uma mudança no posicionamento do periódico que começou a assumir uma postura ambígua quanto ao governo. Ao mesmo tempo em que o periódico ainda publicava notícias que procuravam legitimar a eleição indireta de Castello Branco à presidência, ele também publicava denúncias de arbitrariedades por parte do governo.²⁹¹ Porém, ao longo do ano de 1964 foi possível perceber o *Correio da Manhã* retomando o perfil crítico e de oposição ao governo. A mudança na linha editorial do jornal trouxe sérios problemas financeiros para o matutino. Algumas agências estrangeiras finalizaram os seus contratos de publicidade com o jornal, isso levou o periódico a aceitar um interventor que representava estas empresas, o que custou ao matutino a demissão de um grupo de redatores. Como podemos ver o caso do “cronista Carlos Heitor Cony foi dispensado após publicar um artigo onde dizia ter o Brasil passado de Estados Unidos do Brasil a Brasil dos Estados Unidos”.²⁹² Mesmo diante de ameaças, em sua edição comemorativa de 64 anos, o *Correio da Manhã* reafirmou no dia 15 de junho de 1965 a sua posição contrária ao governo militar. Durante os anos que antecederam o AI-5, o matutino combateu fortemente as arbitrariedades do regime militar, seus excessos, a cassação de mandatos e direitos políticos de pessoas que não concordavam com o regime militar. O

²⁹⁰ LEAL, Carlos Eduardo. “Correio da Manhã”. Op. cit., passim.

²⁹¹ CHAMMAS, Eduardo Zayat. “Ditadura Militar e a Grande Imprensa: os editoriais do Jornal do Brasil e do Correio Da Manhã entre 1964 e 1968”. Op. cit., p. 43-46.

²⁹² LEAL, Carlos Eduardo. “Correio da Manhã”. Op. cit., p.17.

periódico também denunciou a infiltração de grupos estrangeiros na imprensa brasileira e as violências cometidas sobre operários, estudantes e até sobre civis, como o que foi presenciado durante as manifestações de junho de 1968.

No dia 7 de dezembro de 1968, uma bomba foi lançada na sede do *Correio da Manhã*. Quatro meses depois, em 6 de abril de 1969, o matutino informou sobre o atentado. A bomba possuía um alto poder explosivo e foi colocada durante a madrugada na agência do *Correio da Manhã*. O prejuízo financeiro foi enorme. Todo o mobiliário e a casa de máquina do jornal foram danificados. O cálculo inicial do prejuízo financeiro foi de NCr\$ 300 mil. Além da sede do jornal, lojas e escritórios dos dez primeiros andares foram atingidos e houve um operário, Edmundo dos Santos, que saiu do local gravemente ferido.²⁹³ No dia 7 de janeiro de 1969 após a aprovação do AI-5, a proprietária do *Correio da Manhã* Niomar Muniz Sodré Bittencourt e os jornalistas Osvaldo Peralva e Néelson Batista foram presos. A equipe que compunha a redação do jornal e a sua diretoria denunciaram estas prisões à Sociedade Interamericana de Imprensa.²⁹⁴

Além de falar de bombas, prisões e censura, Carlos Eduardo Leal também afirma que a Primeira Auditoria da Marinha ordenou que o jornal ficasse sem circular por cinco dias. Sob estas condições, o *Correio da Manhã* sofreu um declínio abrupto na publicidade veiculada e principalmente no número de leitores. Como consequência, o matutino vivenciou uma enorme crise financeira, o que resultou no arrendamento do jornal para um grupo ligado a uma das maiores empreiteiras do Brasil, a Companhia Metropolitana. Assim, em 1969, sobre a direção de Maurício Nunes de Alencar, o grupo que tinha como presentes Frederico Gomes da Silva e Paulo de Magalhães, representou a mudança definitiva na linha política do jornal, um periódico que desde a sua fundação foi crítico e combativo. Seu projeto era tornar-se um jornal que lutaria pelo desenvolvimento da nação e que convocava todos os brasileiros a lutarem nesta mesma luta pelo desenvolvimento. Com o arrendamento para este novo grupo, o *Correio da Manhã* pode apresentar uma nova aparência gráfica. Houve um aumento de páginas do jornal, a diagramação da primeira página ficou mais dinâmica e todas as edições do periódico começaram ser publicadas acompanhadas por um tabloide.²⁹⁵ Porém, no dia 8 de julho de 1974 o jornal saiu de circulação.²⁹⁶

²⁹³ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 06 de abril de 1969, p. 5.

²⁹⁴ LEAL, Carlos Eduardo. "Correio da Manhã". Op. cit., p.20.

²⁹⁵ Idem, p.17.

²⁹⁶ CHAMMAS, Eduardo Zayat. "O Correio da Manhã no golpe de 1964: impasses e dilemas na relação com os militares". Op. cit., p. 3.

Concluimos ao fazer uma comparação entre o *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil* durante a ditadura podemos perceber que, durante as articulações do golpe de 1964 e no momento do golpe, ambos se posicionaram favoráveis aos militares e comemoraram a saída de João Goulart e a posse de Castelo Branco. Porém, depois do primeiro Ato Institucional, percebemos que os dois veículos começam a apresentar posições diferentes em relação a ditadura. Enquanto o *Correio da Manhã* começa a apresentar sinais em suas publicações de descontentamento com os caminhos que o regime estava seguindo, afirmando que o Brasil caminhava para uma ditadura. O *Jornal do Brasil* ainda apresentava um certo voto de confiança em Castelo Branco e mantinha boas relações com o governo, apoiando a Constituição de 1967, concordando com a permanência do presidente até 1967 e afirmando que algumas decisões tomadas pelos generais eram necessárias para que o Brasil fosse colocado em ordem e assim, fosse devolvido para os civis.

O terceiro jornal selecionado para esta dissertação foi o vespertino²⁹⁷ *O Globo*²⁹⁸. Criado no dia 29 de julho de 1925, o diário carioca de base conservadora foi fundado por Irineu Marinho após ele ter deixado a direção do jornal *A Noite* e de ter feito uma viagem de estudos à Europa. Ao retornar do continente Europeu, Irineu Marinho teve o intuito de criar um jornal para renovar os padrões que dominavam a imprensa carioca. Para isto, uniu-se a Herbert Moses e a Justo de Moraes. Em seu primeiro exemplar, a direção do jornal afirmou que não tinha como objetivo manter vínculos com o governo, que o periódico seria livre de qualquer tipo de interesses relacionados a empresas e afirmou que o jornal não iria se ligar a grupos capitalistas. Assim, inicialmente o jornal *O Globo* dedicou seus primeiros números a publicar informações que demonstraram o interesse do jornal por questões populares. Porém, o jornal desde o início defendeu a aplicação do capital estrangeiro no país, principalmente no que concerne ao capital norte americano. No dia 21 de agosto de 1925, aos 49 anos e apenas 21 dias após ter fundado *O Globo*, Irineu Marinho morreu. A viúva Francisca Marinho tornou-se a principal proprietária do vespertino e seu filho Roberto Marinho ainda achava-se

²⁹⁷ Inicialmente o jornal *O Globo* foi vespertino, depois de muitos anos de circulação, tornou-se matutino. No site do jornal *O Globo*, Setor de Memórias de Roberto Marinho, vemos que o jornal tornou-se vespertino em 1971. Cf. Memória Roberto Marinho. *Consolidação da liderança*. Globo Comunicação e Participações S.A.. Publicado em 2013. Disponível em: <<https://robertomarinho.globo.com/empresas/consolidacao-da-lideranca/>>. Acesso em: 28 nov. 2019; Porém, no verbete escrito por Carlos Eduardo Leal e Sérgio Montalvão para o CPDOC, encontramos que o jornal *O Globo* tornou-se matutino em 1962. Cf. LEAL, Carlos Eduardo; MONTALVÃO, Sérgio. “O Globo”. Op. cit., p. 17.

²⁹⁸ O nome *O Globo* foi o segundo nome mais escolhido em um concurso feito por Irineu Marinho com o propósito de escolher o nome do seu diário. Naquele dia, o nome que ficou com o primeiro lugar “*Correio da Noite*” já tinha dono. Logo, Irineu escolheu o segundo nome mais votado. Retirado de: “O Globo é lançado”. *Memória O Globo*. 2013. Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-eacutec-lancedilado-9196292>>. Acesso em: 27 set. 2019.

muito novo para assumir a frente do jornal. Logo, a direção do periódico foi entregue nas mãos do melhor amigo de Irineu e secretário do jornal, Euricles de Matos. Roberno Marinho só assumiria a frente do jornal no ano de 1931.²⁹⁹

O jornal *O Globo* mostrou-se contrário à candidatura de Washington Luís e apresentou inicialmente uma certa simpatia pelos tenentes, porém, diante das eleições para o sucessor de Washington Luís na presidência da República, o jornal começou a apresentar certas ressalvas quanto ao movimento tenentista. Durante a Revolução de 1930, o jornal *O Globo* deu apoio irrestrito ao movimento e afirmava que a revolução trazia o remédio para os problemas nacionais. No dia 5 de maio de 1931, o segundo diretor de *O Globo*, Euricles de Matos, morreu. Roberto Marinho³⁰⁰ assumiu então a direção do vespertino, sendo tempos depois assessorado por seus dois irmãos Ricardo e Rogério Marinho e principalmente por Herbert Moses. Com a eclosão da Revolução Constitucionalista *O Globo* deu total destaque ao movimento e tentou mostrar em seus editoriais que o objetivo dos que faziam a Revolução era a reconstitucionalização do Brasil. Em relação as duas tendências políticas que tomaram força no Brasil durante o ano de 1935 a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e a Ação Integralista Brasileira (AIB), vemos que o jornal *O Globo* posicionou-se contrário as duas. Para o periódico, ambas as tendências eram de origem extremista e representavam perigo ao pleno funcionamento da democracia.³⁰¹

No dia 10 de novembro de 1937, ocorreu o golpe do Estado Novo, quando Getúlio Vargas governou ditatorialmente. A criação do (DIP) trouxe inúmeros prejuízos para a imprensa brasileira que ficou submetida a uma intensa censura, inclusive o jornal *O Globo* que naquela época também sofreu intervenção do Departamento de Imprensa e Propaganda. Carlos Eduardo Leal e Sérgio Montalvão também afirmam que a censura fez com que o jornal *O Globo* preferisse em muitos momentos omitir determinadas notícias à publicá-las. Porém, mesmo sofrendo censura prévia, o vespertino acabou sendo mais beneficiado que os outros

²⁹⁹ LEAL, Carlos Eduardo; MONTALVÃO, Sérgio. “O Globo”. In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010, p. 1-4; “O Globo é lançado”. *Memória O Globo*. 2013. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-eacute-lanccedilado-9196292>. Acesso em: 27 set. 2019.

³⁰⁰ Roberto Marinho assumiu a direção do jornal *O Globo* aos 26 anos e ocupou o cargo de diretor-redator-chefe a partir da edição do jornal do dia 8 de maio de 1931 e manteve-se no comando do periódico até a sua morte no dia 6 de agosto de 2003. Retirado de: “Roberto Marinho na direção”. *Memória O Globo*. 2013. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/roberto-marinho-na-direccedilatildeo-9519686>. Acesso em: 27 set. 2019.

³⁰¹ LEAL, Carlos Eduardo; MONTALVÃO, Sérgio. “O Globo”. *Op. cit.*, p. 3-5.

jornais porque, entre os anos 1940 e 1945, Roberto Marinho tornou-se membro do Conselho Nacional de Imprensa que fazia parte do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).³⁰²

Durante a Segunda Guerra Mundial, ao mesmo tempo em que o jornal mostrava-se favorável aos Aliados, também deixou passar o fato de Getúlio Vargas inicialmente ter-se mostrado simpático ao Eixo. Com o ataque aos navios brasileiros pelos alemães, o jornal *O Globo* apoiou a entrada do Brasil na guerra. No final do Estado Novo o vespertino começou a posicionar-se contrário à continuidade de Getúlio, também começou a ser favorável a uma nova constituição e a eleições livres. *O Globo* mostrou-se contrário ao movimento Queremista. Quanto aos aspectos econômicos, o vespertino foi um grande representante da linha neoliberal. Também fez campanha contra os jogos de azar e defendeu questões moralistas, isso lhe garantiu um grande número de leitores.³⁰³

Com a vitória de Getúlio Vargas em seu segundo governo e a campanha liderada por Carlos Lacerda contra Vargas para tirá-lo da presidência, o vespertino não se posicionou diante desta questão. O jornal não assumia nenhuma postura contrária ao ingresso de capitais estrangeiros no país, porque era a favor do investimento de capitais estrangeiros. Com o passar do tempo, o segundo governo de Vargas foi intensamente criticado pela imprensa e o jornal *O Globo* fez parte deste grupo que apoiou a proposta da UDN de fazer o *impeachment* do presidente. O vespertino levantou críticas ao jornal dirigido por Samuel Wainer *Última Hora*. Também deu total cobertura ao atentado na Rua Tonelero feito contra a vida de Lacerda. A morte de Getúlio Vargas, que ocorreu 19 dias depois do atentado, fez com que a sede do jornal fosse apedrejada e os caminhões que distribuíam os jornais fossem queimados. Assim, o jornal evitou fazer comentários sobre o suicídio e limitou-se apenas a noticiar o acontecimento.³⁰⁴

Ao longo da década de 1960, o jornal deu apoio ao novo presidente Jânio Quadros que também tinha o apoio da UDN, porém, o seu vice-presidente era João Goulart filiado ao PTB. Quando houve a condecoração de Ernesto Che Guevara no Brasil, o vespertino dirigido por Roberto Marinho foi veementemente contrário a esta atitude do governo Brasileiro. A renúncia de Jânio Quadros pegou a direção do jornal de surpresa e inicialmente o periódico foi contrário a Goulart assumir a presidência. Depois, o jornal foi favorável à medida conciliatória de criação do regime parlamentarista, condição imposta a João Goulart para que

³⁰² FERREIRA, Marieta de Moraes; CABRAL, Jacqueline Ribeiro. "Roberto Marinho". In: ABREU, Alzira Alves de. et al. (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010, p. 1; LEAL, Carlos Eduardo; MONTALVÃO, Sérgio. "O Globo". Op. cit., p. 6-8.

³⁰³ Idem, p. 7-9.

³⁰⁴ Idem, p. 10, 11.

assumisse a presidência. O governo de Jango foi fortemente criticado pelo *O Globo* que se mostrou contrário à Reforma Agrária e às Reformas de Base, que fazia parte do programa de governo do presidente. O apoio ao golpe de 1964 por parte do jornal foi irrestrito.³⁰⁵ Ana Luíza Martins e Tânia Regina de Luca complementam afirmando que, em meados do século XX

estava em formação o cartel hegemônico da própria “grande imprensa”, com características muito próprias: em geral, grandes empresas familiares – os Mesquita, os Marinho, os Frias, por exemplo –, que reuniam uma ideologia capitalista com um espírito oligárquico, franco-apoiadores dos Estados Unidos na Guerra Fria e que se dedicaram a combater o que viam como “esquerdismo” no país.³⁰⁶

O jornal dirigido por Roberto Marinho deu apoio ao governo do marechal Castelo Branco, ao candidato Negrão de Lima, que concorria ao governo da Guanabara em 1965, e não fez oposição às cassações de mandatos que ocorreram durante os primeiros atos adicionais e também fez oposição à Frente Ampla³⁰⁷. Depois de terem sido aliados, ocorreu uma inimizade entre Carlos Lacerda e Roberto Marinho que estava centrada em interesses econômicos contrários. Portanto, foi possível encontrar denúncias feitas por Carlos Lacerda ao recebimento de capitais estrangeiros recebidos ilegalmente por Roberto Marinho na década de 1960.³⁰⁸

Nelson Werneck Sodré afirma que havia outros jornais, além do *O Globo*, que recebiam investimentos dos norte americanos. As denúncias foram feitas por outras pessoas além de Carlos Lacerda, assim como os deputados João Dória e João Calmon, também por donos de jornais que estavam sofrendo com a crise financeira que se abateu na imprensa brasileira durante a década de 1960. Para Sodré, estes recursos financeiros de agências estrangeiras em parte da imprensa no Brasil, influenciavam na criação de campanhas contrárias aos sindicatos de operários, à União Nacional dos Estudantes (UNE), às ligas camponesas, contra Cuba e também contra as Reformas de base, contra o governo de João Goulart e apoiaram o golpe de 1964 durante o período de sua articulação. O financiamento de

³⁰⁵ LEAL, Carlos Eduardo; MONTALVÃO, Sérgio. “O Globo”. Op. cit., p. 13,14.

³⁰⁶ MARTINS, Ana Luíza; LUCA, Tania Regina de. Op. cit., p. 235. Obs.: Também podemos incluir nesta lista o *Estado de Minas* que era propriedade de Magalhães Pinto, grande responsável pela articulação civil-militar e apoiador do golpe de 1964 que partiu de Minas Gerais onde ele era governador. Cf. FONSECA, Marcelo de. “A marcha rumo ao golpe: como foi a operação militar que partiu de Minas para implantar a ditadura no país”. Site Estado de Minas – Seção Política. Atualizado em: 30 de março de 2014. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2014/03/30/interna_politica,513303/a-marcha-rumo-ao-golpe.shtml>. Acesso em: 19 nov. 2019; FERREIRA, Jorge; GOMES, Ângela de Castro. Op. cit., p. 283.

³⁰⁷ A Frente Ampla foi um movimento político criado por Carlos Lacerda no ano de 1966, quando Lacerda procurou João Goulart (exilado no Uruguai) e Juscelino Kubitschek (exilado em Lisboa) para articular um movimento que fosse contra o regime militar e que lutasse em prol da redemocratização do país com a volta das eleições diretas. No dia 28 de outubro de 1966 foi criada Frente Ampla que se manteve até 5 de abril de 1968. Cf. MARTINS, Ana Luíza; LUCA, Tania Regina de. Op. cit., p. 201.

³⁰⁸ LEAL, Carlos Eduardo; MONTALVÃO, Sérgio. “O Globo”. Op. cit., p. 14-16.

norte-americanos em publicações de jornais como *O Globo* significou para Nelson Werneck Sodré uma forma moderna de controle dos meios de comunicação.³⁰⁹

O jornal *O Globo* também foi favorável à prorrogação do mandato de Castelo Branco. Durante o governo do marechal Costa e Silva, o periódico agiu com certa cautela em relação a algumas teses defendidas pelo regime militar, porém, atuou em muitos momentos em conformidade com o governo.³¹⁰ O posicionamento conservador e favorável do *O Globo* ao regime pôde ser visto no ano de 1968, quando durante a “Semana Sangrenta” o jornal publicou notícias contrárias ao movimento estudantil, apresentando-o com uma imagem depreciativa associada à violência e ao mesmo tempo, evitou noticiar informações contrárias ao regime militar. A partir de 1971, Roberto Marinho fez reformas no *O Globo*, que se tornou o líder do mercado carioca de jornais.³¹¹ Em relação à abertura política, à Lei da Anistia e ao governo de João Figueiredo, o vespertino deu apoio à medida do novo presidente. Leal e Montalvão afirmam que “*O Globo* elogiou o encaminhamento dado à questão e procurou encontrar na atitude do presidente João Figueiredo um sentido de conciliação e compromisso com os princípios de liberalização do regime”.³¹² Assim, podemos concluir que o vespertino tornou-se durante a ditadura militar um periódico conservador e que se apresentava favorável ao governo militar, diferente de muitos dos seus concorrentes que atuavam de forma combativa ao regime.

Muito diferente do *O Globo*, podemos citar a revista semanal e ilustrada *O Cruzeiro*, que foi fundada em 9 de novembro de 1928 por Assis Chateaubriand. A revista fez parte dos Diários Associados e ficou conhecida por marcar a trajetória do fotojornalismo brasileiro tornando-se referência até o ano de 1960. Porém, a revista *O Cruzeiro* não teve a mesma duração que o jornal *O Globo*. Depois da morte de Assis Chateaubriand em 1968, toda a sua empresa foi dividida e a Revista *O Cruzeiro* começou a entrar em uma crise financeira ao ponto de passar pelas mãos de muitos novos donos até parar de circular definitivamente no início da década de 1980.³¹³ Enquanto isso, o jornal *O Globo* foi criado em 1925 e permaneceu em circulação sobre a direção da família Marinho até os dias de hoje.

A Revista *O Cruzeiro* foi marcante desde a sua fundação. Na tarde do dia 09 de novembro de 1928, no horário em que as repartições públicas e o comércio do centro da

³⁰⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., p. 432.

³¹⁰ LEAL, Carlos Eduardo; MONTALVÃO, Sérgio. “O Globo”. Op. cit., p.16.

³¹¹ Memória Roberto Marinho. *Consolidação da liderança*. Globo Comunicação e Participações S.A.. Publicado em 2013. Disponível em: <<https://robertomarinho.globo.com/empresas/consolidacao-da-lideranca/>>. Acesso em: 28 nov. 2019; Idem, p. 14-17.

³¹² Idem, p. 18.

³¹³ PEREGRINO, Nadja. *O Cruzeiro Revista Semanal e Ilustrada: a revolução da fotorreportagem*. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991, p. 11-38.

cidade do Rio de Janeiro estavam a fechar, foram vistos muitos papéis caindo dos andares mais altos dos prédios da Av. Rio Branco, neles estava escrito: “COMPRE AMANHÃ ‘O CRUZEIRO’ A REVISTA CONTEMPORÂNEA DOS ARRANHA-CÉUS”.³¹⁴ Assim, a primeira edição da revista foi publicada no dia 10 de novembro de 1928 e sua sede ficava no Rio de Janeiro. Conforme Nadja Peregrino, o enorme crescimento da Revista *O Cruzeiro* pode ser atribuído a Assis Chateaubriand que tornou-se um grande empresário do meio de comunicação nacional. Chateaubriand foi o fundador da empresa jornalística Diários Associados, que inicialmente possuiu os periódicos *O Jornal* (1924) e o *Diário da Noite*, mas que ao longo dos anos chegou a ter 34 jornais, muitas revistas, uma editora, 16 emissoras de televisão e 36 estações de rádio.³¹⁵ Encontramos na obra organizada por Martins e Luca que, a Revista *O Cruzeiro* publicou um grande número de tiragens e se transformou em uma referência no que tange a revistas ilustradas e de variedades no Brasil. A distribuição da revista fazia uso de estratégias para alcançar os leitores das muitas regiões do país, como a utilização de barcos, trens, caminhões e até avião. Logo, as tiragens da revista chegaram em regiões de norte a sul do país.³¹⁶

A Revista *O Cruzeiro* não foi a primeira revista a usar fotografias, mas o seu diferencial se deu porque as demais revistas usavam as fotografias como imagens dispersas nos periódicos, diferente de *O Cruzeiro*, que fez

uso frequente de imagens encadeadas em série na documentação de um determinado fato, inaugurou uma linha que viria marcar sensivelmente a fotografia de reportagem, posto que a linguagem utilizada passou a incorporar a foto como elemento narrativo em contextos diversos.³¹⁷

Conforme Muza Clara Chaves Velasquez, a revista possuía agências nas principais cidades do Brasil e mantinha correspondentes internacionais em Roma, Berlim, Paris, Madri, Lisboa, Londres e Nova Iorque.³¹⁸ Inicialmente, a linha editorial da Revista *O Cruzeiro* voltava-se prioritariamente para a publicação de contos e novelas, mas devido ao estado crítico do Brasil e do mundo no início da década de 1930, percebemos que a revista começou a vivenciar uma fase de transição.³¹⁹

Velasquez complementa afirmando que a Revista *O Cruzeiro* nasceu do projeto de um jornalista chamado Carlos Malheiro Dias, o objetivo do jornalista português era editar uma

³¹⁴ Retirado do depoimento de Accioly Neto que foi secretário geral e diretor da revista entre 1929 e 1973. Ver: PEREGRINO, Nadja. Op. cit., p. 14.

³¹⁵ Idem, p. 16.

³¹⁶ MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Op. cit., p. 105.

³¹⁷ PEREGRINO, Nadja. Op. cit., p. 20.

³¹⁸ VELASQUEZ, Muza Clara Chaves. Op. cit., p. 2.

³¹⁹ Idem, 2-4; PEREGRINO, Nadja. Op. cit., p. 16, 17.

revista que fosse de circulação nacional e criou a Empresa Gráfica Cruzeiro S.A. Porém, ele não teve condições financeiras de colocar o seu projeto em prática e passou a direção da empresa para Assis Chateaubriand. Naquela época, o Banco da Província, que era propriedade do recém nomeado presidente do Banco do Brasil Antônio Mostardeiros, aprovou um empréstimo que foi concedido a Chateaubriand. O empréstimo foi intermediado pelo ministro da Fazenda de Getúlio Vargas e foi fundamental para que a cadeia de órgãos de imprensa de Chateaubriand começasse a despontar no horizonte os futuros Diários Associados. Assim, Vargas demonstrou que possuía interesse no potencial da revista.³²⁰ Logo, podemos levar em consideração o que também é afirmado pela autora que, nas eleições presidenciais de 1930, tendo Getúlio Vargas à frente da chapa da Aliança Liberal, “Assis Chateaubriand colocou todos os seus órgãos de imprensa a serviço da causa aliancista”,³²¹ inclusive, durante a revolução de 1930, para apoiá-lo. É nesse sentido que Nadja Peregrino afirma que “a Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932, e a política do Estado Novo de Getúlio Vargas exerceram grande pressão sobre as empresas de Assis Chateaubriand”.³²²

A partir da segunda metade da década de 1940 até os anos de 1950, a Revista *O Cruzeiro* vivenciou os seus anos de ouro, período em que o número de tiragens aumentou consideravelmente, assim como afirma Velasquez:

foram a época de ouro de *O Cruzeiro*. O sucesso da publicação podia ser medido pela expansão de suas tiragens: dos duzentos mil exemplares, ainda nos anos 1940, a revista atingiu a média de 550 mil exemplares em meados da década de 1950, patamar que seria mantido até o início dos anos 1960.³²³

Antes de 1944, a Revista *O Cruzeiro* se sustentou com a publicidade estampada em suas páginas. Ela dava o suporte financeiro que a empresa precisava para sobreviver, mas sempre podia ser encontrada em grande parte da revista a divulgação de campanhas que eram do interesse de Chateaubriand. O significativo aumento no número de tiragens vendidas da revista a partir de 1944 permitiu que ela vivenciasse uma ascensão na área dos veículos de comunicação. Com isso, na década de 1950, ela tornou-se líder das revistas publicadas no Brasil naquela época, porque *O Cruzeiro* conseguia apresentar um dinamismo em suas reportagens que não era encontrado em nenhuma outra revista. Assim, tornou-se o meio de comunicação de enorme relevância para a sociedade na década de 1950. Fazia uso de um estilo jornalístico usado praticamente apenas por ela naquele período. A revista também

³²⁰ VELASQUEZ, Muza Clara Chaves. “O cruzeiro”. Op. cit., p. 1.

³²¹ Idem, p. 2.

³²² PEREGRINO, Nadja. Op. cit., p. 17.

³²³ VELASQUEZ, Muza Clara Chaves. “O cruzeiro”. Op. cit., p. 6.

começou a disseminar assuntos que despertavam polêmicas e uma repercussão política enorme na sociedade. A década de 1950 também foi importante para o surgimento da Revista *O Cruzeiro Internacional*. Ela inicialmente circulava em Portugal e na Argentina, mas depois começou a circular na Bolívia, Peru, Argentina, Uruguai, Chile, Paraguai, Venezuela, nas Repúblicas do Caribe e no Sul dos Estados Unidos. Nadia Peregrino também afirma que a Revista *O Cruzeiro* foi considerada por Juscelino Kubitschek o maior meio de propaganda da imagem do Brasil no exterior, porque a edição internacional da revista atingiu os 300 000 exemplares e somada a tiragem nacional, chegou a atingir 1 000 000 de exemplares.³²⁴

Entre os anos de 1959 e 1961 a rede dos Diários Associados vivenciou uma grave crise financeira. A Revista *O Cruzeiro* foi a mais atingida e começou a entrar em um processo de decadência. Assim, *O Cruzeiro* perdeu uma de suas maiores peculiaridades que era apresentar reportagens inovadoras, para passar a publicar matérias pagas e reportagens repetidas.³²⁵ A revista também já havia encerrado a sua edição internacional, que resultou em uma redução no número de tiragens mensais. Vemos que a crise financeira vivenciada pelos Diários Associados e o fechamento da revista *O Cruzeiro Internacional* foi acompanhado pela demissão da maioria dos seus melhores repórteres. Muitos deles pediram demissão e outros foram demitidos. A revista também vivenciou uma intensa sucessão de diretores de redação que não conseguiam manter um bom número de leitores fieis. Ela enfrentou uma enorme dificuldade para renovar o seu gênero jornalístico na década de 1960 que, com o surgimento da TV, exigia uma renovação dos meios de comunicação.³²⁶

Na década de 1960, quando Jânio Quadros renunciou, a rede de empresas de comunicação dirigida por Assis Chateaubriand apoiou a posse do vice-presidente João Goulart, mas o apoio de Chateaubriand não durou muito tempo. A Revista *O Cruzeiro* fez parte do enorme grupo de periódicos que apoiaram o golpe. Naquele momento, todos os órgãos dos Diários Associados fizeram parte da oposição a João Goulart. Davi Nasser que era o principal redator e depois se tornou diretor da revista dedicava-se a atacar Leonel Brizola e o acusava de corrupção. Velasquez também afirma que, em meados de 1960, ocorreu o aumento da concorrência que começou a surgir entre as décadas de 1950 e 1960.³²⁷

Ercília Ana Cazarin e Eduardo Silveira de Menezes afirmam que, a Revista *O Cruzeiro* atuou na legitimação do golpe de 1964. Em suas primeiras páginas foi possível perceber a forma como o jornal tratou favoravelmente os políticos e militares que participaram do golpe

³²⁴ PEREGRINO, Nadja. Op. cit., p. 12, 29.

³²⁵ VELASQUEZ, Muza Clara Chaves. "O cruzeiro". Op. cit., p. 8.

³²⁶ PEREGRINO, Nadja. Op. cit., p. 29, 30.

³²⁷ VELASQUEZ, Muza Clara Chaves. "O cruzeiro". Op. cit., p. 8, 9.

de 1964.³²⁸ Assim como podemos ver abaixo a primeira página publicada pelo semanário que no dia 10 de abril de 1964 trouxe uma “EDIÇÃO HISTÓRICA DA REVOLUÇÃO”.³²⁹

Figura 18 - Revista O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1964, p.1



Podemos ver na capa Magalhães Pinto, dono do *O Estado de Minas Gerais* e governador daquele estado sorrindo e sendo beijado pela sua nora Terezinha Magalhães Pinto como forma de parabeniza-lo pela sua participação “vitoriosa” no decorrer do golpe de 1964.³³⁰ No editorial escrito por David Nasser que recebeu o título: “Saber Ganhar”,³³¹ podemos perceber que o redator principal da revista exaltou a atuação dos militares que participaram do golpe de 1964. Magalhães Pinto foi muito enaltecido por David Nasser em seu editorial quando o jornalista escreveu:

Agora eles sabem que a sua coragem não se conta pelos fios de cabelo, ó indecifrável Magalhães Pinto, mineiro silencioso, patriota humilde, general sem farda de um dos movimentos mais perfeitos da história revolucionária. O Brasil nunca se esquecerá que o primeiro grito foi seu, o primeiro gesto de um ballet inesquecível, o primeiro passo da longa marcha democrática.³³²

³²⁸ CAZARIN, Ercília Ana; MENEZES, Eduardo Silveira de. Op. cit., p. 118.

³²⁹ *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1964, p.1.

³³⁰ Magalhães Pinto foi um líder civil que participou ativamente das articulações do golpe de 1964 juntamente com os militares no estado de Minas Gerais onde era governador. Cf. FERREIRA, Jorge; GOMES, Ângela de Castro. Op. cit., p. 283.

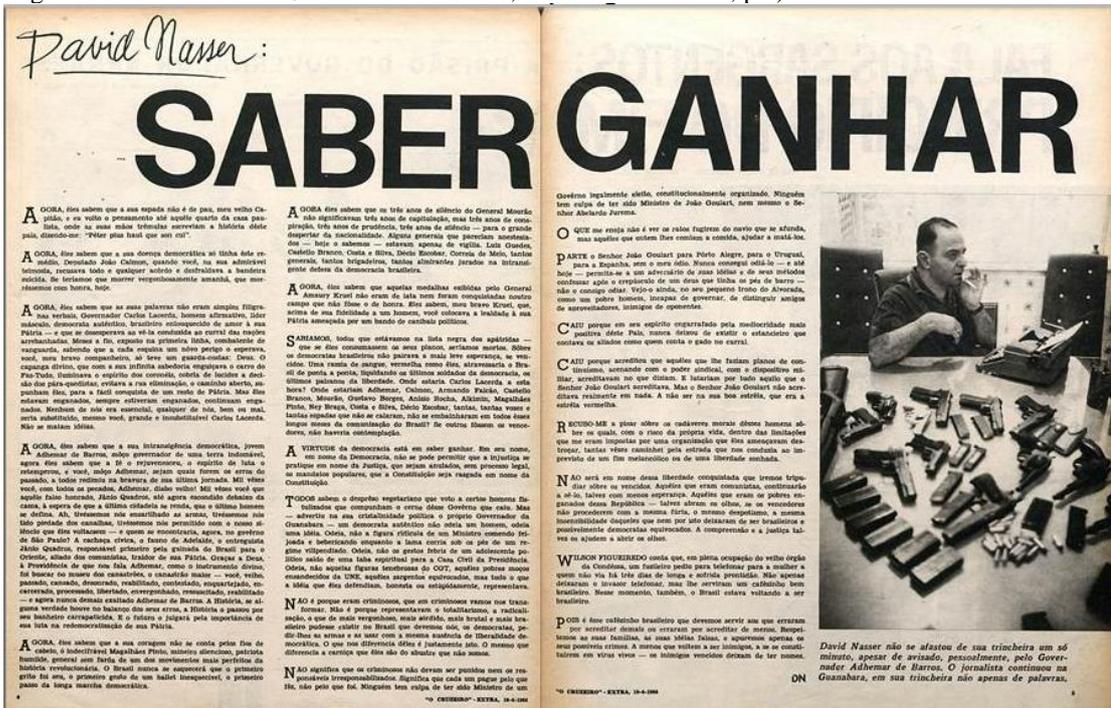
³³¹ *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1964, pp. 4, 5.

³³² Idem, p. 4.

Nasser também assumiu uma postura contra a violência, o totalitarismo, a brutalidade e a radicalização. Também percebemos que ele acreditava que o golpe era a forma de defender a democracia no país, quando ele afirma:

Não é porque eram criminosos, que em criminosos vamos nos transformar. Não é porque representavam o totalitarismo, a radicalização, o que de mais vergonhoso, mais sórdido, mais brutal e mais brasileiro pudesse existir no Brasil que devemos nós, os democratas, pedir-lhes as armas e as usar com a mesma ausência de liberdade democrática. O que nos diferencia deles é justamente isto. O mesmo que diferencia a carniça que eles são do abutre que não somos. Não significa que os criminosos não devam ser punidos nem os responsáveis irresponsabilizados. Significa que cada um pague pelo que fez, não pelo que foi.³³³

Figura 19 - Revista O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1964, p.4)



Na página 5, encontramos a seguinte afirmativa apresentada por David Nasser, que mesmo não concordando com João Goulart, Nasser não conseguia odiá-lo. Em suas palavras Nasser afirma: “Vejo-o ainda no seu pequeno trono do Alvorada, como pobre homem, incapaz de governar, de distinguir amigos de aproveitadores, inimigos de oponentes”.³³⁴ A Revista *O Cruzeiro* apresentou na mesma página uma imagem de David Nasser fumando, sentado em frente a uma máquina de escrever e em cima da mesa muitas armas e munições dando a impressão de estar relaxado e sem nenhuma preocupação. Na legenda encontramos:

David Nasser não se afastou de sua trincheira um só minuto, apesar de avisado, pessoalmente, pelo Governador Ademair de Barros. O jornalista continuou na Guanabara, em sua trincheira não apenas de palavras.³³⁵

333 Revista O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1964, p. 4.

334 Idem, p. 5.

335 Revista O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1964, p. 5.

A imagem juntamente com a legenda nos faz entender que David Nasser mostrou que não se sentia ameaçado porque estava preparado com armas prontas para o ataque ou defesa contra qualquer tipo de reação de grupos de esquerda ao seu jornal devido ao golpe militar de 1964.

O dia 04 de abril de 1968 ficou marcado nos Diários Associados pela morte de Assis Chateaubriand, o que foi a ampliação de uma crise que assolava aquela empresa de comunicação, uma das maiores do país. A crise ocorreu desde o momento em que houve o processo de partilha das ações da empresa entre os 22 auxiliares de Chateaubriand em 1960. A morte de Assis Chateaubriand iniciou um processo de enfraquecimento da Revista *O Cruzeiro*, que perdeu a sua força ao longo dos anos e em 1975 deixou de circular como parte do grupo Diários Associados. Como consequência da crise, a Revista passou pelas mãos de muitos proprietários, como Hélio Bianco e Joaquim José Freire Lagreca, a Editora Von Baumgarten Indústria e Comércio Ltda. e também foi comprada pelo grupo A. A. Editores Associados Ltda. Até que parou definitivamente de circular e desapareceu em 1981.³³⁶

O quinto periódico selecionado para esta dissertação foi o matutino carioca *Diário de Notícias*. Fundado por Orlando Ribeiro Dantas³³⁷ no dia 12 de junho de 1930, o jornal oferecia publicações diárias aos seus leitores e esteve inicialmente sobre a orientação de três jornalistas que tinham saído a pouco tempo do *O Jornal*³³⁸ de Assis Chateaubriand.³³⁹ Os jornalistas eram: Orlando Dantas, Nóbrega da Cunha e Figueiredo Pimentel.³⁴⁰ O ano em que surgiu o matutino ficou marcado pelas eleições presidenciais e pelo golpe de 1930. A historiadora Marieta Moraes Ferreira afirma que, desde o seu surgimento, o *Diário de Notícias* apresentou uma posição política bastante definida. Para a autora, “Sua proposta básica era lutar contra ‘a estrutura oligárquica’ da República Velha, colocando-se como porta-voz de um ‘espírito revolucionário’ que visava a transformação da sociedade”.³⁴¹ O *Diário de*

³³⁶ VELASQUEZ, Muza Clara Chaves. “O cruzeiro”. Op. cit., p. 9, 10.

³³⁷ Orlando Ribeiro Dantas nasceu em 11 de fevereiro de 1896. Inicialmente em sua carreira dedicou-se a um jornal chamado *O Colibri*. Em 1922 exerceu o cargo de diretor da *Revista Comercial e Industrial*. Quatro anos depois tornou-se diretor de publicidade de *O Jornal*. Em 1927, fundou o *Diário de São Paulo* juntamente com Assis Chateaubriand e Rubens do Amaral. Mas devido a algumas divergências com Chateaubriand, ele retirou-se do jornal e fundou em 1930 no Rio de Janeiro o *Diário de Notícias*. Ver: ABREU, Alzira Alves de. “Orlando Ribeiro Dantas” In: ABREU, Alzira Alves de. et al. (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/orlando-ribeiro-dantas>. Acesso em 3 out. 2019.

³³⁸ O periódico *O Jornal* era considerado um dos principais veículos de comunicação que fazia parte do grupo Diários Associados de Assis Chateaubriand. Ver: FERREIRA, Marieta de Moraes. “Diário de Notícias (Rio de Janeiro)”. In: ABREU, Alzira Alves de. et al. (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010, p. 1; FERREIRA, Marieta de Moraes. “Assis Chateaubriand”. Op. cit., p. 2.

³³⁹ FERREIRA, Marieta de Moraes. “Assis Chateaubriand”. Op. cit., p. 2.

³⁴⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., p. 371.

³⁴¹ FERREIRA, Marieta de Moraes. “Diário de Notícias (Rio de Janeiro)”. Op. cit., p. 2.

Notícias publicava informações favoráveis a criação de uma legislação trabalhista que trouxesse melhoria à vida dos trabalhadores através de aposentadoria, salário mínimo, leis que abrangessem os acidentes de trabalho etc. O jornal sempre publicava notícias de cunho crítico e isto fez o matutino carioca tornar-se alvo de uma perseguição do governo, ao ponto das matérias do *Diário de Notícias* terem sofrido com censuras. Por isso, Orlando Dantas foi chamado à delegacia para depor no momento em que surgiam boatos que a Revolução de 1930 estava para acontecer. Mesmo assim, o diário matutino permaneceu sendo publicado e recebeu o título de “O Jornal da revolução”.³⁴²

Com a Revolução de 1930, o matutino publicou uma edição que vendeu 168 mil exemplares. Nela, o periódico comemorou o fim das oligarquias e apresentou a sua simpatia pelo movimento tenentista. O jornal deu um voto de confiança a Getúlio Vargas quando ele assumiu a frente do governo provisório. Durante este período, o *Diário de Notícias* se apresentou favorável a reconstitucionalização. Logo, quando emergiu a Revolução Constitucionalista de 1932, Orlando Dantas deu total apoio ao movimento. O matutino carioca qualificou a revolução como legítima e apoiou o movimento, o que lhe resultou em uma rígida censura aplicada pelo governo em suas edições. Como resultado, houve um aumento da luta do *Diário de Notícias* contra o governo de Getúlio Vargas. Após a promulgação da nova Constituição, o matutino não poupou esforços para combater o continuísmo de Vargas. Com a implantação do Estado Novo, Orlando Dantas recebeu ordem de prisão como forma de advertência pelas suas ações contrárias a Getúlio Vargas. O jornal ficou debaixo de uma forte censura e recusou-se a noticiar os assuntos que enalteciam o governo, sugeridos pelo DIP. Seu posicionamento político colocou o jornal em uma crise financeira que aumentava cada vez mais. Mesmo diante destes problemas, o Diário de Notícias se tornou o principal órgão de imprensa que fazia oposição ao governo. O processo de abertura política no ano de 1945 permitiu que o diário matutino de Orlando Dantas encontrasse mais espaço para suas edições de oposição a Vargas e que questionava a idoneidade do seu governo.³⁴³

No dia 01 de fevereiro de 1953, o proprietário e fundador do *Diário de Notícias* morreu. Sua esposa, Ondina Portela Ribeiro Dantas assumiu a frente do jornal juntamente com seu filho João Ribeiro Dantas. A morte de Orlando Dantas apresentou continuidades e descontinuidades em alguns aspectos do jornal. Continuidade porque a linha do jornal permaneceu contrária ao governo de Getúlio Vargas e descontinuidades, porque a partir

³⁴² Idem.

³⁴³ Idem, pp. 2-4.

daquele momento, o jornal iniciou uma nova fase, que conforme Marieta Ferreira, que o estudou, marcou o início de um momento de declínio para o jornal. As críticas ao governo de Getúlio Vargas foram intensas por parte do jornal. O caso da tentativa de assassinato de Carlos Lacerda foi muito enfocado pelo jornal ao ponto do matutino apontar Getúlio Vargas como responsável pelo crime. Também encontramos na obra de Marieta de Moraes Ferreira que, “o Diário de Notícias publicava diariamente noticiários agressivos exigindo a punição dos assassinos e a renúncia de Vargas, por ser ele o responsável, em última instância, pelo crime”.³⁴⁴

Sob a direção de João Ribeiro Dantas. Durante o governo de Juscelino Kubitschek, o *Diário de Notícias* manteve-se na oposição, acusava o presidente de corrupção e a construção de Brasília foi encarada pelo jornal como uma obra supérflua diante de todas as necessidades da nação em outros setores deixados de lado pelo presidente. A principal crítica do diário matutino a Kubitschek era que o presidente mantinha alianças com indivíduos que haviam participado ativamente da ditadura do Estado Novo durante o governo de Getúlio Vargas. Para o jornal, isso era um sinal de que não houve ruptura com o modelo que outrora havia sido veementemente criticado pelo jornal.³⁴⁵

Vemos uma mudança na postura do periódico em relação ao governo durante a presidência de Jânio Quadros. Conforme Ferreira, o matutino acreditava que Jânio Quadros era “o candidato ideal para realizar as mudanças necessárias ao país, uma vez que estava fora dos esquemas políticos tradicionais. Partindo dessa posição, João Ribeiro Dantas se tornou praticamente cabo eleitoral de Jânio e deu total apoio à sua campanha”.³⁴⁶ Diferente de muitos outros jornais, o *Diário de Notícias* apoiou a condecoração de Ernesto Che Guevara. Com a renúncia de Jânio Quadros da presidência em 1961, o jornal apoiou a sucessão do presidente pelo seu vice, João Goulart. Isso resultou em uma intensa perseguição por parte do governador da Guanabara Carlos Lacerda sobre os jornais que apoiavam a posse de Goulart. Por este motivo, alguns de seus números publicados foram apreendidos deixando de circular. Naquela época, a situação financeira do jornal era muito ruim, um dos motivos foi porque o matutino gastou muito dinheiro na construção de uma nova sede. Vemos também que, durante o governo de João Goulart, o *Diário de Notícias* mudou a sua linha política tradicionalmente antigetulista e apoiou muitas das medidas, inclusive as reformas de base, propostas por Jango que era visto como herdeiro de uma política semelhante a que foi feita por Getúlio Vargas.

³⁴⁴ FERREIRA, Marieta de Moraes. “Diário de Notícias (Rio de Janeiro)”. Op. cit., p. 7.

³⁴⁵ Idem, p. 8.

³⁴⁶ Idem, p. 9.

“Porém, quando eclodiu o movimento político-militar de março de 1964, o jornal se afastou das forças janguistas para apoiar os militares”.³⁴⁷ Entretanto, durante o governo de Castelo Branco, o diário matutino perdeu as suas expectativas com o governo. Aos poucos começou a fazer parte dos periódicos que apoiaram o golpe, mas depois tornaram-se contrários ao regime militar.

Sobre o fim do *Diário de Notícias*, Marialva Barbosa afirma que a crise financeira que ocorreu no jornal a partir da morte de Orlando Ribeiro Dantas deu início ao processo de desaparecimento daquela empresa jornalística. A crise aumentou durante a década de 1960, quando foi possível ver o jornal com um déficit de Cr\$ 8 milhões no ano de 1968. Logo após 1968, João Ribeiro Dantas passou o jornal para Delfim Neto, que na época era ministro da Fazenda. Em pouco tempo, o jornal foi vendido para o deputado Ricardo Fiúza. No ano de 1974 o matutino foi vendido para Joaquim Pires Ferreira e depois, para Olímpio de Campos, que trabalhou nele até o mês de novembro de 1976, data que marcou o definitivo fim do jornal.³⁴⁸

Para finalizar a história dos jornais selecionados, também cabe trazer um pouco da trajetória percorrida pelo diário vespertino carioca *Tribuna da Imprensa*, que foi fundado no dia 27 de dezembro de 1949 por Carlos Frederico Werneck de Lacerda. Seu jornal recebeu o nome de *Tribuna da Imprensa* porque após o fim do Estado Novo, Carlos Lacerda começou a assinar uma coluna no jornal *Correio da Manhã* chamada “Tribuna da Imprensa”. Nela, Lacerda escrevia sobre o novo momento vivenciado pelo país após o fim do Estado Novo. Em 1949, Carlos Lacerda pediu a Paulo Bittencourt que lhe concedesse o título de sua coluna, porque ele queria lançar um jornal que receberia apoio financeiro de Milton Campos, que era governador de Minas Gerais e um dos fundadores da União Democrática Nacional (UDN). Logo, o *Tribuna da Imprensa* foi um diário carioca que representou as principais ideias da União Democrática Nacional (UDN).³⁴⁹ Assim, o vespertino fez uma forte oposição contra o governo de Getúlio Vargas e todos os governos que apresentavam características do getulismo. Em seus primeiros anos, o jornal circulava com 10 a 12 páginas e trazia todas as terças-feiras uma matéria sobre economia e finanças. Também trazia uma coluna dedicada à vida sindical, que era escrita pelo jornalista e político Lindolfo Leopoldo Boekel.³⁵⁰

³⁴⁷ FERREIRA, Marieta de Moraes. “Diário de Notícias (Rio de Janeiro)”. Op. cit., p.10.

³⁴⁸ BARBOSA, Marialva C. “História Cultural da Imprensa. Brasil – 1900-2000”. Op. cit., p.197.

³⁴⁹ MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. Op. cit., p.190.

³⁵⁰ LEAL, Carlos Eduardo. “Tribuna da Imprensa”. In: ABREU, Alzira Alves de. et al. (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010, p. 1.

Em meados da década de 1950, o jornal apresentou-se contrário ao projeto apresentado pelo senador Nelson de Souza Carneiro que pretendia instituir o divórcio no Brasil. Para o jornal, este projeto representava uma ameaça a instituição da família brasileira. Quando Lacerda se encontrou diante da possibilidade de haver um segundo governo de Getúlio Vargas no Brasil, ele colocou-se em uma oposição acirrada à candidatura de Vargas e seu jornal foi um grande instrumento usado em sua campanha de oposição. Houve por parte do *Tribuna da Imprensa* inúmeras referências a violência policial aplicada durante o Estado Novo, as prisões arbitrárias e torturas aplicadas sobre prisioneiros por parte de Filinto Strubing Müller, que foi chefe da polícia política de Getúlio Vargas durante o Estado Novo. Podemos então citar o caso que ganhou repercussão internacional da militante comunista e judia alemã Olga Benário, que por ordem de Filinto Müller foi deportada para um campo de concentração nazista e lá, executada em 1942.³⁵¹

Conforme Martins e Luca, por Getúlio Vargas saber que o *Tribuna da Imprensa* trabalhava em conformidade com a UDN e que Lacerda mantinha uma boa relação com os Mesquitas (do jornal *O Estado de S.Paulo*) e com os Bittencourt (do jornal *Correio da Manhã*). Vargas providenciou financiar “um jornal que se comprometesse a divulgar a política intervencionista do Estado na economia e levasse a plataforma sindicalista do PTB aos leitores”.³⁵² Logo, era importante que houvesse um jornal que noticiasse as iniciativas do presidente da república em relação à classe trabalhadora. Por este motivo, no dia 12 de junho de 1951 surgiu o jornal *Última Hora*, periódico fundado por Samuel Wainer e apoiado por Getúlio Vargas. Em seu depoimento dado para Ana Maria de Abreu Laurenza no ano de 1996, Jorge de Miranda de Jordão³⁵³ afirma que, “Éramos todos getulistas, meio comunistas. Só havia comunista lá dentro, todos samuelistas e todos antilacerdistas. Era como se nós trabalhássemos hoje num jornal do PT. Era uma coisa ideológica”.³⁵⁴ Ele também afirma que, todos sabiam que o jornal havia sido implantado por Getúlio Vargas. Assim, podemos observar que o início dos anos 1950 ficou marcado pela intensa disputa entre estes dois veículos de comunicação: *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*.

Conforme Martins e Luca, a disputa que havia entre Samuel Wainer e Carlos Lacerda transcendia ao espírito dualista entre esquerda e direita oriundo da Guerra Fria. Na década de

³⁵¹ Idem, p. 2, 3; ABREU, Alzira Alves de. et al. (coords.). “Filinto Muller” In: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/filinto_muller. Acesso em: 24 out. 2019.

³⁵² MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Op. cit., p. 190.

³⁵³ Jorge de Miranda Jordão foi chefe de redação em São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro. Começou a trabalhar para o *Última Hora* em 1953 e chegou a ocupar cargos de chefia entre 1958 e 1967. Ver: Idem, p. 195.

³⁵⁴ Idem.

1940, os dois trabalharam juntos para os Diários Associados. Naquele período, Samuel Wainer fez uma confissão a Carlos Lacerda, que futuramente seria seu maior inimigo. Wainer contou que ele não tinha certidão de nascimento porque não nasceu no Brasil. Sua confissão lhe trouxe muita dor de cabeça no futuro, porque em 1953 Lacerda publicou o segredo de Wainer nas páginas do *Tribuna da Imprensa*. Naquela época, os proprietários dos meios de comunicação no Brasil precisavam ser brasileiros natos. A Constituição de 1946 proibia que estrangeiros fossem proprietários de veículos de comunicação e Samuel Wainer era judeu nascido em uma região localizada na atual Romênia. Depois da denúncia de Lacerda, Samuel Wainer acabou sendo preso em 1955 por falsidade ideológica.³⁵⁵ Além das acusações mútuas entre Wainer e Lacerda, o veículo dirigido por Carlos Lacerda assumiu a frente da oposição ao governo de Vargas e foi o periódico que aplicou os maiores ataques ao governo. Após o suicídio de Getúlio Vargas, ocorreu uma enorme irritação entre camadas populares contra os opositores do presidente morto, ao ponto da redação da *Tribuna da Imprensa* ter sido atacada e depredada.³⁵⁶

Em outubro de 1960, Carlos Lacerda elegeu-se como governador do estado da Guanabara enquanto Jânio Quadros foi eleito como presidente da República. Ao assumir o governo da Guanabara, Carlos Lacerda entregou a direção do seu veículo de comunicação ao filho, Sérgio Lacerda. O vespertino começou a posicionar-se contrário a política externa de Jânio Quadros, sobretudo depois do episódio da condecoração de Ernesto Che Guevara por parte do governo brasileiro. Naquele momento, o jornal também vivenciou uma grande dificuldade financeira, por isso, Lacerda foi até Jânio Quadros solicitar a concessão de alguns recursos financeiros, mas sua solicitação foi negada. Pouco tempo depois, Jânio Quadros renunciou à presidência. Imediatamente o jornal *Tribuna da imprensa* foi um dos primeiros órgãos de comunicação que deu apoio a uma intervenção militar para evitar a posse do vice-presidente João Goulart. Dois meses depois da renúncia de Jânio Quadros, o jornal *Tribuna da Imprensa* sofreu grave crise financeira. Carlos Lacerda vendeu o seu jornal para Manuel Francisco do Nascimento Brito, mas seu filho Sérgio Lacerda permaneceu trabalhando no jornal. O novo proprietário do jornal entregou a direção do vespertino a Mário Faustino e a Paulo Francis. A nova equipe do jornal foi composta por figuras importantes como Carlos Castelo Branco, Millôr Fernandes, Armando Nogueira e outros. Mas o projeto de formar um

³⁵⁵ MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Op. cit., p. 193.

³⁵⁶ LEAL, Carlos Eduardo. "Tribuna da Imprensa". Op. cit., p. 4.

jornal composto por jornalistas e intelectuais ilustres fracassou devido a inúmeros problemas financeiros. Assim, no dia em 12 de março de 1962, o jornal foi vendido a Hélio Fernandes.³⁵⁷

No período posterior a 1962, o *Tribuna da Imprensa* manteve uma posição política contrária ao governo de João Goulart por ele ser considerado um herdeiro de Getúlio Vargas e também por manter uma política voltada a grupos trabalhistas e de esquerda. O vespertino posicionou-se contrário as Reformas de Base, principalmente a Reforma Agrária. Carlos Lacerda mantinha boas relações com Hélio Fernandes, logo, ainda exercia certa influência na linha política apresentada pelo jornal. O *Tribuna da Imprensa* foi um grande participante das articulações do golpe de 1964 dando total apoio ao golpe. Mas a partir do Ato Institucional nº 1, percebemos que, assim como a maioria dos jornais apresentados, o *Tribuna da Imprensa* iniciou uma oposição ao regime militar. Carlos Eduardo Leal afirma que “A oposição da *Tribuna da Imprensa* ao governo foi gradualmente se intensificando, a ponto de levar o jornal a apoiar a Frente Ampla, movimento desencadeado por Carlos Lacerda”,³⁵⁸ que na época já havia perdido seus direitos políticos, que foram cassados pelos militares. Leal também afirma que, no ano de 1966, Hélio Fernandes se candidatou a deputado federal pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) do Rio de Janeiro, mas a candidatura foi cancelada pelos militares que também proibiram o jornalista de assinar qualquer matéria em seu jornal. Por este motivo, Hélio Fernandes teve que se submeter a escrever com o pseudônimo “João da Silva” até 14 de março de 1967.

Conforme Leal, dias antes de Castelo Branco passar a presidência da República para Costa e Silva, a *Tribuna da Imprensa* fez inúmeras críticas ao governo do general, chamando-o até de pior presidente de toda a História do Brasil. O jornal assistia a entrada de Costa e Silva com olhar de esperança por acreditar que a posse de Costa e Silva significava o fim da ditadura imposta por Castelo Branco. Com a morte de Castelo Branco em julho de 1967, o vespertino publicou um editorial violento que criticava o ex-presidente. Sua publicação causou grande indignação entre os setores mais radicais e violentos das forças armadas, houve uma tentativa por parte deste grupo de fechar o jornal, mas os setores mais moderados entre os militares conseguiram conter a irritação. Mesmo assim, no dia 22 de julho de 1967, Hélio Fernandes, o dono do *Tribuna da Imprensa* foi preso e permaneceu por 30 dias em uma prisão de Fernando de Noronha.³⁵⁹

³⁵⁷ LEAL, Carlos Eduardo. “Tribuna da Imprensa”. Op. cit., p. 6.

³⁵⁸ Idem, p. 7.

³⁵⁹ LEAL, Carlos Eduardo. “Tribuna da Imprensa”. Op. cit., pp. 7, 8.

Conforme Maria Aparecida de Aquino, antes da edição do AI-5, o *Tribuna da Imprensa* já “havia recebido diversas visitas de um oficial militar, coronel Carlos Pinto, que em seis encontros com o proprietário, Hélio Fernandes, acabou por conseguir instaurar a censura prévia no jornal a partir de 23 de outubro de 1965”.³⁶⁰ Complementando estas informações, Carlos Eduardo Leal também afirma que, o ano de 1968 ficou marcado para o jornal como um ano de forte censura prévia. Para o autor, o *Tribuna da Imprensa* recebia constantemente visitas regulares em sua redação de oficiais do I Exército, antes do jornal ser impresso. Os oficiais decidiam o que seria impresso para a circulação na manhã seguinte e o que seria vetado. Com isso, aproximadamente 20% do material era desperdiçado por não poder ser publicado. O jornal declarava-se como defensor de uma posição nacionalista e a cada mudança de general durante a ditadura, o engajamento político e oposicionista do vespertino aumentava cada vez mais. A censura manteve-se até o governo do general João Figueiredo. Depois de uma intensa atuação política, no começo do século XXI, o jornal *Tribuna da Imprensa* sofreu uma enorme crise financeira que o levou a deixar de circular em papel a partir do dia 2 de dezembro de 2008.³⁶¹

Ao observar a história de cada um dos periódicos que foram selecionados para esta dissertação, podemos afirmar que mesmo a liberdade de imprensa sendo predominante, a prática da censura foi algo que se fez presente em alguns momentos na história da imprensa brasileira, tendo destaque nos 21 anos de ditadura militar. Depois do golpe de 1964, o governo militar implantou imediatamente os primeiros Atos Institucionais. Naquele momento foi possível perceber que, alguns jornais da grande imprensa, que participaram ativamente da articulação civil-militar, começaram a “mudar de lado” e posicionar-se de forma crítica ao governo, assim como aconteceu com o *Correio da Manhã*, o *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Brasil* e outros.³⁶² Quanto mais o governo se radicalizava, mais parte da imprensa tornava-se contrária aos militares. Em contrapartida, o regime castrense evitava a todo custo devolver o comando da nação aos civis e começou a perseguir todos que se colocavam contrários ao governo ditatorial. Os militares começaram a fazer uso da censura prévia sobre os jornais que se colocavam contrários ao governo e esta atitude autoritária fez surgir dentro das redações a prática da autocensura. Flávio Aguiar diz a propósito:

³⁶⁰ AQUINO, Maria Aparecida de. “Relações entre o estado autoritário, a censura e a imprensa escrita”. Op. cit., p. 206.

³⁶¹ LEAL, Carlos Eduardo. “Tribuna da Imprensa”. Op. cit., p. 7-11.

³⁶² Idem, pp. 4,5; AQUINO, Maria Aparecida de. Op. cit., passim; LEAL, Carlos Eduardo. “Correio da Manhã”. Op. cit., p. 18, 19; CHAMMAS, Eduardo Zayat. “Ditadura Militar e a Grande Imprensa: os editoriais do Jornal do Brasil e do Correio Da Manhã entre 1964 e 1968”. Op. cit., p. 46, 47.

Um clima de contínua censura se instalou dentro das próprias redações, com os dirigentes dos jornais apoiando ou pelo menos justificando as perseguições, cassações de mandatos e violação de direitos que se seguiram à vitória dos golpistas, quando não as incitando abertamente. Uma massa crescente de jornalistas ficou privada de espaço para escrever o que queria, inclusive, em muitos casos, simplesmente o que sabia.³⁶³

Conforme Maria Aparecida de Aquino, a autocensura abriu espaço para a criação de “imagens figuradas que forcem uma leitura nas entrelinhas, ou mesmo burlando-se ordens expressas”.³⁶⁴ Hélio Fernandes, diretor do *Tribuna da Imprensa*, teve o seu vespertino censurado por dez anos e afirmou que,

os donos de grandes jornais gostavam da censura, pois assim não precisariam assumir a responsabilidade da publicação. Disse também que, no período autoritário pós-64, houve mais autocensura do que censura prévia. Deste modo, ele vincula a autocensura, praticada pela grande imprensa, à censura empresarial que decide o que interessa à empresa ver ou não publicado.³⁶⁵

A censura prévia e a autocensura são interpretadas por Aquino como as primeiras formas de utilização da censura como instrumento pelos militares para cercear a liberdade da imprensa brasileira no período pós-1964. A autora também apresenta outras formas como a censura se manifestou durante a ditadura no Brasil, principalmente a partir de 1968. Podemos falar da censura empresarial ou censura econômica. Ela ocorre de forma interna, uma vez que parte dos lucros obtidos pelos veículos de comunicação origina-se da publicidade. A censura empresarial ou econômica é fruto de pressões econômicas que podem surgir tanto de grupos em que os seus “interesses são representados pelos proprietários do periódico, mas também dos anunciantes. Ambos podem sentir-se incomodados com a divulgação de determinadas notícias e, assim, interferir na veiculação da informação”.³⁶⁶ Para Aquino, “esse tipo de censura, entretanto, independe do contexto histórico, sendo inerente à estrutura de uma grande empresa capitalista, obrigada a fazer concessões e a ceder a pressões”.³⁶⁷ Aquino também afirma que, a censura política foi exercida pelo Estado principalmente sobre a imprensa escrita entre os anos 1968 e 1978. Ela foi aplicada através de

telefonemas, anônimos ou não, de ordens escritas, apócrifas ou não, encaminhadas às redações dos jornais, e de acordos fechados com os proprietários de grandes órgãos de divulgação ou através de censura prévia.³⁶⁸

³⁶³ AGUIAR, Flávio. “Imprensa alternativa: *Opinião, Movimento, em Tempo*”. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 236.

³⁶⁴ AQUINO, Maria Aparecida de. Op. cit., p. 222.

³⁶⁵ Idem, pp. 222-223.

³⁶⁶ Idem, p. 222.

³⁶⁷ Idem.

³⁶⁸ Idem.

As ordens dos censores também podiam ser compreendidas como “bilhetinhos” ou telefonemas dos censores. Assim como afirma Carlos Fico, mesmo sobre ordens, a autocensura também “denota um comportamento de colaboracionismo, algo distinto dos procedimentos pragmáticos dos que pretendiam ‘evitar problemas’ ou dos que seguiam as ordens da censura por motivos diversos”.³⁶⁹ Porém, a prática da censura prévia sobre os jornais, da autocensura por parte das redações, do número de jornalistas insatisfeitos com o cerceamento de suas liberdades, das facilidades tecnológicas (xerox, introdução do processo de impressão *offset* e fax) que permitiam a produção e a veiculação de impressos. Todos estes fatores facilitaram no surgimento de uma “Imprensa Alternativa”, como forma de resistência a todo o cerceamento do regime sobre a grande imprensa. Em relação à “Imprensa Alternativa”, também podemos afirmar que ela pode ser chamada de “Imprensa Nanica”.³⁷⁰ Sobre a imprensa alternativa Carlos Fico complementa que, tiveram órgãos e “jornalistas de oposição que combateram, criticaram ou ridicularizaram a ditadura, como *Movimento, Opinião, O Pasquim, a Folha da Tarde* de certa época ou *O Estado de S. Paulo*”.³⁷¹ Tivemos também *Coojornal, Pif-Paf, Pato Macho, Bondinho, Resistência, Ex, Versus* e outros.³⁷²

A instituição do AI-5 no dia 13 de dezembro de 1968, permitiu uma estruturação mais eficiente da censura e representou para o regime instaurado com o golpe de 1964 uma mudança de posição em direção à linha mais radical do grupo dos militares. Logo, o Ato Institucional nº 5 configurou um endurecimento do regime e o direcionamento do pensamento militar para uma linha mais radical. Como resultado, esta nova conjuntura acarretou para a imprensa brasileira incontáveis prejuízos, como prisão, tortura e até mesmo a morte de muitos profissionais da imprensa. A partir de 1969, a atividade censória começou a ser exercida mais intensamente pelo regime sobre a mídia, a imprensa escrita e sobre a arte (música, teatro, filmes). Dessa forma, para substituir os nomes de pessoas, palavras e até mesmo de assuntos proibidos de serem publicados pelos censores, começaram a ser publicados nos jornais e revistas um grande número de versos de Camões, receitas culinárias e até mesmo caricaturas.³⁷³ Aquino afirma que uma estratégia também utilizada por alguns jornais foi a publicação de jornais com espaços em branco no local onde houve a censura, que serviam

³⁶⁹ FICO, Carlos. Op. cit., p.189.

³⁷⁰ O nome “imprensa nanica” foi dado pelo escritor João Antônio ao fazer alusão à história bíblica de Davi e Golias. Ver: AGUIAR, Flávio. Op. cit., p.237.

³⁷¹ FICO, Carlos. Op. cit., p. 189.

³⁷² AGUIAR, Flávio. Op. cit., p.237.

³⁷³ FICO, Carlos. Op. cit., p. 189, 190; MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Op. cit., p. 238; AQUINO, Maria Aparecida de. Op. cit., pp.34, 100, 104-108.

como uma forma de denúncia.³⁷⁴ No caso do *Estado de S. Paulo*, a autora também afirma que havia a publicação da “Carta dos Leitores” em lugar da matéria censurada. Em suas palavras,

Introduzia-se em todos os locais onde o censor fazia os cortes a coluna “Dos Leitores”, que é reservada especificamente para a publicação de cartas dos leitores com queixas, sugestões e, mesmo, congratulações. O jornal intencionava não apenas surpreender o leitor, mas também fazer com que ele percebesse o teor das substituições, seja pela ironia que causava a inserção de cartas fora de contexto, seja pela publicação de cartas diretamente relacionadas com a matéria vetada.³⁷⁵

Portanto, além da censura prévia, que consistia na avaliação das futuras publicações dos jornais feitas por censores geralmente da polícia federal, também havia uma “fiscalização sistemática e velada ‘no sentido de impedir a divulgação de notícias e comentários contrários ao regime e às instituições’”.³⁷⁶ Havia a preocupação de criar uma imagem positiva da nação brasileira e do governo através do combate ao inimigo do regime e impedir que os seus argumentos fossem divulgados.³⁷⁷

Variadas foram as formas como os censores mostravam o que estava proibido ou não de ser publicado, havia a utilização de carimbos, canetas Pilot de cor vermelha, preta ou azul em que os censores marcavam na parte de cima da página a letra “N” indicando que aquela notícia não podia ser publicada; a letra “V” na capa do periódico que indicava que aquela reportagem havia sido vetada e quando a publicação estava liberada contendo apenas alguns cortes, eram escritas as letras “C/C”. Porém havia partes das notícias que eram vetadas, mas que se fossem retiradas, o texto ficava completamente inutilizado.³⁷⁸ Aquino também afirma que ao observar os jornais censurados percebemos que,

a caneta Pilot risca por cima de tudo o que foi escrito, ou a parte do texto aparece circundada com vários riscos e com um imenso “N” em seu interior. A onipresença e o desrespeito da censura são, portanto, muito maiores. Ainda a esse respeito, em visita realizada ao arquivo da *Tribuna da Imprensa* no Rio de Janeiro, observaram-se alguns recortes de material da época vetado pelos censores. Constatou-se que, não contentes em circundar o que não devia ser publicado – procedimento utilizado em OESP –, os censores riscavam várias vezes e em direções diversas, deixando o texto como se fosse resultado do desenho de uma criança cuja coordenação motora fina ainda não estivesse perfeitamente definida.³⁷⁹

³⁷⁴ AQUINO, Maria Aparecida de. Op. cit., p.100.

³⁷⁵ Idem, p.105.

³⁷⁶ FICO, Carlos. Op.cit. p. 190.

³⁷⁷ SAMWAYS, Daniel Trevisan. Censura à imprensa e a busca de legitimidade no regime militar. In: IX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA. Seção Rio Grande do Sul: *Anais...* “Vestígios do Passado, a História e suas fontes”. Porto Alegre: AMPUH-RS, julho 2008, p. 1-6.

³⁷⁸ AQUINO, Maria Aparecida de. Op. cit., p. 247, 248.

³⁷⁹ Idem, p. 248.

No caso do semanário *Opinião* foi possível perceber que, inicialmente, a censura foi realizada com um censor na redação do periódico; mas ao acreditar que ele estava deixando passar muita coisa, os militares tiraram o censor e trocaram por um que era mais rígido em seus critérios. Para o regime, a avaliação deste grupo também não estava sendo suficiente, então, os militares resolveram ordenar que aquele periódico enviasse seu material para Brasília. Lá havia grupos de censores muito mais experientes para ler nas entrelinhas o que os outros censores não liam. Em Brasília eram feitos os cortes nas notícias que não poderiam ser publicadas e o que sobrava era enviado de volta à redação do *Opinião* para que a publicação fosse impressa. Aquino afirma que, a decisão do regime em impor que o jornal enviasse o que seria publicado para Brasília pode ser considerado uma forma de punição. A partir do momento que o contato entre a redação do jornal e os censores era cortado, todas as possibilidades de uma possível negociação entre eles eram eliminadas. Também cabe destacar o prejuízo financeiro que os jornais tinham por terem que acelerar o fechamento das notícias para que elas fossem enviadas à Brasília, o que resultava na desatualização das matérias e em muitos atrasos para a impressão das tiragens dos periódicos.³⁸⁰

O endurecimento do regime ao longo dos 21 anos se refletiu no aumento da censura e também no aumento da violência policial contra os fotógrafos e jornalistas. O ano de 1968 ficou marcado pelo aumento da violência policial contra estudantes, policiais, jornalistas, fotógrafos e também civis. As demonstrações de truculência policial foram vistas nas ruas do Rio de Janeiro durante a “Semana Sangrenta” em junho de 1968.³⁸¹ Podemos encontrar publicações na imprensa carioca sobre policiais que agrediram violentamente e destruíam os objetos de trabalho de fotógrafos, jornalistas e repórteres que tentavam registrar os intensos conflitos que ocorreram no centro da cidade do Rio de Janeiro. Também encontramos na imprensa que o governo militar tentou silenciar os meios de comunicação. Assim como o que foi encontrado no *Correio da Manhã* do dia 22 de junho de 1968, em relação ao segundo dia da “Semana Sangrenta”, que o Conselho Nacional de Comunicações (CONTEL) havia no dia 21 de junho de 1968, segundo dia da “Semana Sangrenta” intensificado a censura sobre o rádio e a televisão. O *Correio da Manhã* também informou que houve uma intervenção na TV Continental “para obrigar a regravação do noticioso *Jornal de Vanguarda*, onde o editor Villas-Boas Correia narrava fatos sobre a atuação da polícia na Universidade e no campo do Botafogo”.³⁸²

³⁸⁰ AQUINO, Maria Aparecida de. Op. cit., p. 226.

³⁸¹ VALLE, Maria Ribeiro do. “O diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar em 1968”. Op. cit., passim.

³⁸² *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 2.

Assim, houve uma tentativa de censurar a imprensa sobre os acontecimentos que ocorreram na quinta-feira, dia 20 de junho de 1968, dia em que houve muita violência contra os estudantes que participaram da assembleia estudantil na UFRJ campus Praia Vermelha. O *Correio da Manhã* também publicou no mesmo dia uma segunda notícia com o título: “RÁDIO E TELEVISÃO DE SÃO PAULO SOB CENSURA TOTAL”.³⁸³ Nela encontramos as seguintes informações: “O Departamento Federal de Segurança Pública determinou uma censura total às emissoras de rádio e TV de São Paulo que estão proibidas de divulgar qualquer noticiário referente à crise estudantil da Guanabara”.³⁸⁴ As publicações encontradas no *Correio da Manhã* podem ser confirmadas por Aquino de que o governo militar fez uso da censura na imprensa vetando que determinados assuntos fossem publicados pela imprensa, assim como a expressão “Movimento Estudantil”. Aquino afirma que:

Há um número relativamente alto de vetos às matérias que tratam das manifestações dos estudantes em diferentes partes do país em luta por uma melhoria das condições de ensino e por uma maior participação nas decisões educacionais internas. Entretanto, constata-se que essas manifestações não estão preocupadas com uma crítica mais geral do regime político. Também considera-se que nesse caso os cortes do censor mostram nitidamente o temor de identificação com a força do movimento estudantil da segunda metade da década de 1960. Tratar desse período, principalmente as manifestações de 1968, era um assunto tabu, pois a luta estudantil, naquele momento, manteve uma estreita relação com o desencadear da luta armada.³⁸⁵

Percebemos com isto que, a maior preocupação dos militares era encobrir os aspectos repressivos da ditadura, controlar o máximo que pudesse o que seria veiculado pela imprensa e ocultar informações ao público sobre as mobilizações sociais de luta estudantil e sindical, com apoio de intelectuais e da igreja católica, em prol da redemocratização do país. Também vemos a preocupação do governo militar em, através da censura, evitar ao máximo a divulgação a respeito das decisões do Estado autoritário no que tange ao desenvolvimento do país que favoreciam interesses externos e a concentração de renda nas mãos de uma pequena parcela da população.³⁸⁶

Na notícia “Ministro da Justiça pede colaboração dos jornais”,³⁸⁷ publicada pelo *Jornal do Brasil*, é possível ler que os diretores dos jornais do Rio e os representantes das sucursais paulistas foram convocados para uma reunião com o Ministro da Justiça Gama e Silva que solicitou de todos uma colaboração “no sentido de não divulgar notícias alarmantes para que, desta maneira, a Cidade pudesse voltar à calma. Assegurou que o Governo não

³⁸³ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 12.

³⁸⁴ *Idem*.

³⁸⁵ AQUINO, Maria Aparecida de. Op. cit., p. 238.

³⁸⁶ *Idem*.

³⁸⁷ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 7.

pretende, por enquanto, decretar estado de sítio ou qualquer outra medida de exceção”,³⁸⁸ mas afirmou que o Rio de Janeiro não iria transformar-se em “outra Paris” e que a PM continuaria agindo com violência na intenção de reprimir qualquer tipo de manifestação e conflito nas ruas. O ministro classificou os eventos que marcaram a “Sexta-feira Sangrenta” de “verdadeiras guerrilhas urbanas”.³⁸⁹

Em uma publicação do *Jornal do Brasil*, encontramos uma notícia cujo título era “*A VERDADE*”. Nela, o jornal acusou o governo de tentar responsabilizar a imprensa por incitar a população contra os policiais e contra as decisões governamentais:

Agora surgiu uma nova tônica nas declarações públicas e privadas das autoridades governamentais. Não há crise nenhuma. Tudo o que está acontecendo é uma simples fabricação da imprensa. O relato da selvageria ocorrida no asfalto do Rio de Janeiro, as fotografias publicadas, são a verdadeira causa dos incidentes. Quer o governo insinuar que tudo é uma imensa montagem de mentiras destinadas a desmoralizá-lo [...] Repelimos da maneira mais veemente as insinuações que tendem a atribuir à imprensa em geral qualquer parcela de responsabilidade pelos fatos.³⁹⁰

O *Jornal do Brasil* acusou o Estado de tentar censurar a imprensa, ao tentar fazer com que os jornais viessem a abordar outros assuntos, que não fossem o que realmente aconteceu durante a “sinistra e sangrenta sexta-feira”,³⁹¹ presenciada por milhares de pessoas:

É claro que o Governo preferiria que nos calássemos e substituíssemos as notícias sobre o conflito [...] mais, infelizmente, o nosso mister é contar a verdade. E a verdade da sinistra e sangrenta sexta-feira passada é a que aparece no relato dos jornais e na eloquência chocante das fotografias. Se estas acusações descabeladas e destituídas de qualquer fundamento visam a abrir o caminho para impor a censura para silenciar a imprensa, mais uma razão para que aproveitemos o que nos resta de liberdade informando o povo sobre a dureza e a crueza dos fatos.³⁹²

Logo, no que concerne à censura aos meios de comunicação durante a ditadura militar, podemos afirmar que ela foi uma prática comum entre os militares, porém, não ficou restrita somente à imprensa escrita. Diversos setores da sociedade também foram atingidos por ela: edição de livros, circo, TV, cinema, bailes, filmes, peças teatrais e também apresentações de cantores em casas noturnas.³⁹³ Também percebemos a tentativa do governo de ocultar da população as cenas de violência que ocorreram durante a “Semana Sangrenta” de 1968.

³⁸⁸ Idem.

³⁸⁹ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 7.

³⁹⁰ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 23 e 24 de junho de 1968, p. 6.

³⁹¹ Idem.

³⁹² Idem.

³⁹³ MENDES, Ricardo Antonio Souza. “Cultura e repressão nos tempos do AI-5”. In: MUNTEAL FILHO, Oswaldo; FREIXO, Adriano de; FREITAS, Jacqueline Ventapane. (Orgs.). *Tempo Negro, temperatura sufocante: Estado e sociedade no Brasil do AI-5*. Rio de Janeiro: Contraponto – PUC Rio, 2008. pp. 259-288; FICO, Carlos. “Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão”. Op.cit., p. 189-193.

3 A “SEMANA SANGRENTA” E A IMPRENSA

A luta do movimento estudantil contra a ditadura tornou-se mais intensa em 1968 e mais violenta no mês de junho daquele ano. 1968 foi o ano do auge dos protestos estudantis em diversos países. Mesmo clandestinos ou fugindo da polícia os principais líderes do movimento estudantil permaneciam exercendo influência política sobre os estudantes. No caso do Rio de Janeiro, cidade onde ocorreu a “Semana Sangrenta”, os principais líderes eram: o presidente da UNE, Luís Travassos (Ação Popular) e o presidente da UME, Vladimir Palmeira (Dissidência Comunista da Guanabara). Naquela época, a posição política apresentada pelo movimento estudantil era mais partidária porque, conforme Jordana Souza Santos, no interior do movimento estudantil a AP, DI-GB e a DI-SP eram organizações políticas que exerciam bastante influência nas ações e concepções do movimento estudantil nos anos 60 “gerando divergências com relação às formas de luta, às reivindicações e ao papel dos estudantes no enfrentamento á ditadura militar e no processo revolucionário”.³⁹⁴

Durante o ano de 1968, o Brasil teve como Ministro da Educação Paulo de Tarso de Moraes Dutra, um homem que iniciou sua carreira na política em 1951 como deputado federal e no ano de 1967 tomou posse como ministro da Educação. Dias depois da posse, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) foi criado, um órgão ligado ao MEC que objetivava alfabetizar adultos em todo o Brasil por um período curto de tempo. O início da gestão de Tarso Dutra foi marcado por frequentes enfrentamentos entre o movimento estudantil e o regime, assim como se viu também depois da morte de Edson Luís, o que muito sensibilizou a opinião pública,³⁹⁵ e também serviu como a gota d’água para que o movimento estudantil, a partir daquele momento, começasse a responder a polícia com violência.³⁹⁶ Os embates acirrados entre estudantes e policiais desencadearam uma série de violência nas ruas do Rio de Janeiro até que nos dias 19, 20 e 21 de junho de 1968, aconteceu a “Semana Sangrenta”.³⁹⁷

Sobre o presente capítulo, é importante destacar que muito das informações sobre a “Semana Sangrenta” foi obtida com base na pesquisa dos jornais porque poucos são os

³⁹⁴ SANTOS, Jordana de Souza. *Op. cit.*, p. 101.

³⁹⁵ VALLE, Maria Ribeiro do. “O diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar em 1968”. *Op. cit.*, p. 39.

³⁹⁶ Depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo a ditadura...”. *Op. cit.*, p. 72; VALLE, Maria Ribeiro do. “O diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar em 1968”. *Op. cit.*, p. 39.

³⁹⁷ Paulo de Tarso de Moraes Dutra (verbete – Sem autor). Fundação Getúlio Vargas. FGV/CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/paulo-de-tarso-de-morais-dutra>> Acesso em: 17 de jul. 2019, pp. 1, 2.

trabalhos que se debruçam a estudar de forma específica estes três dias. Com isto, percebemos que, ao fazer uso da imprensa, o historiador se depara com inúmeras possibilidades. É possível identificar o posicionamento político da linha editorial de cada periódico pesquisado através da forma como a notícia é apresentada em suas publicações, mas também é necessário que haja a consciência da importância da pesquisa feita sobre as primeiras páginas dos jornais.

Portanto, cabe destacar que, partiremos da compreensão que há um discurso visual ligado ao discurso textual presente em um periódico.³⁹⁸ Da mesma forma que concordamos com as complexidades inerentes a esta questão que foram apresentadas por Orlando de Barros quando afirma que,

Não há nenhuma receita pronta de como um historiador possa analisar semiologicamente um texto para melhor proveito próprio, ainda mais que um texto pode variar de forma e conteúdo. Ademais, com certa tolerância, um “texto” pode assumir muitas aparências: um escrito, uma canção que “soa” em sua dimensão poética e musical, uma imagem, um objeto etc.³⁹⁹

Com base nestas informações, destacamos a necessidade de pesquisar, neste capítulo, as imagens presentes nas primeiras páginas dos jornais e a diagramação utilizada pelo periódico e a forma como a “Semana Sangrenta” foi apresentada nas páginas dos seis periódicos selecionados. A diagramação utilizada nas primeiras páginas pode revelar como os três dias da “Semana Sangrenta” foram abordados pelo fato do jornal ter selecionado quais informações receberiam destaque em suas primeiras páginas e como elas seriam apresentadas. E a pesquisa nas páginas internas dos jornais foi importante para nos ajudar a fazer uma reconstituição dos acontecimentos e, juntamente com as informações presentes nas primeiras páginas, nos revelar qual o posicionamento de cada periódico em relação a cada um dos três dias da “Semana Sangrenta”. Dias 19, 20 e 21 de junho de 1968, respectivamente, “Quarta-feira Sangrenta”, “A violência na Praia Vermelha” e a “Sexta-feira Sangrenta”. Três dias que foram importantes para a estruturação do movimento estudantil resultando na união de estudantes e populares contra a violência indiscriminada da ditadura e que resultou na impopularidade do governo do presidente Costa e Silva e do governador Negrão de Lima diante da sociedade carioca e que também resultou na Passeata dos Cem Mil.⁴⁰⁰

³⁹⁸ NETO, Edmundo Mendes Benigno. Por uma história da linguagem visual do jornalismo impresso. In: V Congresso Nacional de História da Mídia, 2007, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007, p. 2.

³⁹⁹ BARROS, Orlando de. “*A propósito de um texto, a propósito de um texto, a propósito de outro texto...*”. Op. cit., p. 2.

⁴⁰⁰ Documentário Vladimir (68) Palmeira - A história sem mitos. Direção: Roberto Stefanelli. (49min.); VENTURA, Zuenir. Op. cit., p. 129;

3.1 Primeiro dia da “Semana Sangrenta”: a “Quarta-feira Sangrenta”

O dia 19 de junho de 1968 marcou o primeiro dia da “Semana Sangrenta”⁴⁰¹. Antes dos estudantes irem para as ruas na “Quarta-feira Sangrenta”⁴⁰², o movimento estudantil marcou reuniões em três locais considerados fundamentais para os estudantes: a Ilha do Fundão, o Largo do São Francisco e a Praia Vermelha. Durante estas reuniões, as lideranças estudantis das entidades colocadas na ilegalidade pela Lei Suplicy reorganizaram o movimento reforçando os principais motivos de luta dos estudantes. Eles também traçaram estratégias para tentar reduzir os impactos causados pela forte repressão policial, que a cada momento tornava-se maior e que começava a fazer parte do dia-a-dia das manifestações estudantis no Rio de Janeiro.⁴⁰³ O *Diário de Notícias* publicou algumas das instruções que os estudantes receberam de suas lideranças: a) quando os estudantes estivessem saindo das faculdades, precisavam tomar a precaução de sair em pequenos grupos para não chamar a atenção da polícia; b) quando estivessem chegando ao centro da cidade, eles deveriam tomar o cuidado de se deslocarem para pontos onde houvesse uma maior movimentação de pessoas; c) os estudantes deveriam se manter afastados dos arredores do MEC até o momento em que recebessem ordens das suas lideranças para se aproximar; d) os estudantes precisavam tentar ocupar o pátio do MEC aos poucos, com pequenos grupos vindo de todos os lados; e) se houvesse uma forte repressão, os estudantes deveriam responder aos policiais na mesma medida; f) por último, caso os estudantes não encontrassem possibilidade para ocupar o pátio do MEC, eles deveriam promover manifestações nas imediações do Ministério da Educação e passeatas nas principais ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro.⁴⁰⁴ Os seis itens apresentados acima mostram um pouco do que foi a preparação e a organização do movimento estudantil momentos antes dos acontecimentos daquela quarta-feira que deu início à “Semana Sangrenta” de 1968.

Naquele dia, o movimento estudantil tentou fazer uma concentração ocupando o pátio do Ministério da Educação para entregar ao Ministro Tarso Dutra uma lista com as principais reivindicações do movimento estudantil,⁴⁰⁵ mas infelizmente esse propósito foi frustrado,

⁴⁰¹ A expressão “Semana Sangrenta” encontra-se na obra de DIRCEU, José; PALMEIRA, Vladimir. Op. cit. p. 103.

⁴⁰² A expressão “Quarta-feira Sangrenta” encontra-se na obra de ARAUJO, Maria Paula Nascimento. “Memórias estudantis: a fundação da UNE aos nossos dias”. Op. cit. p. 290.

⁴⁰³ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 13.

⁴⁰⁴ Idem.

⁴⁰⁵ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1968, p. 13; Depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo a ditadura...”. Op. cit., p. 103.

porque assim que chegou aos arredores do MEC, os estudantes foram recebidos pela polícia armada com bombas de gás lacrimogêneo que foram lançadas contra os manifestantes. Conforme Zuenir Ventura, ao perceber que o pátio do MEC estava cercado pela polícia, Vladimir Palmeira gritou: “‘Recuem’, ordenou o presidente da UME, ‘mas voltem logo com paus e pedras’”.⁴⁰⁶ Também encontramos no depoimento de Vladimir Palmeira que:

Mal chegamos, a policia se posicionou para atacar. Quando eles [sic.] se aproximaram, começamos a jogar pedras e a porrada [sic.] começou: uma verdadeira batalha campal. Eu recuei e comecei a entrar com a segunda e terceira colunas; foi muita briga, muita pancadaria. A certa altura, já estava tudo desorganizado, as colunas tinham se dissolvido e era cada um por si. Os estudantes caíam, esfarrapados, machucados, sangrando, era uma loucura. Afinal, não conseguimos ocupar o MEC.⁴⁰⁷

Durante a “Semana Sangrenta”, o *Correio da Manhã* informou aos seus leitores que no dia 19 de junho de 1968, cerca de mil estudantes estiveram nas ruas em manifestação contra o imperialismo estadunidense, gritavam palavras de ordem contra a Ditadura, reivindicavam mais verbas federais para a educação brasileira, mais investimento nas universidades e também pediam a reabertura do Restaurante Central dos Estudantes conhecido na época como “Calabouço”.⁴⁰⁸ Grupos de estudantes se dirigiram para a Avenida Rio Branco e começaram a montar barricadas e a dispor o arsenal de paus e pedras para enfrentar a polícia armada.⁴⁰⁹

O Ministro da Educação, Tarso Dutra, afirmou ao *Correio da Manhã* que estava aberto ao diálogo com os estudantes, mas para isto acontecer, o movimento estudantil deveria ser representado pelas suas “lideranças autênticas”.⁴¹⁰ Por compreendermos que a Lei Suplicy tornou ilegais as principais entidades representantes do movimento estudantil e também colocou na clandestinidade os principais líderes do movimento, podemos afirmar que o posicionamento do Ministro da Educação ao dizer que estava disposto a dialogar somente com as “lideranças autênticas” dos estudantes, mostrou que ele estava indisponível a dialogar com os líderes que eram reconhecidos e legitimados pelo movimento estudantil.

Em janeiro de 1966, o Ministro Moniz Aragão apresentara a Castelo Branco uma lista de motivos para que houvesse uma reestruturação das universidades brasileiras. O Ministro tinha o interesse em manter a “Lei Suplicy”, mas entendia que ela tinha condições de ser

⁴⁰⁶ VENTURA, Zuenir. Op. cit. p. 124.

⁴⁰⁷ Depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo a ditadura...”. Op. cit., p. 103.

⁴⁰⁸ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 14.

⁴⁰⁹ Depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo a ditadura...”. Op. cit., p. 103.

⁴¹⁰ *Correio da manhã*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1.

melhorada. Aragão afirmou então que a lei era democrática e deveria ser aplicada. Encontramos em Fávero que, ao ser questionado sobre a violência policial nas universidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, o Ministro informou ao *Jornal do Brasil* que a autonomia universitária não foi atingida porque naqueles casos, os policiais foram chamados pelos reitores e diretores das universidades.⁴¹¹ Um mês depois, Castelo Branco revogou a “Lei Suplicy” com o Decreto-lei nº 288 que tornou extintas as entidades estudantis em nível estadual (D.E.E.) e nacional (D.N.E.), permanecendo apenas as entidades que tinham representatividade dentro das universidades (D.A) e (D.C.E). O Decreto-lei nº 288 ficou conhecido entre o movimento estudantil brasileiro como “Lei Suplicy-Aragão” ou “Decreto Aragão”. Além da “Lei Suplicy-Aragão”, também havia entre o movimento estudantil um segundo motivo de luta, os acordos MEC-Usaid, reivindicação que esteve presente na lista de lutas do movimento estudantil durante a “Semana Sangrenta” de 1968.⁴¹²

Em 1968, durante o primeiro dia da “Semana Sangrenta”, o *Jornal do Brasil*, que posicionava-se contrário ao governo de Arthur Costa e Silva,⁴¹³ publicou as palavras de Tarso Dutra que afirmou ter estado presente no pátio do MEC no dia 19 de junho e que aguardou os estudantes para fazer o diálogo, mas ao descer ao pátio, só encontrou “pedras e vaias”. Então, Tarso Dutra afirmou ao *Jornal do Brasil* que a falta de diálogo não era culpa dele, mas dos estudantes. No matutino também encontramos que, após dar seu depoimento ao jornal, o Ministro se retirou para o avião que o aguardava.⁴¹⁴ No entanto, o mesmo periódico apresentou uma segunda versão sobre o que possa ter acontecido naquele dia. Foi publicado no *Jornal do Brasil* o depoimento de um alto funcionário do MEC que afirmou que, naquele dia, o ministro não esteve presente no Ministério da Educação. Conforme o depoimento, Tarso Dutra esteve naquele dia em sua residência fazendo uma reunião com cinco auxiliares para discutir questões sobre Reforma Administrativa.⁴¹⁵ Sobre esta falta de diálogo, é importante destacar que: independente do posicionamento político de Tarso Dutra em relação ao movimento estudantil e à ditadura, por ser Ministro da Educação, sua atitude de aceitar o diálogo apenas com as lideranças legitimadas pela ditadura poderia ser justificada por ele aos leitores dos jornais com base na alegação de estar cumprindo a lei 4.464/64. Mesmo assim, conforme o depoimento recolhido de um dos funcionários do MEC, o Ministro fez uso de

⁴¹¹ Maria de Lourdes de A. Fávero retirou estas informações do *Jornal do Brasil*, publicação do dia 13 de setembro de 1966. Ver. FÁVERO, Maria de Lourdes de A. Op. cit., p. 65, 66.

⁴¹² Idem, p. 66.

⁴¹³ FERREIRA, Marieta de Moraes; MONTALVÃO, Sérgio. Op. cit., p. 16.

⁴¹⁴ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p.14.

⁴¹⁵ Idem.

uma falsa afirmação para não dialogar com os estudantes que receberam a violência policial como resposta do regime à tentativa de diálogo.⁴¹⁶

Assim que os estudantes começaram a se aproximar do Ministério da Educação, já havia policiais concentrados no pátio do MEC e nos seus arredores para reprimir a manifestação e não deixar que o pátio fosse ocupado. Os estudantes se dividiram em três grupos para tentar ocupar o pátio do MEC, o que anos depois Vladimir Palmeira afirmou em depoimento que foi “uma burrice”, porque eles estariam mais fortes contra a polícia se estivessem juntos, mas ele afirma que naquela época eles não pensaram neste detalhe.⁴¹⁷ No momento em que os estudantes começaram a se aproximar, os policiais iniciaram o ataque aos estudantes e foi uma verdadeira batalha.⁴¹⁸ O jornal *O Globo* também publicou sobre a violência que ocorreu naquele momento e afirmou que, no meio do tumulto, uma estudante caiu no chão e começou a ser espancada por um policial militar, esta situação foi a gota d’água para que se desse início aos confrontos violentos entre estudantes e policiais naquele dia.⁴¹⁹

No momento em que os estudantes entravam em confronto com os policiais, os grupos começaram a se dispersar. Os estudantes já estavam de sobreaviso que, caso o grupo se dispersasse, eles teriam que se reencontrar em um outro local, marcado previamente e que somente as lideranças sabiam, para que unidos, voltassem ao confronto. O local escolhido naquele dia foi a Rio Branco. Então, os estudantes se reencontraram na Rio Branco e começaram a fazer barricadas. Vladimir Palmeira afirma que, os policiais começaram a marchar em direção aos estudantes e quando chegaram a aproximadamente cinquenta metros, um dos companheiros de militância de Vladimir Palmeira “se levantou e disse: ‘E agora, Vladimir, o que é que a gente faz?’ Eu respondi: ‘Pau neles’.⁴²⁰ Naquele momento os estudantes foram para cima dos policiais e Vladimir Palmeira afirma que os policiais ficaram tão impressionados com a reação dos estudantes que fugiram.⁴²¹

Porém, existiam muitos policiais nas ruas do centro e outro grupo chegou montado à cavalo e os estudantes jogaram bolinhas de gude no chão e os cavalos começaram a cair com os policiais montados neles. Quando Vladimir Palmeira e outros estudantes próximos a ele

⁴¹⁶ Depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo a ditadura...”. Op. cit., p. 103-105.

⁴¹⁷ Idem, p. 103.

⁴¹⁸ VALLE, Maria Ribeiro do. “O diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar em 1968”. Op. cit., p. 61.

⁴¹⁹ *O Globo*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 12.

⁴²⁰ DIRCEU, José; PALMEIRA, Vladimir. Op. cit. p.104.

⁴²¹ Depoimento de Vladimir Palmeira encontrado no documentário: Vladimir (68) Palmeira - A história sem mitos. Direção: Roberto Stefanelli. (49min.).

perceberam que estava chegando a Polícia do Exército (PE), eles decidiram ir embora e confirmaram a assembleia estudantil que teria na UFRJ no dia 20 de junho. Mas o conflito continuou, muitos estudantes ainda estavam nas ruas e algumas pessoas entraram no confronto em apoio aos estudantes, o que naquele caso foram os *office boys*.⁴²² O *Diário de Notícias* informou que naquele momento iniciou uma intensa perseguição policial aos manifestantes o que deu abertura a uma troca de pedradas e bombas de gás lacrimogêneo. O matutino também informou que, além dos estudantes, muitos populares foram atingidos pelo gás lacrimogêneo ao ponto das portas do comércio fechar naquele dia.⁴²³

O jornal *Tribuna da Imprensa* informou que no dia 19 de junho de 1968, foi possível ver nas ruas do Rio de Janeiro um número de estudantes aumentando cada vez mais e em todo o momento aconteciam comícios relâmpagos feitos pelos líderes das entidades estudantis reconhecidas pelo movimento estudantil: UNE, UME, Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas (AMES), Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (DCE-UFRJ) e outros. Vladimir Palmeira presidente da UME e Elinor Brito presidente da Frente Unida dos Estudantes do Calabouço (FUEC) foram vistos fazendo discursos nos comícios relâmpagos, em todo o momento eles relembavam os estudantes que o motivo da passeata naquele dia era conseguir chegar ao pátio do MEC para fazer uma manifestação e tentar entregar a lista de reivindicação do movimento estudantil ao Ministro da Educação.⁴²⁴

Durante o primeiro dia da “Semana Sangrenta” o jornal *O Globo* publicou a seguinte notícia “EXÉRCITO NÃO PERMITIRÁ ARRUAÇAS ESTUDANTIS”. Nela o vespertino fez uso de informações detalhadas no que tange aos atos de violência cometidos pelos estudantes, mas detalhou pouco quanto às atitudes violentas dos policiais.⁴²⁵ O vespertino afirmou que, seis policiais militares ficaram feridos: quatro deles foram internados no hospital da Polícia Militar (PM) e os outros dois foram medicados e liberados para ir para casa. Enquanto isso, entre populares e estudantes vinte e dois feridos deram entrada no Hospital Souza Aguiar, entre eles três eram estudantes e duas idosas. Sem contar com o alto número de pessoas presas e interrogadas, dentre eles: populares que trabalhavam no centro da cidade e estudantes menores de idade.⁴²⁶

⁴²² DIRCEU, José; PALMEIRA, Vladimir. Op. cit. p.104.

⁴²³ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 3.

⁴²⁴ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 2.

⁴²⁵ *O Globo*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 12.

⁴²⁶ *O Globo*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 12.

De acordo com o *Correio da Manhã*: “Durante todo o tempo a PM prendeu, espancou e maltratou indistintamente estudantes e populares, homens e mulheres, velhos e moços”.⁴²⁷ Os policiais do DOPS lançaram bombas de gás lacrimogêneo contra dos populares que apenas observavam atemorizados tamanha violência e ao mesmo tempo gritavam “agora vai começar a festa de verdade”.⁴²⁸ Os populares respondiam às cenas de violência nas ruas vaiando os policiais, como consequência, mais bombas de gás lacrimogêneo eram jogadas em cima de todos causando muitos desmaios naquele dia, como o caso de uma senhora já idosa, que desmaiou na calçada. Ela foi cutucada por um PM com o seu cassetete e ao perceber que a senhora estava inconsciente, gritou: “Ajudem a levantar esta manteiga!”.⁴²⁹ Também encontramos no depoimento de Vladimir Palmeira que, antes da “Quarta-feira Sangrenta”, um grupo pequeno de estudantes fizeram coquetel Molotov para enfrentar a polícia. Eles sabiam que teria enfrentamento porque no dia da missa do sétimo dia da morte de Edson Luís, a polícia agrediu fortemente os estudantes que participavam da missa.⁴³⁰ Na “Quarta-feira Sangrenta” os policiais também trouxeram para as ruas uma “novidade”, naquele dia eles começaram a usar o “brucutu”, esse foi o nome “pré-histórico” dado a mais nova arma usada pela polícia inaugurada no enfrentamento contra os estudantes, um veículo blindado enorme que lançava fortíssimos jatos de água contra os manifestantes.⁴³¹

A “Quarta-feira Sangrenta” também teve como característica o início da participação de populares que se posicionaram ao lado dos estudantes e contra os policiais. Uma chuva de papel picado foi jogada em cima dos estudantes enquanto eles faziam a passeata no centro da cidade. Alguns populares também auxiliaram na resistência dos estudantes durante a luta contra os policiais, assim como encontramos o relato do *Diário de Notícias* sobre o popular Cassio Muniz, que apareceu trazendo três baldes cheios de pedras e as deixou na rua, à disposição dos estudantes.⁴³²

Também foram vistas pessoas em cima dos edifícios vaiando os agentes do DOPS, incomodando-os a tal ponto que eles começaram a procurar quem estava vaiando para prendê-los, chegando a prender alguns funcionários de um banco, baseados no depoimento do

⁴²⁷ *Correio da manhã*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 14.

⁴²⁸ Idem.

⁴²⁹ Idem.

⁴³⁰ Vladimir Palmeira afirma em seu depoimento que o começo do uso de coquetel Molotov pelos estudantes foi a partir do primeiro dia da “Semana Sangrenta”. Ver. Vladimir (68) Palmeira - A história sem mitos. Direção: Roberto Stefanelli. (49min.).

⁴³¹ Em seu depoimento dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, Vladimir Palmeira informa que “brucutu” foi o nome pré-histórico dado a uma nova arma que a polícia estava inaugurando no enfrentamento contra os estudantes. Era uma espécie de tanque de guerra enorme que lançava jatos de água fortíssimos sobre os manifestantes. Cf. DIRCEU, José; PALMEIRA, Vladimir. Op. cit., p. 104.

⁴³² *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 3.

gerente. O motivo dado pelos policiais para explicar aquelas inúmeras prisões de populares era que a vaia caracterizava-se como um desacato.⁴³³ O jornal *Correio da Manhã* também informou que, ao perceberem que estavam sendo observados, os agentes do DOPS e os policiais começaram a gritar para que os populares saíssem das janelas, mas ninguém os obedecia, então, os policiais começaram a dar tiros para cima, mas sua atitude só aumentou o volume das vaias.⁴³⁴

As prisões e espancamentos fizeram os populares que estavam nos edifícios começarem a jogar objetos das janelas em cima dos policiais. O *Correio da Manhã* descreveu alguns dos objetos que foram jogados: um estojo de pintura foi jogado e atingiu um policial, também foram vistos sacos de plásticos cheios de água, garrafas, ovos, copos cheios de sorvete também sendo arremessados dos edifícios, um senhor extremamente incomodado com o tratamento policial sobre os estudantes e populares iniciou um violento discurso de crítica ao governo dizendo: ““Esse Governo miserável que se sustenta ao poder das baionetas, já não aguento tanta violência em meu país””,⁴³⁵ imediatamente este senhor foi cercado pela polícia e preso. Os objetos que estavam sendo jogados de cima dos edifícios começaram a irritar os agentes do DOPS ao ponto de policiais começarem a jogar bombas de gás em todas as direções, inclusive dentro dos veículos que trafegavam nas ruas do centro naquele momento.⁴³⁶

De acordo com o *Diário de Notícias*, após às 14 horas as ruas ficaram cercadas de policiais. Vários populares passavam mal devido ao intenso lançamento das bombas. Um motorista de taxi foi espancado por policiais e depois preso. Uma senhora foi pisoteada e ferida e muitas pessoas deram entrada nos hospitais por intoxicação.⁴³⁷ O *Tribuna da Imprensa* trouxe como manchete “O DIA FOI DÊLES [sic.] CAVALOS, POLÍCIA É A LEI DA SELVA”.⁴³⁸ O vespertino também se posicionou contrário a Tarso Dutra como Ministro da Educação, chamando-o de incompetente, apático e incapaz. De acordo com o jornal, Tarso Dutra só conseguiu tornar-se ministro porque ele era um conterrâneo do presidente da República e Clóvis Stenzel, seu suplente, era genro do presidente do partido ARENA. Assim, o que acontecia “É a velha política de compadres. Mas, é o Brasil 1968. Tudo é possível: até mesmo a polícia espancar impunemente. Até um Tarso Dutra ser ministro da Educação”.⁴³⁹

⁴³³ Idem.

⁴³⁴ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p.14.

⁴³⁵ Idem.

⁴³⁶ Idem.

⁴³⁷ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 3.

⁴³⁸ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 14.

⁴³⁹ Idem.

Na reportagem intitulada “DOPS PRENDE 96 PESSOAS E DEIXA DE SOBREAVISO OS QUARTÉIS”,⁴⁴⁰ o *Tribuna da Imprensa* informou que entre as 96 pessoas presas, uns eram estudantes menores de idade e outros eram populares que tinham cada um os seus empregos. Na notícia “SIZENO: [sic.] ORDEM SERÁ MANTIDA MESMO COM A SUPRESSÃO DAS LIBERDADES INDIVIDUAIS”,⁴⁴¹ podemos ler que Siseno Sarmento,⁴⁴² general e comandante do I Exército, afirmou que havia indivíduos aproveitando-se das reivindicações dos estudantes para implantar a “subversão da ordem” e advertiu aos pais e responsáveis que alertassem seus filhos em relação aos líderes estudantis para que os verdadeiros estudantes não servissem de escudo nas mãos destas pessoas.⁴⁴³

Além de acompanhar todos os acontecimentos da “Quarta-feira Sangrenta”, a grande imprensa carioca também deu destaque em sua primeira página aos acontecimentos daquele dia. Podemos encontrar no *Correio da Manhã* do dia 20 de junho de 1968, a seguinte manchete: “SETE HORAS DE GÁS LACRIMOGÊNICO PARA REPRIMIR OS ESTUDANTES”. Na “chamada”⁴⁴⁴ relacionada a esta manchete encontramos que antes do meio dia, os primeiros estudantes começaram a chegar ao pátio do MEC e foram recebidos pela polícia com cassetete, bombas de gás, fortes jatos de água e depois foram perseguidos por estes mesmos policiais que portavam baionetas caladas e metralhadoras.⁴⁴⁵ O jornal também noticiou que durante a fuga, os estudantes fizeram comícios relâmpagos, depredaram viaturas policiais, quebraram vitrines de algumas lojas e cercaram as ruas com bancos retirados dos pontos de ônibus usados para fazer barricadas. Aproximadamente cem pessoas foram presas pela polícia e dezenas de pessoas, incluindo pedestres, foram intoxicadas pelo gás lacrimogênico lançado pela polícia.⁴⁴⁶

⁴⁴⁰ Idem, p. 10.

⁴⁴¹ Idem.

⁴⁴² Siseno Ramos Sarmento nasceu em Manaus no dia 3 de junho de 1907 e faleceu em São Paulo no dia 16 de novembro de 1983. Em 1964 participou ativamente do golpe e em julho do mesmo ano foi promovido general de divisão. Em 1968 era comandante do I Exército. Criou o Centro de Operação para a Defesa Interna (CODI), órgão com sediado no Rio de Janeiro e criado com o objetivo de combater a subversão. Anos depois, o CODI foi transformado no Departamento de Operações Internas (DOI). Deixou o comando do I Exército em 1971 sendo substituído pelo general João Bina Machado. Em 1971 tornou-se ministro do Superior Tribunal Militar (STM) e ocupou este cargo até 1977. Aposentou-se aos 70 anos. Cf. Siseno Ramos Sarmento (verbete – Sem autor). Fundação Getúlio Vargas. FGV/CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/siseno-ramos-sarmento>> Acesso em: 17 de jul. 2019.

⁴⁴³ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 10.

⁴⁴⁴ Pequeno texto apresentado na primeira página de um impresso que indicam pares internas do periódico onde a notícia é apresentada de forma mais detalhada. Cf. “COUTINHO, Emilio Coutinho. Vocabulário de jornalismo”. Op. cit., p. 4.

⁴⁴⁵ *Correio da manhã*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1.

⁴⁴⁶ Idem.

Figura 20 - Correio da manhã. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1447

AMÉRICA - O. B. ...
Correio da Manhã
 RUMUNDO BITTENCOURT - PAULO BITTENCOURT
 RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 20 DE JUNHO DE 1968
 R\$ 10,00 - ANO LETIVO

SETE HORAS DE GÁS LACRIMOGÊNICO PARA REPRIMIR OS ESTUDANTES

CELSO PELA REDUÇÃO DE RENDA ALTA

O economista Celso Furtado defendeu ontem na Câmara a redução das rendas da população que detém 40 por cento da renda nacional, afirmando que a medida reduziria a inflação e aumentaria a produtividade.

Furtado falou sobre a "Problematiza do Desemprego", e o Celso Furtado declarou que se não houver, quanto menos, um programa de redução da renda, da má de outubro e de não de junho de um ano há de ser um programa de compensação.

O ministro do Planejamento, Sr. Hélio Beltrão, contestou as afirmações de Celso Furtado de que a redução nacional não melhoraria a situação econômica, mas o ministro afirmou que o Brasil sobreviveu ao período de 1961 a 1962.

Também o ex-ministro Roberto Campos criticou as ideias de Furtado, afirmando que a redução das rendas não melhoraria a situação econômica, mas o ministro afirmou que o Brasil sobreviveu ao período de 1961 a 1962.

BRASIL JOGA COM POLÔNIA ÀS 14 HORAS

Na sua segunda apresentação na Europa, o Brasil enfrentou a Polónia, hoje, à tarde (14h), no Estádio de Maracanã. O jogo foi disputado em um período que será a última da carreira de Pelé.

Na partida, o Brasil venceu por 2 a 0, com gols de Pelé e Rivaldo. O jogo foi disputado em um período que será a última da carreira de Pelé.

DOM HELDER PREGA A REVOLUÇÃO DENRO DA PAZ

Dom Helo, bispo e presidente do Vaticano, fez uma pregação em São Paulo, afirmando que a revolução deve ser feita dentro da paz.

RENDIA CONTROLA CONTA NO BANCO

Projeto do Governo, a ser encaminhado ao Congresso, prevê a criação de uma comissão para controlar a renda dos brasileiros, com o objetivo de reduzir a inflação e aumentar a produtividade.

HOJE

REACÃO

Centenas de bombas de gás lacrimogênico atiradas sobre o centro da cidade, atingindo ao público.

PRELACAO

Ator da Polícia Militar foi morto à tarde e a 10h, o Sr. Rio Branco ficou politicamente ao com bombas.

447 As imagens presentes na primeira página do *Correio da Manhã* do dia 20 de junho de 1968 encontravam-se na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional em condições ilegíveis. Porém, fizemos o uso da página inteira por ela apresentar as manchetes legíveis e para permitir uma observação mais detalhada da diagramação utilizada pelo matutino.

448 *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1.

449 Idem.

É interessante destacar que o jornal *Tribuna da Imprensa* comparou Negrão de Lima ao rei da Judéia Herodes⁴⁵⁰, na intenção de afirmar que a polícia agia por estar seguindo ordens do governador da Guanabara, que não se preocupava com a segurança dos estudantes que estavam nas ruas e muito menos com a proteção de gestantes, crianças e idosos. Logo, para o vespertino, a ação violenta dos estudantes foi uma reação em resposta a violência policial. O *Tribuna da Imprensa* também publicou em sua primeira página quatro manchetes acompanhadas de chamadas que trouxeram maiores informações sobre a Concentração no pátio do MEC. Na chamada que acompanhava a manchete “GRANDE PARTE DOS PRESOS É DE MENORES” foi possível ler que, cerca de 100 estudantes estavam presos em unidades da polícia, que a maioria foi encaminhada para as unidades do DOPS para serem interrogados, que a maior parte dos presos levados para interrogatório eram estudantes menores de idade e também obtemos a informação de que cerca de 10 pessoas foram feridas por causa das pancadas de sabres e de cassetetes da polícia.⁴⁵¹

Figura 21 - *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1

TRIBUNA da imprensa
 Nº 15 020
 ANO XIX, N.º 144 Rio de Janeiro (RJ)
 Quinta-feira, 20 de junho de 1968

A concentração dos estudantes, no pátio do MEC, foi o pretexto que a Polícia da Guanabara encontrou para usar seu arsenal bélico contra o povo indefeso da cidade, num verdadeiro show de brutalidade

POVO MASSACRADO



Até as 14 horas o Páe combateu os estudantes, mas daí para o frente, como se cumprisse ordens de Herodes, passou a atacar gestantes, crianças e velhos num banho desenfreado. Os estudantes em represália incendiaram um carro, destruíram vários outros e apedrejaram vítimas e a polícia.

GRANDE PARTE DOS PRESOS É DE MENORES
 Cerca de 100 estudantes estão presos em várias unidades da polícia, como resultado das manifestações de ontem, sendo que a maioria foi encaminhada à DOPS, para interrogatório. É grande também o número de menores de idade detidos. (Página 10). Também segundo dados oficiais cerca de 10 pessoas ficaram feridas devido a pancadas recebidas com sabres e cassetetes. A polícia gastou 25 milhões de cartuchos em bombas de gás lacrimogêneo.

EXÉRCITO NÃO TOMOU PARTE NA REPRESSÃO
 Apesar da decisão dos chefes militares de não envolverem as Forças Armadas na crise estudantil, numerosas contingentes do Marinha (fuzileiros navais), Exército e Aeronáutica adotaram regime de salvatagem. Informou-se que o Governo Federal teria sido alertado para as manifestações de ontem por serem elas o estágio para um plano nacional de ocupação de todas as Faculdades e Escolas Superiores, até a primeira semana de julho. (Página 2)

COMANDANTE DESMENTE PARTICIPAÇÃO
 O comando do I Exército desmentiu a participação de unidades militares na repressão aos protestos estudantis. Em comunicado assinado pelo general Sízeno Surmento resalta, entretanto, que o I Exército está disposto a utilizar até a última e a estratégia para manter a ordem na cidade. No final da nota, o general Sízeno afirma que, se preciso for, poderão ser suprimidas até as garantias individuais.

ESTUDANTES DIZEM HOJE O QUE FARÃO
 Os alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro se reuniram hoje pela manhã, em assembleia geral extraordinária, para examinar o movimento de ontem, bem como determinar hora e local de novas manifestações. A polícia já proibiu o encontro e deverá enviar tropas de choque para ocupar todo o quarteirão entre a Biblioteca e a Faculdade de Medicina. Os estudantes estão dispostos a dar um caráter sistemático às manifestações.

⁴⁵⁰ Herodes foi o rei da Judeia responsável e mandante pelo assassinato de crianças de até 2 anos de idade. Sua ordem tinha como objetivo assassinar o Menino Jesus, que havia nascido fazia pouco tempo e que todos diziam que ele seria o “Rei dos judeus”. Podemos encontrar este texto no livro de Mateus capítulo 2 versículos 1 ao 19. Ver: BÍBLIA. Espanhol, Inglês e Português. *Bíblia Sagrada*. Edição Trilíngue. São Paulo: Geográfica. Nova Versão Internacional. 2.ed. 2013, pp.1396, 1397.

⁴⁵¹ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1.

Podemos ver acima que, o jornal *Tribuna da Imprensa* publicou duas chamadas em sua primeira página afirmando que o Exército não esteve no local. A primeira chamada acompanhou a seguinte manchete “EXÉRCITO NÃO TOMOU PARTE NA REPRESSÃO”, nele encontramos que as forças armadas ficaram de sobreaviso, mas não tomaram partido naqueles conflitos. Também afirmou que circulava entre os militares a informação de haver uma ameaça de ocupação das escolas superiores e faculdade que começaria nas manifestações do dia 19 de junho de 1968 e que esta ocupação duraria até julho.⁴⁵² A segunda chamada acompanhou a manchete “COMANDANTE DESMENTE PARTICIPAÇÃO”, onde o comando do I Exército negou a participação de unidades militares nas repressões policiais a manifestação estudantil do dia 19 de junho, mas que se fosse necessário, “o I Exército está disposto a utilizar até poderes extralegais para manter a ordem na cidade”.⁴⁵³ Há possíveis contradições sobre o que tenha acontecido naquele dia, porque Vladimir Palmeira afirmou em seu depoimento que, em um determinado momento da “Quarta-feira Sangrenta” eles perceberam que a Polícia do Exército começou a se dirigir para as ruas do centro da cidade, foi naquele momento que ele e aqueles que estavam perto dele decidiram ir embora por ser mais prudente, mas ele afirma que muitos estudantes permaneceram nas ruas em confronto com a PM.⁴⁵⁴

Por último, a quarta manchete encontrada no *Tribuna da Imprensa* com o título: “ESTUDANTES DIZEM HOJE O QUE FARÃO” veio acompanhada de uma chamada que afirmou que a Assembleia marcada para o dia 20 de junho na Praia Vermelha foi proibida pela polícia que se prontificou em enviar tropas para cercar o local, mas os estudantes estavam dispostos a fazer a assembleia estudantil para nortear os novos caminhos a serem percorridos pelo movimento estudantil e dar um caráter sistemático às manifestações.⁴⁵⁵ Vladimir Palmeira também afirma que os estudantes também tinham o objetivo de fazer daquela assembleia uma possibilidade de diálogo com o corpo docente da UFRJ, porque os estudantes queriam ter uma maior participação nas decisões tomadas pelas universidades.⁴⁵⁶

Investigando a primeira página do jornal *O Globo* percebemos que o vespertino publicou duas manchetes principais que falavam sobre a “Quarta-feira Sangrenta”, mas a primeira página também trouxe outras informações que não tinham relação com o

⁴⁵² *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1.

⁴⁵³ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1.

⁴⁵⁴ Depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo a ditadura...”. Op. cit., p. 105.

⁴⁵⁵ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1.

⁴⁵⁶ Depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo a ditadura...”. Op. cit., p. 113, 114.

acontecimento no dia 19 de junho para o movimento estudantil. As duas principais manchetes que se destacaram na primeira página eram: “EXÉRCITO ALERTA OS PAIS: NÃO TOLERAMOS MAIS PROVOCAÇÕES” e “AGITADORES LEVAM ANARQUIA AO CENTRO DO RIO”.⁴⁵⁷ Portanto, *O Globo* dividiu o espaço da sua primeira página com outras notícias, em vez de dar total destaque aos acontecimentos do primeiro dia da “Semana Sangrenta”.

Figura 22 - *O Globo*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p.1



Para o *Diário de Notícias*, os acontecimentos daquele dia puderam ser considerados a maior batalha de rua já presenciada no Rio de Janeiro até aquele momento. As bombas de efeito moral tornaram o centro do Rio intransitável ao ponto de parar toda a cidade, e no final

⁴⁵⁷ *O Globo*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p.1.

do confronto, 58 jovens haviam sido presos e dezenas de pessoas estavam feridas.⁴⁵⁸ Ao investigar a primeira página do jornal também podemos afirmar que ele deu um considerável destaque a esta manifestação, trazendo escrita em caixa alta a manchete principal: “NOVA GUERRILHA URBANA: ESTUDANTES X POLICIAIS”,⁴⁵⁹ o lide da manchete principal informava que o confronto ocorreu entre seis mil estudantes que estavam armados de paus e pedras, contra policiais que estavam armados de cassetetes e bombas.⁴⁶⁰ Assim como podemos ver abaixo:

Figura 23 - Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1

Diário de Notícias
F. B. 244 - Tel. 02-218
Dir. P. 244 - 55/6 de 68 - Nº 11.881
Fundador: ORLANDO DANTAS

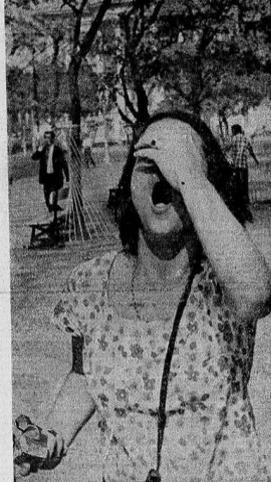
NOVA GUERRILHA URBANA: ESTUDANTES X POLICIAIS

CORRIDA DE OBSTÁCULOS



O confronto entre seis mil estudantes, armados de paus e pedras, e os cassetetes e bombas da polícia resultou, ontem, na maior batalha de rua já assistida no Rio. Depois de erguerem barricadas na Cinelândia, os jovens passaram em prática um dispositivo de guerrilha urbana, deslocando-se rapidamente e enfrentando, em pequenos grupos, o esquema repressivo. A cidade parou. No fim do combate, havia 58 jovens feridos e dezenas de policiais. As bombas de efeito moral tornaram o centro do Rio intransitável. P. 8 e 13.

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA



A jovem estudante lá tirou sua pesada pedra no primeiro policial que avistasse. Mas a bomba chegou antes e ela se pôs a chorar sem que-quer.

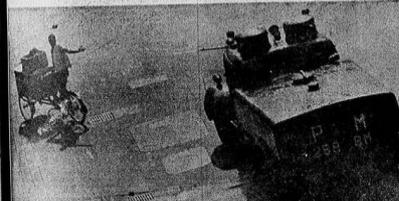
Exército vê a Subversão no Protesto

O Comandante do I Exército, em nota oficial, disse estar informado seguramente de que "indivíduos comprometidos na subversão da ordem" aproveitaram-se das reivindicações estudantis. Pediu aos pais que não permitam sejam seus filhos "usados como coelho por 'las clemências'". O MEC também se pronunciou. P. 5.

Fôrça Está Pronta Para a Repressão

Os jovens podem protestar, dentro da lei, mas se "ficarem correndo de um lado para outro", a polícia estará sempre em alerta e subversão do sr. Negrão de Lima, que anunciou a prisão dos que depredaram veículos militares. A Secretaria de Segurança anunciou usará a força sempre que necessário. P. 2.

MOLHARAM O PÃO DE CADA DIA



Regresso ao quartel, o "braveiro" passou por humilhação padroeira, que nada tinha a ver com a confusão. Molharam um jato d'água, só por malícia. O pobre trabalhador sofreu prejuízo completo. Sua mercadoria acabou inutilizada. Ainda está querendo saber quem vai pagar tudo o que ele perdeu.

NEM USARAM PADIOLA



De qualquer maneira os quatro policiais carregam o estudante para a viatura, depois da batalha de bombas, de efeito moral versus paus e pedras.

Governo Aponta Erros de Celso

O sr. Hélio Bicudo contestou as declarações de sr. Celso, argumentando que as ideias partem de quem lutam pelo Governo João Goulart, mesmo no período em que o desenvolvimento brasileiro entrou em recesso. O ministro do Planejamento afirmou, por outro lado, que a recuperação foi iniciada a partir de março de 1964. P. 7.

Lira: Vai Baixar o Custo de Vida

O general Lira Tavares disse, ontem, que o governo não pretende, em lutar o custo de vida. Resaltou o ministro do Exército ter que se certificar de que o Presidente da República atenuará a atual situação, sem prejuízo da política econômico-financeira em que está empregado o governo. P. 10.

A VIOLÊNCIA VOLTA ÀS RUAS

A cidade assistiu ontem, e não somente assistiu mas sofreu as consequências, a maneira extremamente violenta com que as autoridades insistem em impedir as manifestações dos estudantes, mesmo quando essas também são programadas em condições que não afetem a segurança pública nem a normalidade da vida urbana.

Para conter o que se achava anunciado era uma concentração no pátio do Ministério da Educação e Cultura para entrega no titular de pasta de um memorial contendo análise da situação jurídica em que se encontram todas as Faculdades da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O local era perfeitamente adequado, de modo a não perturbar o trânsito, e o motivo razoável, tanto mais que, ao mesmo tempo, o ministro Tasso Dantas fazia amplas declarações sobre os melhores propósitos do estabelecimento de diálogo com os manifestantes.

Concentrações dessa natureza se têm realizado em outras cidades, como São Paulo, Salvador e Belo Horizonte, sem que tenham decorrido incidentes de maior importância.

No Rio, porém, a intolerância é total e a repressão se antecipa a qualquer indício de degeneração da reunião, originando-se daí os fatos mais desafortunados.

Certo, mais uma vez, a polícia não admitiu que a concentração decorresse pacificamente nem se aguardou para reprimir excessos: proibiu e delatou a reunião.

Dai resultou o alastramento da guerrilha pela cidade, com perturbações de trânsito, danificações da propriedade, picotamento de ônibus, coretas, tudo acompanhado de emprego abundante de gás lacrimogênio, com grave incômodo aí não apenas para os participantes mas para a população, fossem transeuntes ou até mesmo pessoas fazendo refeições em restaurantes.

Em face de movimentos dessa natureza, a autoridade policial precisa ter muito agudo o senso da oportunidade, assim como o senso de proporção em face da perspectiva de decorrer. E isto é o que tem faltado, faltou ontem desdoveladamente mais uma vez, fazendo prever uma perigosa evolução se continuar dessa maneira a anunciar "diálogo", isto é, se forem sempre consideradas legitimamente as vertentes todas as concentrações estudantis, qualquer que seja o local e qualquer que seja o procedimento.

⁴⁵⁸ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1.

⁴⁵⁹ *Idem*.

⁴⁶⁰ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1.

Também observamos na primeira página do *Diário de Notícias* que, o matutino publicou muitas imagens do conflito. Assim, foi possível ver a imagem de um estudante sendo carregado pelos braços e pernas por quatro policiais. Como título, a imagem apresentou em caixa alta: “NEM USARAM PADIOLA” e na legenda que acompanhava a imagem era: “De qualquer maneira os quatro policiais carregam o estudante para a viatura, depois da batalha de bombas de efeito moral versus paus e pedras”.⁴⁶¹

Ainda na primeira página do *Diário de Notícias*, outra imagem destacava a falta de respeito por parte dos policiais com a população naquele dia. Logo, viu-se um padeiro levando a sua mercadoria na rua e os policiais molhando os pães com jatos d’água do brucutu. A imagem trouxe como título: “MOLHARAM O PÃO DE CADA DIA” e na legenda:

O ‘brucutu’ passou por um humilde padeiro, que nada tinha a ver com a confusão. Atirou-lhe um jato d’água, só por maldade. O pobre trabalhador sofreu prejuízo completo. Sua mercadoria acabou inutilizada. Ainda está querendo saber, quem vai pagar tudo o que ele perdeu.⁴⁶²

Uma terceira imagem apresentou um jovem em movimento pulando um banco de ponto de ônibus que havia sido feito de barricada e outro jovem andando atrás dele com um pedaço de pau na mão como se os dois estivessem indo em direção a alguém para agredir. O título que acompanhou a imagem dizia: “CORRIDA DE OBSTÁCULOS”. A imagem também veio acompanhada da seguinte legenda: “Apesar da repressão policial, com bombas e gás, cassetetes, prisões, helicópteros e jatos d’água do ‘brucutu’, os estudantes enfrentaram e conseguiram paralisar o centro da cidade. Até o comércio fechou ontem”.⁴⁶³

Da mesma forma que os periódicos apresentados, o *Jornal do Brasil* também publicou em sua primeira página duas imagens sobre aquele dia e uma manchete principal que dizia: “Estudantes param o centro da cidade e Exército adverte que manterá a ordem”, na chamada que acompanhou a manchete principal foi possível ler: “O Ministro Tarso Dutra lamentou ‘profundamente as ocorrências de ontem, quando mais uma vez a ordem pública foi sacrificada pela ação perturbadora de uma minoria’”.⁴⁶⁴

⁴⁶¹ Idem.

⁴⁶² *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1.

⁴⁶³ Idem.

⁴⁶⁴ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1.

Figura 24 - Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1



Cabe ressaltar estas duas publicações ao mesmo tempo, porque percebemos que tanto o *Diário de Notícias* quanto o *Jornal do Brasil* afirmaram que foram “os estudantes” os responsáveis em paralisar o centro da cidade naquele dia. No *Jornal do Brasil* percebemos que, a manchete principal e o lamento de Tarso Dutra colocam a culpa nos estudantes. Ou seja, mesmo com toda a repressão policial e com o uso abusivo de gás lacrimogêneo, os estudantes foram os únicos inculcados por paralisar todo o centro da cidade.⁴⁶⁵ Uma das legendas publicadas na primeira página do *Diário de Notícias* também nos leva a pensar que a intenção dos estudantes foi a de paralisar a cidade e não o fato deles estarem tentando entregar ao Ministro Tarso Dutra as suas reivindicações e que no caminho foram recebidos com violência e responderam na mesma medida a repressão policial.⁴⁶⁶

⁴⁶⁵ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1.

⁴⁶⁶ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1.

Mesmo apresentando os estudantes como responsáveis por parar a cidade, o *Diário de Notícias* também afirmou em uma de suas chamadas de primeira página que, a concentração no pátio do MEC havia sido programada para ser pacífica, que a cidade do Rio de Janeiro “não somente assistiu, mas sofreu as consequências, a maneira extremamente violenta com que as autoridades insistem em impedir as manifestações dos estudantes”.⁴⁶⁷ Também afirmou que este modelo de concentração estudantil estava ocorrendo em outros estados brasileiros, como Belo Horizonte, São Paulo e Salvador. No entanto, o Rio de Janeiro era a cidade que apresentava o maior índice de violência, intolerância e repressão aos estudantes.⁴⁶⁸

O *Diário de Notícias* também publicou na página 13 a imagem com o título “BOMBAS AÉREAS”, que mostrou helicópteros sobrevoando o céu do centro da cidade e afirmou que no início eles só observavam, mas depois de iniciar o confronto eles começaram a voar baixo e a lançar bombas sobre todos.

Figura 25 - Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 13



Encontramos no *Correio da Manhã* reportagens completas com riqueza de detalhes, na página 14 do dia 20 de junho de 1968, sobre como ocorreu a “Quarta-feira Sangrenta”. O jornal apresentou detalhes dos acontecimentos daquele dia por meio de duas notícias que ocuparam toda a folha do jornal com os títulos: “CRISE COMEÇOU A TARDE COM CARRO DO EXÉRCITO” e “ESTUDANTES E PM FAZEM A ESCALADA”. Nelas, podemos encontrar um posicionamento do jornal mais favorável aos estudantes e contrário à violência policial.⁴⁶⁹

⁴⁶⁷ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 1.

⁴⁶⁸ *Idem*.

⁴⁶⁹ *Correio da manhã*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 14.

O *Correio da Manhã* também publicou em sua página 6, que as tropas da PM estavam armadas com sabres, metralhadoras, baionetas caladas, agredia violentamente e lançava bombas de gás lacrimogêneo sobre qualquer pessoa que estivesse na rua. Para o jornal, o que aconteceu foi “um espetáculo grotesco, pela sua gratuidade. Bombas eram atiradas inclusive no interior dos prédios e de ônibus. A Cidade parou para chorar, menos pelo gás do que pela vergonha de ter um Governo que a trata como campo de guerra”.⁴⁷⁰ Percebemos com esta publicação que o *Correio da Manhã* utilizou palavras que pudessem envolver emocionalmente o seu leitor e demonstrou o posicionamento contrário a violência dos policiais.

Após a atrocidade policial cometida contra os estudantes, o *Jornal do Brasil* publicou uma notícia, afirmando que os militares não eram contra a concentração que ocorreu no Pátio do MEC no dia 19 de junho. O que chama a nossa atenção para esta notícia é que ela foi publicada no dia 21 de junho, ou seja, dois dias depois do início da “Semana Sangrenta”. Ao analisar esta sucessão de eventos, podemos afirmar que o dia 19 de junho foi crucial para que ocorresse a “Semana Sangrenta” em 1968. Foi este o dia que deu abertura da Assembleia geral na Praia Vermelha, que resultou na “Sexta-feira Sangrenta”.⁴⁷¹ Por este motivo, o *Jornal do Brasil* afirmou em sua notícia que os militares estavam dispostos a liberar a concentração no Pátio do MEC, alegando que, para eles, esta concentração tinha como objetivo mostrar a visão política de um grupo pequeno contido dentro do movimento estudantil. Por isso, era interessante que se autorizasse a concentração, para deixar a população ver e julgar qual é a ideia que estava tentando ganhar corpo no meio estudantil.⁴⁷² Para justificar o porquê dos estudantes terem sido recebidos com violência pelos policiais e não terem conseguido chegar ao MEC, o *Jornal do Brasil* apresentou mais uma vez a versão dos militares. Conforme a publicação feita pelo *Jornal do Brasil*, uma pessoa, que jornal não revelou o nome, ligou para a polícia afirmando estar falando em nome do Ministério da Educação e solicitou que a polícia tomasse uma iniciativa. Para o jornal, o resultado foi que,

embora a opinião pública tenha recusado simpatia à causa da desordem, evidenciada no uso de porretes e pedras, nem todo mundo conseguiu distinguir entre estudantes e povo. Aliás, quem mais confundiu tudo foi a Polícia, incapaz de distinguir entre transeuntes e estudantes.⁴⁷³

Na página 2 do *Tribuna da Imprensa*, encontramos a notícia “Lideranças pretendem dar caráter sistemático às manifestações de rua”. Nela o periódico informou que, conforme as

⁴⁷⁰ *Correio da manhã*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p. 6.

⁴⁷¹ A expressão “Sexta-feira Sangrenta” é mais citada pelos historiadores, podemos encontrá-la em algumas obras, como por exemplo, em: ARAUJO, Maria Paula Nascimento. “Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias”. Op. cit. p. 290; DIRCEU, José; PALMEIRA, Vladimir. Op. cit. p. 114; REIS FILHO, Daniel Aarão; MORAES, Pedro de. Op. cit. p. 247.

⁴⁷² *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p.10.

⁴⁷³ Idem.

lideranças estudantis, enquanto o governo não resolver os problemas mínimos existentes na educação do país, as manifestações iriam permanecer de forma sistemática e que os estudantes estavam dispostos a continuar com as manifestações independente da violência policial, nem que fosse necessário o uso de táticas de “guerrilha urbana” durante o enfrentamento com os policiais.⁴⁷⁴ Também encontramos no intertítulo “REFLEXO” a informação que a crise na França entre operários e estudantes exerceu influência entre as lideranças do movimento estudantil no Rio de Janeiro. Em relação aos estudantes brasileiros, o jornal informou que “da rebelião francesa eles retiraram, sobretudo, uma lição, a que a sua força mobilizadora de opinião pública pode provocar, se não vitórias completas, pelo menos o atendimento de parte de suas reivindicações”.⁴⁷⁵

Conforme o vespertino, um destacado líder estudantil⁴⁷⁶ afirmou ao jornal que a divergência dentro do movimento estudantil tinha como um dos motivos a grande extensão territorial do país, que dificultava que houvesse uma maior unidade entre os estudantes. Também é importante destacar o que foi encontrado no intertítulo: “GUERRILHA” que informou, mesmo as lideranças estudantis negando a sua adesão à “guerrilha urbana”, eles demonstravam que se sentiam empolgados com ela “e que será com base nela, no que oferece em matéria de mobilidades, ao mesmo tempo, de defesa contra a repressão, que eles orientarão as suas manifestações de rua a partir de agora”.⁴⁷⁷ Mas o vespertino afirmou que esta postura era apresentada pelas lideranças do movimento e ainda não tinha sido aceita ainda por todos os estudantes. Também informou que o temor dos líderes estudantis adeptos a utilização de táticas de “guerrilha urbana” era não saber se os militares estariam preparados para enfrentá-los com táticas de antiguerrilha urbana. Mesmo com seus temores, a liderança do movimento estudantil afirmou que, pelo percurso que as manifestações estavam seguindo, elas permaneceriam pelos próximos dias.⁴⁷⁸

A tentativa estudantil de dialogar com o Ministro da Educação, Tarso Dutra, teve o seu desfecho da seguinte forma: os estudantes foram recebidos com bastante violência pelos policiais e reagiram com a mesma proporção da violência recebida. O objetivo era o diálogo, mas no dia 19 de junho, eles estavam preparados para o enfrentamento, grupos pequenos de estudantes fizeram coquetéis Molotov para serem usados com paus e pedras, estudantes levaram rolhas e bolinhas de gude para derrubar a polícia montada, grupos de estudantes colocaram fogo em um carro da polícia.⁴⁷⁹

⁴⁷⁴ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p.2.

⁴⁷⁵ *Idem*.

⁴⁷⁶ O jornal *Tribuna da Imprensa* não informou qual era o nome deste líder.

⁴⁷⁷ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1968, p.2.

⁴⁷⁸ *Idem*.

⁴⁷⁹ Depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo a ditadura...”. Op. cit., p. 104.

As diversas formas como os estudantes reagiram à violência policial também podem ser compreendidas como um reflexo da existência de uma divisão no movimento estudantil. Eles se dividiam majoritariamente em dois grupos: o primeiro grupo defendia a “luta política” este grupo era liderado por Luís Travassos, presidente da UNE e filiado à Ação Popular (AP). O segundo grupo defendia a “luta específica”, este grupo era liderado por Vladimir Palmeira, presidente da UME e filiado à Dissidência Comunista da Guanabara (DI-GB).⁴⁸⁰ Ou seja, os dois grupos estavam unidos por causa de um inimigo comum: a ditadura, mas estavam divididos devido as suas variadas formas de compreender como deveria ser feita a luta contra a ditadura.

Sobre esses dois líderes, podemos afirmar que Luís Travassos nasceu em 1945 em São Paulo e faleceu no dia 24 de fevereiro de 1982 em um acidente de carro no Rio de Janeiro. Foi eleito presidente da UNE em 1967 em seu XIX Congresso. Em 1968 foi um dos organizadores da Passeata dos Cem Mil; foi preso no XXX Congresso da UNE em Ibiúna, ficou Exilado em Cuba e na Alemanha e retornou ao país em 1979 pela Lei da Anistia e morreu aos 37 anos.⁴⁸¹ Vladimir Palmira nasceu em 1944 e veio com a sua família para o Rio de Janeiro em 1951. Começou a fazer política estudantil no período de 1961 e 1963 como delegado da Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas (AMES). Passou para a faculdade de Direito em 1964. Em 1966 foi eleito presidente do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (CACO), participou da reorganização da União Metropolitana dos Estudantes (UME) e em 1968, representou o movimento estudantil como presidente da UME. Ao retornar do exílio, você não disse que foi exilado e onde tornou-se um dos fundadores do PT, ingressou na carreira política, anos depois tornou-se doutor em História pela Universidade Federal Fluminense e tornou-se professor.⁴⁸²

Os resultados da “Quarta-feira Sangrenta” foram um grande número de pessoas que deram entrada nos hospitais, devido a ferimentos e intoxicação e muitos estudantes universitários foram presos. A liderança estudantil percebeu a necessidade da assembleia estudantil no dia 20 de junho na Praia Vermelha realmente ser feita. Os estudantes precisavam definir quais seriam os novos parâmetros, para enfrentar a nova fase vivida pelo movimento

⁴⁸⁰ Sobre a divisão que existia no movimento estudantil, encontramos no trabalho de Maria Ribeiro do Valle que, de um lado havia Luís Travassos, Presidente da UNE, defendendo a Luta Política contra a ditadura e o imperialismo, por meio de uma postura mais radical dos estudantes durante este enfrentamento. Do outro lado encontramos o presidente da UME Vladimir Palmeira defendendo a Luta Específica, com uma postura menos radical e mais voltada às questões concernentes à uma luta dentro das universidades, ou seja, uma luta mais interna do que externa. Ver. VALLE, Maria Ribeiro do. “O diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar em 1968”. Op. cit., pp. 47-50.

⁴⁸¹ Luís Travassos: período 1967-1969. Disponível em: <<https://une.org.br/presidentes/luis-travassos/>> Acesso em: 13 de jul. 2019.

⁴⁸² Biografia: Vladimir Palmeira milita na luta popular desde jovem. Disponível em: <<http://www.vladimirpalmeira.com.br/biografia.html>> Acesso em 13 de jul. 2019.

estudantil e também tentar um diálogo com a direção da Universidade. Cerca de 2 mil estudantes compareceram à assembleia, mas ninguém esperava que uma pacífica reunião terminasse de uma forma tão atroz, marcando assim o segundo dia da “Semana Sangrenta”.

3.2 Segundo dia da “Semana Sangrenta”: A violência na Praia Vermelha

No dia 20 de junho de 1968, dois mil estudantes estavam reunidos no prédio da UFRJ, campus Praia Vermelha em uma assembleia estudantil. Os estudantes foram anteriormente avisados que seriam desalojados do prédio da UFRJ pela polícia e pelos agentes do DOPS a partir das 18 horas.⁴⁸³ Portanto, conforme o jornal *Tribuna da Imprensa*, enquanto ocorria a assembleia estudantil, um grande número de policiais começou a cercar o prédio. Ao término da reunião, os estudantes que tentaram sair do prédio começaram a ser agredidos, insultados, presos, espancados e há registros de estudantes sendo assediadas pela polícia. Detalhes dessa violência foram noticiados pela imprensa carioca e comoveu boa parte da população da Guanabara

Os estudantes universitários, secundaristas e os líderes das entidades estudantis estavam presentes na Praia Vermelha para “falar sobre as reivindicações estudantis – mais verbas, contra a fundação e pela reabertura do Restaurante Central dos Estudantes ‘Calabouço’ – agora acrescido de mais uma luta, a liberdade dos colegas presos”.⁴⁸⁴ Os estudantes também tinham o objetivo de lutar por mais verbas e por reformas nos currículos das universidades. Conforme Vladimir Palmeira, “aquela manifestação seria a primeira a questionar o poder do professor na universidade e o poder das estruturas acadêmicas dirigentes”.⁴⁸⁵ Durante a assembleia, os policiais da PM e agentes do DOPS começaram a cercar a faculdade. O número de policiais aumentava a cada momento e todos que saíam da UFRJ eram presos. Houve grande agitação e preocupação entre os presentes na Assembleia Estudantil.⁴⁸⁶

Ao pesquisar o jornal *O Globo*, encontramos divergências entre as páginas 13 e 14. Na página 14 encontramos os mesmos argumentos apresentados pelo jornal em sua primeira página: que os estudantes coagiram vinte e um professores universitários a comparecerem na assembleia estudantil na Praia Vermelha; que foi possível ver dentro da universidade uma

⁴⁸³ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 2.

⁴⁸⁴ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 7.

⁴⁸⁵ Depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo a ditadura...”. Op. cit., p. 114.

⁴⁸⁶ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 03.

“tropa de choque estudantil” munidos com paus e pedras para resistir a uma possível entrada de policiais na universidade; que havia um grupo proibindo a saída de alunos da universidade durante a assembleia e fazendo uma vistoria naqueles que entravam na UFRJ, para evitar que os policiais descobrissem o que seria falado na reunião através de escutas.⁴⁸⁷ O jornal *O Globo* também apresentou o caráter violento dos discursos feitos por algumas lideranças do movimento estudantil na assembleia. Conforme o jornal, o representante do Diretório Central dos Estudantes (DCE) fez uso de termos de baixo calão para ridicularizar a polícia e:

afirmou que se os colegas presos quarta-feira não forem postos em liberdade até hoje, os estudantes começarão a sequestrar policiais e militares de um modo geral. – A polícia que não tenha ilusões – ameaçou. – Nós já provamos do que somos capazes, e a partir de agora a coisa vai piorar.⁴⁸⁸

Interessante destacar que as palavras do representante do DCE não foram publicadas na íntegra pelo *O Globo*, mas foram parafraseadas. Logo, isto abriu espaço para um possível endossamento de um caráter violento ao discurso que foi apresentado pelo jornal em relação ao que deve ter sido falado pelo orador naquele momento. Elinor Mendes Brito presidente da FUEC também discursou naquele dia e informou que, pelo fato de o Ministro ter ignorado o diálogo com os estudantes na quarta-feira, o movimento estudantil iria novamente tentar fazer uma concentração no pátio do MEC para pressionar o Ministro a ouvir as suas reivindicações. Naquele momento, os estudantes lutavam pela reabertura do Restaurante Central dos Estudantes “Calabouço”, contra a transformação das universidades em fundações, contra a falta de verbas para a educação brasileira, contra os acordos MEC-USAID, contra a ditadura e um novo motivo de luta surgiu naquele momento, a libertação dos estudantes que foram presos no dia 19 de junho durante a tentativa de concentração no pátio do MEC na “Quarta-feira Sangrenta”.⁴⁸⁹

O jornal *O Globo* publicou no lead da notícia em sua página 13: “VICE-REITOR NEGA OCUPAÇÃO E DIZ QUE PROFESSORES NÃO ERAM REFÉNS”. O vespertino apresentou informações que divergem das que foram apresentadas em sua página 14.⁴⁹⁰ Uma chamada para a página 13 foi publicada na primeira página do jornal *O Globo* em letras miúdas abaixo do título da manchete secundária: “Vice-reitor nega ocupação e reféns”.⁴⁹¹ E

⁴⁸⁷ *O Globo*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 14.

⁴⁸⁸ *Idem*.

⁴⁸⁹ *Idem*.

⁴⁹⁰ *O Globo*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, pp. 13, 14.

⁴⁹¹ *Idem*, p. 1.

ao lermos a página 13, percebemos que Clementino Fraga Filho⁴⁹² declarou ao *O Globo* que a UFRJ não foi ocupada pelos estudantes, que não houve qualquer tipo de intimidação por parte dos estudantes sobre os professores no que tange a sua liberdade ou a sua movimentação dentro da universidade. Clementino Fraga Filho também afirmou que “ele próprio, um sub-reitor e mais 20 membros do Conselho Universitário participaram espontaneamente do diálogo com os estudantes [...] atendendo a uma solicitação dos universitários”.⁴⁹³ Em outras palavras, diferente do que foi publicado em outras páginas pelo mesmo jornal, o corpo docente da UFRJ não foi pressionado contra a sua vontade pelos estudantes a participar da assembleia estudantil.⁴⁹⁴ Também encontramos na página 13 que, conforme Clementino Fraga Filho, a reunião estudantil foi pacífica, as lideranças estudantis apenas apresentaram as reivindicações dos alunos e os problemas da crise universitária ao conselho universitário presentes.⁴⁹⁵

Em seu depoimento, Vladimir Palmeira afirma que os estudantes estavam naquele dia dispostos a dialogar com o conselho universitário da UFRJ, os estudantes não tinham o interesse de coagir ninguém a participar da reunião, por isso, o presidente do DCE da UFRJ Carlos Alberto Muniz ficou responsabilizado de convidar os professores a participar do diálogo com os estudantes. Muniz demorava muito para chegar a um acordo com os professores e os estudantes estavam dispostos a fazer aquele diálogo naquele dia, quanto mais demorava, mais perto estava o horário previsto para a chegada dos policiais no local. Então, cerca de 1500 estudantes saíram em direção a reitoria e começaram a pressionar os professores a descerem até o local da reunião para iniciar o diálogo. Os estudantes perceberam que nada estava acontecendo, então arrebentaram a porta do local onde Muniz estava tentando convencer os professores a participar da reunião, invadiram o local e fizeram os professores participar da Assembleia estudantil.⁴⁹⁶ Um grupo de estudantes ficaram tomando conta de alguns professores vistos como “fascistas” pelos estudantes para que eles, em suas eventuais idas ao banheiro, não fugissem da UFRJ.⁴⁹⁷ Vladimir Palmeira concorda que aquele foi um momento em que os professores se sentiram constrangidos, mas foi um momento importante,

⁴⁹² Clementino Fraga Filho foi nomeado vice reitor da UFRJ em 1966, dias depois, ele se tornou reitor devido o afastamento do reitor Raymundo Moniz de Aragão. Cf. Academia Nacional de Medicina. Clementino Fraga Filho. Disponível em: <[http://anm.org.br/conteudo_view.asp?id=57&descricao=Clementino+Fraga+Filho+\(Cadeira+No.+19\)](http://anm.org.br/conteudo_view.asp?id=57&descricao=Clementino+Fraga+Filho+(Cadeira+No.+19))> Acesso em: 05 de jun. 2019.

⁴⁹³ *O Globo*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 13.

⁴⁹⁴ Idem, p. 14.

⁴⁹⁵ Idem, p. 13.

⁴⁹⁶ Depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo a ditadura...”. Op. cit., p. 115; VENTURA, Zuenir. Op. cit., p. 126, 127.

⁴⁹⁷ Idem, p. 127.

porque representava a quebra de uma autoridade formal absolutamente opressiva. Ao descer, o conselho teve a integridade física de seus dignos membros totalmente garantida pelos estudantes: não houve a menor violência contra eles, apesar de realmente terem sido pressionados. E, naquele espaço aberto, passamos horas debatendo os problemas da Universidade Federal. Discutimos e votamos em uma série de resoluções que infelizmente jamais foram cumpridas.⁴⁹⁸

O *Diário de Notícias* informou os acontecimentos daquele dia desde o início da assembleia, que para o matutino tinha sido pacífica, até o seu violento desfecho no Campo do Botafogo Futebol e Regatas. A reunião contou com a presença dos líderes “Vladimir Palmeira, presidente da UME; Elinor Brito, da FUEC, e Luís Travassos, da UNE, Valmir Soares, do DCE da UFRJ, presidente de Diretórios Acadêmicos e representantes da AMES”.⁴⁹⁹

Enquanto a hora passava, o cerco de policiais aumentava, um grupo de estudantes começaram a sentir fome, medo, pânico e o desespero.⁵⁰⁰ Porém, alguns estudantes começaram a querer sair da universidade e a resistir ao cerco policial, mesmo estando sob a ameaça de serem presos.⁵⁰¹ Do lado de fora da UFRJ, era possível encontrar pais preocupados e desesperados, pela condição na qual seus filhos estavam. Qualquer tipo de manifestação de solidariedade demonstrada aos estudantes era repreendida energicamente pela polícia. Uma pessoa tentou passar alimento por entre as grades da universidade para os estudantes e acabou sendo “escorraçado do local pela polícia, que estava tomada de verdadeira fúria homicida”.⁵⁰²

Em relação ao desespero dos pais, podemos complementar as informações obtidas no *Diário de Notícias* com informações encontradas no *Jornal do Brasil*, que publicou alguns relatos de mães que tentaram buscar as suas filhas e não conseguiram. Assim como foi visto a Sr^a Peralva, mulher de Osvaldo Peralva, Diretor do *Correio da Manhã*, que aos gritos exigiu ver a sua filha, afirmando que o carro dela estava no local, mas a sua filha não estava no carro:

“-Eu sou mulher do diretor do **Correio da Manhã** e vou entrar nessa bagunça de qualquer maneira – gritava a Sr^a Peralva. Os agentes do DOPS não tiveram coragem de impedi-la, mas um ameaçou esvaziar os pneus de seu automóvel. - Você deve ir ali e esvaziar para ver o que acontece – respondeu ela. [...] Meu carro é propriedade privada; bota a mão nele que eu quero ver”. O carro não foi tocado.⁵⁰³

O *Jornal do Brasil* também noticiou a promessa dos policiais em sair dos arredores da universidade e de não agredir os estudantes que saíssem.⁵⁰⁴ O Clementino Fraga Filho contou aos estudantes que estavam cercados dentro da UFRJ sobre as promessas do governador, ele

⁴⁹⁸ Depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo a ditadura...”. Op. cit., p. 115.

⁴⁹⁹ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 7.

⁵⁰⁰ Idem, p. 3.

⁵⁰¹ Idem.

⁵⁰² Idem, p. 13.

⁵⁰³ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 5 – *Grifo da fonte*.

⁵⁰⁴ Idem.

afirmou que acreditava nas palavras de Negrão de Lima e garantiu que se fosse necessário, ele iria na frente dos estudantes para assegurar que todos ficassem seguros.⁵⁰⁵ O jornal afirmou que naquele momento os estudantes aplaudiram o Clementino Fraga Filho, mas Vladimir Palmeira disse que mesmo com a ajuda do vice-reitor, os estudantes deveriam desconfiar, porque “gorila não tem palavra”.⁵⁰⁶

Diferente do que foi noticiado pelo *Jornal do Brasil*, o *Diário de Notícias* publicou que os policiais se negaram a obedecer às ordens do Governador Negrão de Lima de retirar-se dos entornos da reitoria da UFRJ. Sua alegação era a que eles estavam seguindo ordens de seus superiores de só saírem daquele local quando todos os estudantes fossem presos.⁵⁰⁷

Complementando estas informações, encontramos no depoimento de Vladimir Palmeira que, depois dos policiais terem prometido não agredir os estudantes que saíssem pacificamente, chegou ao seu conhecimento que os policiais estavam escondidos em uma emboscada. Vladimir e os demais líderes procuraram novamente Clementino Fraga Filho que foi buscar informações novamente com os chefes dos policiais, foi quando Vladimir Palmeira relatou que percebeu

que os caras estavam decididos a nos massacrar: haviam retornado as suas posições originais e cercaram os portões e avisaram ao Clementino que só permitiriam a nossa saída a partir das dez da noite. Nós entendemos que a esta hora seríamos espancados, maltratados e agredidos, e que para ser massacrados sem testemunhas, era melhor ser massacrados com testemunhas. Decidimos sair de qualquer jeito”.⁵⁰⁸

Vladimir Palmeira também depôs que, naquele momento, o sentimento entre os estudantes era bem diverso, alguns estavam apavorados por estarem cercados, outros estudantes começaram a quebrar as portas da universidade para pegar madeira e ter com o que se proteger da polícia, também estava no meio dos estudantes um grupo chamado de “turma de choque” que naquele dia estavam com coquetéis Molotov para enfrentar os fuzis, metralhadoras, cassetetes e bombas de gás lacrimogêneo usados pela polícia. Vladimir Palmeira afirma que um primeiro grupo começou a sair antes da hora e quando chegaram no portão, começou a violência dos policiais sobre eles, o que resultou em uma enorme confusão, porque havia também um outro grupo que estava atrás saindo da UFRJ e quando viu a violência começaram a sair com mais rapidez, Vladimir estava neste segundo grupo, não foi reconhecido devido a confusão e conseguiu fugir. Ele também afirma que quando a polícia percebeu que as pancadas não estavam controlando o grande número de estudantes que saiam

⁵⁰⁵ Idem.

⁵⁰⁶ Idem.

⁵⁰⁷ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 3.

⁵⁰⁸ Depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo a ditadura...”. Op. cit., p. 116.

correndo de dentro da UFRJ, os policiais começaram a atirar, Vladimir afirma que ouviu tiros e naquele momento um terceiro grupo ficou dentro da UFRJ com medo de serem alvejados pelos tiros dos policiais.⁵⁰⁹

O *Diário de Notícias* informou que naquele dia, havia três mil homens fazendo o cerco de dois mil estudantes presentes na UFRJ. No final da noite, foi possível encontrar alguns poucos estudantes ainda dentro da universidade. Todavia, aproximadamente mais de mil estudantes tentaram sair da UFRJ e tiveram como alternativas a prisão ou o espancamento.⁵¹⁰

Sobre o primeiro grupo de estudantes que começaram a sair da UFRJ naquele dia, encontramos no *Diário de Notícias* que, houve um momento em que os policiais prometeram não prender nenhum estudante que saísse pacificamente do prédio da reitoria. Então, aproximadamente dois mil jovens começaram a sair de forma pacífica e a promessa não foi cumprida, naquele momento, os policiais começaram a agredir violentamente aqueles estudantes. Tudo não passou de uma armadilha, assim como trouxe o título da notícia publicada pelo matutino: “ESTUDANTES CAÍRAM NA ARMADILHA” que afirmou: “Além dos cassetetes e bombas, foram usadas pelos policiais até armas de fogo. E os estudantes saíram pacificamente”.⁵¹¹ Ao começarem a sair, a partir das 21h15m, apareceram dois choques da PM reforçando o cerco que já estava armado em torno da universidade e afastando os jornalistas do local.⁵¹² O jornal complementou afirmando que os estudantes acreditaram nas promessas do Governador, que garantiu que nenhum deles seriam agredidos. Por este motivo, eles começaram a largar as pedras e paus que serviam para a sua proteção, começaram a formar filas de quatro pessoas para que cada fila saísse silenciosamente da UFRJ. O reitor foi na frente das filas formadas por quatro de estudantes, mas quando todos estavam desprotegidos, eles perceberam qual foi o plano adotado pelos policiais: deixar todos saírem para encurralá-los.⁵¹³ Durante aquela noite na Praia Vermelha foi possível ver cena de soldados da PM se fartando de bater nos estudantes, que conforme o jornal: “Possuídos por uma fúria incontrolável, os soldados se utilizaram, fartamente das bombas, do cassetete e até tiros foram ouvidos”.⁵¹⁴

Em relação ao momento em que os estudantes estavam cercados dentro da UFRJ e foram ludibriados pelos policiais a saírem da universidade com a promessa de não serem

⁵⁰⁹ Depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo a ditadura...”. Op. cit., pp. 116-118; Documentário: Vladimir (68) Palmeira - A história sem mitos. Direção: Roberto Stefanelli. (49 min).

⁵¹⁰ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 3.

⁵¹¹ Idem, p. 13.

⁵¹² Idem, p. 3.

⁵¹³ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 13.

⁵¹⁴ Idem.

agredidos e nem presos, é interessante destacar como o *Jornal do Brasil* noticiou estes acontecimentos. Dessa forma, podemos afirmar que o *Jornal do Brasil* abordou superficialmente o fato da ordem de Negrão de Lima não ter sido obedecida pelos policiais. O jornal chamou mais a atenção do seu leitor para a postura protetora do reitor Clementino Fraga Filho em relação aos alunos cercados na UFRJ, do que para o desrespeito da polícia às ordens do Governador. Houve uma preocupação do matutino em publicar sobre o esforço do reitor em falar com o governador, para que ele tirasse o aparato policial do entorno da universidade.⁵¹⁵

Ainda na tentativa de apresentar uma boa imagem do reitor, o *Jornal do Brasil* noticiou que, à medida que os alunos começaram a sair, Clementino Fraga Filho juntamente com alguns professores, saíram na frente daqueles jovens assustados na tentativa de protegê-los. Ao chegar a aproximadamente 200 metros do portão da reitoria, começou a surgir muito gás lacrimogêneo e os professores perderam o controle da situação. Todos tentavam fugir do gás e da violência, em meio ao desespero, o reitor e alguns professores começaram a gritar, pedindo aos policiais que parassem de agredir os estudantes e de lançar as bombas. Conforme o *Jornal do Brasil*, aqueles policiais atenderam ao pedido do reitor, mas um outro grupo de policiais surgiu e ao ver os estudantes fugindo, começaram a espancar novamente aquele grupo.⁵¹⁶

O que mais chama a atenção nesta notícia do *Jornal do Brasil* é que os mesmos policiais que não respeitavam as ordens do governador da Guanabara, ao ver os gritos e pedidos de clemência, de um reitor benevolente e preocupado com os estudantes agredidos, obedeceram imediatamente. Destacamos também que, ao mesmo tempo em que o *Jornal do Brasil* assumiu um posicionamento favorável ao Reitor, ele também publicou as palavras de um inspetor da polícia, que deu o seu depoimento a este mesmo periódico com a seguinte afirmativa: “- Olhem aqui, é o próprio Reitor quem está alcaguetando de lá de dentro para nós. Ele acaba de pedir que prendamos dois empregados que estão servindo de pombo correio. Eles estão apavorados lá dentro porque os estudantes tomaram tudo”.⁵¹⁷

No dia 22 de junho de 1968, o *Jornal do Brasil* publicou uma notícia segundo a qual o Negrão de Lima tentou justificar o que ocorreu na Praia Vermelha afirmando que a sua promessa a Clementino Fraga Filho não foi que os policiais saíam naquele instante dos entornos da reitoria da UFRJ, mas que eles iriam deixar o cerco a partir das 21 horas e não

⁵¹⁵ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 5.

⁵¹⁶ *Idem*.

⁵¹⁷ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 15.

naquele exato momento.⁵¹⁸ Logo, com base nas informações encontradas nos jornais, podemos questionar a figura “benevolente” e preocupada que o *Jornal do Brasil* apresentou do vice-reitor.

Percebemos com a investigação do *Jornal do Brasil* a estratégia do matutino em tentar desviar a atenção do seu leitor, de um governador que não tinha autoridade sobre os policiais e transferi-la para um reitor que se preocupava e protegia seus alunos. A forma como o *Jornal do Brasil* publicou este assunto pode ser encontrado na obra de Perseu Abramo.⁵¹⁹ Para o autor, uma das formas de manipulação da informação, utilizada por boa parte dos meios de comunicação impresso, ocorre quando a imprensa tenta tirar o foco do leitor de uma determinada situação ou pessoa chamando a sua atenção para uma outra pessoa ou situação. O desvio feito de um assunto para outro facilita na omissão das informações que um jornal pretende manter escondidas. Dessa forma, ao chamar a atenção do leitor para um reitor protetor e preocupado com seus alunos, o jornal tentou tirar a atenção do leitor de um governador que não era obedecido e nem tinha as suas ordens respeitadas por aqueles que estavam abaixo hierarquicamente.⁵²⁰

Ao sair da reitoria, boa parte dos estudantes tentou se abrigar da violência policial no campo do Botafogo Futebol Clube e Regatas, mas os policiais invadiram o campo e deram início a uma perseguição com

baionetas em riste, lançando bombas, gritavam: - Pega, pega, hoje é o nosso dia’. O massacre chegou ao máximo sem qualquer discriminação. Enquanto um dos soldados da PM exclamava: ‘Isso é que é dia, pessoal’, crescia a onda de prisões e espancamentos. [...] centenas de menores foram brutalmente espancados. Centenas foram presos. [...] as prisões chegavam a um número recorde. [...] os presos eram jogados aos empurrões num veículo maior.⁵²¹

Corroborando com as informações encontradas no *Diário de Notícias*, encontramos na página 22 da Revista *O Cruzeiro* imagens que mostram o momento em que os estudantes estavam sendo retirados por policiais da reitoria e colocados dentro de um veículo naquele dia. A notícia recebeu como título “A ordem era prender estudantes” e apresentou os acontecimentos daquela semana no Rio de Janeiro. Assim o início da notícia começou afirmando que: “O Rio reviveu, na última semana, seus dias de agitação estudantil. A mesma atmosfera irrespirável do gás lacrimogêneo. Barricadas. Tiros e mortes. A repetição, em

⁵¹⁸ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 4.

⁵¹⁹ ABRAMO, Perseu. Op. cit., pp. 24-37.

⁵²⁰ Idem, pp. 25-27.

⁵²¹ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 3.

lances mais fortes, dos acontecimentos quando da morte de Edson Luís”.⁵²² Na continuação desta publicação, também foi possível encontrar informações sobre os três dias da “Semana Sangrenta” e em relação ao dia 21 de junho de 1968, a Revista *O Cruzeiro* o chamou de “Sexta-feira Sangrenta”.⁵²³

Também foi possível encontrar nesta publicação três imagens acompanhadas de legendas: a primeira imagem que ocupava todo o espaço esquerdo da folha veio acompanhada da seguinte legenda: “Em corredor polonês, os estudantes, à saída da Reitoria, eram levados presos”, a segunda imagem na parte superior direita da folha recebeu a legenda: “Os que escaparam à primeira investida policial refugiaram-se” e a terceira imagem, acompanhada pela legenda: “Ao entrar no tintureiro, mal tinham tempo de ler o salmo”, apresentou em tom irônico a imagem de um versículo escrito na parte de dentro do “tintureiro”, uma espécie de camburão da polícia.⁵²⁴ Assim como podemos conferir na imagem da página 22 apresentada abaixo, com o destaque para o versículo na porta do carro da polícia:

Figura 26 - Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 06 de julho de 1968, p. 22



Destaque nosso para o versículo na porta do tintureiro

⁵²² Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 06 de julho de 1968, p. 22.

⁵²³ Idem, p. 23.

⁵²⁴ Idem, p. 22.

A violência aumentava extensivamente a cada momento, ao ponto de os policiais serem tomados por “uma fúria incontrolável”,⁵²⁵ assim como afirmou o *Diário de Notícias*. O matutino se preocupou em noticiar sobre os espancamentos e prisões feitas aos estudantes naquela noite.⁵²⁶ Em relação às violências policiais daquele dia, o jornal *Tribuna da Imprensa* publicou a notícia “DEPUTADOS EM COMISSÃO VÃO VER ESTUDANTES MASSACRADOS PELOS POLICIAIS”. A notícia apresentou o pronunciamento dos deputados que faziam parte da comissão. Em seu intertítulo “SADISMO”, encontramos as palavras do deputado do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) Mauro Magalhães. Ele afirmou que nunca tinha visto a polícia praticar tamanha violência sobre os cidadãos indefesos de uma cidade. Conforme o vespertino, o deputado fez referência a um grupo de policiais, que de dentro de uma caminhonete dispararam:

vários tiros de metralhadora e fuzil contra a vidraça de uma empresa aérea situada no edifício da Avenida Central, do lado da Rio Branco, ‘talvez para depois dizerem que foram os estudantes que partiram os vidros e pedradas’. Contou ainda que viu soldados e agentes da DOPS dando gargalhadas ante a aflição de mulheres crianças asfixiadas pelo gás lacrimogêneo.⁵²⁷

Conforme o vespertino, “das 10 da manhã até as primeiras horas da madrugada foram presas cerca de 1500 pessoas, das quais 1020 foram libertadas depois de severíssima triagem na DOPS, restando 430, entre elas alguns menores de idade”.⁵²⁸ Muitos dos jovens presos no momento em que tentavam fugir da violência da polícia, ao se dirigir para o campo do Botafogo, “além de humilhados com palavras impúblicas usadas por agentes e PMs, foram brutalmente agredidos, chegando ao ponto de um policial obrigar uma jovem a correr descalça sobre cacos de vidro”.⁵²⁹

No momento em que o *Jornal do Brasil* alegou que a intenção dos policiais não era prender todos os estudantes, mas somente as suas lideranças,⁵³⁰ podemos afirmar que esta foi uma tentativa de amenizar as atrocidades da violência policial aplicada contra os estudantes. Esta afirmativa se baseia nas contradições apresentadas pelo *Jornal do Brasil* que publicou que os policiais buscavam prender somente os três principais líderes do Movimento estudantil: Luís Travassos, Vladimir Palmeira e Elinor Brito dentro da reitoria.⁵³¹ Mas esta afirmativa se mostrou infundada, diante da postura dos policiais cercando a universidade e

⁵²⁵ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 13.

⁵²⁶ *Idem*, p. 3.

⁵²⁷ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 2.

⁵²⁸ *Idem*, p. 7.

⁵²⁹ *Idem*.

⁵³⁰ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 15.

⁵³¹ *Idem*, p. 5.

negando que os pais libertassem ou ajudassem seus filhos dando-lhes alimento e também diante da postura policial em prender e espancar a todos os estudantes que tentaram sair do prédio da reitoria da UFRJ na Praia Vermelha naquele dia. Também encontramos que o *Jornal do Brasil* noticiou sobre um mandado de prisão que havia sido emitido para oito líderes estudantis: “Vladimir Palmeira, da UME, Elinor Brito, da FUEC, Vúlmer Soares, do DCE, Marcos Melo, do DA da Economia, Luís Travassos, UNE, Franklin Martins, UME, Marcos André, Filosofia, e Newton Nahum, da medicina”.⁵³²

Ao observar a lista de oito líderes estudantis, percebemos que todos eles eram do sexo masculino. Então, se a real intenção dos policiais era prender somente os líderes estudantis, evidentemente do sexo masculino, surge a seguinte pergunta: Por que eles não autorizaram a saída das estudantes? Ao invés disto, deixaram todos, homens e mulheres, cercados na universidade. Encontramos, na imprensa carioca, informações de que ocorreu na Praia Vermelha casos de assédio sexual, agressão verbal, física e moral contra as estudantes. Segundo o *Jornal do Brasil*,

A um casal que estava sentado e abraçado, os policiais disseram: - Acabou o namoro, vamos deitando de barriga para baixo e você, sua vaca, vamos parar de chorar, pois você ainda não viu nada. [...] Alguns policiais tratavam as moças com respeito, mas outros chegaram até a dar-lhes beliscões nos seios e nas nádegas, enquanto diziam: - Como é suas prostitutas? Cadê os livros de esquerda que vocês estudam? - Olha, pessoal, essa aqui é bem gostosinha, parece até a Lollobrigida, essa vagabunda. - Você está com medo queridinha? Isso é só o começo, o pior vem depois. A conversa era a mesma em volta das moças até que houve uma ordem para que elas fizessem uma fila para que fossem levadas para o DOPS.⁵³³

Encontramos também no *Jornal do Brasil* que “uma moça recebeu violenta pancada de cassetete na cabeça e caiu, enquanto o PM lhe dizia: ‘ – Não quero choro não’”.⁵³⁴ Além das moças e dos rapazes terem sido forçados a deitar de bruços na grama do campo do Botafogo no dia 20, “as moças eram forçadas a andar de quatro diante de insolentes soldados da PM”.⁵³⁵ Logo, devido aos acontecimentos daquele dia, José Carlos de Oliveira informou em sua coluna para o *Jornal do Brasil* que “os cariocas amanheceram hoje com as mãos trêmulas; no café da manhã, os jornais lhes serviram fotografias hediondas”.⁵³⁶ É interessante destacar que, as publicações de violência sobre mulheres apresentadas acima foram noticiadas pelo *Jornal do Brasil*. Mais uma vez é possível perceber uma inconstância em relação ao

⁵³² Idem, p. 15.

⁵³³ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 5.

⁵³⁴ Idem.

⁵³⁵ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 3 – Caderno B.

⁵³⁶ Idem; VENTURA, Zuenir. Op. cit., p. 125.

posicionamento político deste jornal, no que concerne a ser favorável ou contra o aparato repressivo do governo militar.

Encontramos uma publicação do *Correio da Manhã* que afirmou que naquela noite, foi vista “uma cena na escadaria do Botafogo Futebol e Regatas, com uma jovem aluna da Faculdade de Letras que, em crise nervosa, em prantos, pedia ‘não deixem me currar. Não deixem. Minha amiga foi currada na Medicina por policiais’”.⁵³⁷ Semelhantes informações puderam ser encontradas no jornal *Tribuna da Imprensa* na notícia “BOTAFOGO FOI TRANSFORMADO EM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO”. Em seu intertítulo “CORREDOR”, encontramos que os policiais fizeram um “corredor polonês” na sede do Botafogo futebol e regatas. Os estudantes tinham que passar por este corredor de policiais enquanto “eram massacrados a pontapés, socos, empurrões e cuspidas no rosto. Os militares demonstrando verdadeira insensibilidade, chegaram inclusive a investir contra as moças agarrando-as à força e palpando-lhes os corpos”.⁵³⁸

A historiadora Maria Ribeiro do Valle afirma que foi possível encontrar nas ruas e nos jornais cenas de muita violência. Em sua obra encontramos que:

A polícia não se contentou em espancar, insultar, prender. Chegou ao sadismo e à brutalidade sexual contra as moças. Resultaram 311 presos e esta agressão foi quase a convocação para as manifestações do dia seguinte, a sexta feira do sangue.⁵³⁹

Vladimir Palmeira, presidente da UME em 1968, afirmou em seu depoimento que estava na Praia Vermelha naquele dia e:

Os estudantes foram levados ao campo do Botafogo, onde houve grande violência. Urinaram sobre os estudantes, bateram. Os jornais do dia seguinte trouxeram essa violência toda. Nós já sabíamos que iria ter repressão, então já tínhamos marcado para o dia seguinte, às 8h da manhã, outra manifestação.⁵⁴⁰

Sobre a Violência na Praia Vermelha e a sua cobertura pelos jornais, Zuenir Ventura complementa com as seguintes informações:

mais do que pela agressão física, as fotos “hediondas” indignavam como símbolos do ultraje. A descrição de soldados urinando sobre corpos indefesos ou passeando os cassetetes entre as pernas das moças, junto às imagens de jovens de mãos na cabeça, ajoelhados ou deitados de bruços com o rosto na grama, eram uma alegoria da profanação.⁵⁴¹

⁵³⁷ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 2.

⁵³⁸ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 14.

⁵³⁹ *Jornal da UEE*, julho 1968, pág. 2 apud VALLE, Maria Ribeiro do. “O diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar em 1968”. Op. cit., p. 62.

⁵⁴⁰ Depoimento de Vladimir Palmeira em ARAUJO, Maria Paula Nascimento. “Memórias estudantis: a fundação da UNE aos nossos dias”. Op. cit. p. 177.

⁵⁴¹ VENTURA, Zuenir. Op. cit. p. 126.

Cabe destacar neste momento uma imagem apresentada na página 14 do vespertino *O Globo*, Nela o jornal trouxe a imagem de uma jovem estudante sendo conduzida pacificamente por dois policiais.⁵⁴²

Figura 26 - O Globo. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 14



A imagem trouxe como legenda: “Os policiais jovens tinham mais atenção com as moças: difícil distinguir entre a prisão e o socorro”.⁵⁴³ Logo, percebemos que o jornal *O Globo* tentou mostrar ao seu leitor a imagem de um policial totalmente diferente da que foi apresentada pelos outros periódicos em circulação naquela época. Um policial protetor em relação às jovens estudantes, bem diferente do que foi apresentado pelo *Correio da Manhã*,⁵⁴⁴ *Tribuna da Imprensa*⁵⁴⁵ e até pelo *Jornal do Brasil*⁵⁴⁶ naquele dia.

Nesta dissertação, examinamos as primeiras páginas dos periódicos e a forma como a diagramação foi utilizada para que pudéssemos identificar, juntamente com a narrativa escrita, qual foi o posicionamento dos jornais, em relação aos eventos que ocorreram no dia 20 de junho de 1968 na Praia Vermelha.⁵⁴⁷ O jornal *Tribuna da Imprensa* apresentou em sua primeira página uma imagem que mostrou alguns agentes do DOPS e policiais observando um grande número de estudantes andando em fila indiana com as mãos na cabeça.

⁵⁴² *O Globo*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 14.

⁵⁴³ *O Globo*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 14.

⁵⁴⁴ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 2.

⁵⁴⁵ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 14.

⁵⁴⁶ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 3 – Caderno B.

⁵⁴⁷ HERNANDES, Nilton. Op. cit. p. 191.

Tanto o *Correio da Manhã* quanto o *Tribuna da Imprensa* publicaram do dia 21 de junho duas imagens bastante parecidas. Uma mostrando a fila indiana formada por estudantes com mãos na cabeça e a outra com estudantes deitados no chão como se fossem bandidos rendidos pela polícia. O *Correio da Manhã* apresentou a manchete principal “A GUERRA CONTRA OS ESTUDANTES”⁵⁴⁸ e o *Tribuna da Imprensa* trouxe como manchete principal “ESTUDANTES NÃO RECUAM”.⁵⁴⁹ Assim como vê-se abaixo:

Figura 27 - *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 1



⁵⁴⁸ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 1.

⁵⁴⁹ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 1.

imagens, entre elas, uma imagem perturbadora, quando mostrou um grupo de estudantes, incluindo moças, na mesma posição de bandidos detidos pela polícia, porém, de costas para um policial que foi flagrado em uma imagem segurando a sua arma na cintura, como se estivesse prestes a sacá-la. A imagem veio acompanhada pelo título “ARGUMENTOS PARA O DIÁLOGO” e da pela legenda:

São meninos. Estudantes. Filhos de família. Estão encostados a parede como se fossem criminosos, inimigos da sociedade e aí está um exemplo da coragem dos policiais como se tudo isso não bastasse, o detetive ainda puxa o revólver como se estivesse salvando a própria vida”.⁵⁵²

Figura 29 - Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 1



Destaque nosso para o detetive da polícia que pegou em seu revólver enquanto os estudantes estavam detidos

O matutino também publicou a imagem de uma menina sendo presa com o título “ATÉ CRIANÇAS FORAM PRESAS”.⁵⁵³ Na legenda da imagem encontramos as seguintes palavras ao se referir a uma estudante que estava sendo presa naquele momento por policiais.

⁵⁵² *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 1.

⁵⁵³ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 1.

Logo, foi possível ler: “Aí está a prova insofismável: a mocinha, filha de família, presa pela polícia como se fosse uma delinquente qualquer das que são colhidas nos violentos instantes de ‘blits’ nos morros ou nos centros da vadiagem”.⁵⁵⁴ É interessante perceber a naturalidade com que o jornal fez referência ao tratamento dado por parte da polícia a pessoas que cometem atos criminosos e a forma como o jornal mostrou a jovem “mocinha, filha de família” que foi presa “como se fosse uma delinquente qualquer”, que estava em um “centro de vadiagem”, sendo que a estudante que foi presa, estava em uma reunião estudantil dentro de uma Universidade Federal.

Encontramos também na Revista *O Cruzeiro* uma imagem que representa o nível de desrespeito por parte dos policiais para com os estudantes de ambos os sexos que receberam o mesmo tratamento que bandidos recebiam pela polícia. Vemos que, no momento em que eles foram detidos para serem levados à prisão, tanto estudantes homens quanto mulheres foram colocados encostados de frente para um muro sobre o olhar policial.⁵⁵⁵

Figura 30 - Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 06 de julho de 1968, p. 23)



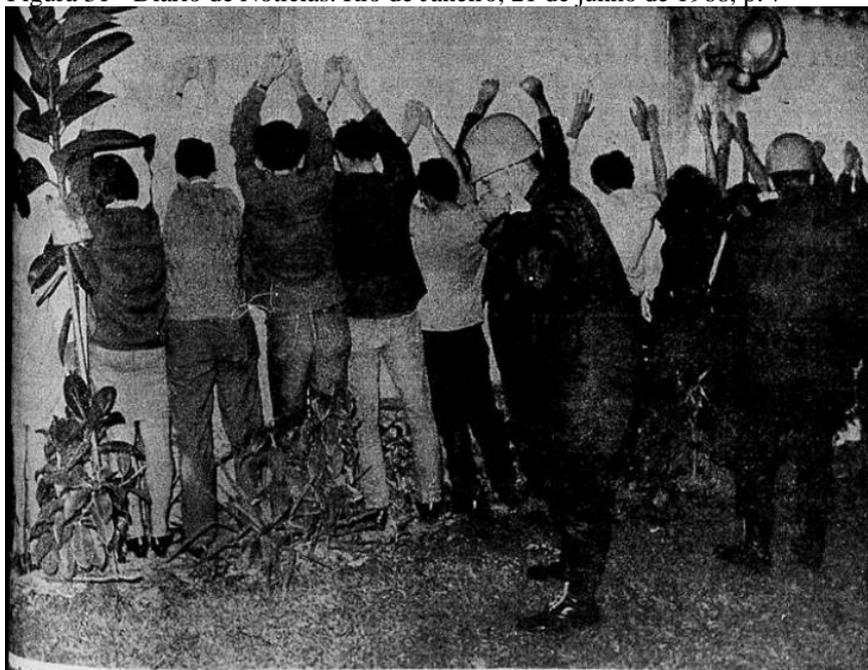
Rapazes e môças tiveram o mesmo tratamento. Virados contra o muro, as mãos para cima, foram submetidos a meticolosa revista.

Uma imagem semelhante a esta publicada pela Revista *O Cruzeiro* também pôde ser encontrada no *Diário de Notícias* onde o matutino fez uma crítica ao modo de governar de Negrão de Lima através de uma comparação da ditadura militar no Brasil à ditadura comunista em Cuba, modelo de governo veementemente criticado por parte da sociedade brasileira ao ponto de ter sido um dos maiores temores de parte da sociedade durante as articulações entre civis e militares na ocasião em que se preparava o golpe militar. Ao tentar evitar que houvesse uma ditadura instituída pelas esquerdas, os militares instituíram uma ditadura de direita, violenta e letal.

⁵⁵⁴ Idem.

⁵⁵⁵ Revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 06 de julho de 1968, p. 23.

Figura 31 - Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 7



O título que acompanhou a imagem foi “PAREDÃO À FIDEL CASTRO” e a legenda:

Obedecendo às ordens do governador Negrão de Lima, a Polícia massacrrou os estudantes, depois de garantir que nada aconteceria depois que os jovens saíssem da Universidade. E transformaram os muros do campo do Botafogo em autêntico paredão – de Fidel Castro, o ditador de Cuba –.⁵⁵⁶

Dessa forma, podemos afirmar que, ao criticar Negrão de Lima, o *Diário de Notícias* também denunciou a ditadura militar brasileira por meio da comparação do regime ditatorial instituído em Cuba por Fidel Castro com o regime ditatorial instituído no Brasil pelos militares.

Ainda observando a primeira página dos jornais, encontramos no *Jornal do Brasil* duas imagens de destaque, uma delas fez referência à violência que ocorreu no campo do Botafogo Futebol Clube ao lado do prédio da UFRJ na Praia Vermelha. A imagem registrou uma cena marcante de uma fila enorme de estudantes sendo detidos pela polícia.

⁵⁵⁶ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 7.

Figura 32 - Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 1



O matutino também apresentou a seguinte manchete principal: “EXÉRCITO EM PRONTIDÃO RIGOROSA E NOVA PASSEATA É ANUNCIADA PARA HOJE”.⁵⁵⁷ A manchete estava relacionada ao segundo dia da “Semana Sangrenta”, mas foi publicada juntamente com seis chamadas que não faziam nenhuma referência ao que tinha acontecido. O jornal também apresentou uma imagem negativa do movimento estudantil. Conforme o jornal, os estudantes tinham a intenção de “dar às autoridades o prazo até às 12 horas para que os presos sejam libertados: caso contrário prenderão policiais para trocar por estudantes”.⁵⁵⁸

Na tentativa de justificar a esperada violência policial que provavelmente ocorreria na próxima passeata estudantil já marcada para o dia 21 de junho, o *Jornal do Brasil* divulgou as seguintes palavras do Secretário de Segurança: “Se as manifestações estudantis continuarem

⁵⁵⁷ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 1.

⁵⁵⁸ *Idem*.

hoje a ‘Polícia reprimirá com energia’, e explicou que se houver violência ‘ela significará apenas a defesa dos soldados contra os atentados dos estudantes’⁵⁵⁹

A manchete principal apresentada na primeira página do jornal *O Globo* também veio ilustrada por uma imagem com a seguinte legenda em caixa alta: “NO CAMPO DO BOTAFOGO, À LUZ DOS HOLOFOTES, A POLÍCIA PROCEDEU A RIGOROSA REVISTA DOS ESTUDANTES”⁵⁶⁰



A manchete principal publicada na primeira página do jornal *O Globo*: “ESTUDANTES DEIXAM A REITORIA E SÃO DOMINADOS PELA POLÍCIA”,⁵⁶¹ veio acompanhada de uma chamada que afirmou que os estudantes estavam:

Encurralados na sede do Botafogo, onde procuravam refúgio, após fulminante operação que manteve a reitoria e 21 professores da UFRJ sob “poder estudantil” durante 8 horas, mais de 300 jovens foram presos e submetidos a triagem esta

⁵⁵⁹ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 1.

⁵⁶⁰ *O Globo*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 1.

⁵⁶¹ *O Globo*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 1.

madrugada no DOPS. Antes disso, os membros do Conselho Universitário tiveram que permanecer mais de três horas sentados no palco do Teatro de Arena, participando do diálogo exigido pelos alunos.⁵⁶²

É importante destacar que em sua manchete principal o vespertino usou o termo “dominados”, como se os estudantes presentes na assembleia estivessem fora de controle e também encontramos na chamada publicada na sua primeira página, a tentativa de justificar a violência que foi desferida contra os estudantes naquele dia, ao afirmar que o reitor e 21 professores estavam submetidos a um “poder estudantil”, termo usado pelo *O Globo* que podia induzir o seu leitor a associar a assembleia estudantil na UFRJ a uma tentativa de encarceramento do corpo docente da universidade e uma atitude de insubordinação dos estudantes aos seus professores. Dessa forma, sendo necessário que estes estudantes fora de controle fossem “dominados” pela polícia. Também percebe-se a utilização de um termo depreciativo por parte do vespertino para se referir à assembleia estudantil realizada no segundo dia da “Semana Sangrenta”, a expressão “fulminante operação”.⁵⁶³ Afirmando que os estudantes estavam intencionados a manter o reitor e seus professores presos e os policiais agiram em favor deles.

Logo, o desfecho da violência na Praia Vermelha ocorreu da seguinte maneira, ao perceberem que não sairiam da UFRJ sem serem reprimidos pela polícia, os estudantes decidiram encarar a violência policial. Os estudantes tentaram se munir com paus, pedras e alguns com coquetel Molotov, porém, a repressão policial foi enorme sobre aqueles estudantes enfraquecendo o seu poder de defesa. A imprensa noticiou que até às 22 horas daquele dia, “nenhum soldado da Polícia Militar foi atendido no hospital daquela corporação, segundo declarações do médico de plantão”.⁵⁶⁴ As cenas de violência publicadas naquele dia pela imprensa carioca trouxeram uma forte indignação sobre os seus leitores devido ao seu uso indiscriminado pela Polícia Militar contra estudantes universitários e secundaristas. Mesmo assim, os estudantes que não foram presos cumpriram a sua promessa de estar nas ruas na Sexta-feira às 8 horas na Praça Tiradentes, para mais uma tentativa de diálogo com o Ministro da Educação e para continuar o trabalho de conscientização e mobilização da sociedade em relação à ditadura. Porém, os estudantes que compareceram a passeata naquele dia, foram para as ruas dispostos a encarar a repressão e responder a polícia com muita violência, eles só não imaginavam que teriam um forte apoio da população naquele dia. O secretário de segurança da Guanabara, general Luiz França, “confessou que ‘não esperava que

⁵⁶² Idem.

⁵⁶³ Idem.

⁵⁶⁴ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 5.

os estudantes voltassem às ruas depois das 800 prisões de ontem”⁵⁶⁵. Mas a passeata em direção ao Pátio do MEC já estava marcada desde o dia anterior e na sexta-feira, os estudantes compareceram mais uma vez às ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro ficando aquele dia conhecido como a “Sexta-feira Sangrenta”.

3.3 Terceiro dia da “Semana Sangrenta”: A “Sexta-feira Sangrenta”

Marcada por três dias com altos índices de violência, a “Semana Sangrenta” teve o seu terceiro dia nomeado como “Sexta-feira Sangrenta”. Seu encerramento foi marcante devido a alta exposição de violência entre policiais de um lado contra estudantes e populares do outro. Naquela sexta-feira, 21 de junho de 1968 na cidade do Rio de Janeiro, os estudantes vinham de dois dias seguidos de enfrentamento com a polícia, mas permaneceram resistindo a violência policial e insistindo em suas reivindicações. Conforme o depoimento de Vladimir Palmeira, a concentração inicial para a passeata foi marcada em um horário e local diferente de todos os outros na intenção de despistar os policiais. A “Sexta-feira Sangrenta” começou às 8hs da manhã na Praça Tiradentes próximo ao prédio do DOPS. Inicialmente estavam concentrados no local cerca de 200 manifestantes. Muitos dos outros estudantes que estavam presentes no dia anterior na Praia Vermelha estavam presos, feridos, alguns viriam de outros pontos da cidade para se encontrar com outros grupos, mas não apareceram. Vladimir Palmeira fez um discurso e logo deu-se o início a passeata em direção ao MEC.⁵⁶⁶

Sobre aquele momento, encontramos no *Correio da Manhã* que, no instante em que foi dada a ordem para o início da passeata, Vladimir Palmeira subiu em uma cadeira para fazer um discurso e ouviu dos que estavam presentes o grito: “UME, UME”. Ele chamou a atenção de todos dizendo:

Vocês não são heróis; fazem parte de uma luta dura. É um compromisso que assumimos. Não interessa o que eles façam a nós. Vamos sair daqui em passeata pela 7 de setembro e entrar na Graça Aranha, para encontrar nossos colegas no MEC.⁵⁶⁷

Logo após, os estudantes iniciaram a passeata em direção ao Ministério da Educação, os principais representantes e líderes das entidades estudantis estiveram presentes: Luís Travassos (UNE), Vladimir Palmeira (UME), Elinor Brito (FUEC), os representantes da AMES e dos Diretórios Acadêmicos. O *Diário de Notícias* também informou que os

⁵⁶⁵ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 2.

⁵⁶⁶ Depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo a ditadura...”. Op. cit., p. 123.

⁵⁶⁷ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 3.

estudantes levavam faixas e gritavam por ‘mais verbas’, ‘contra fundações’ e pediam a ‘liberdade para os presos’. Enquanto isso, Vladimir Palmeira pedia que os manifestantes mantivessem a ordem, que eles se acalmassem e que nada fosse quebrado. No momento em que os estudantes passavam pelas ruas, os populares jogavam papel picado sobre eles em sinal de apoio.⁵⁶⁸

Mesmo pedindo que os estudantes mantivessem a calma, Vladimir Palmeira afirma em seu depoimento que o clima entre os estudantes era de confronto. Ele conta que os estudantes passaram por uma obra que estava vazia e começaram a se munir de paus, pedras, madeiras, barras de ferro e tudo que pudesse servir como objeto de proteção e enfrentamento. Vladimir também afirma que:

Nós estávamos conscientes de que vivíamos um momento histórico, não podíamos acreditar no que estava acontecendo. Na quarta-feira havíamos batido na polícia, estávamos cheios de moral e com o lombo ainda quente da quinta. Não foi preciso dizer nada, todo mundo sabia que naquela sexta-feira haveria enfrentamento.⁵⁶⁹

Ao longo da passeata, o número de estudantes começou a aumentar, eles se dirigiam para o pátio do MEC, mas perceberam que o local estava todo tomado pela polícia. Então, os estudantes decidiram ir para um outro ponto estratégico, a Cinelândia. Naquele local, eles encontrariam um comando clandestino.⁵⁷⁰ Porém, ao chegar na Cinelândia não havia ninguém. Vladimir Palmeira não sabia o que havia acontecido com aqueles estudantes que faziam parte do comando clandestino naquele dia, mas imediatamente, os estudantes presentes se organizaram e criaram um novo comando para direcionar aquela manifestação já em andamento. O novo comando que foi criado decidiu que eles iriam em direção à embaixada dos Estados Unidos, chegando no local, os estudantes jogaram pedras na Embaixada e os seguranças começaram a atirar à esmo atingindo uma pessoa.⁵⁷¹

O *Correio da Manhã* cobriu aquele acontecimento e noticiou que, ao passar próximo a Embaixada dos Estados Unidos um grupo de estudantes foram cercados. De um lado da rua estava um cabo e um soldado da PM, do outro, agentes do DOPS, ambos estavam atirando. O cerco resultou em uma grande confusão de manifestantes tentando fugir dos tiros que estavam sendo dados. Naquele momento, três moças foram atingidas.⁵⁷² Uma delas faleceu, Maria Ângela Ribeiro. Ela foi atingida no rosto, levada para o Quartel General da PM, depois conduzida para o Hospital Pandiá Calógeras, mas não foi possível definir o local exato da sua

⁵⁶⁸ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p.7.

⁵⁶⁹ Depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo a ditadura...”. Op. cit., p. 123.

⁵⁷⁰ Conforme Vladimir Palmeira, o comando clandestino era um grupo de estudantes de confiança selecionados previamente para conduzir as passeatas e organizar quem seriam os oradores nos comícios-relâmpagos, mas este grupo sempre mudava de uma passeata para outra por questões de segurança. Ver. Idem, p. 125.

⁵⁷¹ Informações podem ser encontradas no depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman encontrado na obra DIRCEU, José; PALMEIRA, Vladimir. Op. cit., p. 125.

⁵⁷² *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 3.

morte. Conforme o Relatório final da Comissão Nacional da Verdade (CNV), Maria Ângela Ribeiro era apenas uma jovem comerciária de 22 anos de idade. O Relatório também informa que não consta em nenhuma documentação que ela possuísse alguma ligação com organizações políticas de esquerda.⁵⁷³ Tais informações reforçam a ideia que, entre os mortos na “Semana Sangrenta” havia populares e trabalhadores que não tinham nenhuma ligação com grupos de caráter comunista.

Quando os manifestantes perceberam que três moças foram baleadas, iniciou uma reação de violência estudantil em resposta à truculência policial. Conforme o *Jornal do Brasil*: “A partir daí, a reação dos estudantes foi violenta, enfrentando de todas as maneiras a PM, que, desorientada, passou a atacar indiscriminadamente e com a ajuda do DOPS, que fazia disparos a esmo”.⁵⁷⁴

O *Correio da Manhã* publicou na página 2 informações detalhadas sobre as pessoas que foram mortas, presas e feridas naquele dia. Conforme o matutino, houve uma estimativa de setenta civis e trinta e cinco militares feridos. Até as primeiras horas do dia, já tinham quatro mortes sendo um deles policial, uma civil Maria Ângela Ribeiro e dois jovens. Também estava confirmado o número de mil prisões.⁵⁷⁵ Sobre os corpos das pessoas que morreram durante a “Sexta-feira Sangrenta”, encontramos na primeira página do *Correio da Manhã* do dia 23 de junho de 1968 a seguinte manchete “OS CORPOS DESAPARECERAM”, no *lead* da notícia encontramos:

Um batalhão de jornalistas tentou, em vão, durante todo o dia de ontem, localizar os corpos de pessoas mortas durante as agitações de sexta-feira, ao mesmo tempo em que cerca de 300 pessoas procuravam no Instituto Médico Legal parentes desaparecidos. Onze corpos deram entrada no IML das 21 horas de sexta-feira às 3 horas de ontem, mas nenhum deles era o da comerciária Maria Ângela Ribeiro, de 22 anos, baleada na cabeça nas proximidades da Embaixada americana, e cuja morte foi confirmada mais tarde.⁵⁷⁶

Encontramos na notícia do *Correio da Manhã* que, o corpo da comerciária havia sido transportado para o 1º Batalhão da Polícia Militar em um carro oficial, chapa de número 80-34-75 e, também, que não foi encontrado pelo jornal o registro de sepultamento de uma mulher chamada Maria Ângela Ribeiro em nenhum cemitério da Guanabara.⁵⁷⁷ O jornal trouxe alguns casos particulares de pessoas mortas ou feridas naquele dia e informou que

⁵⁷³ Brasil. Comissão Nacional da Verdade. Relatório: Mortos e desaparecidos políticos de 1950 a 1969 / Comissão Nacional da Verdade. v. 3. Brasília: CNV, 2014. (054 - Maria Ângela Ribeiro). Pág. 309 – 311. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_3_digital.pdf> Acesso em: 21 de mai. 2019.

⁵⁷⁴ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 1.

⁵⁷⁵ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 2.

⁵⁷⁶ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 23 de junho de 1968, p. 1

⁵⁷⁷ Idem.

uma lista de 165 presos distribuída ontem pela Polícia Militar e DOPS evidencia a predominância, entre os detidos, de pessoas sem vinculação com os estudantes, as quais, admite-se são populares que aderiram às manifestações de sexta-feira ou simplesmente pessoas que passavam pelas proximidades. Do total de presos, apenas 40 são estudantes”.⁵⁷⁸

Sobre aquele dia, também encontramos no *Correio da Manhã* que, a redação do jornal *O País* foi invadida por agentes federais que queriam prender um dos seus repórteres, mas os que trabalhavam no jornal impediram a prisão. Uma creche foi atingida por bombas de gás lacrimogêneo lançadas pela PM, as mães entraram em desespero quando foram pegar os filhos no final da tarde. Como resultado, as crianças sofreram de intoxicação por causa do gás lacrimogêneo. Até a Bolsa de Valores foi invadida naquele dia por um coronel do Exército que deu voz de prisão para vinte pessoas que ainda estavam no local. Ao tentar dialogar com o coronel, um senhor acabou sendo alvejado por seis tiros, mas apenas dois o atingiram, um em cada perna.⁵⁷⁹ Também encontramos relatos sobre jornalistas que tentaram registrar as cenas de violência daquele dia e foram impedidos com violência policial ao ponto de terem seus materiais de trabalho tomados e destruídos por PMs ou agentes do DOPS. O matutino também informou que os policiais começaram a fazer uso de um novo equipamento de repressão: um helicóptero que sobrevoava a cidade e lançava sobre as pessoas um líquido que “em pouco tempo abre uma ferida, como se provocada por arma cortante”.⁵⁸⁰

O *Diário de Notícias* informou que a polícia cercou alguns prédios e disse que aqueles que saíssem seriam presos “para aprenderem a não desacatar policiais”.⁵⁸¹ Os populares que pareciam com estudantes tinham que apresentar documentos, caso fosse confirmado que era estudante, a pessoa era presa. Até um o funcionário da Corregedoria da Justiça, Rui de Sousa foi preso e espancado por soldados da PM. O estudante universitário Nilton Dias foi espancado e preso por ter sido confundido com Vladimir Palmeira. Conforme o *Tribuna da Imprensa*, no momento em que Nilton Dias estava “sendo barbaramente espancado por agentes do DOPS, foi salvo do massacre pelo coronel Expedito Carvalho, comandante do Batalhão Motorizado da PM”.⁵⁸²

Duas senhoras grávidas desmaiaram ao estar dentro de uma lanchonete no momento do conflito “após serem destratadas por dois agentes que pareciam estar sob efeito de estimulantes. Uma menina de 10 anos perde-se da mãe, chora e recebe uma bofetada na cara, desferida por um agente. Foge em prantos”.⁵⁸³ Também podemos ler na mesma página que, aproximadamente às 20 horas, o DOPS permaneceu agindo com uma violência

⁵⁷⁸ Idem.

⁵⁷⁹ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 2.

⁵⁸⁰ Idem, p. 3.

⁵⁸¹ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p.7.

⁵⁸² *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 5

⁵⁸³ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 5.

indiscriminada. Conforme o periódico, em frente ao Banco Minas Gerais uma jovem loura foi presa e um agente dizia que eles agiram daquela forma porque “ela tem pernas bonitas e eu quero passar a noite olhando”.⁵⁸⁴ O jornal também afirmou que o repórter que testemunhou aquela cena foi “em seguida escorraçado, sob a mira de revólver”.⁵⁸⁵

Entretanto, enquanto os policiais jogavam bombas de gás lacrimogêneo em todos, perseguiram, agrediam e atiravam nos estudantes, foi possível ouvir as vaias que vinham das janelas dos edifícios localizados no centro da cidade. No mesmo momento em que objetos começaram a ser jogados das janelas dos prédios sobre os policiais. O *Correio da Manhã* descreveu quais tipos de objetos foram jogados: água, pedras de gelo, copos, cinzeiros, carimbos, pedaços de pau, pedras, cadeiras e até tijolos.⁵⁸⁶ O *Tribuna da Imprensa* publicou que além de pedras, copos e garrafas, também foram vistos urina e fezes sendo jogadas das janelas dos edifícios.⁵⁸⁷ O *Jornal do Brasil* também informou que foram jogados: papel higiênico molhado, sacos plásticos cheios de água, bolinhas de papel de escritório, garrafas de cerveja cheias e vazias, vidros, até um espelho foi jogado de uma das janelas dos edifícios. Os policiais montados em cavalos se locomoviam enquanto as pessoas vaiavam e jogavam pedras em cima deles. Em um determinado momento do conflito, caiu um vaso de flores de uma das janelas no pescoço de um dos cavalos que andavam na primeira fileira, naquele momento, “os policiais começaram a atirar para cima, de revólver, em resposta às vaias e pedradas”.⁵⁸⁸

Importante destacar que, a atitude dos populares de jogar uma variedade de objetos sobre os policiais, quando eles perseguiram e agrediam os estudantes, refletia a insatisfação dos populares em relação à violência policial. Porém, o jornal *O Globo* publicou sobre aquele dia um box com o título: “Celerados”. A informação apresentada no box era totalmente diferente da veiculada pelos outros periódicos. Podemos ler na publicação que:

Alguns malvados aproveitaram-se da agitação de ontem para a prática de atos de suprema covardia: atiravam do alto de edifícios pesados objetos sobre as pessoas que se encontravam nas ruas e calçadas do centro da cidade.⁵⁸⁹

Concluimos ao ler esta publicação que, conforme *O Globo*, os objetos foram jogados “à esmo” em cima de todos os que estavam nas ruas apenas por maldade, sem nenhum propósito. Logo, se a afirmação do jornal estivesse certa, a atitude de lançar objetos não poderia ser com a intenção de atingir os policiais que agrediam estudantes, jornalistas e populares naquele dia, assim como afirmaram os outros periódicos. O que também chamou a nossa atenção é que na página 12 do mesmo dia, o jornal *O Globo* afirmou exatamente o

⁵⁸⁴ Idem.

⁵⁸⁵ Idem.

⁵⁸⁶ Idem.

⁵⁸⁷ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 5.

⁵⁸⁸ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 3.

⁵⁸⁹ *O Globo*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p.8.

contrário do que foi dito por ele na página 08, no box intitulado “Celerados”. Na página 12 o jornal afirmou que, os policiais foram os alvos dos objetos jogados pelos populares.⁵⁹⁰

Sobre o apoio de populares aos estudantes, encontramos na Revista *O Cruzeiro* uma imagem que revela a presença de crianças entre um grupo de estudantes, todos juntos na tentativa de virar um veículo nas ruas do centro da Cidade,⁵⁹¹ assim como se observa na imagem abaixo:

Figura 34 - Revista *O Cruzeiro*.Rio de Janeiro, 06 de julho de 1968, p. 25



Ao mesmo tempo em que estudantes faziam barricadas, viravam e incendiavam carros, jogavam pedras, paus e coquetéis Molotov contra os policiais, vemos a polícia enfrentando os estudantes com fuzis, armas de fogo, gás lacrimogêneo. Eles fizeram o uso até de um helicóptero que teve a função de lançar bombas de gás lacrimogêneo dentro dos pátios internos dos edifícios a imprensa também relatou a atitude de alguns policiais militares e do

⁵⁹⁰ Idem, p.12.

⁵⁹¹ Revista *O Cruzeiro*.Rio de Janeiro, 06 de julho de 1968, p. 25.

DOPS que foram vistos atirando para dentro de alguns prédios localizados no centro da cidade.⁵⁹² O *Diário de Notícias* também publicou que no dia 21 de junho, um chefe da equipe do DOPS foi até a Assembleia Legislativa e alegou que “um pobre soldado havia sido esquartejado pelos estudantes e populares”.⁵⁹³ Após esta afirmação, o agente foi interrompido e questionado por vários deputados presentes na Assembleia Legislativa. A resposta do chefe da equipe do DOPS não tinha nenhum fundamento e os deputados perceberam que ele estava mentindo, por isso, ele foi convidado a se retirar do local.⁵⁹⁴

Na notícia “PAVOR E SOBRESSALTO NA GUERRA ESTUDANTIL”, o *Diário de Notícias* apresentou dez imagens de flagrantes da violência dos policiais contra os estudantes, populares e repórteres. Encontramos a imagem de um policial atingindo um estudante a coronhadas, um jovem sendo levado preso por três policiais, também vemos imagens de pessoas sendo levadas para receber atendimento médico após terem sido feridas.⁵⁹⁵

Figura 35 - Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 8



As imagens foram numeradas para facilitar a leitura das respectivas legendas transcritas neste trabalho

⁵⁹² *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p.7.

⁵⁹³ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 3.

⁵⁹⁴ Idem.

⁵⁹⁵ Idem, p. 8.

O que chama a atenção nas imagens apresentadas acima é que não existe nenhum policial ajudando os feridos a serem levados ao hospital, mas encontramos somente estudantes e populares dando o socorro a estas pessoas.⁵⁹⁶ Assim, podemos ler nas legendas das imagens que foram numeradas acima: 1) “O jovem em fuga é atingido a coronhadas pelo soldado”; 2) “Este não conseguiu escapar das mãos dos policiais”; 3) “Na esplanada, o fogo subiu e o carro sumiu, com uma explosão violenta”; 4) “Ferido na cabeça, um popular é carregado até onde possa ser socorrido”; 5) “No meio da confusão um jovem caiu e um velho diz o que está fazendo ali”; 6) “A bela vai sendo levada por dois milicianos até a viatura policial”; 7) “O feitiço contra o feiticeiro: o gás envolve o soldado da PM”; 8) “Atingida por uma bala, a jovem caiu e um civil pede calma aos policiais”; 9) “O isolamento para que o ferido chegue à ambulância é feito pelo povo”; 10) “Todos fazem força para formar a barricada com o <Volks>”.⁵⁹⁷

Na sexta-feira, às 14 horas e 30 minutos, a tropa de choque que ficava localizada na Rua Sete de Setembro estava posicionada quase na esquina da Rua Gonçalves Dias e ia começar a agir contra os manifestantes posicionados na esquina da Rio Branco. Naquele momento, o Capitão-Comandante do 3º Batalhão de Infantaria da PM deu uma palavra de ordem aos seus homens que ele havia reunido: “De agora em diante, não vamos mais enviar os presos aos quartéis. Vamos usá-los à frente de nossos soldados, como escudo contra as pedradas dos estudantes”.⁵⁹⁸ O *Jornal do Brasil* informou que esta ordem não foi obedecida naquele setor, mas os policiais que estavam no Largo da Carioca, que também obedeciam as ordens do mesmo comando, colocou seis manifestantes que tinham sido presos sentados no meio-fio de uma loja,

com as mãos sobre a cabeça aguardando a sua vez de preceder os soldados da PM nas investidas contra outros grupos. Passou, no entanto, uma viatura do DOPS e levou os presos, embarcando-os sob socos.⁵⁹⁹

Em relação ao terceiro dia da “Semana Sangrenta”, Negrão de Lima declarou ao *Jornal do Brasil* que não sabia do uso de armas de fogo por parte dos policiais sobre os populares e estudantes durante a “Sexta-feira Sangrenta”. Em suas palavras, ele “desconhecia o fato, ‘uma vez que a praxe sempre foi evitar tais instrumentos e nenhuma solicitação foi

⁵⁹⁶ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 8.

⁵⁹⁷ *Idem*.

⁵⁹⁸ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 3.

⁵⁹⁹ *Idem*.

feita em contrário pelo secretário de Segurança, General Luís de França Oliveira”⁶⁰⁰ Quanto a esta declaração de Negrão de Lima, o *Correio da Manhã* informou que “a reportagem do *Correio da Manhã* constatou que numerosos soldados da Polícia Militar não só portavam armas como faziam disparos”⁶⁰¹.

Em relação a publicação do *Jornal do Brasil* do dia 22 de junho de 1968, percebemos que o matutino deu destaque aos policiais feridos na “Sexta-feira Sangrenta”. Em Relação ao grande número de estudantes, populares e repórteres que foram feridos por policiais, o matutino afirmou que até as 19hs do dia 21 de junho, Negrão de Lima não tinha um número exato de estudantes e populares que foram presos. Portanto, a única informação que o *Jornal do Brasil* possuía era a fornecida pelo Secretário de saúde Hildebrando Marinho: “50 policiais foram feridos e seis estavam hospitalizados. Dos quatro internados em estado grave, um morreu por contusão e traumatismo craniano”⁶⁰². O *Jornal do Brasil* também publicou as palavras de um dos motoristas das ambulâncias que estavam transportando os policiais feridos:

a situação é ainda mais grave porque do alto dos edifícios atiraram tijolos, cinzeiros e tudo de pesado que possam lançar. Muitos companheiros me disseram que estão apavorados, pois há perigo de vida por todos os lados.⁶⁰³

O *Jornal do Brasil* também relatou o momento em que um soldado da polícia deixou cair o seu capacete e ficou com medo de pegá-lo e ser agredido pelos estudantes. Minutos depois, um estudante passou em grupo, pegou o capacete, colocou em sua cabeça, despertou aplausos dos manifestantes e da plateia de populares e depois pisotearam o capacete até destruí-lo.⁶⁰⁴ Quanto maior fosse a violência policial contra os estudantes, maior se tornava o sentimento de revolta entre os manifestantes e populares que reagiram agressivamente. Portanto, encontramos no depoimento de Vladimir Palmeira que, a condição psicológica de alguns policiais durante a “Sexta-feira Sangrenta” foi de crise de nervos. Vladimir Palmeira afirma em seu depoimento que, os jornais que cobriram os eventos daquele dia informavam que 55 PMs tinham sido hospitalizados naquele dia, porém, o que para ele era “mais curioso é que 51 deles deram entrada por ‘problemas morais’ – quer dizer, não foi ferimento, pedrada ou qualquer problema físico. Era medo mesmo, ‘crise de nervos’. O peso do movimento de massa é uma coisa impressionante”⁶⁰⁵.

⁶⁰⁰ Idem, p. 4.

⁶⁰¹ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 12 – *Grifo da fonte*.

⁶⁰² *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 4.

⁶⁰³ Idem.

⁶⁰⁴ Idem, p. 3.

⁶⁰⁵ Depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo a ditadura...”. Op. cit., p. 131, 132.

O *Jornal do Brasil* deu um grande enfoque na questão dos policiais terem sido agredidos pelos estudantes, ao ponto de um soldado da PM ter sido morto. O jornal afirmou que a morte do soldado Nelson Barros causou tanta indignação entre os militares, que eles “começaram a gritar em coro ‘estudantes assassinos’”.⁶⁰⁶ Em resumo, o *Jornal do Brasil* evitou chamar a atenção do seu leitor para o grande número de pessoas feridas pelas armas dos policiais.

Percebemos também que, além do jornal se posicionar contrário aos estudantes durante a “Sexta-feira Sangrenta”, também ocorreu uma mudança no posicionamento do matutino em relação a forma como este periódico apresentou os policiais na “Sexta-feira Sangrenta”. Podemos perceber que, em algumas publicações, o *Jornal do Brasil* começou a denunciar as violências dos policiais sobre os jornalistas e repórteres que, ao tentarem noticiar e registrar os momentos de violência nas ruas, começaram a ter os seus materiais de trabalho destruídos pelos policiais. Dessa forma, na publicação do dia 22 de junho de 1968, encontramos na página 07 os seguintes títulos: “História antiga”, “PM agride repórteres e fotógrafos”, “ABI entrega carta de protesto ao Governador” e “Atacar jornalista é hábito antigo da PM”, todas elas foram publicações específicas que noticiaram a agressividade policial aplicada em repórteres, jornalistas e fotógrafos.⁶⁰⁷

O *Jornal do Brasil* informou que às 15horas e 30minutos um jovem foi cercado por cinco policiais na Rua do Ouvidor e foi agredido. Quando os soldados passavam pela pista principal conduzindo este jovem para ser detido, começou a cair do alto dos edifícios pedras e garrafas que atingiram os dois soldados levando-os ao chão, juntamente com o jovem que eles conduziam. Ao ver aquela cena, um fotógrafo do *Correio da Manhã* chamado Rubem Seixas correu para registrar aquele momento, dos policiais caídos ao chão com o jovem que tinha sido preso. No momento em que tirava a foto, apareceu um terceiro soldado que empurrou o fotógrafo, arrancou dele a sua máquina, a jogou no chão e pisou nela até quebrá-la. Em seguida, o fotógrafo foi cercado

por três PMs e surrado. Um deles arrancou também o estojo da máquina, que tinha ainda a tiracolo. Caiu então uma lente teleobjetiva, que foi apanhada e guardada discretamente no bolso por outro soldado. A vaia foi geral.⁶⁰⁸

O *Jornal do Brasil* publicou uma grande variedade de informações sobre a violência policial desferida contra jornalistas e fotógrafos na “Sexta-feira Sangrenta”, em sua

⁶⁰⁶ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 4.

⁶⁰⁷ *Idem*, p. 3,7.

⁶⁰⁸ *Idem*, p. 3.

publicação do dia 21 de junho em suas páginas 3 e 7.⁶⁰⁹ Na notícia “PM agride repórteres e fotógrafos”,⁶¹⁰ o *Jornal do Brasil* registrou alguns casos de jornalistas e fotógrafos que tiveram seus objetos de trabalho destruídos pelos policiais. Repórteres e jornalistas que foram ameaçados e agredidos por policiais e até um jornalista que foi confundido com estudante e, ao se identificar como jornalista, ouviu dos policiais: “Não faz mal – foi a resposta – É vocês mesmo que nós queremos pegar. Com a intervenção de mais soldados, a solução do repórter foi largar as notas e correr”.⁶¹¹ Conforme o *Jornal do Brasil*, o que aconteceu foi que o repórter tentava descobrir o nome de um homem vestido de terno e gravata que estava muito ensanguentado.

A mesma notícia trouxe outro caso que aconteceu quando “Cinco soldados espancavam um fotógrafo a pontapés e golpes de cassetete. Ele só conseguiu escapar por causa da chuva de garrafas, grampeadores e pesos de papel que caíam dos edifícios”.⁶¹² Um jornalista do *Jornal do Brasil* foi atingido no queixo com uma coronhada de fuzil por um policial. O matutino afirmou: “Preocupados com a documentação da violência, elementos da PM, especialmente os mais graduados agentes do DOPS procuravam sempre que podiam atingir jornalistas”.⁶¹³ Na página 3 do mesmo periódico encontramos um jornalista que testemunhou a morte de um rapaz caído a seu lado, após ter sido atingido na testa por um disparo de arma de fogo. Minutos depois, outro jovem que aparentemente atravessava a rua para ajudar aquele que havia sido baleado, caiu repentinamente no chão da Avenida Rio Branco. Neste momento, o repórter que testemunhou o crime pôde ouvir um soldado afirmando: “Até que enfim, acertamos um”.⁶¹⁴ Assim, percebemos que a partir da “Sexta-feira Sangrenta” o *Jornal do Brasil* começou a alterar a imagem do policial, de vítima para o agressor, e a apresentar os repórteres e fotógrafos como as vítimas.

Um policial do DOPS que chefiava um grupo de policiais na Avenida Rio Branco deu seu depoimento à *Tribuna da Imprensa* afirmando que os estudantes estavam fazendo uso de uma estratégia: durante o dia, os líderes do movimento estudantil usavam camisas pretas e durante a noite, eles usavam camisas vermelhas. Também afirmou em seu depoimento que havia estudantes disfarçados de fotógrafos para conseguir transitar entre os policiais e tentar obter informações privilegiadas sobre as suas estratégias de enfrentamento.⁶¹⁵ Por este

⁶⁰⁹ Idem, p. 3, 7.

⁶¹⁰ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 7.

⁶¹¹ Idem.

⁶¹² Idem.

⁶¹³ Idem.

⁶¹⁴ Idem, p. 3.

⁶¹⁵ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 5.

motivo, o *Tribuna da Imprensa* informou que o policial deu ordem de prender todas as pessoas que estivessem utilizando camisas vermelhas.⁶¹⁶ Cabe ressaltar que, nas fontes selecionadas nesta dissertação, não foram encontradas estas informações nos depoimentos dos líderes do movimento estudantil. Também é importante destacar que, estas informações foram apresentadas pela polícia aos jornais apenas no último dia da “Semana Sangrenta”, quando o movimento estudantil utilizava-se de mais força de resistência à violência policial. Logo, podemos concluir que, a afirmação possivelmente serviu como uma forma do policial tentar justificar tamanha violência contra os jornalistas durante a Semana Sangrenta e também para tentar justificar o alto índice de violência contra estudantes e a população.⁶¹⁷

Ainda ao investigar o *Jornal do Brasil* percebemos que, mesmo denunciando as violências sobre jornalistas, o matutino continuou tentando omitir em suas publicações informações sobre populares e estudantes feridos durante a “Sexta-feira Sangrenta”.⁶¹⁸ Assim como também encontramos no depoimento de Luís Raul Machado⁶¹⁹ que afirmou, com base em um levantamento de informações feitas por ele dias depois da “Sexta-feira Sangrenta”, que pelo menos 28 pessoas morreram naquele dia, enquanto a imprensa noticiou que foram apenas 4 mortos. Assim, ele conclui que os acontecimentos da “Sexta-feira Sangrenta” não foram noticiados pela imprensa da forma como aconteceram.⁶²⁰

Vladimir Palmeira também apresenta em seu depoimento que, muitas foram as mortes entre os civis,

mas na época dizíamos que tinham sido no mínimo dez. Depois calcularam 17, enquanto a polícia só reconhecia um. Mas há testemunhas, inclusive meu sogro que era revisor do *Jornal do Brasil* e portanto tinha um observatório privilegiado na Rio Branco, de que foram muitos mais. Nesse dia, ele viu vários cadáveres estendidos na rua. Dizem que a ditadura comprou o silêncio das famílias, pagou os enterros e ainda deu algum dinheiro. Nós ainda temos que recuperar alguma informação, mas encontramos um muro de desinformação em toda parte: é provável que também tenham sofrido ameaças. Mas não há dúvida de que naquela sexta-feira houve muitas mortes e uma grande quantidade de feridos. Quem reestabeleceu a ordem, já de noite, foi a Polícia do Exército.⁶²¹

Entretanto, percebemos que o *Jornal do Brasil* não conseguiu omitir totalmente o fato de terem sido vistas muitas pessoas com talas em diversas partes do corpo, intoxicadas, com escoriações devido a pancadas de cassetetes, algumas espancadas (muitos delas jornalistas) e

⁶¹⁶ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 5.

⁶¹⁷ *Idem*.

⁶¹⁸ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 4.

⁶¹⁹ Luís Raul Machado em 1963 foi presidente da Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas (AMES), em 1967 foi eleito para a diretoria da UNE e preso em junho de 1969 cumprindo pena no presídio Tiradentes em São Paulo. Retirado de: SANTOS, Nilton. Op. cit., p. 55.

⁶²⁰ Depoimento de Luís Raul Machado a Nilton Santos, in SANTOS. “História da UNE...”. Op. cit., p. 60.

⁶²¹ Depoimento de Vladimir Palmeira dado a Solange Bastos, Paulo Becker e Ari Roitman, in DIRCEU; PALMEIRA. “Abaixo a ditadura...”. Op. cit., p. 132.

também não foi possível o jornal deixar de falar sobre duas pessoas que foram baleadas, que estavam em estado grave no hospital, à beira da morte.⁶²² Para abordar este assunto, o matutino se utilizou de técnicas de diagramação, na tentativa de omitir a informação do grande número de estudantes, populares e jornalistas dando entrada nos hospitais. Percebemos a utilização destas técnicas de diagramação em dois momentos: no primeiro momento, ele apresentou as informações no final da notícia e esta no final da página. No segundo, ele publicou a notícia com letras em um tamanho de fonte muito pequenas, quase ilegíveis.⁶²³

Também encontramos a utilização destas técnicas em outra publicação e localizada no lado direito da mesma página, onde o *Jornal do Brasil* apresentou a visão da liderança estudantil sobre a “Semana Sangrenta” e seus resultados. O título da notícia trouxe: “Movimentos continuarão até a liberação dos estudantes” e no corpo da matéria encontramos a informação de que, para os líderes estudantis, a concentração no pátio do MEC durante a “Sexta-feira Sangrenta” representou uma grande vitória do movimento estudantil. A repercussão que o acontecimento trouxe “mostrou ao povo o caráter assassino da repressão”.⁶²⁴ Os líderes estudantis afirmaram que os estudantes não foram os responsáveis pelas depredações e violências que ocorreram. Sua atitude de fazer uso da violência foi apenas como resposta às agressões policiais e “o objetivo do movimento estudantil é somente lutar pelas suas reivindicações e conscientizar o povo”.⁶²⁵

No caso desta publicação, podemos citar Hoeltz que afirma:

quando alguém recebe uma comunicação escrita, instintivamente sua visão se fixa no lado superior esquerdo do papel, uma vez que estamos culturalmente condicionados a saber que o início do texto está ali.⁶²⁶

Com base nestas informações, podemos concluir que, a estratégia utilizada pelo *Jornal do Brasil* – de posicionar as suas notícias tanto no lado esquerdo no final da folha com uma letra muito pequena, quase ilegível e a de posicionar a notícia no direito com uma letra em tamanho pequena – foi uma forma de evitar destacar o fato de que muitos estudantes e populares deram entrada nos hospitais naquele dia com escoriações, além de duas pessoas que foram baleadas estarem em estado grave no hospital,⁶²⁷ que se vê na imagem abaixo:

⁶²² *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 5.

⁶²³ *Idem*.

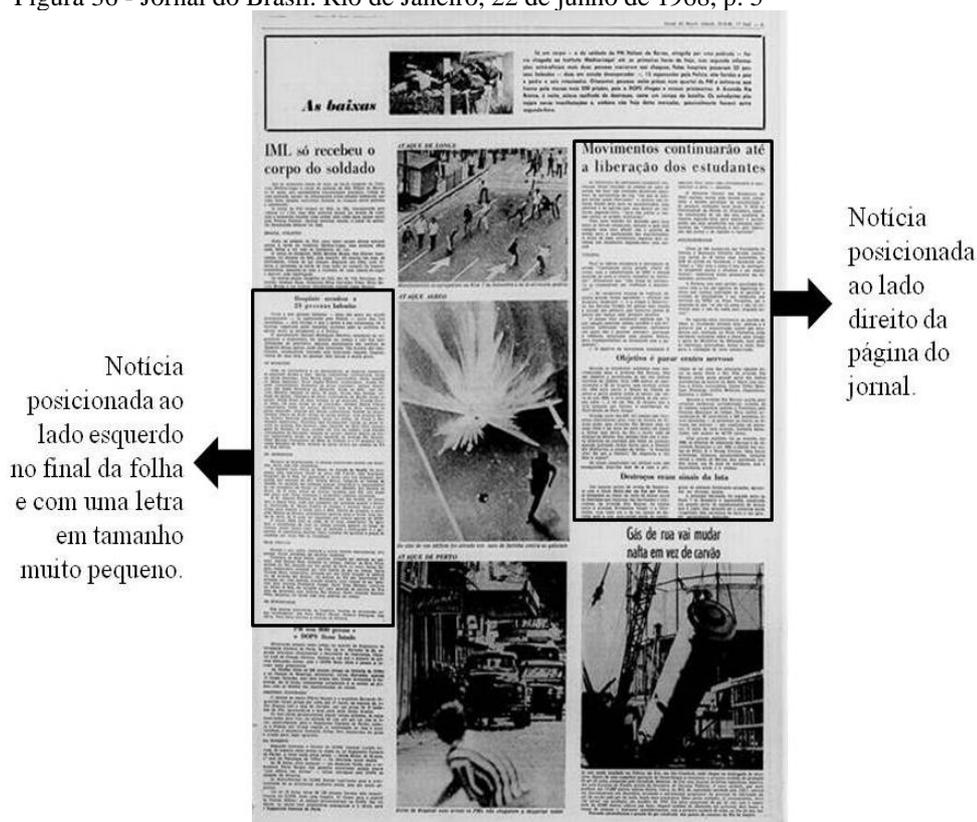
⁶²⁴ *Idem*.

⁶²⁵ *Idem*.

⁶²⁶ HOELTZ, Mirela. Op. cit. pp. 5.

⁶²⁷ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 5.

Figura 36 - Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 5



Destaque nosso para a diagramação feita na página

O matutino também se preocupou em relatar acontecimentos fragmentados, ou seja, o jornal fragmentou uma notícia geral em diversas partes, dando ênfase a somente um destes fragmentos, evitando abordar a notícia por completo. A atitude do jornal pode ser compreendida como uma forma do periódico tentar manipular como um leitor iria compreender a notícia que foi apresentada. Assim, como afirma Abramo,

A fragmentação da realidade em aspectos particularizados, a eliminação de uns e a manutenção de outros e a descontextualização dos que permanecem são essenciais, assim, à distorção da realidade e à criação artificial de uma outra realidade.⁶²⁸

Mesmo com a postura do *Jornal do Brasil* e do jornal *O Globo* de mostrar um lado negativo e violento dos estudantes sobre os policiais, na tentativa de reduzir o grau de brutalidade e de violência dos policiais contra os estudantes, cabe apresentar o depoimento de Franklin Martins.⁶²⁹ Ele afirma que os estudantes também reagiram agressivamente à violência dos policiais. Em seu relato os estudantes atraíram os

⁶²⁸ ABRAMO, Perseu. Op. cit., p. 28.

⁶²⁹ Franklin Martins foi um dos oito líderes estudantis que recebeu mandato de prisão no dia 20 de junho de 1968 na Praia Vermelha. Ele entrou para a organização MR-8, participou do seqüestro do Embaixador dos Estados Unidos Charles Burke Elbrick. Tornou-se exilado em Cuba, Chile e na França. No governo do ex-presidente Lula, foi nomeado ministro-chefe da Secretaria de Comunicação. Cf. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1968, p. 15; Franklin Martins. Retirado

PMs para pequenas emboscadas em ruas laterais, viraram e queimaram carros oficiais. Lembro-me de uma cena impressionante, que nunca vi registrada em foto. Um estudante pegou uma pá numa obra e deu uma pazada num cavalarião que vinha a todo galope. Quando o PM caiu do cavalo, todos partiram para cima dele. E os outros policiais não foram socorrer-lo, mas fugiram. Estavam começando a ficar desorientados com a reação dos estudantes. Foi uma virada importante.⁶³⁰

Na notícia “BOLSA DE VALORES ATACADA TEVE TRÊS FERIDOS A BALA”, o jornal *O Globo* se posicionou como em outras publicações, de forma a mostrar os estudantes como os responsáveis por todos os acidentes cometidos naquela dia. O que o título da notícia informou era diferente do que foi informado no corpo da publicação. No lead da notícia, encontramos que “A Praça Quinze de Novembro também não escapou à devastação promovida ontem por estudantes, que ali chegaram, vindos ao mesmo tempo de diversas direções”,⁶³¹ depois de descrever que os estudantes fizeram uso de paus, pedras, pedaços de ferro, colocaram fogo em carros, depredaram a Bolsa de Valores, ameaçaram colocar fogo em um taxi caso o taxista não levasse uma senhora que estava passando mal para o hospital. O vespertino informou que as três pessoas feridas a balas foram alvo da arma de um coronel à paisana. Logo, as balas não eram de um estudante que porventura poderia estar armado, assim como o título da notícia dava a entender ao seu leitor. A maior parte dos populares a dar entrada nos hospitais naquele dia foi por intoxicação por gás lacrimogêneo, alguns com fraturas por terem sido agredidos fisicamente por policiais e outros deram entrada por terem sido feridos a balas. O uso de gás lacrimogêneo foi feito apenas pela polícia e não há indício do uso de armas de fogo por parte dos estudantes naquele dia. Mesmo assim, o jornal *O Globo* atribuiu o caos que se abateu na cidade do Rio de Janeiro ao movimento estudantil e a toda a sua liderança.⁶³²

O jornal *O Globo* também se utilizou da mesma estratégia de apresentar no lead da notícia informações incompletas em relação a tudo o que seria afirmado no corpo da notícia. Assim como podemos ver no título “Tiros contra a polícia” e no lead da notícia encontramos: “A reportagem de *O Globo* teve oportunidade de observar o orifício feito por um projétil disparado de uma arma de grosso calibre contra uma viatura da polícia que, juntamente com outras três, estava estacionada”.⁶³³ Tanto o título quanto o lead da notícia nos levam a pensar que os estudantes atiraram contra a polícia. Apenas no decorrer da leitura do texto publicado que encontramos: “Foi então que se ouviu um disparo, partido da janela – ou terraço – de um

de: <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/franklin-martins/>> Acesso em: 21 jan. 2020.

⁶³⁰ Depoimento de Franklin Martins, in MARTINS. “Lutar é preciso...”. Op. cit., p. 33.

⁶³¹ *O Globo*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p.13.

⁶³² Idem.

⁶³³ Idem – *Grifo da fonte*.

dos edifícios [...] Apesar das revistas feitas pelos policiais, não foi encontrada nenhuma pessoa que portasse arma de fogo”.⁶³⁴ Ou seja, o tiro foi disparado de cima de algum prédio onde tinham pessoas vaiando os policiais e jogando todo o tipo de objetos em cima deles em apoio aos estudantes e entre os revistados pela polícia não foi encontrado ninguém usando armas. Logo, não há indícios diretos que os estudantes estavam armados.

Edmundo Mendes Benigno Neto afirma que a persuasão é uma prática relacionada ao conteúdo textual e que “a identidade visual de um impresso é construída por meio da utilização de tipos de fontes, da forma como as imagens são dispostas em relação ao texto, do alinhamento adotado, da utilização de infográficos, e da utilização das cores”.⁶³⁵ Mirela Hoeltz corrobora com Edmundo Neto afirmando que, a ordem e posicionamento dos elementos visuais presentes em um impresso esconde técnicas e discursos manipulados por profissionais e por pessoas que dominem o mundo da editoração. Dessa forma, a primeira página de um periódico impresso “funciona como a ‘embalagem’ do produto e, portanto precisa reunir elementos de identificação atrativos que façam com que o leitor a veja e reconheça em meio às demais ‘embalagens’”.⁶³⁶ Assim, ao investigar as primeiras páginas dos periódicos selecionados, percebemos que no dia 22 de junho, alguns jornais da imprensa carioca deram total destaque em sua primeira página a informações e imagens sobre a “Sexta-feira Sangrenta”.

O *Jornal do Brasil* trouxe em sua primeira página quatro imagens acompanhadas de título e legenda, uma manchete principal “LUTA DOMINA RIO E ESTUDANTES VÃO CONTINUAR”.⁶³⁷ O jornal também publicou em sua primeira página uma chamada relacionada à “Semana Sangrenta”.⁶³⁸ Nela encontramos informações que afirmaram que no dia 21 de junho de 1968 ocorreu “uma batalha a bala, cassetetes e pedras entre estudantes e a Polícia, com a participação também de milhares de pessoas das janelas dos edifícios, paralisou o Centro da Cidade ao meio-dia de ontem e só terminou seis horas depois”.⁶³⁹ O *Jornal do Brasil* também informou que o desfecho daquele dia foi cerca de oitenta pessoas feridas, um policial morto, provavelmente dois civis mortos e mais de mil prisões. Diante do saldo daquele dia, o General Luís França de Oliveira, Secretário de Segurança afirmou que se a agitação aumentasse, os métodos de repressão também aumentariam. Estas informações foram noticiadas na primeira página do *Jornal do Brasil*. Duas imagens publicadas como

⁶³⁴ *O Globo*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 13.

⁶³⁵ NETO, Edmundo Mendes Benigno. Op. cit., p. 2.

⁶³⁶ HOELTZ, Mirela. Op. cit., pp. 1, 2.

⁶³⁷ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 1.

⁶³⁸ Idem.

⁶³⁹ Idem.

destaque, com o tamanho maior que as outras, na primeira página do *Jornal do Brasil*, nos faz compreender com maior riqueza de detalhes como se deu o enfrentamento entre estudantes e policiais.⁶⁴⁰

Figura 37 - *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 1



Destaque nosso para a imagem do policial atirando para cima em direção aos prédios no centro da cidade

Também encontramos na primeira página do jornal, a imagem tirada em flagrante de um policial que, atirava para o alto dos prédios na direção dos populares que jogavam uma variedade de objetos em cima dos policiais naquele dia. A imagem foi destacada acima. Ela veio com o título “DEFESA E ATAQUE” e estava acompanhada da legenda: “Os policiais se abrigaram dos objetos que vinham dos edifícios e atiraram para o alto”.⁶⁴¹ Sobre o uso de arma de fogo dos policiais contra os estudantes, populares e jornalistas naquele dia, encontramos em Zuenir Ventura que em um determinado momento do conflito na “Sexta-feira Sangrenta”, os policiais conseguiram passar por uma barricada feita pelos estudantes e na segunda barricada, começaram a abrir fogo com fuzis e pistola 45 sobre os estudantes.⁶⁴²

⁶⁴⁰ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 1.

⁶⁴¹ *Idem*.

⁶⁴² VENTURA, Zuenir. *Op. cit.*, p. 123.

Sobre as imagens publicadas na primeira página do *Jornal do Brasil*, podemos observar que a primeira imagem a receber o maior tamanho na diagramação da primeira página do *Jornal do Brasil* foi a foto de uma pessoa atirada no chão ao ser atingida. O título que acompanhou esta imagem foi: “O ASFALTO SELVAGEM” e a legenda informava: “Durante a troca de pedradas e tiros entre estudantes e policiais, duas pessoas caíram feridas, na esquina da Avenida Rio Branco com a Rua Sete de Setembro e uma delas ficou estirada”.⁶⁴³

A segunda imagem a receber o maior tamanho e posicionada abaixo da manchete veio acompanhada pelo título: “MOMENTO DE CHOQUE” e pela legenda: “Estudantes fazem uma barricada na Rua Rio Branco e recebem a polícia a pedradas”. A imagem registrou o instante em que os estudantes e os policiais entraram em confronto.

O *Correio da Manhã* deu prioridade a “Sexta-feira Sangrenta” em sua primeira página. Três imagens⁶⁴⁴ e uma manchete principal que informava: “QUATRO MORTOS NAS LUTAS DE RUA, GOVERNO NÃO PENSOU EM SÍTIO”.⁶⁴⁵ O *Tribuna da Imprensa* também deu total destaque ao terceiro dia da “Semana Sangrenta”. Nele podemos encontrar quatro imagens relacionadas ao assunto e a manchete principal: “POVO APOIA ESTUDANTE” acompanhada de uma chamada que informou que os estudantes receberam apoio popular em sua luta por mais verbas para a educação, por uma educação de melhor qualidade e por mais professores:

Revoltados com a violência da PM e do DOPS contra os jovens, populares localizados em edifícios do centro da cidade passaram a combater os policiais jogando garrafas, paus pedras cestas, enfim, tudo que lhes vinha às mãos, a fim de contrabalançar o uso de cassetetes, bombas revólveres, fuzis e metralhadoras pela Polícia militar. Os incidentes de ontem deixaram um saldo de 6 mortos e 350 feridos, alguns em estado grave.⁶⁴⁶

O jornal *O Globo* também priorizou apresentar em sua primeira página informações relacionadas a “Sexta-feira Sangrenta”. Publicou como manchete: “NEGRÃO: TOLERÂNCIA E BOA FÉ PARA RESTAURAR ORDEM NO RIO” e “3º DIA DE AGITAÇÃO: 1 MORTO, 97 FERIDOS”. As duas dividiam o espaço da primeira página com quatro chamadas e quatro imagens com legenda.⁶⁴⁷

⁶⁴³ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 1.

⁶⁴⁴ A fonte disponível na hemeroteca digital tem imagens muito escuras para que fossem apresentadas neste capítulo.

⁶⁴⁵ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 1.

⁶⁴⁶ *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 22-23 de junho de 1968, p. 1.

⁶⁴⁷ *O Globo*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 1.

Podemos concluir com base nas imagens que, além de dar destaque em sua primeira página aos acontecimentos que marcaram a “Sexta-feira Sangrenta”, o jornal *O Globo* também apresentou os estudantes por um viés negativo e violento. Posicionamento que não mudou ao longo de suas publicações.

No caso do *Diário de Notícias*, percebemos vê-se que ele manteve o padrão dos demais periódicos em sua primeira página. O jornal publicou como manchete principal: “DEPREDAÇÕES E MORTES DEIXAM O RIO EM PÂNICO”.⁶⁵⁰ Também apresentou cinco imagens sobre a “Sexta-feira Sangrenta” acompanhadas de títulos e legendas e publicou em sua primeira página quatro chamadas que traziam informações sobre aquele dia. Encontramos na primeira página uma imagem acompanhada do título: “FAIXA AMARELA FOI SUICÍDIO” e da legenda: “Bastou um carro ter a faixa amarela do <<Em Serviço>>, para ser assaltado, virado e incendiado, como aconteceu com esta <<Kombi>> da SUTEG e com dezenas de outros. A polícia não conseguiu parar um só instante”.⁶⁵¹ Também podemos encontrar uma segunda imagem intitulada: “GUERRILHEIROS DE RUA” e com a legenda: “A pedra foi a arma principal dos que decidiram enfrentar a polícia armada até os dentes e que fez uso de sua força de todas as formas”.⁶⁵² Assim como podemos ver abaixo:

Figura 39 - Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 1



⁶⁵⁰ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 1.

⁶⁵¹ *Idem*.

⁶⁵² *Idem*.

Porém, ao mesmo tempo que o *Diário de Notícias* apresentou os estudantes por um viés negativo e agressivo, o jornal também mostrou em imagens policiais tendo atitudes agressivas sobre os estudantes e populares. Na imagem intitulada: “PARA CADA PRESO CINCO POLICIAIS”, encontramos a legenda: “O povo, nas janelas de edifícios, não se cansou de vaiar a PM. Esta, agiu indiscriminadamente, contra velhos e crianças, estudantes ou simples trabalhadores. E prendeu quem quis. E feriu e matou à vontade”.⁶⁵³

Para uma visão mais completa de como a “Semana Sangrenta foi apresentada pelos seis periódicos selecionados nesta dissertação, faremos aqui o uso de uma tabela e três gráficos que podem exemplificar de forma mais sintetizada o que dissemos na base central desta dissertação “A Semana Sangrenta na imprensa carioca”. Fizemos uma seleção das primeiras páginas de todos os periódicos dos dias 20, 21, 22 e 23 de junho de 1968 e observamos quantas manchetes, chamadas e imagens fizeram referência aos três dias da “Semana Sangrenta”. No caso da Revista *O Cruzeiro*, foi necessário que houvesse algumas adaptações, porque a revista era semanal e ilustrada, apresentando mais imagens que os demais periódicos e imprimindo apenas uma publicação semanal que fez referência a “Semana Sangrenta”. A publicação selecionada foi a do dia 06 de julho de 1968 em um total de 16 páginas.⁶⁵⁴ Logo, no caso da revista *O Cruzeiro*, a coluna “Manchete” presente na tabela está relacionada a todos os: títulos das notícias encontradas nas páginas selecionadas da revista. No caso da coluna “Número de páginas internas com chamadas, fizemos uma substituição, no caso específico da revista *O Cruzeiro*, pelos: títulos apresentados no índice da revista que apresentaram informações sobre a “Semana Sangrenta”. A revista não publicou em sua primeira página imagens sobre a “Semana Sangrenta”, logo, as imagens contabilizadas podem ser encontradas entre as páginas 1, 14-17,19,20, 22-27 e 42-44 da revista.

Tabela 1 - A “Semana Sangrenta” na imprensa carioca

<i>Correio da Manhã</i>			
<i>Data</i>	<i>Manchetes</i>	<i>Imagens</i>	<i>Número de páginas com chamadas</i>
20 de junho	1. Sete horas de gás lacrimogêneo para reprimir os estudantes.	3	5
21 de junho	1. A guerra contra os estudantes.	2	5
22 de junho	1. Quatro mortos nas lutas de rua Governo não pensou em sítio; 2. Decisão.	3	10
23 de junho	1. Estudantes ocupam o Congresso; 2. Aulas e provas suspensas; 3. Os corpos desapareceram.	2	0

⁶⁵³ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 1.

⁶⁵⁴ Foram consideradas as páginas 1, 14-17,19,20, 22-27 e 42-44 da publicação do dia 06 de julho de 1968 que publicou notícias sobre a “Semana Sangrenta”.

Tabela 1 - A “Semana Sangrenta” na imprensa carioca

<i>Diário de Notícias</i>			
<i>Data</i>	<i>Manchetes</i>	<i>Imagens</i>	<i>Número de páginas com chamadas</i>
20 de junho	1. Nova guerrilha urbana: estudantes x policiais; 2. Exército vê a subversão no protesto; 3. Força está pronta para a repressão; 4. A violência volta às ruas.	4	4
21 de junho	1. Massacre de estudantes: Nova covardia policial; 2. Governo reprime a baderna; 3. Hoje Mais Protesto: É no MEC.	4	4
22 de junho	1. Depredações e mortes deixam o Rio em pânico; 2. Intervenção é hipótese já afastada; 3. Negrão pede trégua aos estudantes; 4. Calma volta ao Rio após conflito.	5	6
<i>Jornal do Brasil</i>			
<i>Data</i>	<i>Manchetes</i>	<i>Imagens</i>	<i>Número de páginas com chamadas</i>
20 de junho	1. Estudantes param o Centro da Cidade e o Exército adverte que manterá a ordem;	2	6
21 de junho	1. Exército em prontidão rigorosa e nova passeata é anunciada para hoje;	2	6
22 de junho	1. Luta domina Rio e estudantes vão continuar.	4	9
<i>O Globo</i>			
<i>Data</i>	<i>Manchetes</i>	<i>Imagens</i>	<i>Número de páginas com chamadas</i>
20 de junho	1. Exército alerta os pais: Não toleraremos mais provocações; 2. Agitadores levam anarquia ao centro do Rio; 3. Os ativistas do niilismo; 4. Motorista prende incendiários;	4	2
21 de junho	1. Estudantes deixam a reitoria e são dominados pela polícia; 2. A angústia das mães; 3. Vice-Reitor nega a ocupação e reféns;	3	5
22 de junho	1. Negrão: Tolerância e boa fé para restaurar a ordem no Rio; 2. O Choque nas ruas; 3. O Exército é simples espectador; 4. 3º dia de agitação: 1 morto, 97 feridos; 5. Agitadores Contra Estudantes; 6. Os incendiários.	4	9
<i>Tribuna da Imprensa</i>			
<i>Data</i>	<i>Manchetes</i>	<i>Imagens</i>	<i>Número de páginas com chamadas</i>
20 de junho	1. Povo Massacrado; 2. Grande parte dos presos é de menores; 3. Exército não tomou parte na repressão; 4. Comandante desmente participação; 5. Estudantes dizem hoje o que farão.	1	2
21 de junho	1. Estudantes não recuam; 2. Chega de massacre, chega de incompetência.	2	6
22 e 23 de junho	1. Povo apóia estudante;	4	7

Tabela 1 - A “Semana Sangrenta” na imprensa carioca

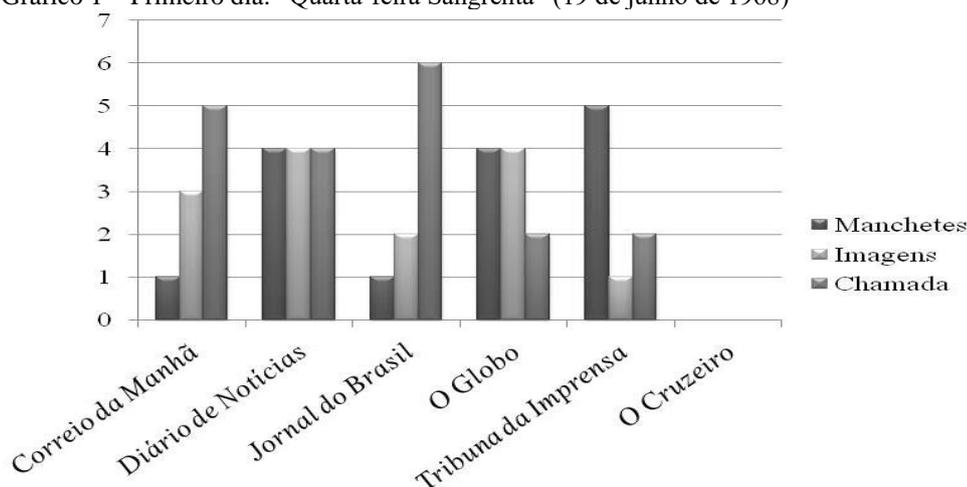
2. Governo estuda crise.			
Revista <i>O Cruzeiro</i>			
<i>Data</i> ⁶⁵⁵	<i>Manchetes</i> ⁶⁵⁶	<i>Imagens</i>	<i>Número de páginas com chamadas</i> ⁶⁵⁷
06 de julho	1. O difícil caminho do entendimento; 2. Na arena dos estudantes a bomba é ameaça; 3. O difícil caminho do entendimento; 4. A ordem era prender estudantes; 5. A voz agita os temas da rebelião dos jovens; 6. A ação conduz a luta dos jovens rebelados.	26	2

Fonte: Dados extraídos dos jornais *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Revista O Cruzeiro*.

Em relação à *Revista O Cruzeiro*, foi possível observar que das 6 manchetes encontradas sobre a “Semana Sangrenta” 4 foram sobre o dia 20 de junho e 2 sobre o dia 21 de junho. Quanto às 26 imagens encontradas: 9 foram sobre o dia 20 de junho e 17 foram sobre o dia 21 de junho. Em relação ao número de títulos apresentados no índice da revista, 1 título foi em relação ao dia 20 de junho e 1 título foi em relação ao dia 21 de junho.

Logo, com base nas informações obtidas nas primeiras páginas dos periódicos, é possível encontrar abaixo três gráficos que apresentam uma comparação entre os seis periódicos das manchetes, chamadas e imagens que foram publicadas em suas primeiras páginas e cada gráfico representa um dia da “Semana Sangrenta”. Seguem abaixo os dados obtidos com a pesquisa:

Gráfico 1 – Primeiro dia: “Quarta-feira Sangrenta” (19 de junho de 1968)



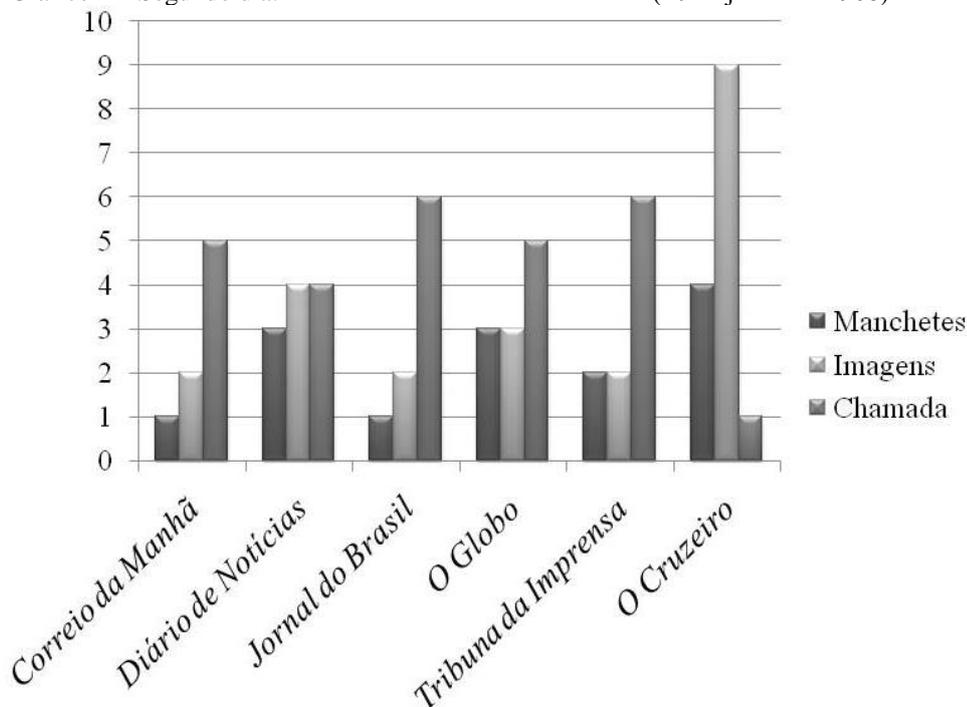
⁶⁵⁵ Em relação a *Revista O Cruzeiro* foram consideradas as páginas (1, 14-17, 19, 20, 22-27, 42-44) da publicação do dia 6 de julho de 1968 que publicou notícias sobre a “Semana Sangrenta”.

⁶⁵⁶ A coluna “Manchete” foi substituída por todos os “Títulos das notícias” encontrados nas páginas da revista que apresentaram informações sobre a “Semana Sangrenta”.

⁶⁵⁷ A coluna “Número de páginas internas com chamadas” foi substituída pelos “Títulos apresentados no índice da revista” que apresentaram informações sobre a “Semana Sangrenta”.

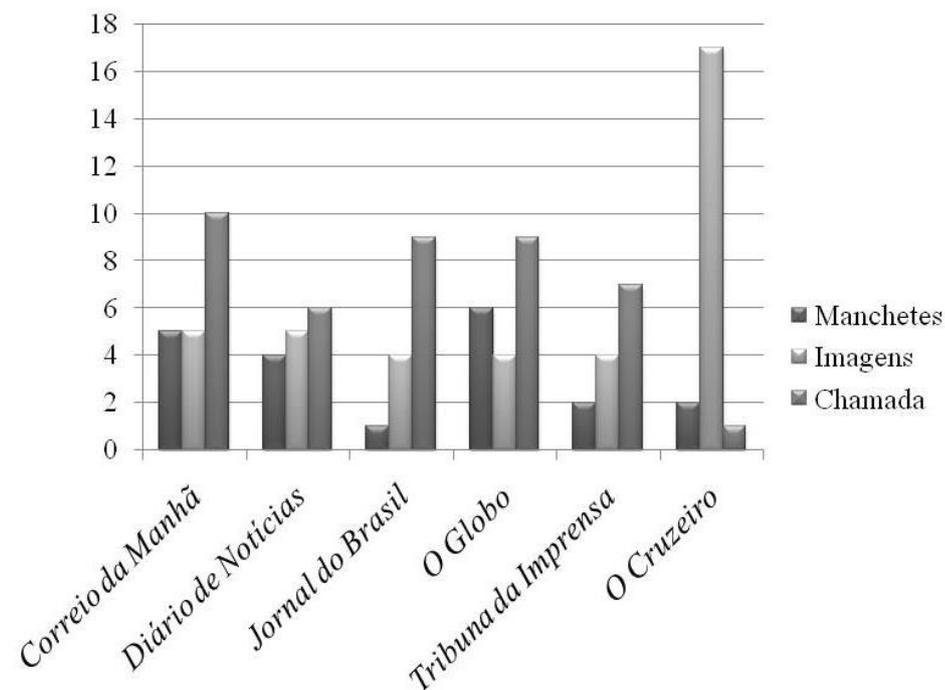
Fonte: Dados extraídos dos jornais *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Revista O Cruzeiro*.

Gráfico 2 – Segundo dia: “A Violência na Praia Vermelha” (20 de junho de 1968)



Fonte: Dados extraídos dos jornais *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Revista O Cruzeiro*.

Gráfico 3 – Terceiro dia: “Sexta-feira Sangrenta” (21 de junho de 1968)



Fonte: Dados extraídos dos jornais *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Revista O Cruzeiro*.

Com base nos dados obtidos com a pesquisa, representados na tabela e nos gráficos acima, podemos concluir que – em relação ao número de manchetes, imagens e páginas internas que possuíam uma chamada na primeira página dos periódicos pesquisados – entre os três dias da “Semana Sangrenta”, o dia que recebeu maior destaque na imprensa carioca foi a “Sexta-feira Sangrenta”. Entre o primeiro e o segundo dia da “Semana Sangrenta”, constatamos que os periódicos, com exceção da Revista *O Cruzeiro*, apresentaram o mesmo padrão aproximado de publicação em suas primeiras páginas, no que concerne aos itens “manchetes” e “imagens”. Todavia, no caso do item chamadas, o jornal *Tribuna da Imprensa* e *O Globo* deram um maior destaque ao segundo dia da “Semana Sangrenta”: a Violência na Praia Vermelha.

No que concerne à Revista *O Cruzeiro*, sabemos que ela era semanal e ilustrada. Por este motivo, não foi possível fazer a comparação da primeira página com as páginas dos jornais. Porém, acrescentá-la aos gráficos e tabelas foi importante para percebermos que, em toda a publicação do dia 6 de julho de 1968, não houve nenhuma manchete, nem título apresentado no sumário da revista que fizeram referência ao primeiro dia da “Semana Sangrenta”. Foi possível encontrar poucas informações sobre a “Quarta-feira Sangrenta” incluídas no interior de alguns textos dos artigos escritos, mas não encontramos imagens publicadas na revista que mostrassem um pouco do que ocorreu no dia 19 de junho de 1968, dia que se deu a abertura da assembleia na UFRJ campus Praia Vermelha, que, conseqüentemente, resultou na “Sexta-feira Sangrenta”, último e mais violento dia da “Semana Sangrenta”.

Também foi possível concluir ao longo da produção do terceiro capítulo que, na “Quarta-feira Sangrenta” alguns estudantes usaram coquetéis Molotov no enfrentamento com a polícia. Da mesma forma, os policiais começaram a fazer um uso incontido do gás lacrimogêneo sobre todos que estavam no centro da cidade do Rio de Janeiro. Percebemos que a informação mais destacada pelos periódicos selecionados naqueles dias foi o fato de populares terem sido atingidos pelo gás lacrimogêneo e o grande número de pessoas dando entrada nos hospitais por intoxicação, inclusive gestantes e crianças, tendo esta prática do uso indiscriminado de gás lacrimogêneo pela polícia sido intensificada na “Sexta-feira Sangrenta”.

Alguns jornais como o *Correio da Manhã* também noticiaram o número de estudantes que foi agredido pelos policiais durante os três dias. Em relação aos periódicos como o *Jornal do Brasil* e *O Globo*, podemos afirmar que eles tiveram um posicionamento mais favorável aos policiais naqueles dias mostrando que também tiveram policiais feridos nos confrontos de

rua com estudantes. O segundo dia da “Semana Sangrenta” teve episódios marcados por eventos bem diferentes do primeiro dia. Mesmo havendo estudantes que saíram da UFRJ reagir com paus, pedras e alguns até com coquetel Molotov aos policiais, que cercavam a universidade fortemente armados de fuzis, não foram encontradas informações nos jornais e nem em depoimentos, policiais ou civis que tenham sido levados para os hospitais no dia 20 de junho. Porém, o número de estudantes que foi brutalmente agredido, espancado e preso foi estarrecedor. A violência na Praia Vermelha também ficou marcada pelos casos de jovens estudantes que foram assediadas sexualmente pelos policiais naquele dia. A imprensa noticiou aqueles acontecimentos e trouxe um forte sentimento de comoção à população carioca em relação aos estudantes que foram brutalmente feridos naquele dia, o que facilitou a adesão de parte dos populares aos estudantes.

O Último dia da “Semana Sangrenta” ficou marcado por um grau de violência por parte dos policiais, estudantes e dos populares. Muitos civis aderiram à luta estudantil naquele dia, muitos policiais ficaram feridos e um policial morreu de traumatismo craniano porque jogaram de cima de um prédio uma máquina de escrever que o atingiu. Porém, maior foi o número de populares, jornalistas e estudantes feridos, presos e mortos. Os periódicos selecionados deram um grande destaque ao número de civis feridos, *O Jornal do Brasil* também abordou o grande número de fotógrafos que teve suas máquinas destruídas por policiais que proibiam o registro daqueles momentos de violência, porém, em relação à “Sexta-feira Sangrenta”, tanto o *Jornal do Brasil*, quanto o jornal *O Globo* evitaram publicar sobre os casos de estudantes feridos, agredidos e mortos naquele dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir com este trabalho que, o uso da imprensa como fonte principal para reconstruir os eventos da “Semana Sangrenta” foi de suma importância. Principalmente porque partimos do objetivo de entender as representações da imprensa carioca sobre a “Semana Sangrenta” e o movimento estudantil. Compreender a imprensa como um canal pelo qual podemos obter informações sobre os acontecimentos históricos através de suas variadas formas (imagens, manchetes, chamadas) e fazer o uso de materiais que facilitam na compreensão da diagramação, também nos ajudam a compreender a imprensa não apenas como fonte histórica, mas também como ator político.

Percebemos durante a produção desta dissertação que, enquanto estudantes e policiais entravam em intensos conflitos nas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro em 1968, a imprensa registrava cada momento e permeava entre os atores políticos em questão. Mas, a forma como esta mesma imprensa apresentou aqueles eventos mostrou muito de sua história e do posicionamento político do seu corpo editorial. Porque a seleção das notícias e das imagens e também a forma como cada informação é posicionada na folha do jornal pode falar muito sobre quem está por trás da seleção de cada notícia e também sobre aqueles que sustentam financeiramente aquele veículo de comunicação impresso.

Observando todos os periódicos investigados, podemos afirmar que a diferenciação entre as suas publicações pode ser percebida na forma como o estudante foi apresentado. O jornal *O Globo* que mantinha um perfil liberal e conservador desde a sua fundação, na maioria de suas publicações que fizeram referência ao movimento estudantil de 1968, apresentou uma imagem do estudante como um agitador, violento e agressivo. No caso do *Jornal do Brasil*, durante os três dias da “Semana Sangrenta”, o matutino se apresentou de forma ambígua no que concerne ao movimento estudantil e aos policiais. Em alguns casos, o periódico publicou notícias favoráveis aos estudantes, mostrando-os como vítima da intensa violência policial, como podemos ver no dia da Violência na Praia Vermelha, mas em outros momentos, como na “Sexta-feira Sangrenta” o matutino mostrou-se apenas ao lado dos populares e jornalistas. Ele apresentou uma imagem negativa tanto dos estudantes quanto dos policiais. No que concerne aos jornais *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* e *Tribuna da Imprensa*, podemos afirmar que eles destacaram a dimensão da violência que se abateu no Rio de Janeiro contra populares e a repercussão em outros estados. Porém, encontramos publicações no *Diário de Notícias* e no *Tribuna da Imprensa* que também mostram uma imagem do estudante como uma pessoa violenta. Entre todos os jornais investigados, o *Correio da Manhã* foi o jornal que

mais deu destaque aos casos de violência policial contra os estudantes, mantendo assim o seu perfil de jornal combativo e de opinião que ele sempre teve desde a sua fundação.

Em relação aos três dias da “Semana Sangrenta”, percebemos que, o índice de brutalidade da polícia militar e dos agentes do DOPS aumentou consideravelmente ao longo dos três dias. Paralelamente a violência policial, as estratégias utilizadas pela resistência estudantil também se aperfeiçoaram no decorrer da “Semana Sangrenta”. O número de feridos, mortos e presos também aumentou, da mesma forma que os motivos de luta estudantil com o acréscimo da luta pela libertação dos presos políticos e contra a violência policial que aumentava cada vez mais.

Também percebemos com a “Semana Sangrenta” que, as violências que ocorreram durante os dias 19, 20 e 21 de junho de 1968, também foram prejudiciais para alguns policiais. O grau de indignação dos populares foi tão grande que tiveram policiais que foram internados por terem sido alvo de objetos jogados das janelas dos prédios do centro da cidade sobre eles, como máquinas de escrever, espelhos, garrafas de cerveja cheia e vazia. Enquanto isso, Negrão de Lima enviava mais policiais para as ruas para aumentar ainda mais a força da repressão com fuzil, pistola, baioneta calada, brucutu, enquanto os estudantes os enfrentavam com pedras, paus, pedaços de ferro e coquetel Molotov.

Observamos que, a força de apoio dos populares a favor dos estudantes principalmente na “Sexta-feira Sangrenta” se tornou um motivo que deu abertura para um maior balanço da força do movimento estudantil por parte das suas principais lideranças. Elas perceberam que estavam vivenciando o momento certo para uma passeata com uma maior mobilização. Dessa forma, ocorreu no dia 26 de junho de 1968 a “Passeata dos Cem Mil”, com a participação de artistas, mães, professores, religiosos. Todos contra a ditadura.

A esperança de conseguir acabar com o regime ditatorial se fez presente no coração de muitos brasileiros durante aquele ano, mas não foi o suficiente para que o regime militar se tornasse mais brando. Assim, em uma sexta-feira 13, os brasileiros receberam a notícia que o Ato Institucional nº5 foi aprovado. A partir daquele momento, a imprensa que foi uma das grandes responsáveis em veicular entre a sociedade brasileira o apoio ao golpe militar, participando ativamente da articulação civil-militar, experimentou as tristes consequências de suas escolhas e atitudes feitas no ano de 1964. A partir de 13 de dezembro de 1968 a imprensa experimentou o fim da sua liberdade de expressão devido ao endurecimento do regime militar.

Quanto ao movimento estudantil, depois do ano de 1968, eles perderam a sua força, seus principais líderes foram presos no XXX Congresso da UNE em Ibiúna. A prisão de

Vladimir Palmeira (UME) e Luís Travassos (UNE) conduziu o movimento estudantil a uma nova fase, mais violenta, agressiva e de enfrentamento. Alguns estudantes seguiram o caminho da guerrilha e do uso de armas, acreditando que aquele era o único caminho para lutar contra a ditadura. Os anos que sucederam 1968 marcaram a vida de muitos estudantes que hoje não estão mais presentes entre nós. Muitos experimentaram momentos difíceis na clandestinidade, por acreditar que este era o caminho, eles escolheram abandonar os livros e pegar em armas, deixaram suas famílias para viver como fugitivos da polícia, muitos foram presos, passaram por intensos interrogatórios, experimentaram a violência física e psicológica, foram agredidos, exilados do país sem poder ver as suas famílias por muitos anos, há registros de pessoas que foram seqüestradas e que estão desaparecidas até os dias de hoje, há depoimentos de pessoas que foram brutalmente torturadas e os que experimentaram toda esta violência em seu grau mais elevado ao ponto de não poderem deixar registrado em depoimentos, foram assassinadas.

Estudar ditadura militar é muito mais que estudar um determinado momento da História do Brasil. É entender até em que ponto o ser humano é capaz de chegar pelo poder. É perceber que aquilo que você estudou durante muitos anos da sua vida pode contribuir diretamente para construir o país que você quer deixar para os seus filhos. É assumir um lugar de voz ativa contra a violência e a irresponsabilidade. É estar disposto a usar a sua pesquisa acadêmica para evitar que os porões da ditadura não venham a ser reabertos. É estar disposto a lutar para que policiais e militares nunca mais venham a morrer por causa das ordens de um Estado autoritário, que só ordena a repressão, mas se esquece que atrás da farda e das armas existe um pai ou uma mãe, que atrás do uniforme existe um filho ou uma filha.

Escrevo para que ninguém esqueça e para que nunca mais aconteça. Ditadura nunca mais!

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

ABREU, Alzira Alves de et al. (coords.). “Filinto Muller” In: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/filinto_muller>. Acesso em 24 out. de 2019.

ABREU, Alzira Alves de. “Introdução”. In: ABREU, Alzira Alves de. *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, pp. 7-13.

ABREU, Alzira Alves de. “Orlando Ribeiro Dantas” In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/orlando-ribeiro-dantas> (Acesso em 03 de outubro de 2019)

Academia Nacional de Medicina. Clementino Fraga Filho. Disponível em: <[http://anm.org.br/conteudo_view.asp?id=57&descricao=Clementino+Fraga+Filho+\(Cadeira+No.+19\)](http://anm.org.br/conteudo_view.asp?id=57&descricao=Clementino+Fraga+Filho+(Cadeira+No.+19))> Acesso em: 5 jun. 2019.

AGUIAR, Flávio. “Imprensa alternativa: *Opinião, Movimento, em Tempo*”. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina. *História da Imprensa no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

AMADO, João. *Da redação do Jornal do Brasil para as livrarias: Os idos de março e a queda em abril, a primeira narrativa do golpe de 1964*. 249F. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

ANDRADE, Regis de Castro. Trabalho e sindicalismo: memória dos 30 anos do movimento de Osasco (Entrevista com Regis de Castro Andrade). Entrevistadores: Anna Maria C. Andrade e Fábio José B. Sanchez. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, v.2, n.10, out. 1998, pp. 37-49.

ANTUNES, Ricardo; RIDENTI, Marcelo. “Operários e estudantes contra a ditadura: 1968 no Brasil”. *Mediações*, v.12, n.2, jul.- dez. 2007, pp.78-89.

AQUINO, Maria Aparecida de. “Relações entre o estado autoritário, a censura e a imprensa escrita”. In: AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968-1978): O exercício cotidiano e da dominação e da resistência O Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. “1968, nas teias da história e da memória”. *Clio – Série Revista de Pesquisa Histórica*, on-line, v.1, n. 26, 2008, pp. 101-116.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *Memórias estudantis: a fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social”. In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARBOSA, Marialva C. “Senhores da memória”. *Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo, v.18, n.2, jul./dez.1995, pp. 84-101.

BARBOSA, Marialva C. *História Cultural da Imprensa (Brasil – 1900-2000)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARROS, José D'Assunção. “História Política - Dos objetos tradicionais ao estudo dos micropoderes, do discurso e do imaginário”. *Escritas: Revista do Curso de História de Araguaína*, v. 1, abr. 2015.

BARROS, Orlando de. “Depoimento”. *Revista Maracanan*. n.11, dez. 2014, p. 111-114.

BARROS, Orlando de. “*A propósito de um texto, a propósito de um texto, a propósito de outro texto...*”. Mestrado/doutorado de História – UERJ. Original de 1996. Revisto em 2005.

BARROS, Orlando de. “*Com quantos textos se faz um esquecimento?*”. Curso do Prof. Orlando de Barros: Aspectos da cultura brasileira no governo Vargas: história e discurso. Mestrado/doutorado de História – UERJ/PPGH. 2010-1.

BECKER, Jean-Jacques. “A opinião pública”. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ/Editoria FGV, 1996.

BENJAMIN, Cid; DEMIER, Felipe. *Meio século de 1968: barricadas, história e política*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2018.

BERSTEIN, Serge. “A cultura política”. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Dir.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 349-363.

BÍBLIA. Espanhol, Inglês e Português. *Bíblia Sagrada*. Edição Trilíngue. São Paulo: Geográfica. Nova Versão Internacional. 2.ed. 2013.

Biografia de Alberto Dines. *Dossiê Os anos de JK: O Governo de Juscelino Kubitschek*. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/alberto_dines. Acesso em: 18 nov. 2019.

Biografia de Odylo Costa Filho. *Site Academia Brasileira de Letras*. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/odylo-costa-filho/biografia>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Biografia: Vladimir Palmeira milita na luta popular desde jovem. Disponível em: <http://www.vladimirpalmeira.com.br/biografia.html> Acesso em: 13 jul. 2019.

BORGES, Nilson. “A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (Col. O Brasil Republicano. v.4).

BORRAT, Héctor. “El periódico, actor político”. In: *Análisis 12*, 1989, 67-80. Barcelona.

BOURDIEU, Pierre. “Sobre o poder simbólico”. In: _____. *O poder simbólico*. Tradução: Fernando Tomaz. Editora Bertrand. Rio de Janeiro. 1989.

BRASIL, Bruno. *Correio da Manhã*. Site da Biblioteca Nacional. Publicado em 11 de novembro de 2014. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/correio-da-manha/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

BRASIL, Bruno. *Jornal do Brasil*. Site da Biblioteca Nacional. Publicado em 5 de março 2015. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-brasil/>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. Relatório: Mortos e desaparecidos políticos de 1950 a 1969 / Comissão Nacional da Verdade. V. 3. Brasília: CNV, 2014. (054 - Maria Ângela Ribeiro). Pág. 309 – 311. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/image/s/pdf/relatorio/volume_3_digital.pdf> Acesso em: 21 de mai. 2019.

BRAVO, Diego. *Dicionário de Jornalismo*. Publicado em 27 de maio de 2011. Disponível em: <<https://dicionariodejornalismo.blogspot.com/search?q=chamada>> Acesso em: 25 de mai. 2019.

CARDOSO, Ana Cristina Bornhausen; FREITAS, Adriana J. Ribeiro; RIBEIRO, Raquel Freitas Sampaio. “Construção da identidade pela leitura da palavra”. *Cadernos de Pós-Graduação Letras*, São Paulo. v.5, n.1, 2005.

CASTRO, Celso. “O golpe de 1964”. Fundação Getulio Vargas (CPDOC). Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/O_golpe_de_1964> Acesso em: 27 jun. 2019.

CATROGA, Fernando. “Recordação e esquecimento”. In: _____. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

CAZARIN, Ercília Ana; MENEZES, Eduardo Silveira de Menezes. “A mídia e o golpe de 1964: revista O Cruzeiro como aliada do discurso das forças militares”. *Conexão Letras*. On-line, v.9, n.11, 2014, pp. 111-122.

CHAMMAS, Eduardo Zayat. *Ditadura Militar e a Grande Imprensa: os editoriais do Jornal do Brasil e do Correio Da Manhã entre 1964 e 1968*. 113f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CHAMMAS, Eduardo Zayat. O Correio da Manhã no golpe de 1964: impasses e dilemas na relação com os militares. In: ANAIS DO XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. São Paulo: *Anais...* São Paulo: AMPUH, julho 2011, p. 1-17.

Coordenadoria de Jornalismo do IF-SC. Glossário de termos comuns no jornalismo. Instituto Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<https://pdi.ifsc.edu.br/wp-content/blogs.dir/2/files/gloss%3%a1rio-imprensa.pdf>> Acesso em: 25 mai. 2019.

COSTA, Bruno Moraes Pereira da. *Jornalismo em tempos de ditadura: a relação da imprensa com os ditadores*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017.

COSTA, Edmilson; GABROIS, Igor. “As diferenças de PCB e PCdoB”. Publicado em 26 de março de 2009. Disponível em: <<https://pcb.org.br/porta12/580/as-diferencas-entre-pcb-e-pcdob/>> Acesso em: 17 dez. 2019.

COUTINHO, Emilio Coutinho. Vocabulário de jornalismo. Publicado em 20 de fevereiro de 2015. Disponível em: <www.casadosfocas.com.br/vocabulario-de-jornalismo/> Acesso em: 25 mai. 2019.

CUNHA, Luís Antônio. “Acordo MEC-USAID”. ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

DIAS, Luiz Antônio. “A salvação da pátria”. *Revista da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 83, ago. 2012, p. 28-30.

DIAS, Reginaldo Benedito. “Da esquerda católica à esquerda revolucionária: a Ação Popular na história do catolicismo”. Dossiê: Identidades Religiosas e História. *Revista Brasileira de História das Religiões*. N. 01, ano 01, pp. 01-30.

DINES, Alberto. Depoimento ao Centro de Cultura e Memória do Jornalismo. Entrevistado por Carla Siqueira e Caio Barretto. Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro. *CCMJ*. Data da entrevista 17 de setembro de 2008.

DIRCEU, José; PALMEIRA, Vladimir. *Abaixo a ditadura*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: Garamond, 1998.

DUARTE, Luiz Cláudio. “A Escola Superior de Guerra e o discurso democrático”. *Diálogos*, Maringá. Online, v.18, n.1, jan.-abr. 2014, pp. 147-172.

EAGLETON, Terry. “O que é ideologia?”. In: _____. *Ideologia*. São Paulo: Unesp / Boitempo, 1997, pp. 1-39.

FALCON, Francisco. “História e Poder”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. *A UNE em Tempos de Autoritarismo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

FERNANDES, Claudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. *Diccionario político y social iberoamericano*. Iberconceptos I. Madrid: Fundación Carolina/Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales/ Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009.

FERREIRA, Jorge. “URSS: Mito, Utopia e História”. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 3, n.5, 1998, pp. 75-103.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. “A nova ‘velha história’: o retorno da história política”. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, jul. 1992, p. 265-271.

FERREIRA, Marieta de Moraes. “A reforma do Jornal do Brasil”. In: ABREU, Alzira A. de. *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 141-157.

FERREIRA, Marieta de Moraes. “Assis Chateaubriand”. In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <[https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CHATEAUBRIAND,% 20Assis.pdf](https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CHATEAUBRIAND,%20Assis.pdf)>. Acesso em: 3 out. 2019.

FERREIRA, Marieta de Moraes. “Diário de Notícias (Rio de Janeiro)”. In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes; CABRAL, Jacqueline Ribeiro. “Roberto Marinho”. In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010

FERREIRA, Marieta de Moraes; MONTALVÃO, Sérgio. “Jornal do Brasil”. In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

FICO, Carlos. “Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (Col. O Brasil Republicano. v.4)

FONSECA, Marcelo de. “A marcha rumo ao golpe: como foi a operação militar que partiu de Minas para implantar a ditadura no país”. *Site Estado de Minas – Seção Política*. Atualizado em: 30 de março de 2014. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2014/03/30/interna_politica,513303/a-marcha-rumo-ao-golpe.shtml>. Acesso em: 19 nov. 2019.

Franklin Martins. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/franklin-martins/>> Acesso em: 21 jan. 2020.

FREIRE, Quintino Gomes. “Jornal do Brasil 1891 – 2010”. Publicado em 14 de julho de 2010. Disponível em: <<http://diariodorio.com/jornal-do-brasil-1891-2010/>>. Acesso em: 22 out. 2017.

GIRARDET, Raoul. “Para uma introdução ao imaginário político”. In: _____. *Mitos e Mitologias políticas*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GUIMARÃES, Lorenza. *Glossário de Jornalismo*. Blog Comunicação Social: Jornalismo. Publicado em 18 de outubro de 2009. Disponível em: <comunicaesp.blogspot.com/2009/10/all-news-emissora-que-transmite.html> Acesso em: 25 mai. 2019.

HERNANDES, Nilton. “O jornalismo impresso”. In: HERNANDES, Nilton. *A mídia e seus truques: o que o jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

História do jornalismo perfis: Jorge de Miranda Jordão. *Site Centro de Cultura e Memória do Jornalismo*. Disponível em: <http://www.ccmj.org.br/perfil/jorge-de-miranda-jord%C3%A3o/54>. Acesso em: 19 nov. 2019.

HOBSBAWN, Eric. “Guerra Fria”. In: _____. *A era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

HOELTZ, Mirela. “Design Gráfico – dos espelhos às janelas de papel”. *BOCC – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*. Universidade de Santa Cruz do Sul. 2001, p.1-9. Disponível em: <http://bocc.unisinus.br/pag/_texto.php?html2=hoeltz-mirela-design-grafico.html> Acesso em: 18 de out. 2015.

JEANNENEY, Jean-Noel. “A Mídia”. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ-Editoria FGV, 1996.

José Dirceu. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/jose-dirceu/index.html>> Acesso em: 12 jan. 2019.

JULLIARD, Jacques. “A Política”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Dir.). *História: Novas Abordagens*. Tradução Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

KELLER, Vilma. “Carlos Lacerda”. In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

LACERDA, Gislene Edwiges de. A geração estudantil da transição democrática: entre memória e esquecimento. In: ANAIS DO XIII ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, mai. 2016, Rio Grande do Sul: *Anais...* Rio Grande do Sul: Associação Brasileira de História Oral, mai. 2016. p. 1-11.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. “Imprensa Carioca nos ‘anos dourados’”. In: ABREU, Alzira A. de. *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 157-183.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Col. Repertórios).

LEAL, Carlos Eduardo. “Correio da Manhã”. In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

LEAL, Carlos Eduardo. “Tribuna da Imprensa”. In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

LEAL, Carlos Eduardo. “Tribuna da Imprensa”. In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

LEAL, Carlos Eduardo; MONTALVÃO, Sérgio. “O Globo”. In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

Lei nº 4.464 do dia 9 de novembro de 1964. Site do Senado. Retirado de: <legis.senado.gov.br/norma/546315/publicacao/15666866> Acesso em 28 jun. 2019.

LEMOS, Renato Luís do Couto Neto e. “Artur da Costa e Silva”. In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

LEMOS, Renato Luís do Couto Neto e. “Samuel Wainer”. In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

LEMOS, Renato Luís do Couto Neto e. *A “ditadura civil-militar” e a reinvenção da roda historiográfica*. (Carta enviada ao jornal *O globo* como comentário ao artigo do prof. Daniel Aarão Reis “A ditadura civil-militar”, publicado no caderno Prosa & Verso). Publicado em: 31 de março de 2012. Disponível em: <http://www.lemp.historia.ufrj.br/imagens/textos/A_ditadura_civil-militar_e_a_reinvencao_da_roda_historiografica.pdf>. Acesso em: 04 de jul. 2018.

LIMA, Haroldo; ARANTES, Aldo. *História da Ação Popular: da JUC ao PCdoB*. 2.ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1984.

LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto. 2008.

Luís Travassos: período 1967-1969. Disponível em: <<https://une.org.br/presidentes/luis-travassos/>> Acesso em: 13 de jul. 2019.

MALIN, Mauro. “JB em 1968”. *Observatório da Imprensa*. São Paulo, ano 19, n.1051, edição 606. Publicado em: 07 de setembro de 2010. Disponível em: <observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/jb-em-1968/>. Acesso em: 27 ago. 2019.

MARTINS FILHO, João Roberto. *Movimento Estudantil e Ditadura Militar (1964-1968)*. Campinas, SP: Papyrus, 1987.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, Franklin. “Lutar é preciso e é o mais importante: A grande herança de 1968 quarenta anos depois”. In: GROppo, Luís Antônio. *et al.* (Org.). *Movimentos juvenis na contemporaneidade*. Recife: Universitária da UFPE, 2008.

Memória Roberto Marinho. *Consolidação da liderança*. Globo Comunicação e Participações S.A.. Publicado em 2013. Disponível em: <<http://www.robertomarinho.com.br/obra/o-globo/consolidacao-da-lideranca.htm>> Acesso em: 15 de jun. 2019.

Memórias da Ditadura (Biografias da Resistência). *Marcio Moreira Alves*. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/marcio-moreira-alves/>> Acesso em: 18 de jun. 2019.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. “Cultura e repressão nos tempos do AI-5”. In: MUNTEAL FILHO, Oswaldo; FREIXO, Adriano de; FREITAS, Jacqueline Ventapane. (Orgs.). *Tempo Negro, temperatura sufocante: Estado e sociedade no Brasil do AI-5*. Rio de Janeiro: Contraponto – PUC Rio, 2008. pp. 259-288.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. “Direitas, 1964 e Doutrina de Segurança Nacional”. *Revista Maracanan*. Rio de Janeiro, n.11, dez. 2014, pp. 115-125.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. “O golpe de 64 e a sua historiografia”. In: XXII Encontro Nacional de História, 2003, Paraíba. *Anais...* Paraíba: ANPUH – Associação Nacional de História, 2003, pp. 1-8.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. “Pensando a Revolução Cubana: Nacionalismo, política bifurcada e exportação da Revolução”. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 08, 2009, pp. 1-29. Disponível em <<http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/viewFile/1389/1260>> Acesso em: 12 jul. 2019.

MOREL, Marco. “Primeiros passos da palavra impressa”. MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina. *História da Imprensa no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969”. *Topoi*. Rio de Janeiro, v.14, n.26, jan/jul.2013, pp. 62-85.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

NETO, Edmundo Mendes Benigno. Por uma história da linguagem visual do jornalismo impresso. In: V Congresso Nacional de História da Mídia, 2007, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007, pp. 1-10.

O Globo é lançado. *Memória O Globo*. 2013. Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-e-lançado-9196292>> Acesso em: 27 set. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

Paulo de Tarso de Moraes Dutra (verbete – Sem autor). Fundação Getúlio Vargas. FGV/CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/paulo-de-tarso-de-morais-dutra>> Acesso em: 17 de jul. 2019.

PEREGRINO, Nadja. *O Cruzeiro Revista Semanal e Ilustrada: a revolução da fotorreportagem*. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

PESCIOTTA, Natália. “50 anos depois de velório histórico, estudantes voltam à Cinelândia: Geração atual encontrou colegas de Edson Luís em ato emocionante”. *Site da UBES*.

Publicado em: 29 de março de 2018. Disponível em: <<http://ubes.org.br/2018/50-anos-depois-de-velorio-historico-estudantes-voltam-a-cinelandia/>>. Acesso em: 28 dez. 2019.

POERNER, Artur José. *O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*. 4ª ed. (ilustrada, revisada, ampliada e atualizada). São Paulo: Centro de Memória da Juventude, 1995.

POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. v.5, n.10, 1992.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. v.2, n.3, 1989, pp. 3-15.

REIS FILHO, Daniel Aarão. “1968: o curto ano de todos os desejos”. *Tempo Social – Revista de Sociologia*, São Paulo, v.10, n.2, outubro de 1998.

REIS FILHO, Daniel Aarão; MORAES, Pedro de. *1968: a paixão de uma utopia*. 3ª ed. (revista e atualizada). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

RIDENTI, Marcelo. “1968: rebeliões e utopias”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). *O Século XX – O tempo das dúvidas: do declínio das utopias às globalizações*. 2.ed. Volume III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Roberto Marinho na direção. *Memória O Globo*. 2013. Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/roberto-marinho-na-direccedilatildeo-9519686>>. Acesso em: 27 set. 2019.

SACKS, Oliver. “A falibilidade da memória”. In: SACKS, Oliver. *O rio da consciência*. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SAMWAYS, Daniel Trevisan. Censura à imprensa e a busca de legitimidade no regime militar. In: IX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA. Seção Rio Grande do Sul: *Anais...* “Vestígios do Passado, a História e suas fontes”. Porto Alegre: AMPUH-RS, julho 2008, p. 1-12.

SANTANA, Flávia de Angelis. *Atuação política do Movimento Estudantil no Brasil: 1964 a 1984*. 249 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

SANTOS, Jordana de Souza. “A repressão ao movimento estudantil na ditadura militar”, *Aurora*, Marília – São Paulo, v.3, n.1, dezembro de 2009. pp.101-108.

SANTOS, Nilton. *História da UNE: depoimentos de ex-dirigentes*. São Paulo: Livramento, 1980. (Coleção História Presente, vol.1).

SARDINHA, Geraldo Jorge. *Calabouço: rebelião dos estudantes contra a ditadura civil-militar em 1968*. São Paulo: Ed. do Autor, 2016.

SILVA, Rafael Souza. Apud: NETO, Edmundo Mendes Benigno. Por uma história da linguagem visual do jornalismo impresso. In: V Congresso Nacional de História da Mídia. 2007, São Paulo: *Anais...* São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007.

Siseno Ramos Sarmiento (verbetes – Sem autor). Fundação Getúlio Vargas. FGV/CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbetes-biografico/siseno-ramos-sarmiento>> Acesso em: 17 de jul. 2019.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getulio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. Tradução coordenada por Ismênia Tunes Dantas. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STEINBERGER, Margarethe Born. “A instituição midiática do espaço público internacional”. STEINBERGER, Margarethe Born. *Discursos Geopolíticos da Mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo: EDUC, Fapesp, Cortez, 2005.

Tempo negro. Temperatura sufocante: a atualidade de Alberto Dines, morto nesta terça aos 86 anos”. Site: *Diário do Centro do Mundo*. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/tempo-negro-temperatura-sufocante-a-atualidade-de-alberto-dines-morto-nesta-terca-aos-86-anos/>>. Acesso em: 19 set. 2019.

VALLE, Maria Ribeiro do. “As representações da violência nos episódios estudantis de 1968”. Dossiê 40 anos de maio de 68. *Mediações*, v.13, n. 1-2, jan./jun. e jul./dez. 2008, p. 34-53.

VALLE, Maria Ribeiro do. O diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar em 1968. 203 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 1997.

VELASQUEZ, Muza Clara Chaves. “O cruzeiro”. In: ABREU, Alzira Alves de. *et al.* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <[https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CRUZEIRO%20O%20\(DHBB\).pdf](https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CRUZEIRO%20O%20(DHBB).pdf)>. Acesso em: 3 out. 2019.

VENTURA, Zuenir. *1968: O ano que não terminou*. 3.ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

VÉRON, Eliséo. *Quando ler é fazer: a enunciação no discurso da imprensa escrita*. Institut de Recherches et d’Etudes Publicitaires (IREP). Paris, 1983. Tradução: Orlando de Barros.

Vladimir Palmeira. Retirado de: <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/vladimir-palmeira/index.html>> Acesso em: 12 jan. 2019.

WELLER, Wivian. “A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim”. *Revista Sociedade e Estado*. Brasília, v. 25, n. 2, mai. / ago. 2010, pp. 205-224.

APÊNDICE - Fonte

Periódicos

Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital) – Setor Periódicos

Correio da Manhã (Rio de Janeiro) – 1968.

Diário de Notícias (Rio de Janeiro) – 1968.

Jornal do Brasil (Rio de Janeiro) – 1968.

Revista O Cruzeiro (Rio de Janeiro) – 1968.

Tribuna da Imprensa (Rio de Janeiro) – 1968.

Jornal O Globo – Acervo Digital

O Globo (Rio de Janeiro) – 1968.

Filmografia:

Arquivo N – 40 anos do Golpe de 1964 (Parte1). Direção: Eugênia Moreyra, 2004. Globo News. (24m11s). Arquivo pessoal do Professor Orlando de Barros (IFCH-UERJ).

Arquivo N – 40 anos do Golpe de 1964 (Parte2). Direção: Rosa Magalhães, 2004. Globo News. (25m02s). Arquivo pessoal do Professor Orlando de Barros (IFCH-UERJ).

Arquivo N – 40 anos do Golpe de 1964 (Parte3). Direção: Rosa Magalhães, 2004. Globo News. (24m57s). Arquivo pessoal do Professor Orlando de Barros (IFCH-UERJ).

O dia que durou 21 anos. Produção: PEQUI filmes. Direção: Camilo Tavares. (1h14m25s). Arquivo pessoal do Professor Orlando de Barros (IFCH-UERJ).

Paris 68 – Revolta Estudantil. Canal Curta. (1h37m14s). Arquivo pessoal do Professor Orlando de Barros (IFCH-UERJ).

Vladimir (68) Palmeira - A história sem mitos. Direção: Roberto Stefanelli. (49min.). Disponível em: [https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/DOCUMENTARIOS/195556-VLADIMIR-\(68\)-PALMEIRA---A-HISTORIA-SEM-MITOS.html](https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/DOCUMENTARIOS/195556-VLADIMIR-(68)-PALMEIRA---A-HISTORIA-SEM-MITOS.html) (acesso em: 11 de junho de 2019).

500 anos de História do Brasil. A Biografia do Brasil: a aventura da construção de um país no século XX. Direção: Mauro Lima. Canal GNT. (50m24s). Arquivo pessoal do Professor Orlando de Barros (IFCH-UERJ).